POLÍTICA E PANDEMIA

PRÁTICAS DISCURSIVAS NACIONAIS E LUTAS POR HEGEMONIA NO ACONTECIMENTO PANDEMIA DA COVID-19

JORGE O. ROMANO (ORG.)

Edur UFRRJ

LE MONDE diplomatique BRASIL

ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

POLÍTICA E PANDEMIA

Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19

Jorge O. Romano (Org.)
Ana Carolina Aguiar S. Castilho • Annagesse de Carvalho Feitosa • Caroline Boletta de O. Aguiar • Daniel S. S. Borges • Daniel Macedo L. V. Monteiro • Eduardo Britto Santos • Érika Toth • Juana dos Santos Pereira • Juanita Cuellar Benavídez • Larissa Ferreira • Liza Uema • Myriam Martinez dos Santos • Pâmella Silvestre • Paulo A. A. Balthazar • Paulo Petersen • Renan Alfenas de Mattos • Ricardo Dias da Silva • Thaís P. Bittencourt • Vanessa Barreto

Seropédica
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor
Roberto de Souza Rodrigues

Vice-Reitor
César Augusto Da Ros

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Lucia Helena Cunha dos Anjos

Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação
João Márcio Mendes Pereira

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial
Yllan de Mattos Oliveira (Coordenador),
Affonso Henrique Vieira da Costa,
Claudia Job Schmitt,
Hailton Pinheiro de Souza Junior,
Maria das Graças Santana Salgado,
Marisa Fernandes Mendes,
Patrícia Reinheimer,
Sérgio Manuel Serra da Cruz.

Coordenação Administrativa
Daniel Corban Rodrigues

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem autorização expressa da Editora.

Ficha catalográfica
Elaborada pelo Centro de Documentação Ivan Otero Ribeiro/CPDA/UFRRJ

V821

Política e Pandemia: práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19 / Jorge O. Romano (Org.), Ana Carolina Aguiar S. Castilho... [et al.]. – Seropédica, RJ: EDUR; São Paulo: Le Monde Diplomatique Brasil, 2021.
210 p.

ISBN 978-65-86859-25-6
Formato digital PDF

1. Análise do discurso. 2. Sociologia. 3. Epidemias – Aspectos sociais. 4. COVID-19 (Doença) – Aspectos políticos - Brasil. 5. Populismo. I. Romano, Jorge O. (Org.). II. Castilho, Ana Carolina Aguiar S...[et al.]. III. Título.

CDD – 614.4
CDU 616.9+81(32)

Bibliotecária: Silvia Alves de Andrade CRB-7ª/RJ 5070

EDUR
Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
BR 465, Km 7, Seropédica – RJ - CEP 23.897-000
Telefone: (21) 2681-4711 Site: editora.ufrrj.br E-mail: edur@ufrrj.br

ÍNDICE

Introdução: Sobre as práticas discursivas dos porta-vozes nacionais 6
Por Jorge Osvaldo Romano (org.).

1 . *Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô!* O discurso de Jair Bolsonaro 10
Por Liza Uema , Jorge O. Romano et al.

2 . O antídoto "coronafé": A análise política do discurso de Igrejas Evangélicas 49
Por Vanessa Barroso Barreto, Jorge O. Romano et al.

3 . Eu não transijo para salvar vidas: o discurso de Ronaldo Caiado 80
Por Ricardo Dias da Silva, Jorge O. Romano et al.

4 . Do BolsoDoria ao Bolsonarovírus: o discurso de João Doria 105
Por Renan Alfenas de Mattos, Jorge O. Romano et al.

5 . Eu não vejo números, vejo sonhos que são frustrados: o discurso político de Flávio Dino 136
Por Annagesse de Carvalho Feitosa, Jorge O. Romano al.

6 . Da Covid-19 ao vírus do autoritarismo: O discurso político de Rodrigo Maia 160
Por Thaís P. Bittencourt , Jorge O. Romano et al.

Conclusão: Práticas discursivas sobre a pandemia de Covid-19 e a disputa por hegemonia no momento populista 186
Por Jorge O. Romano, Thais Bittencourt et.al.

Introdução: Sobre as práticas discursivas dos porta-vozes nacionais

Por: Jorge. O. Romano (org.)

O presente *Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19* faz parte com *A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: Disputa política da discursos sobre a pandemia da Covid-19* e *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19* do conjunto de livros que trazem os resultados do projeto de pesquisa sobre a disputa de discursos acerca da pandemia da Covid-19, levada a cabo pelo Grupo de Pesquisa Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)[1].

O projeto considera a pandemia de Covid-19 como um acontecimento[2] que coloca em suspense a hegemonia e cria espaço para a disputa de discursos políticos sobre a pandemia a nível nacional e internacional. Nessa disputa,

1 . Com registro no CNPq, o Grupo de Pesquisa DISCURSO foi constituído em março de 2020 e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade (CPDA) e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e conta com apoio da ActionAid Brasil. DISCURSO é um espaço de estudos, pesquisa e formação que congrega pesquisadores/as, estudantes e profissionais de diversas instituições interessados/as em questões relacionadas à análise do discurso, disputa de narrativas e construção de identidades sociopolíticas no contexto de desenvolvimento de novas formas de poder, de colonização das subjetividades e de construção de novos territórios de ação política a nível nacional e internacional, com as práticas das redes sociais e das novas mídias. Coordenado pelo Prof. Dr. Jorge O. Romano, o grupo é composto pelos/as doutores/as Juanita Cuéllar Benavides, Ricardo Dias e Paulo Petersen; os/as doutorandos/as Annagesse de Carvalho Feitosa, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo L. V. Monteiro, Eduardo Britto Santos, Liza Uema, Paulo A. Balthazar, Renan Alfenas de Mattos e Thaís P. Bittencourt; a graduada em Relações Internacionais Caroline Boletta e as graduandas em Relações Internacionais Ana Carolina Aguiar S. Castilho, Érika Toth, Juana Pereira, Larissa Ferreira, Myriam Martínez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barreto. Para mais informações, ver: gpdiscurso.com (página na web); @gpdiscurso (instagram); facebook.com/gpdiscurso (facebook). Contato: gpdiscurso@gmail.com

2 . HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Ayne, 2018.

reconstruímos dois discursos mestres: o "negacionista" e o "científico", que oscilam e se articulam com diferentes ênfases a partir de dois polos temáticos: a sustentabilidade da vida e a sustentabilidade da economia.

No primeiro livro, *A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19,* além da caracterização da pandemia como acontecimento e a reconstrução dos discursos "negacionista" e "científico" também consideramos tanto o papel das mídias tradicionais e sociais nessa disputa e a sua repercussão pública, como os cenários e visões sobre o futuro pós-pandêmico levantados por diversos intelectuais.

No segundo livro, *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19*, partindo da especificação da metodologia de trabalho utilizada – que articula a teoria do discurso do grupo de Essex liderados por Laclau e Mouffe[3], com a análise dos marcos interpretativos *frame analysis*, de Snow[4], Lakoff[5] e Galván[6] - os diversos capítulos apresentam as práticas discursivas de porta-vozes internacionais dos discursos "negacionista" e "cientifico"[7]. Finalizando com um panorama sobre a disputa geopolítica sobre as vacinas.

Neste livro, *Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19,* continuamos com a reconstrução do campo discursivo sobre a pandemia, agora no âmbito nacional, levando em consideração a análise das práticas discursivas manifestadas em discursos, documentos, atuações e decisões de porta-vozes brasileiros dos discursos mestres "negacionista" e "científico". Essas prá-

3 . LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy:** Towards a Radical Democratic Politics. London: Verso, 1985.
LACLAU, E. **La Razón Populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
MOUFFE, C. **Agonística. Pensar el mundo políticamente**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

4 . Ver entre outros: SNOW, D; BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMAS, B; KRISI, H; TARROW, S.G. (eds.). **From Structure to Action: Comparing Social Movement Research across Cultures**. Greenwich: JAI Press, 1988.

5 . Ver: LAKOFF, G. **No pienses en un elefante**. Lenguaje y debate político. Madrid: Editorial Complutense, 2007; e LAKOFF, G. **Puntos de reflexión. Manual del progresista**. Barcelona: Ed. Península, 2008.

6 . Ver: GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009)**: un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012. Disponível em: eprints.ucm.es/id/eprint/14574/. Acesso em: 7 abril 2020.

7 . Para um detalhamento da articulação metodológica utilizada, sugerimos a leitura nesse livro da *Introdução: Para analisar as práticas discursivas dos porta-vozes.*

ticas discursivas foram expressas em notícias, posicionamentos e depoimentos veiculados na mídia tradicional (jornais e televisão), redes sociais, entrevistas e artigos que compõem o debate sobre o tratamento da pandemia no período entre março de 2020 a maio de 2021.

Especificamente no caso brasileiro, a escolha dos porta-vozes levou em consideração tanto as diferentes respostas e posições sobre a pandemia de autoridades governamentais federais (em sua maioria "negacionistas") e estaduais (em grande parte "científicas"), a visibilidade de suas posições e ações na mídia, e a reconfiguração de alianças e apoios no âmbito da disputa política com vistas à futuras eleições presidenciais, particularmente em relação a governadores estaduais politicamente relevantes nos campos do governo e da oposição.

Assim, entre os porta-vozes nacionais do discurso "negacionista", foram analisados os discursos do presidente Jair Bolsonaro e de líderes de igrejas pentecostais e neopentecostais, apoiadores políticos fiéis de seu governo. Entre os vários porta-vozes do discurso "científico" e suas variantes, a partir da reconfiguração da disputa política nacional, elegemos os governadores estaduais João Doria de São Paulo, Ronaldo Caiado de Goiás e Flávio Dino do Maranhão assim como Rodrigo Maia, então presidente da Câmara dos Deputados.

Como apontamos nas Introduções dos livros anteriores, partes destes resultados foram progressivamente divulgados na série Populismo e Crises do Le Monde Diplomatique Brasil Online[8], em eventos e no curso de extensão "Análise de Discurso: populismo digital e mídias sociais" promovido pela UFRRJ, além de outras publicações em coletâneas. Agora, com estes três livros apresentamos o conjunto das análises de forma integrada e atualizada assim como as reflexões e conclusões que delas se desprendem.

Também cabe de novo relembrar que ainda que sejam resultado de um trabalho coletivo, os capítulos tiveram responsabilidades diferenciadas entre os/as integrantes do grupo, contando com a coautoria e o apoio do coordenador, assim como de contribuições de outros/as pesquisadores/as. A ordem de autoria dos textos reflete esses papeis na produção deles.

8 . Todas essas publicações podem ser acessadas no endereço eletrônico: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

O presente livro *Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19* se compõe desta Introdução, e de seis capítulos onde se apresentam o resultado das análises das práticas discursivas dos diferentes porta-vozes nacionais escolhidos a partir dos critérios explicitados anteriormente: capítulo 1- *"Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô!": O discurso de Jair Bolsonaro*; capítulo 2 -*O antídoto 'coronafé': A análise política do discurso de igrejas evangélicas*; capítulo 3 - "*Eu não transijo para salvar vidas": O discurso de Ronaldo Caiado*; capítulo 4 - *Do BolsoDoria ao Bolsonarovírus: O discurso de João Doria*; capítulo 5 - *"Eu não vejo números, vejo sonhos que são frustrados": O discurso de Flávio Dino;* e capítulo 6 - *Do Coronavírus ao vírus do autoritarismo: O discurso de Rodrigo Maia*.

Na Conclusão *Práticas discursivas sobre a pandemia de Covid-19 e disputa por hegemonia no momento populista*, tendo como referências as práticas discursivas de lideranças internacionais — detalhadas no segundo livro — e nacionais sobre a pandemia, assim como a disputa geopolítica que se trava em torno das vacinas, nos detemos sobre três aspectos que surgem dessa análise e que permitem trazer algumas respostas às questões delineadas em nosso projeto de pesquisa. Assim, destacamos o duplo movimento de politização da pandemia e de "pandemização da política"; a disputa política de discursos, a suspensão da hegemonia e o acontecimento pandemia, a disputa política e o momento populista.

Finalmente, gostaríamos de convidar mais uma vez o/a leitor/a a acompanhar nossas análises e reflexões tanto do primeiro livro *A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19,* como — particularmente — do segundo, *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19,* no qual, de forma complementar nos detemos nas práticas discursivas dos porta-vozes internacionais dos discursos "negacionista" e "científico" em disputa.

Desejamos, novamente, uma boa leitura!

1 . *Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô!* O discurso de Jair Bolsonaro[1]

Por Liza Uema, Jorge O. Romano, Myriam Martinez dos Santos, Renan Alfenas de Mattos, Thais Ponciano Bittencourt, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Eduardo Britto Santos, Juanita Cuéllar Benavides, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Ricardo Dias da Silva, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[2]

No presente capítulo, trazemos a análise política de um dos principais porta-vozes do discurso negacionista sobre a pandemia: o atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro. A análise das práticas discursivas desse porta-voz se apoiou em pronunciamentos oficiais e em seus perfis em redes sociais, além de matérias de jornais e revistas de mídias tradicionais e independentes.

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

O *mito* e o discurso negacionista: *eu sou Messias, mas não faço milagres*

Jair Messias Bolsonaro, 65 anos, homem branco, nascido na cidade paulista de Glicério, foi eleito presidente do Brasil em 2018, com 55,13% dos votos válidos no segundo turno pelo Partido Social Liberal (PSL), do qual se desfiliou em novembro de 2019, estando até o momento sem filiação partidária. Passou para a reserva do Exército no final da década de 1980, cumpriu mandato como vereador do Rio de Janeiro de 1989 a 1991 e sete mandatos como Deputado Federal através de outros nove partidos.

A sua campanha eleitoral contou com uma narrativa que articulava posições morais contra a política, a corrupção, o *homossexualismo* e o *esquerdismo* e a favor da redução da maioridade penal, do armamento dos *cidadãos de bem* e de valores *cristãos* da *família*[3], além da exaltação à ditadura militar e torturadores[4].

No seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019, não fez qualquer referência a dois problemas que naquele momento já afetavam duramente o país: o desemprego de mais de 12 milhões de pessoas e o sucateamento do sistema público de saúde, preferindo retomar seu discurso anticomunista de campanha, ao prometer *libertar o país do socialismo*.[5]

O primeiro ano de seu governo se caracterizou por um ambiente de instabilidade institucional, com denúncias de corrupção por parte de seu clã familiar, mudanças ministeriais, embates com o Supremo Tribunal Federal e as presidências do Congresso Nacional, sobretudo o ex-presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia, e pelo grande número de militares nomeados em cargos de primeiro e segundo escalão no Poder Executivo. Suas práticas discursivas são marcadas pelo acirramento do antagonismo e ameaças às instituições democráticas, hostilização das mídias tradicionais e forte espelhamento com as estratégias de comunicação e posicionamentos ultra-conservadores do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump.

3 . VARGAS, 2018.
4 . BOLSONARO..., 2018.
5 . BETTO, 2020.

O principal canal de comunicação de Bolsonaro com a sociedade são as redes sociais, especialmente o Twitter, onde desde o início de seu mandato realiza transmissões semanais ao vivo diretamente de seu aparelho celular e que são dirigidas principalmente a seus apoiadores. É sobretudo pelas mídias digitais que Bolsonaro busca mobilizar seus seguidores a aderirem ao seu discurso.

Da *gripezinha* ao *melhor país do mundo* no combate à pandemia

No decorrer da pandemia iniciada em março de 2020, o presidente se destaca como o principal porta-voz do discurso negacionista, com uma narrativa que nega a gravidade da doença, especialmente a partir de seu posicionamento contrário às medidas de isolamento social e ao uso de máscaras de proteção. Também se posiciona a favor da utilização da hidroxicloroquina e de vermífugos como principais formas de prevenção, mesmo sem evidências científicas que comprovem a eficácia dos medicamentos. Cabe ressaltar que o seu discurso sobre a vacinação contra a Covid-19 sofreu variações. Durante o primeiro ano da pandemia, se colocou contrário à obrigatoriedade da população de tomar a vacina, entretanto, após o início da vacinação em janeiro de 2021, passou a defendê-la.

Suas práticas discursivas podem ser compreendidas a partir da gestão do governo federal no enfrentamento da pandemia, marcada pela tensão gerada com ministros da saúde e que ocasionou em duas substituições em menos de dois meses[6]. Além da ausência de um titular da pasta durante o período mais crítico da pandemia em 2020, foram constantes os ataques a governadores e prefeitos que implementaram medidas de isolamento para conter o vírus. Soma-se a isso, a politização da vacina e da dicotomia saúde/economia.

6 . O médico e deputado federal Luiz Henrique Mandetta ocupou o cargo de janeiro de 2019 até abril de 2020, sendo substituído pelo também médico e empresário Nelson Teich, que não chegou a completar um mês no comando da pasta. Somente no mês de setembro de 2020 Bolsonaro nomeou o general Eduardo Pazuello como ministro titular da Saúde, que até então era interino.

Bolsonaro com caixa de cloroquina durante a posse do ministro da saúde Eduardo Pazuello (Foto: Carolina Antunes/PR)

As práticas discursivas de Jair Bolsonaro são a principal referência da negação da gravidade da pandemia no país: *fantasia*[7] quando ainda não havia mortes; *histeria*[8] quando apareceu a primeira morte; o número de mortes *não ultrapassará os 800 óbitos*[9]; *gripezinha*[10] quando tinha 11 mortes; *Deus é brasileiro, a cura tá aí*[11], referindo-se à cloroquina quando se alcançava 136 óbitos; *medinho*[12] ao alcançar 202 mortes; *está indo embora*[13] quando se chegou a 1.230 mortes; *não sou coveiro*[14] com 2.588 mortes; *E daí? Lamento, quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres*[15] quando questionado sobre o crescimento para 5.083 mortes; *chegou no limite, não tem mais conversa*[16] com 6.759 mortes; *o desemprego, a fome e a miséria*

7 . SANCHES, 2020.

8 . BOLSONARO..., 2020a.

9 . FRAZÃO e SHORES, 2020.

10 . CAMAROTTI, 2020.

11 . 'DEUS..., 2020.

12 . UOL, 2020a.

13 . BOLSONARO..., 2020b.

14 . SOARES, 2020a.

15 . 'E DAÍ?..., 2020.

16 . MARQUES, 2020.

serão o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total[17] no dia em que o número de mortes chegava a 15.662; *quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda tubaína*[18] debochando dos críticos à sua campanha de flexibilizar o uso de cloroquina quando o país superou 1.100 óbitos num dia, alcançando o total de 17.971 mortes; *qualquer negócio é Covid*[19], supondo que os governadores estariam alterando dados para aumentar o número de infectados no dia em que 32.568 pessoas haviam morrido em decorrência do vírus.

Em maio de 2020, quando o país atingia 10.627 mortes, organizou um churrasco[20] para 3.000 pessoas no Palácio da Alvorada que foi substituído por um passeio de moto aquática no lago Paranoá e, ao encontrar apoiadores, disse que o Brasil vive uma *neurose* e que *70% da população vai pegar o vírus e não tem como*[21].

Quando a quantidade de pessoas mortas no Brasil chegou a 34.021, superando a Itália e alcançando recordes diários nos registros, o governo apagou de sua plataforma digital todos os números consolidados sobre o avanço da Covid-19, como o número total de pessoas infectadas, o número de óbitos e a curva de evolução da doença desde que foi registrado o primeiro caso no país, em fevereiro. Sobre este fato, Bolsonaro alegou que a acumulação de dados, além de não indicar que *a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país*[22]. Em 11 de junho, quando se registrava mais de 40 mil óbitos, durante live semanal, alegou que poderia haver *uso político* dos dados[23] sobre a pandemia e pediu a seus apoiadores: *se tem um hospital de campanha perto de você, dá um jeito de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso, mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos*

17 . NO TWITTER..., 2020.

18 . QUEM..., 2020.

19 . BOLSONARO..., 2020c.

20 . UOL, 2020b.

21 . BOLSONARO..., 2020d.

22 . NOVAES, 2020.

23 . BOLSONARO, 2020e.

estão ocupados ou não[24]. O resultado desse discurso foi a invasão de um hospital no Rio de Janeiro por seus seguidores, que gritavam e xingavam profissionais de saúde[25]. Ainda no mês de junho, alegou que *a OMS não tem qualquer credibilidade*[26].

No dia em que eclodiram as manifestações antirracistas nos EUA, durante a realização de live semanal no Twitter, Bolsonaro *bebeu um copo de leite*[27], símbolo diretamente ligado aos extremistas brancos *alt-right* estadunidenses[28]. Como fez Trump em 2016, compartilhou no Facebook um vídeo contendo a frase de Benito Mussolini *melhor um dia como leão do que cem anos como ovelha*[29].

No início de julho de 2020, declarou que havia testado positivo para a Covid-19 e uma semana após o diagnóstico, realizou outro teste com resultado positivo novamente e, desde então, passou a afirmar em vídeos exibidos nas redes sociais que *a cloroquina salvou sua vida*[30].

Neste mesmo mês, ao sancionar projeto de lei que reconhecia os povos indígenas, quilombolas e demais povos de comunidades tradicionais como grupos de extrema vulnerabilidade e determinava ações emergenciais de proteção a esses grupos, Bolsonaro vetou trechos do texto que previam a

24 . O GLOBO, 2020.

25 . CERQUEIRA, 2020.

26 . CALCAGNO et. al., 2020.

27 . BERTOLACINI, 2020.

28 . Apesar do presidente dizer que estaria cumprindo um desafio de ruralistas, pesquisadores enxergam uma correlação do gesto com movimentos neonazistas – que adotam o copo de leite como símbolo. Para a antropóloga Adriana Dias, que há anos pesquisa o fenômeno do nazismo, há uma referência clara entre o episódio e o neonazismo: *O leite é o tempo todo referência neonazi. Tomar branco, se tornar branco. Ele vai dizer que não é, que é pelo desafio, mas é um jogo de cena, como eles sempre fazem*. (ROCHA, 2020)

29 . BOLSONARO, 2020f.

30 . RECORD NEWS, 2020a.

obrigatoriedade do governo no fornecimento de, entre outros serviços, universalização de água potável[31]. Em agosto, o Congresso Nacional derrubou 16 dos 22 vetos do presidente[32].

Em 8 de agosto de 2020, o Brasil alcançou oficialmente o número de 100.000 pessoas mortas pela Covid-19 e o presidente publicou em rede social que *lamenta as mortes, seja qual for a causa*, apontou *o isolamento social como possível causa de outras mortes*, reforçou que *a cloroquina salvou a sua vida e a de milhares de brasileiros* e que *não faltaram recursos, equipamentos e medicamentos para estados e municípios*[33]. Doze dias depois, quando se alcançava mais de 111 mil mortes, disse que o governo brasileiro foi o *melhor do mundo* no combate à pandemia e que *sempre esteve no caminho certo*, argumentando que *enquanto se fechava quase tudo, no Brasil nós não paramos*[34].

Com a abertura do comércio autorizada em junho por muitos governadores e prefeitos, Bolsonaro chegou a vetar em projeto de lei a obrigação do uso de máscara de proteção facial em órgãos públicos, estabelecimentos comerciais, escolas e templos religiosos, tendo os vetos sido posteriormente derrubados pelo Supremo Tribunal Federal[35]. Também no mês de agosto, o presidente afirmou que a *eficácia da máscara na prevenção ao coronavírus* é quase nula[36].

No início de setembro, voltou a criticar as medidas de isolamento de prefeitos e governadores, definindo-as como *projetos de ditadores nanicos que apareceram pelo Brasil afora*[37] e fez novo apelo para que abrissem o comércio

31 . O Projeto de Lei 1.142/2020 aprovado em junho de 2020 pelo Congresso Nacional previa o acesso das comunidades a uma lista de serviços a serem prestados *com urgência e de forma gratuita e periódica* pelo poder público. Bolsonaro vetou seis deles: acesso universal à água potável; distribuição gratuita de materiais de higiene, limpeza e desinfecção de superfícies; oferta emergencial de leitos hospitalares e de unidade de terapia intensiva (UTI); aquisição de ventiladores e máquinas de oxigenação sanguínea; distribuição de materiais informativos sobre a covid-19 e pontos de internet nas aldeias. (BOLSONARO..., 2020g).

32 . SPEZIA, 2020.

33 . BOLSONARO, 2020h.

34 . MACHADO; PUPPO, 2020.

35 . VALENTE, 2020.

36 . BOLSONARO..., 2020i.

37 . Id., 2020j.

definitivamente. Quando já se notificava mais de 125 mil pessoas mortas pela Covid-19, afirmou que *tem muito médico dizendo que essa máscara não protege nada, bulhufas*[38].

Em uma visita ao município de Eldorado, no estado de São Paulo, chamou a atenção de uma criança que o cumprimentava, ironizando: *tá sem máscara? Não pode, não pode!* Em seguida recomendou que a criança ficasse à vontade e retirasse a máscara[39], onde por lei o uso é obrigatório.

Ainda em setembro, em visita a representantes do agronegócio no Mato Grosso, disse que os mesmos *não entraram na conversinha mole de "fica em casa". Isso é para os fracos!*[40] Em seu discurso proferido na 75ª Assembleia Geral da ONU, quando já se chegava a quase 139 mil mortes no Brasil e 950 mil mortes no mundo, afirmou que uma parcela da *imprensa brasileira politizou o vírus, disseminando o pânico* entre a população sob o lema *fique em casa e a economia a gente vê depois*, quase *trazendo o caos social* ao país[41].

No mês de outubro, associou o aumento de preços do arroz às medidas de isolamento, argumentando que *fizeram lockdown, acabaram com os empregos, aí sobe o preço do arroz, né? Fique em casa, pô!* Defendendo o agronegócio, que *não parou*, afirmou: *Já pensou se o homem do campo tivesse ficado em casa? Não teria arroz*[42]. Na ocasião, já se somavam quase 152 mil pessoas mortas em decorrência da Covid-19 no Brasil.

Em novembro, quando o país contava com 5,7 milhões de pessoas contaminadas e 162,6 mil vidas ceifadas pela doença, além de uma segunda onda iniciada na Europa, o presidente disse que *tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô! Lamento os mortos. Todos nós vamos morrer um dia. Não adianta fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas!* Voltando a criticar prefeitos e governadores na restrição de ativi-

38 . Id., 2020l.

39 . UOL, 2020c.

40 . SOPRANA, 2020.

41 . VEJA..., 2020.

42 . SCHUCH, 2020.

dades durante o período mais crítico da pandemia, enfatizou que *o que faltou para nós não foi um líder, mas deixar o líder trabalhar*[43]. E ao ser questionado sobre a prorrogação do auxílio emergencial, respondeu: *pergunta pro vírus!*[44]

Além dessas declarações, desde o início da pandemia, o presidente frequentemente provoca aglomerações em várias cidades de todas as regiões do país, cumprimentando apoiadores sem o uso da máscara de proteção mesmo após ter sido infectado pelo novo coronavírus[45].

Recepção de Bolsonaro em Sinop/MT (Foto: Alan Santos/PR).

Mais uma que Jair Bolsonaro ganha! - A politização da vacina

Outra estratégia discursiva que Bolsonaro tem utilizado é a politização da vacina. No início de junho de 2020, após ameaçar que retiraria o Brasil da OMS por *viés ideológico*[46] — conforme fez Donald Trump —, anunciou a parceria firmada com a indústria farmacêutica AstraZeneca e com a Universidade de Oxford no desenvolvimento de uma vacina[47]. No mês seguinte, quando

43 . UOL, 2020d.

44 . CHAIB, 2020.

45 . CASTRO, 2021.

46 . GARCIA, 2020.

47 . BRASIL..., 2020.

o Brasil iniciou a testagem da vacina chinesa Coronavac desenvolvida pela empresa Sinovac Biotech, solicitada pelo Instituto Butantan de São Paulo, disse a seus apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada que havia encomendado 100 milhões de unidades de Oxford e que *a vacina não é daquele outro país não, tá ok, pessoal?*[48]

Em setembro, mesmo tendo sancionado lei que determina que as autoridades podem tornar obrigatória a vacinação para combater a doença, afirmou que *ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina*[49], em antagonismo às medidas do governador João Doria de tornar a imunização obrigatória no estado de São Paulo. Postou ainda, nas redes sociais, uma selfie com o seu cachorro, com a frase *vacina obrigatória só aqui no Faísca*[50].

No mês de outubro, o Brasil já realizava a terceira fase de testes de quatro vacinas (Pfizer/BioNtech, Oxford/AstraZeneca, Sinovac/Instituto Butantan e Johnson&Johnson), e o ministro da saúde Eduardo Pazuello anunciou em reunião com governadores a aquisição de 46 milhões de doses da vacina chinesa Coronavac do Instituto Butantan. Em seguida, Bolsonaro declarou em postagem nas redes sociais que *sobre a vacina chinesa de João Dória*, a decisão é a de *não adquirir nenhuma vacina que não fosse comprovada cientificamente* pelo Ministério da Saúde e pela Anvisa, que *o povo brasileiro não será cobaia de ninguém*[51] e mandou cancelar o acordo de intenções assinado pelo Ministério da Saúde[52]. Dias depois, indagou *não saber por que correr pela vacina*, já que todo mundo diz que a vacina mais rápida levou quatro anos para ser produzida[53]. Nesse momento, o governo também passou a anunciar supostas conclusões de que um vermífugo seria eficaz na prevenção e no tratamento contra a Covid-19.

48 . UOL, 2020d.

49 . REUTERS, 2020.

50 . RECORD NEWS, 2020b.

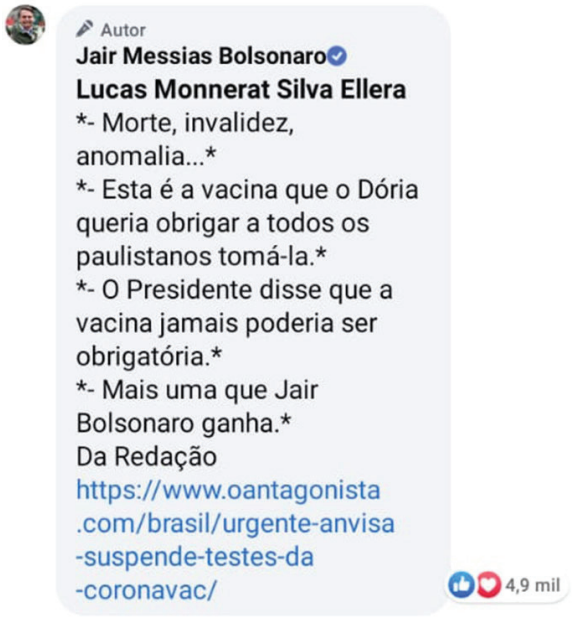
51 . RÁDIO BANDEIRANTES, 2020.

52 . ANDRADE, 2020a.

53 . Id., 2020b.

No início de novembro, após a morte de um dos voluntários da Coronavac — posteriormente comprovada que não teve nenhuma relação com os efeitos da vacina —, a Anvisa interrompeu os estudos clínicos, e o presidente postou no Facebook a "vitória" contra o governador de São Paulo João Doria, comemorando: *é mais uma que Jair Bolsonaro ganha!*[54]

Em meados de dezembro, quando se somavam 181.835 óbitos e 6.927.145 pessoas infectadas no país, foi noticiado que o presidente queria exigir assinatura de termo de responsabilidade por quem quiser se vacinar no Brasil[55], procedimento que não foi adotado em nenhum país do mundo. *Parece que o presidente não quer que a vacina aconteça* comentaram epidemiologistas, já que a medida, na prática, desencorajaria a população a tomar vacina, tanto por criar demandas burocráticas como pela apreensão adicional à guerra de desinformação contra as vacinas, engendrada por suas práticas discursivas negacionistas.[56] Reagindo à decisão do Supremo Tribunal Federal, de ter mantido a obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19, o presidente voltou a atacar a vacina — particularmente a da Pfizer, pelo fato de a farmacêutica não se responsabilizar por efeitos colaterais — mas ressaltando riscos fantasiosos que as pessoas poderiam correr ao tomar o imunizante: *virar jacaré ou super homem, nascer barba em mulher ou um homem começar a falar fino*[57]. Além disso, naquele momento, nenhum laboratório havia solicitado registro de vacina à Anvisa, e o órgão alegou que precisaria de pelo menos 60 dias para analisar eventuais pedidos.


Autor
Jair Messias Bolsonaro
Lucas Monnerat Silva Ellera
- Morte, invalidez, anomalia...
- Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la.
- O Presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória.
- Mais uma que Jair Bolsonaro ganha.
Da Redação
https://www.oantagonista.com/brasil/urgente-anvisa-suspende-testes-da-coronavac/
4,9 mil

Postagem de Bolsonaro no Facebook. (Foto: Reprodução/Facebook)

54 . MAZUI, 2020.

55 . GOVERNO..., 2020.

56 . JORNAL DA GLOBO, 2020.

57 . ROCHA, 2020b.

Em janeiro de 2021, quando o sistema de saúde de Manaus colapsava pela segunda vez e onde já se registrava a morte de dezenas de pessoas com Covid-19 por falta de oxigênio, além da identificação de nova variante no estado do Amazonas (variante P1), o ministro da saúde Eduardo Pazuello — contra quem a Polícia Federal havia aberto um inquérito por suspeita de omissão no estado — em visita à cidade, anunciou que a vacina iria *começar no dia D, na hora H no Brasil* e que o país seria um *exemplo para o mundo*[58].

Quando o governador de São Paulo João Doria anunciou a data da vacinação no estado de São Paulo, o Ministério da Saúde informou que havia firmado contrato com o Instituto Butantan para adquirir todas as 100 milhões de doses produzidas pelo órgão paulista, além de aguardar outras 2 milhões de doses adquiridas junto a um laboratório sediado na Índia e vinculado à empresa AstraZeneca para iniciar a vacinação antes da data anunciada pelo governo do estado de São Paulo. Assim, a corrida pelo protagonismo da primeira vacina a ser aplicada no Brasil foi "liderada" por Doria, que "estreou" a vacinação no país no dia 17 de janeiro de 2021.

Minutos após a primeira brasileira ser vacinada, a Anvisa aprovou os pedidos de uso emergencial dos imunizantes Coronavac e AstraZeneca[59] e o governo federal iniciou a distribuição dos imunizantes no dia seguinte, entretanto, sem a devida coordenação. As escassas vacinas disponíveis foram pulverizadas pelo país e o governo federal facultou a estados e municípios a adoção de critérios para estabelecer prioridades, o que levou a uma confusão na população sobre a ordem prioritária, e à vacinação de profissionais da área da psicologia, biologia, veterinária, educação física, além de trabalhadores da área da saúde que não atuam com doentes com Covid-19, antes das pessoas com mais de 80 anos[60].

58 . ESTADÃO, 2021a.

59 . GORTÁZAR, 2021.

60 . VARELLA, 2021.

Com a queda da popularidade do presidente registrada em pesquisa de opinião realizada em janeiro de 2021[61], além de mais um pedido de impeachment contra o seu mandato — naquele momento havia 70 pedidos protocolados no Congresso Nacional — e uma pressão iniciada por parlamentares do "centrão" para que a Anvisa acelerasse a autorização para uso emergencial de novos imunizantes, como o russo Sputnik V e o indiano Covaxin, percebe-se que houve uma variação nas práticas discursivas de Bolsonaro sobre a vacina.

Após a posse dos novos presidentes da Câmara e do Senado no início de fevereiro de 2021, que encaminharam uma carta de intenções ao presidente solicitando como prioridades do governo a vacinação e a recuperação econômica do país, Bolsonaro passou a afirmar que estava *liberada* a aplicação no Brasil e ressaltou que *a vacina é do Brasil e não de nenhum governador*[62]. Também alegou que os imunizantes são *importantes para que a economia não deixe de funcionar*, se colocando favorável à compra de 33 milhões de doses da vacina AstraZeneca por empresas[63]. Afirmou que *nunca foi contra a vacina*, que estava *preocupado com a vida* e que *a vacinação aumentaria exponencialmente a chance de volta à normalidade da economia*[64].

Em meados de fevereiro, várias capitais suspenderam a vacinação por falta de doses, o que levou prefeitos da Confederação Nacional de Municípios (CNM) a emitirem nota pública solicitando a troca no comando do Ministério da Saúde e governadores a pressionarem o ministro Pazuello a entregar com urgência um cronograma de vacinas. No dia em que o prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes anunciou a interrupção da imunização, Bolsonaro afirmou que tinha um *cheque de 20 bilhões de reais* para comprar imunizantes, mas que *o produto se encontrava em falta no mercado*[65]. Declarou,

61 . GIELOW, 2021.

62 . UOL, 2021d.

63 . GIULLINO, 2021.

64 . ESTADÃO, 2021b.

65 . MARTINS, 2021.

ainda, que o Brasil poderia desenvolver uma vacina própria, mas que *faltava dinheiro*[66], apesar de ter gastado apenas 9% da verba emergencial liberada em caráter de urgência para a compra e o desenvolvimento de vacinas[67].

Soma-se a isso o fato de que o governo recusou a oferta de milhões de doses da Coronavac pelo Instituto Butantan nos meses de julho, agosto e outubro de 2020[68] e mais três ofertas para compra de 70 milhões de doses de vacina da farmacêutica Pfizer[69].

A análise do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia

Conforme apontado, utilizaremos a metodologia da frame analysis para analisar os discursos de Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19 a partir do enquadramento de marcos cognitivos. Um marco cognitivo é um esquema interpretativo que simplifica e condensa o mundo afora pontuando e codificando seletivamente os objetivos, situações, acontecimentos, experiências e sequências de ações dentro do entorno presente ou passado de cada pessoa. Os marcos são metáforas e representações simbólicas e podem ser definidos como discursos culturais que descrevem significados compartilhados, impulsionando as pessoas para uma mobilização.

O enquadramento dos marcos consiste então na capacidade dos grupos sociais de enlaçar ou alienar o conjunto de interesses, valores e crenças individuais com as suas atividades, objetivos e ideologias. Esse conceito é útil para analisar e avaliar a comunicação persuasiva e os esforços estratégicos conscientes realizados por grupos de pessoas ou mesmo por uma pessoa — no caso de Bolsonaro, de forma a legitimar suas propostas de ação coletiva.

Assim, utilizamos o modelo proposto por Galván (2012) na construção do enquadramento de marcos cognitivos do discurso de Bolsonaro, realizado a partir de três operações: o marco de diagnóstico, quando se identifica o problema e a injustiça que esse problema acarreta; o marco de prognóstico,

66 . CARTA CAPITAL, 2021.

67 . SASSINE, 2021.

68 . GASPAR, 2021.

69 . CARVALHO; CANCIAN, 2021.

quando se busca uma solução para o problema; e o marco da motivação, quando se apontam os conteúdos morais, a sua legitimação e as principais medidas que levam à mobilização e à ação coletiva.

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
Marco de diagnóstico	**Problema**	**Injustiça**	
	As medidas de isolamento como estratégia para contenção do vírus levam ao colapso econômico.	As consequências geradas pelo isolamento social levam ao desemprego, à fome, à miséria e à própria morte.	
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	A onda de desemprego ocasionada pelas medidas de isolamento social é mais danosa que a própria doença e, dessa forma, as atividades econômicas não devem parar.	Quem se coloca a favor desse fica em casa.	O Brasil não pode parar.
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/ política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	Trabalhadores informais são os mais atingidos pela onda de desemprego. Sendo os mais vulneráveis, precisam levar o sustento para seus filhos e arroz e feijão para casa.	Quando chegamos, encontramos o Brasil com um problema sério, que vinha lá da esquerda, crise moral, econômica, crise de ética. E enfrentamos 2019, o Brasil começou a mudar economicamente. Não vi no mundo outro país que enfrentou melhor essa questão do que o nosso governo. As propostas apresentadas por nós foram excepcionais. A história vai mostrar quem estava com a razão, quem não se preocupou com a sua biografia para salvar vidas e chegamos à conclusão que fizemos a coisa certa.	O fim do isolamento social, a abertura total do comércio e demais atividades econômicas são as principais propostas para preservar a economia e a retomada dos empregos. No enfrentamento à doença, a proposta central é o uso da hidroxicloroquina e a não obrigatoriedade de vacinação.

Na análise dos marcos interpretativos do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19, observa-se que no marco de diagnóstico, o problema identificado são as medidas de isolamento que foram tomadas como estratégia na contenção do vírus, mas que levam ao colapso econômico. Assim, a injustiça ocasionada por esse problema se destaca no *desemprego, na fome, na miséria e na própria morte* e que, portanto, são *mais danosas do que a própria doença da Covid-19*[70].

70 . PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2020a.

No marco de prognóstico, a dimensão vencedora que se sobressai consiste na necessária e urgente retomada das atividades econômicas. No traçado de fronteira, o *eles* é entendido como aqueles que se colocam a favor do isolamento social, *desse "fica em casa"*[71]. Assim, a frase que sintetiza a proposta geral de solução para o problema apontado é *o Brasil não pode parar*[72].

Já no marco de motivação, a demarcação das qualidades morais que motivam a adesão ao seu discurso reside na necessidade de garantir a preservação de empregos, sobretudo pensando naqueles que são mais vulneráveis, como os *trabalhadores informais que necessitam levar o sustento para seus filhos e arroz e feijão para casa*[73]. Agora com esse *novo Brasil*, *as medidas do governo no combate à pandemia são excepcionais*[74], sendo o *país que melhor enfrentou essa questão*[75]. *A história vai mostrar quem estava com a razão, quem não se preocupou com a sua biografia para salvar vidas*[76]. Dessa forma, o programa de ação é a continuidade da economia que poderá ser assegurada com *a abertura permanente de todas as atividades econômicas*.

A construção do nós e eles

Na Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (1985), o que confere identidade a um discurso político é a estruturação de um outro – o *eles* – em oposição a quem se afirma – o *nós*. A construção de uma identidade só se efetiva em antagonismo a uma outra identidade. Assim, a efetividade do discurso de Bolsonaro se desdobra na construção de identidades políticas que apontam o seu pólo antagônico num *eles* que articula atributos e demandas negativas vinculadas àqueles que se opõem ao *nós*.

71 . BOLSONARO, 2020m.

72 . Id., 2020k.

73 . SABINO, 2020.

74 . SOARES, 2020b.

75 . MAIA, 2020.

76 . PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2020b.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Eles: Defensores do Fique em Casa	**Nós: Priorizam a economia e salvam vidas**
Desemprego, fome e miséria	Manutenção de empregos e comida na mesa
Anti-patriotas, ex-aliados e traidores	Patriotas, fiéis apoiadores
Governadores e prefeitos com medidas de lockdown	Empresários que garantem os empregos e o funcionamento da economia
Ditadores, tiranos e vagabundos	Liberdade para o trabalho e o direito e ir e vir
Imprensa que propaga pânico, histeria e caos social	Imprensa responsável e comprometida com a verdade e a liberdade
Consenso científico antipatriota pautado pelas orientações da OMS	A boa ciência comprometida com os interesses da nação

Uma vez que a articulação é a lógica de fixação realizada no nível político-discursivo, o discurso político que conforma os antagonismos tem a capacidade de articular as identidades múltiplas e contingentes dos sujeitos em uma cadeia de equivalências.

A partir desse entendimento, uma *cadeia de equivalências* é a aglutinação de diferentes demandas em torno de uma só demanda, e um *significante vazio* corresponde aos elementos de um discurso que, devido à sua universalização, perdem seu significado originário para se convergirem em todo um conjunto de demandas e propostas que se assentam em um só discurso.

Por fixar o fluxo das diferenças, esse discurso se constitui como uma tentativa de dominar o campo da discursividade. Assim, os pontos discursivos privilegiados nessa fixação são o que chamamos como *pontos nodais*.

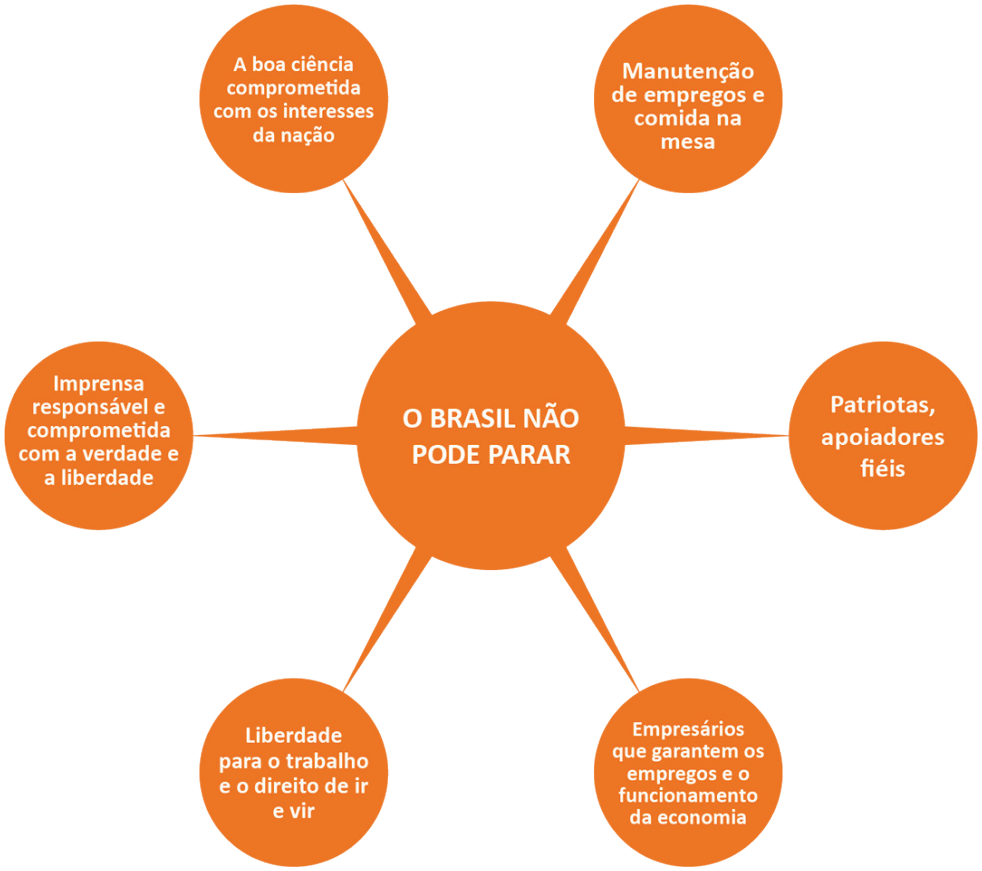
Dessa forma, na cadeia de significados e elementos antagônicos do discurso de Bolsonaro, o *eles* se articula em torno do significante vazio *fique em casa*, ponto nodal das identidades que se antagonizam ao *nós* e que articula aqueles que causaram o desemprego, a fome e a miséria; governadores e prefeitos com medidas de lockdown; antipatriotas, ex-aliados e traidores; a imprensa tradicional que propaga o pânico, a histeria e o caos social e o consenso científico antipatriota pautado pelas orientações da OMS.

Cadeia de equivalências do *eles*

Ditadores, tiranos e vagabundos
Desemprego, fome, miséria
Consenso científico antipatriota pautado pela OMS
FIQUE EM CASA
Governadores e prefeitos com medidas de *lockdown*
Imprensa que propaga pânico, histeria e caos social
Antipatriotas, ex-aliados, traidores

Ao mesmo tempo, por contraste, a construção do *eles* permite articular e conformar politicamente um *nós* positivo articulado ao significante vazio *O Brasil não pode parar*, e que articula ao seu redor uma série de identidades e demandas que ampliam o *nós* e que passam a ser a referência para a rearticulação das diversas outras identidades positivas: manutenção de empregos e comida na mesa; patriotas e apoiadores fiéis; empresários que garantem os empregos e o funcionamento da economia; liberdade para o trabalho e o direito de ir e vir; a imprensa responsável e comprometida com a verdade e a boa ciência comprometida com os interesses da nação.

Cadeia de equivalências do *nós*


A boa ciência comprometida com os interesses da nação
Manutenção de empregos e comida na mesa
Imprensa responsável e comprometida com a verdade e a liberdade
O BRASIL NÃO PODE PARAR
Patriotas, apoiadores fiéis
Liberdade para o trabalho e o direito de ir e vir
Empresários que garantem os empregos e o funcionamento da economia

O tom do discurso: *A verdade vos libertará*

Bolsonaro deixa claro nas narrativas e performances o seu posicionamento de negar a periculosidade da Covid-19 e para legitimar sua estratégia discursiva negacionista, o tom do discurso é emocional, incisivo, irônico e até mesmo agressivo. Na maioria das vezes, busca atrair a atenção daqueles que seriam os mais prejudicados pelas medidas de isolamento social e pela crise econômica: as pessoas mais pobres, especialmente aquelas que estão acometidas pelo desemprego e a informalidade.

Em seus perfis nas redes sociais, os vídeos são compartilhados em tom comovente e dramático, em que muitas vezes são citados versículos bíblicos – sobretudo aquele que foi também o mote de sua campanha eleitoral, em

João, 8:32: E conhecereis a verdade. E a verdade vos libertará – numa estratégia de mobilizar para a adesão a seu discurso a partir de uma ideia de verdade que transcende a razão encarnada no mito do líder.[77]

Bolsonaro reza na Catedral de Brasília (Foto: Twitter).

Com a evolução da pandemia e o aumento de casos fatais, suas falas evoluíram para um tom ainda mais apelativo que continua deslocando a atenção da gravidade da pandemia para o problema do desemprego causado e intensificado pelo lema do *fique em casa*, apelando até mesmo para uma vitimização: *A minha vida aqui é uma desgraça, problema o tempo todo. Não tenho paz para nada! Não posso mais tomar um caldo de cana na rua, comer um pastel!*[78]

Bolsonaro não tem culpa pelas 181 mil mortes: a ampliação da adesão ao discurso

No capítulo *Pandemia, as mídias e a digitalização da política* do primeiro livro desta série de artigos publicados anteriormente, trouxemos a reflexão de

77 . Para o historiador Federico Finchelstein (2020), o uso da palavra "verdade" para promover a mentira em nome de Deus é importante para se pensar a ideia bolsonarista de que a verdade liberta. Ele associa essa estratégia discursiva àquela utilizada pelo fascismo, em que a mentira que o líder diz é apresentada como a mais absoluta verdade. Os fascistas viam no líder encarnado uma verdade que transcendia os fatos, mas tanto o líder como seus seguidores também manipulavam os fatos para criar uma verdade mais elevada, apropriando-se de metáforas e pensamentos religiosos.

78 . UOL, op.cit.

como a disputa de discursos se reproduz nas mídias tradicionais e sociais, identificando o surgimento de uma digitalização do populismo e caracterizando a disputa dos discursos negacionista e científico em ambas as mídias e a reconfiguração política expressa em pesquisas de opinião.

Buscando tecer uma breve reflexão sobre a dinâmica da adesão ao discurso de Bolsonaro sobre a pandemia e a sua relação com a disputa pela hegemonia, nos serviremos das pesquisas de opinião mencionadas no capítulo do livro mencionado e das pesquisas do Instituto de Pesquisas Datafolha realizadas em agosto e em dezembro de 2020.

No que se refere ao perfil de apoiadores do presidente, em agosto de 2019, o Datafolha buscou constatar quem eram os *mais fiéis* dentre os seus eleitores e quem eram os *apoiadores críticos*[79]. Entre os primeiros, a maioria eram *homens e brancos* e entre os apoiadores críticos, a maioria eram *mulheres e brancos*. Quase um ano depois, em pesquisa realizada em julho de 2020 pelo Instituto Paraná Pesquisas[80], a aprovação da administração do presidente também era maior entre o sexo masculino. No que diz respeito às regiões do país, a aprovação era maior no Norte e Centro Oeste e menor no Nordeste. Chama a atenção uma razoável desaprovação entre o segmento mais jovem, de 16 a 24 anos. Já em pesquisa realizada em julho pelo Instituto Travessia[81], constatou-se que o retrato do bolsonarista padrão era *homem, morador da Região Sudeste, com idade a partir de 45 anos, renda acima de dez salários mínimos e evangélico*.

O trabalho de Solano e Rocha (2020), que envolveu entrevistas com eleitores do presidente realizadas durante o mês de maio de 2020, buscou mapear as principais narrativas em torno da avaliação do presidente no enfrentamento à pandemia. As pesquisadoras constataram que a maioria dos entrevis-

79 . G1, 2020.

80 . O sexo masculino possui 53,3% de aprovação e 42,5% de desaprovação; o sexo feminino aprova em 41,6% dos casos e desaprova em 53,1%; entre o segmento de 16 a 24 anos de idade, a aprovação é de 40,9%, enquanto a desaprovação é de 54,6%. Na região Nordeste, a aprovação é de 39,4%, e a desaprovação é de 56,8%; nas regiões Norte + Centro-Oeste, a aprovação é de 53,6%, e a desaprovação é de 42,2%. (PARANÁ PESQUISAS, 2020)

81 . RYDLEWSKI, 2020.

tados não consideram a Covid-19 somente uma *gripezinha*, porém, o *medo da doença* acompanhava o *medo do desemprego* e da *piora da economia*, de modo que a dicotomia saúde/economia não conseguiu ser superada por eles. As pesquisadoras identificaram três grupos de entrevistados: *1*) *os fiéis*, aqueles que mantêm um apoio constante ao presidente; 2) *os apoiadores críticos;* e 3) *os arrependidos*, que se decepcionaram com o presidente e desejavam que este abandonasse o cargo.

Os principais fatores para o enfraquecimento do bolsonarismo identificados com a pesquisa foi a percepção do comportamento de Bolsonaro durante a pandemia como denotando *falta de caráter e de humanidade*, as suspeitas de *corrupção* e o *comportamento inapropriado dos filhos*. Por outro lado, mesmo que o desgaste da imagem do presidente existisse, o apoio da maioria de seus eleitores persistia. Uma das razões que explica esse fato é que boa parte das pessoas entrevistadas enxergava o presidente como alternativa viável contra o PT em eleições futuras. Logo, havia um sentimento generalizado de *frustração e de desamparo* frente às opções políticas existentes no país, o que fazia com que seus apoiadores críticos e arrependidos cogitassem novamente o apoio a Bolsonaro, por falta de uma alternativa melhor.

Cabe observar que as tendências que diversas pesquisas de opinião apontaram sobre Jair Bolsonaro se mostraram de formas diferentes durante três momentos. No primeiro, quando as pesquisas ocorreram no início da pandemia, nota-se um aumento de avaliações polarizadas, ou seja, as avaliações ótima/boa e ruim/péssima cresceram, enquanto as avaliações regulares e de indecisos caíram.

Já num segundo momento, que compreendeu o período de março a julho de 2020, houve uma variação baixíssima da base de apoiadores do presidente, tendo em vista que os que o avaliaram como ótimo/bom não saíam da casa dos 30%, enquanto a avaliação ruim/péssima cresceu significativamente. Isso sugere que, apesar da pandemia, Bolsonaro manteve o apoio dos seguidores mais apaixonados, mas, ao mesmo tempo, sua rejeição cresceu bastante.

E no terceiro momento, observa-se que a partir do mês de agosto, houve um aumento da avaliação positiva, uma diminuição da avaliação negativa e um aumento do número da avaliação regular e de indecisos. Porém, as eleições municipais, como mostraremos à frente, apresentam indícios de que esta última tendência deve reverter.

Duas pesquisas de opinião realizadas pela Vox Populi em abril e durante o final de junho e início de julho de 2020, que levaram em conta estratificações de regiões, renda e escolaridade, ajudam a aprofundar a análise sobre quem são os apoiadores e os opositores de Bolsonaro. A partir desses resultados, constatou-se que a base de apoio do presidente continuava forte na região Sul do país, mas havia aumentado no Nordeste, considerando que esta região integra a base do lulismo. Em relação à escolaridade e renda, nota-se que havia maior reprovação do presidente entre os que possuem ensino superior e renda média. Outra constatação importante é a de que a sua aprovação aumentou entre os que possuem até o ensino fundamental, em relação ao que era no período anterior à pandemia. O mesmo aconteceu quando se verifica a avaliação do presidente a partir do estrato de renda baixa.

Na pesquisa realizada pelo Datafolha entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2020[82], houve um aumento na *avaliação positiva* tanto da gestão do presidente — a melhor avaliação desde o início do mandato, com 37% — como da isenção de responsabilidade de Bolsonaro pelas mortes de Covid-19, com 52% das pessoas entrevistadas afirmando que *o presidente não tem nenhuma culpa pelas mais de 181 mil mortes registradas*. Observa-se, ainda, que houve um aumento da base de apoio na região Nordeste e em pessoas menos escolarizadas e com renda de até dois salários-mínimos em comparação às pesquisas anteriores.

Esse cenário nos leva a refletir sobre uma mudança da base de apoio do presidente, que agora abrange pessoas das classes mais baixas e em con-

82 . AMÂNCIO, 2020.

dições econômicas limitadas em um contexto de agravamento do desemprego. Diante dos impactos da pandemia, ficaram mais sensíveis às práticas discursivas do presidente, priorizando eixos como acesso à renda e manutenção de empregos e principalmente de postos de trabalho informais.

Por outro lado, as camadas médias e com ensino superior parecem ter sido mais críticas ao discurso negacionista do presidente em relação ao combate à pandemia da Covid-19 ao longo de 2020. Além do discurso negacionista, outras possíveis razões para o aumento da rejeição a Bolsonaro no período de realização das pesquisas são o aumento diário do número de mortes por Covid-19, as demissões de diversos ministros com popularidade entre essas camadas, como Sérgio Moro e Luiz Henrique Mandetta, a divulgação do vídeo de reunião ministerial que ocasionou na saída de Moro, a prisão de Fabrício Queiroz, o inquérito sobre *fake news* no STF e a tentativa de aproximação do presidente com o "centrão" associado à corrupção.

As eleições municipais de 2020 também podem ser vistas como termômetro da aprovação do presidente, com as ressalvas de que as disputas locais possuem dinâmicas diferentes das eleições nacionais. Mesmo assim, dos treze candidatos à prefeitura apoiados e recomendados pelo presidente, somente dois se elegeram: em Ipatinga-MG e Parnaíba-PI[83]. Chama a atenção o desempenho nulo de bolsonaristas nas principais capitais do país. Quando os resultados ainda começavam a ser divulgados pelos veículos do TSE, no dia 13 de novembro, Bolsonaro excluiu uma postagem no Facebook em que recomendava candidatos a prefeitos e vereadores.[84]

Outro aspecto central para a ampliação e manutenção da adesão ao seu discurso é o auxílio emergencial, uma vez que o presidente conseguiu capitalizar a seu favor a maior política pública de transferência de renda implementada na história do país[85]. Além disso, a eleição do seu candidato Arthur Lira para a

83 . DOS..., 2020.

84 . ELEIÇÕES..., 2020.

85 . O auxílio emergencial é fruto de uma ampla articulação da sociedade civil organizada que pautou a proposta no Congresso Nacional junto a parlamentares de oposição ao governo. Inicialmente, Bolsonaro e sua equipe econômica propuseram um valor do benefício de duzentos reais mensais para trabalhadores informais, que seriam pagos em três meses, alcançando de 15 a 20

presidência da Câmara dos Deputados, em fevereiro de 2021, ilustra a capacidade de Bolsonaro de conseguir o apoio de ampla base do "centrão" no Congresso Nacional na direção da aprovação de projetos com pautas prioritárias, como as de costumes, e de emendas constitucionais de cunho neoliberal.

Com o recorde de desemprego em todo o país, a alta nos preços dos alimentos e o agravamento da pandemia a partir de fevereiro de 2021 — com os sucessivos recordes de óbitos diários e o colapso do sistema de saúde — houve uma queda na popularidade do presidente, que em outubro de 2020 chegou a 41% e caiu para 33% em fevereiro de 2021 (AGÊNCIA CNT, 2019).

Nessa conjuntura, é possível afirmar que as razões que levam tanto ao aumento quanto à diminuição da popularidade de Bolsonaro perpassam a pandemia. Apesar das externalidades, os elementos ligados direta ou indiretamente ao discurso negacionista do presidente no enfrentamento da Covid-19 ainda se constituem como principais causas das reconfigurações em curso, seja em relação à mudança do perfil de apoiadores ou às antigas alianças que foram desfeitas e novas alianças criadas.

Dessa forma, conforme nos lembra Mendes (2020), o bolsonarismo não é um fenômeno eleitoral que se mede pelo número de votos que ele angaria para si. O bolsonarismo é maior que o próprio Bolsonaro sendo um movimento que se propõe a entender e se comunicar com os sentimentos das pessoas comuns que ainda depositam no líder suas últimas esperanças de proteção e mudança social (Scerb, 2020).

Concluindo: *já está no finalzinho...*

O discurso do presidente sobre a pandemia da Covid-19 se destaca pela naturalização, pela indiferença e especialmente pela negação da trágica situação sanitária no Brasil que, no momento em que revisamos o artigo publicado em dezembro de 2020 para publicação deste capítulo, já se regis-

milhões de pessoas. Para parlamentares de oposição e alguns do "centrão", esse valor foi considerado insuficiente e após pressão do Congresso Nacional sobre o governo, o projeto de lei passou a tramitar com o valor de quinhentos reais. Na sessão de votação na Câmara dos Deputados, Bolsonaro autorizou que o valor do benefício fosse ampliado para seiscentos reais e após aprovação do Senado, o projeto foi sancionado pelo presidente no início de abril de 2020. Entre abril e dezembro de 2020, foram gastos R$ 293,1 bilhões que permitiram a 67,9 milhões de brasileiras e brasileiros acessarem o benefício. (R7, 2021).

tram quase 530 mil vidas ceifadas pelo novo coronavírus[86]. Com uma narrativa que é capaz de criar determinada realidade a partir da articulação entre *fake news* e pós-verdade, Bolsonaro busca fazer com que a crença nessa realidade seja legitimada tal como suas práticas discursivas a constroem.

Trata-se de um discurso que aposta na emoção como ferramenta de adesão, em que a fé cristã se mescla com o ódio, a intolerância e a indiferença à morte em um jogo estritamente apaixonante. Insultos a jornalistas, deboches sobre os cuidados de prevenção, incentivos a aglomerações e apologia à cloroquina ecoam num tom apelativo que se subordina à razão. Soma-se a isso a estratégia discursiva de politizar as medidas de contenção da pandemia, sobretudo da vacina, e da dicotomização entre economia e saúde.

Nesse sentido, o discurso de Bolsonaro vem abrindo o campo de disputa de narrativas, permitindo dar visibilidade às estratégias discursivas de seus antagonistas, atribuindo-lhes, dessa forma, maior capital político – como no caso de João Doria. Ao mesmo tempo, cria fissuras nos blocos de poder formados por ex-aliados, como Moro, Mandetta, Witzel e Caiado. Nessa perspectiva, a vacina se coloca como elemento central que certamente irá acirrar a disputa política entre os discursos negacionista e científico, podendo colocar a hegemonia em suspensão.

Mesmo com o Brasil ocupando o primeiro lugar no ranking de países mais populosos com o maior número de óbitos em relação à população[87]; a lentidão da vacinação[88]; os 7 milhões de testes estocados em depósito prestes a vencer[89]; a produção dos ineficientes 1,8 milhões de comprimidos de cloroquina pelo Exército[90]; a denúncia por crimes contra a humanidade no Tribunal Penal Internacional de Haia[91]; os R$ 88 milhões gastos pelo Ministério

86 . Em dezembro de 2020, o número de vidas perdidas pela Covid-19 somava quase 200 mil.

87 . G1, 2021.

88 . MÕES, 2021.

89 . METRÓPOLES, 2020.

90 . VARGAS, 2020.

91 . CHADE, 2020.

da Saúde em propagandas que não mencionam as medidas de prevenção preconizadas pela OMS[92]; a não utilização dos R$ 3,4 bilhões em de verba emergencial[93] para o enfrentamento da pandemia; e o alerta sobre risco de colapso no sistema de saúde em todo o território nacional[94], Bolsonaro insiste em afirmar que *as propostas apresentadas pelo governo no combate à Covid-19 foram excepcionais* e que a pandemia *já está no finalzinho*.

Após a total flexibilização do comércio, de bares e de restaurantes e as eleições municipais, tanto o número de pessoas infectadas como de mortes voltou a crescer de forma vertiginosa a partir do final de novembro de 2020 e, ainda assim, no mês de dezembro parecia ser vivenciada como uma *gripezinha* para muitas pessoas: praias lotadas[95], aglomerações em pontos de comércio para compras de natal[96] e relaxamento no uso da máscara[97] são alguns exemplos.[98]

O crescimento do número de pessoas que se recusam a tomar vacina e da desconfiança em relação à Coronavac[99] desenvolvida pelo Instituto Butantã em parceria com o laboratório chinês Sinovac, pode ser também outra consequência da prática discursiva negacionista do presidente.[100]

Diante disso, em que medida as práticas e estratégias discursivas de Bolsonaro conseguiram impulsionar as pessoas para uma mobilização a tal ponto de naturalizarem e negarem a gravidade da pandemia? A narrativa do pre-

92 . JUNQUEIRA, 2020.

93 . CARTA CAPITAL, 2020.

94 . BARIFOUSE, 2020.

95 . ALVES; POTTER, 2020.

96 . ISTOÉ DINHEIRO, 2020.

97 . GALDINO, 2020.

98 . CABRAL, 2020.

99 . AGÊNCIA O GLOBO, 2020.

100 . Neste aspecto, a estratégia discursiva de Bolsonaro que busca mobilizar as pessoas para um boicote à vacina vem se distanciando de Donald Trump, que, contraditoriamente ao seu discurso também negacionista sobre a pandemia, iniciou em dezembro uma campanha nacional de vacinação nos EUA com a previsão de vacinar 20 milhões de pessoas em um mês. No dia 14 de dezembro, a primeira pessoa estadunidense a ser vacinada foi Sandra Lindsay, uma mulher negra, que é enfermeira em Nova Iorque. Minutos antes de Sandra ser vacinada, Trump publicou no Twitter: "Primeira vacina administrada. Parabéns, EUA! Parabéns, MUNDO!" (CNN, 2020).

sidente foi capaz de agregar as insatisfações e frustrações da população ocasionadas pelas medidas de isolamento social em torno do significante vazio *o Brasil não pode parar*.

No cenário em que se foi afirmando durante a pandemia como resultado do discurso do presidente (lembrando que discurso não são só são falas mas também ações), os nexos normativos e regulatórios que conectam a vida social ao mundo público são dissolvidos e as interações humanas passam a ser governadas pelas vontades, instintos e pulsões, em que liberar é o mote central[101]. Isso nos revela que os esforços estratégicos de Bolsonaro vêm conseguindo legitimar, com seu discurso, propostas de ação coletiva que se materializam na perspectiva pessimista de um necroliberalismo em que os mais atingidos são as mesmas raças, os mesmos gêneros e as mesmas classes sociais de sempre[102].

Com um número de óbitos contabilizados nos quatro primeiros meses de 2021 que já superava o total de mortes de todo ano de 2020, o Brasil, de fato, nunca parou. Transcendendo a razão e encarnando o *mito* do líder — e se este é o chefe da nação e o representante que garante a unidade desse nexo informal e libertário —, vamos, cada vez mais, deixando de ser um *país de maricas* ultrapassando meio milhão de vidas perdidas. *E daí*?

POSFÁCIO

Não era só negacionismo, era também corrupção

Passados pouco mais de um ano do acontecimento pandemia Covid-19 no Brasil e quando o país alcançava oficialmente o saldo de 395.324 mil vidas perdidas pela doença, no mês de abril de 2021, o Senado Federal, atendendo a medida cautelar expedida pelo Supremo Tribunal Federal, instaurou uma

101 . Liberação de garimpo em terras indígenas, acesso a armas e munições em escalas inauditas, aceleração de desmatamentos e em todas essas frentes, multiplica-se o sujeito dessa liberdade natural, que busca exercê-la sem as amarras típicas do processo civilizador, da autocontenção e do reconhecimento de uma esfera pública que qualifica e limita os danos que podemos infringir aos demais. (LESSA, 2020)

102 . A necropolítica foi tema abordado em artigo publicado pelo Grupo de Pesquisa DISCURSO no Le Monde Diplomatique Brasil. (GRUPO DE PESQUISA DISCURSO, 2020).

Comissão Parlamentar de Inquérito — a CPI da Covid-19 — para investigar ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia e o colapso da saúde no estado do Amazonas ocorrido em janeiro de 2021.

Nos primeiros dois meses de audiências, a CPI da Covid centrou as investigações na atuação do governo federal de recomendar o uso de medicamentos sem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19; na demora na compra de vacinas — como a ausência de resposta às ofertas da Pfizer e a suspensão da aquisição da Coronavac; no colapso de fornecimento de oxigênio em Manaus e na constituição de um suposto gabinete paralelo para assessorar o governo federal no enfrentamento da pandemia.

Quando o número de pessoas mortas no Brasil alcançava a marca de mais de 450 mil e as manifestações contra as políticas neoliberais de Iván Duque na Colômbia se intensificavam, movimentos sociais, centrais sindicais e partidos políticos de esquerda convocaram um ato unificado #ForaBolsonaro em todo o país, tendo reunido, no dia 29 de maio, milhares de pessoas em mais de 200 localidades. As demandas clamadas nos cartazes que ocuparam as ruas focavam principalmente no *impeachment* do presidente, *vacina para toda a população* e a ampliação do *auxílio emergencial*.

Na data de 19 de junho de 2021 se registrou o total de 500 mil mortes no país. Naquele momento, já se somavam mais de 120 pedidos de impeachment protocolados e centenas de milhares de pessoas foram novamente às ruas para mais um ato unificado #ForaBolsonaro em todo o país e no exterior (CARTA CAPITAL, 2020). Nas manifestações, além de frases como *Vacina no Braço, Comida no Prato e Fora Bolsonaro* e *Vacina, Emprego, Auxílio e Educação*, o termo *Genocida*, em alusão ao presidente, foi amplamente estampado em cartazes e faixas que ocuparam as ruas.

Na última semana de junho, houve uma mudança no foco da CPI da Covid, que passou a centrar as investigações sobre a revelação de suspeitas de propina e irregularidades nas negociações para compra de vacinas pelo

governo que teve aval de Bolsonaro, o que também levou diversos partidos de oposição e setores da sociedade civil a um *superpedido de impeachment*. (LUPION, 2021)

Esses fatos contribuíram para ampliar as frentes de questionamento, que se materializaram no terceiro ato unificado, ocorrido no dia 3 de julho de 2021 em todos os estados brasileiros e no exterior. Dessa vez, um novo elemento passou a marcar as diferentes demandas que até então aglutinavam o #ForaBolsonaro: a corrupção. Se as manifestações anteriores questionavam a falta de vacina e o negacionismo que ocasionaram nas mais de 500 mil vidas perdidas pela Covid-19, agora os cartazes e faixas acrescentaram o mote *Não era só negacionismo, é também corrupção*[103]. Soma-se a isso o fato de que as manifestações de 3 de julho também contaram com a participação de ex-aliados do presidente e de representantes de partidos políticos que apoiaram a sua eleição.

De forma equivalente ao acontecido com o outro grande porta-voz negacionista, o ex-presidente Trump nos Estados Unidos da América, nesse novo contexto brasileiro, o cenário parece estar mudando, reforçando não só o processo que vinha acontecendo de politização da pandemia, mas particularmente este momento de protestos e manifestações: o de pandemização da política. Isto é, o processo que potencializa a influência da pandemia sobre a política, com mudanças na aprovação dos governos (também associada a denúncias de corrupção, como no caso de Ramaphosa na África do Sul), variações na correlação de forças e reconfiguração das coalizões políticas pré-existentes. A suspensão — e possível mudança — da hegemonia como efeito do acontecimento pandemia se delineia também no contexto brasileiro com o presidente do país porta-voz do discurso negacionista.

103 . Entre outras expressões em cartazes nas manifestações que apontam para a ampliação dos questionamentos podemos destacar: *Quem você perdeu por um dólar?; Cadê a vovó? (Pergunta a criança); O povo acima do lucro; Queremos vacina no braço, comida no prato; -A fome voltou: Bolsocaro; A ciência destrói mitos; Quantas vidas faltam para o impeachment?*

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CNT. Confira os resultados da 143ª Pesquisa CNT/MDA. CNT, 26 dezembro 2019. Disponível em: cnt.org.br/agencia-cnt/confira-resultados-pesquisa-cnt-mda. Acesso em: 2 dezembro 2020.

AGÊNCIA O GLOBO. Cresce número de brasileiros que não pretendem tomar vacina contra Covid-19. IG, 12 dezembro 2020. Disponível em: saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-12/cresce-numero-de-brasileiro-que-nao-pretendem-tomar-vacina-contra-covid-19.html. Acesso em: 12 dezembro 2020.

ALVES, S.; POTTER, H. Covid-19: entre baladas e praias lotadas, Santa Catarina vive pior momento na pandemia. BBC, 8 dezembro 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-55213954. Acesso em: 12 dezembro 2020.

AMÂNCIO, T. Maioria isenta Bolsonaro por mortes na pandemia, aponta Datafolha. Folha de São Paulo, 13 dezembro 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/maioria-isenta-bolsonaro-por-mortes-na-pandemia-aponta-datafolha.shtml. Acesso em: 14 dezembro 2020.

ANDRADE, H. Toda e qualquer vacina está descartada, diz Bolsonaro. UOL, Brasília, 21 outubro 2020a. Disponível em: noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/21/bolsonaro-cancela-acordo-por-coronavac-nao-abro-mao-da-minha-autoridade.htm. Acesso em: 1 novembro 2020.

ANDRADE, H. 'Não sei por que correr', diz Bolsonaro sobre vacina contra a covid-19. UOL, Brasília, 26 outubro 2020b Disponível em: noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/26/bolsonaro-volta-a-falar-em-cautela-para-adquirir-vacina.htm. Acesso em: 1 novembro 2020.

BARIFOUSE, Rafael. Covid-19: com epidemias 'sincronizadas' no interior e capitais, Fiocruz vê risco de colapso na saúde após festas de fim do ano. BBC, 9 dezembro 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-55239363. Acesso em: 12 dezembro 2020.

BERTOLACINI, F. Bolsonaro, Tereza Cristina e Alceu Moreira aderem ao 'Desafio do Leite'. Canal Rural, São Paulo, 29 maio 2020. Disponível em: canalrural.com.br/noticias/pecuaria/leite/bolsonaro-tereza-cristina-e-alceu-moreira-aderem-ao-desafio-do-leite/. Acesso em: 31 maio 2020.

BETTO, Frei. O diabo na corte: leitura crítica do Brasil atual. São Paulo: Cortez, 2020.

BOLSONARO volta a defender o coronel Carlos Brilhante Ustra. R7, 23 out 2018. Disponível em: noticias.r7.com/eleicoes-2018/bolsonaro-volta-a-defender-o-coronel-carlos-brilhante-ustra-23102018. Acesso em: 13 abril 2020.

BOLSONARO volta a chamar medidas contra coronavírus de histeria. CNN Brasil, 17 março 2020a. Disponível em: cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-medidas-contra-coronavirus-afetam. Acesso em: 13 abril 2020.

BOLSONARO afirma que Covid-19 está indo embora em live com líderes religiosos. IG Último Segundo, 12 abril 2020b. Disponível em: ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-04-12/bolsonaro-afirma-que-covid-19-esta-indo-embora-em-live-com-lideres-religiosos.html. Acesso em: 13 abril 2020.

BOLSONARO diz que “qualquer negócio” é considerado covid. Carta Capital, 3 junho 2020c. Disponível em: cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-qualquer-negocio-e-considerado-covid/ Acesso em: 5 junho 2020.

BOLSONARO anda de jet ski no dia em que país passa de 10 mil mortos por Covid-19. CNN Brasil, São Paulo, 9 maio. 2020d. Disponível em: cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/10/bolsonaro-anda-de-jet-ski-no-dia-em-que-pais-passa-de-10-mil-mortos-por-covid-19. Acesso em: 16 maio. 2020.

BOLSONARO. Ao acumular dados, além de não indicar que a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país. Outras ações estão em curso para melhorar a notificação dos casos e confirmação diagnóstica. Brasil, 6 jun.2020e. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: twitter.com/jairbolsonaro/status/1269241529387888640. Acesso em: 6 jun.2020.

BOLSONARO, Jair (Jair Messias Bolsonaro). Em 1 minuto o velho italiano resumiu o que passamos nos dias de hoje. Brasil, 31 maio. 2020f. Facebook: Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: facebook.com/watch/?v=3296933143671017. Acesso em: 31 maio. 2020.

BOLSONARO sanciona com vetos lei para proteger indígenas durante pandemia. Agência Senado, 8 jul 2020g. Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/08/bolsonaro-sanciona-com-vetos-lei-para-proteger-indigenas-durante-pandemia. Acesso em: 8 dezembro 2020

BOLSONARO. Quanto à pandemia, não faltaram recursos, equipamentos e medicamentos para estados e municípios. Não se tem notícias, ou seriam raras, de filas em hospitais por falta de leitos UTIs ou respiradores. Brasil, 9 agosto 2020h. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: twitter.com/jairbolsonaro/status/1269241529387888640. Acesso em: 23 agosto 2020.

BOLSONARO diz que máscara tem eficácia quase nula; ciência aponta proteção. Uol, São Paulo, 19 agosto 2020i. Disponível em: noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/19/bolsonaro-mascara-eficacia.htm. Acesso em: 31 agosto 2020.

BOLSONARO chama governadores e prefeitos de ‘projetos de ditadores nanicos’. IstoÉ Dinheiro, 5 setembro 2020j. Disponível em: istoedinheiro.com.br/bolsonaro-chama-governadores-e-prefeitos-de-projetos-de-ditadores-nanicos/. Acesso em: 6 setembro 2020.

BOLSONARO defende comprovação científica para a vacina da Covid-19 e diz que não pode ser obrigatória. Jovem Pan, 3 setembro 2020l. Disponível em: jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is/bolsonaro-defende-comprovacao-cientifica-para-a-vacina-da-covid-19-e-diz-que-nao-pode-ser-obrigatoria.html. Acesso em: 6 setembro 2020.

BOLSONARO. O auxílio emergencial, o preço do arroz e o “fique em casa que a economia a gente vê depois.”. Brasil, 10 setembro 2020m. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: twitter.com/jairbolsonaro/status/1304013020390133761. Acesso em: 16 dez.2020.

BOLSONARO lança vídeo com slogan #OBrasilNãoPodeParar. Poder 360. 27 março 2020n. Disponível em: poder360.com.br/coronavirus/bolsonaro-lanca-video-com-slogan-obrasilnaopodeparar/. Acesso em: 7 abril 2020.

BRASIL anuncia acordo com Oxford para vacina contra covid-19. Deutsche Welle, 27 junho 2020. Disponível em: dw.com/pt-br/brasil-anuncia-acordo-com-oxford-para-vacina-contra-covid-19/a-53966779. Acesso em: 30 junho 2020.

CABRAL, U. Cai para 33,8 milhões o número de pessoas rigorosamente isoladas na pandemia. Agência IBGE, 9 outubro 2020. Disponível em: agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29126-cai-para-33-8-milhoes-numero-de-pessoas-rigorosamente-isoladas-na-pandemia. Acesso em: 12 dezembro 2020.

CALCAGNO, L. et, al. OMS perdeu credibilidade e está titubeando, avalia Bolsonaro. Correio Braziliense, 10 junho 2020. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/10/interna_politica,862596/oms-perdeu-credibilidade-e-esta-titubeando-avalia-bolsonaro.shtml. Acesso em: 20 julho 2020.

CAMAROTTI, G. Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que 'gripezinha' não vai derrubá-lo. G1, 20 março 2020. Disponível em: g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml. Acesso em: 13 abril 2020.

CARTA CAPITAL. Governo não usa R$ 3,4 bilhões de verba emergencial para combate à pandemia. Carta Capital, 27 novembro 2020. Disponível em: cartacapital.com.br/saude/governo-nao-usa-r-34-bilhoes-de-verba-emergencial-para-combate-a-pandemia/. Acesso em: 8 dezembro 2020.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro diz que Brasil poderia ter vacina própria contra a Covid-19, mas 'falta dinheiro'. Carta Capital, 15 fevereiro 2021a. Disponível em: Disponível em: cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-brasil-poderia-ter-vacina-propria-contra-a-covid-19-mas-falta-dinheiro/. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

CARTA CAPITAL. 750 mil foram às ruas em 427 atos, estimam organizadores dos protestos contra Bolsonaro. Carta Capital, 20 junho 2021b. Disponível em: cartacapital.com.br/politica/750-mil-foram-as-ruas-em-427-atos-estimam-organizadores-dos-protestos-contra-bolsonaro/. Acesso em: 30 junho 2021.

CARVALHO, D.; CANCIAN, N. Governo rejeitou 70 milhões de doses da Pfizer, das quais 3 milhões poderiam já ter sido aplicadas. Folha de São Paulo, Brasília, 6 março 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/governo-negou-3-vezes-ofertas-da-pfizer-e-perdeu-ao-menos-3-milhoes-de-doses-de-vacina.shtml. Acesso em: 6 março 2021.

CASTRO, J. H. Covid-19: 14 vezes em que Bolsonaro apareceu sem máscara em aglomerações. A Gazeta, Colatina, 10 maio. 2021. Disponível em: agazeta.com.br/es/politica/covid-19-14-vezes-em-que-bolsonaro-apareceu-sem-mascara-em-aglomeracoes-0521. Acesso em: 15 maio. 2021.

CERQUEIRA, S. Invasão em hospital para Covid-19 põe profissionais da saúde em alerta. Veja, São Paulo, 13 junho 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/invasao-em-hospital-para-covid-19-poe-profissionais-da-saude-em-alerta/. Acesso em: 13 junho 2020.

CHADE, J. Bolsonaro é denunciado em Haia por genocídio e crime contra humanidade. UOL, 27 julho 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/07/26/bolsonaro-e-denunciado-no-tribunal-de-haia-por-crimes-contra-humanidade.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 31 julho 2020.

CHAIB, J. 'Pergunta para o vírus', diz Bolsonaro sobre possibilidade de prorrogar auxílio emergencial. Folha de São Paulo, 24 novembro 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/pergunta-para-o-virus-diz-bolsonaro-sobre-possibilidade-de-prorrogar-auxilio-emergencial.shtml. Acesso em: 25 novembro 2020.

CNN. Primeira pessoa é vacinada contra a Covid-19 nos Estados Unidos. CNN Brasil, 14 dezembro 2020. Disponível em: cnnbrasil.com.br/internacional/2020/12/14/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-a-covid-19-nos-estados-unidos. Acesso em: 16 dezembro 2020.

DOS 13 candidatos a prefeituras apoiados por Bolsonaro, 11 não se elegeram no país. GZH, 29 novembro 2020. Disponível em: gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2020/11/dos-13-candidatos-a-prefeituras-apoiados-por-bolsonaro-11-nao-se-elegeram-no-pais-cki3tnkov006p014nzrpm0ma0.html. Acesso em: 1 dezembro 2020

'E DAÍ? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por coronavírus. Estadão, São Paulo, 28 abril 2020. Disponível em: saude.estadao.com.br/noticias/geral,e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-por-coronavirus,70003286434. Acesso em: 30 abril 2020.

ELEIÇÕES municipais 2020: como se saíram os candidatos apoiados por Bolsonaro em post apagado no Facebook. BBC, 16 novembro 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-54963598.

ESTADÃO. 'Vacinação vai começar no dia D e na hora H', despista Pazuello. IstoÉ, 11 janeiro 2021a. Disponível em: istoe.com.br/vacinacao-contra-covid-19-vai-comecar-no-dia-d-e-na-hora-h-despista-pazuello/. Acesso em: 17 janeiro 2021.

ESTADÃO. Bolsonaro diz que vacinação aumenta chance de retomada da economia. Época Negócios, 8 fevereiro 2021b. Disponível em: epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2021/02/bolsonaro-diz-que-vacinacao-aumenta-chance-de-retomada-da-economia.html. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

FINCHELSTEIN, F. O líder fascista como encarnação da verdade. *In*: Revista Serrote, edição especial, julho 2020. Disponível em: revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf. Acesso em: 30 novembro 2020.

FRAZÃO, F.; SHORES, N. Previsão é que coronavírus tenha menos mortes que a H1N1, diz Bolsonaro. Uol, 22 março 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/22/previsao-e-que-coronavirus-tenha-menos-mortes-que-a-h1n1-diz-bolsonaro.htm.

G1. Apoiadores mais fiéis de Bolsonaro chegam a 12% da população e críticos somam 30%, diz Datafolha. G1, 4 set, 2019. Disponível em: g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/04/apoiadores-mais-fieis-de-bolsonaro-chegam-a-12percent-da-populacao-e-criticos-somam-30percent-diz-datafolha.ghtml. Acesso em: 5 setembro 2020.

G1. Brasil tem o maior número de mortes de Covid-19 por milhão de habitantes entre os países mais populosos. G1, 6 maio. 2021. Disponível em: g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/brasil-tem-o-maior-numero-de-mortes-de-covid-19-por-milhao-de-habitantes-entre-os-paises-mais-populosos.ghtml. Acesso em: 17 maio. 2021.

GALDINO, R. População ignora máscara de proteção e risco da Covid-19 cresce em Belo Horizonte. Hoje em Dia, 19 novembro 2020. Disponível em: hojeemdia.com.br/horizontes/popula%C3%A7%C3%A3o-ignora-m%C3%A1scara-de-prote%C3%A7%C3%A3o-e-risco-da-covid-19-cresce-em-belo-horizonte-1.812597. Acesso em: 12 dezembro 2020.

GALVÁN, I. E. La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012. Disponível em: eprints.ucm.es/id/eprint/14574/. Acesso em: 7 abril 2020.

GARCIA, G. Bolsonaro aponta 'viés ideológico' na OMS e ameaça tirar Brasil da organização. G1, Brasília, 5 junho 2020. Disponível em: g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/bolsonaro-aponta-vies-ideologico-na-oms-e-ameaca-tirar-brasil-da-organizacao.ghtml. Acesso em: 7 junho 2020.

GASPAR, M. Bolsonaro recusou três ofertas de vacina. Piauí, 5 fevereiro 2021. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-recusou-tres-ofertas-de-vacina/. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

GIELOW, I. Crise derruba popularidade de Bolsonaro, aponta Datafolha. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 janeiro 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/crise-derruba-popularidade-de-bolsonaro-aponta-datafolha.shtml. Acesso em: 25 janeiro 2021.

GIULLINO, D. Bolsonaro muda discurso e passa a defender vacina e compra por empresas. O Globo, 26 janeiro 2021. Disponível em: oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-muda-discurso-passa-defender-vacina-compra-por-empresas-2-24855345. Acesso em: 26 janeiro 2021.

GORTÁZAR, N.G. Brasil acompanhou ao vivo aprovação das vacinas como se fosse um reality show. El País Brasil, São Paulo, 17 janeiro 2021. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2021-01-17/brasil-acompanhou-ao-vivo-aprovacao-das-vacinas-como-se-fosse-um-reality-show.html. Acesso em: 17 janeiro 2021.

GRUPO DE PESQUISA DISCURSO. Tempo de Pachakuti: o que será de "nós" e o que será do "eles" no momento populista?. Le Monde Diplomatique Brasil, 26 agosto 2020. Disponível em: diplomatique.org.br/tempo-de-pachakuti-o-que-sera-de-nos-e-o-que-sera-do-eles-no-momento-populista/. Acesso em: 8 dezembro 2020.

IG SAÚDE. Governo quer termo de responsabilidade para vacina em uso emergencial. IG Saúde, 16 dez 2020. Disponível em: saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-16/governo-quer-termo-de-responsabilidade-para-vacina-em-uso-emergencial.html. Acesso em: 18 dez 2020.

ISTOÉ DINHEIRO. Aglomeração para compras dá ao Brás a 2ª maior taxa de mortes por covid na Capital. IstoÉ Dinheiro, 11 dezembro 2020. Disponível em: istoedinheiro.com.br/pense-antes-de-ir-no-bras-2a-maior-taxa-de-mortes-por-covid-na-capital/. Acesso em: 12 dezembro 2020.

JORNAL DA GLOBO. Bolsonaro quer exigir termo de responsabilidade de quem for vacinado no Brasil; especialistas criticam. G1, 15 dezembro 2020. Disponível em: g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/15/bolsonaro-quer-exigir-termo-de-responsabilidade-de-quem-for-vacinado-no-brasil-especialistas-criticam.ghtml. Acesso em: 18 dez 2020.

JUNQUEIRA, D. Com Pazuello, Saúde gasta R$ 88 milhões em propagandas de covid-19 que ignoram prevenção e exaltam até agronegócio. Repórter Brasil, 3 dezembro 2020. Disponível em: reporterbrasil.org.br/2020/12/com-pazuello-saude-gasta-r-88-milhoes-em-propagandas-de-covid-19-que-ignoram-prevencao-e-exaltam-ate-agronegocio/. Acesso em: 8 dezembro 2020.

LESSA, Renato. Homo Bolsonarus. *In*: Revista Serrote, edição especial, julho 2020. Disponível em: revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf. Acesso em: 8 dezembro 2020.

LUPION, B. O que há de novo em superpedido de impeachment contra Bolsonaro. Deutsche Welle, 30 junho 2021. Disponível em: dw.com/pt-br/o-que-h%C3%A1-de-novo-em-superpedido-de-impeachment-contra-bolsonaro/a-58101857. Acesso em: 4 julho 2021.

MACHADO, R.; PUPPO, F. Após 135 mil mortes, Bolsonaro diz que 'graças a Deus' estava no caminho certo e critica Judiciário. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 setembro 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/apos-135-mil-mortes-bolsonaro-diz-que-graca-a-deus-estava-no-caminho-certo-e-critica-judiciario.shtml. Acesso em: 20 setembro 2020.

MAIA, G. Brasil está entre os melhores países no enfrentamento da Covid-19, diz Bolsonaro. O Globo, 25 agosto 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/sociedade/brasil-esta-entre-os-melhores-paises-no-enfrentamento-da-covid-19-diz-bolsonaro-24606160. Acesso em: 26 agosto 2020.

MARQUES, H. "Chegamos ao limite. Não tem mais conversa", diz Bolsonaro em manifestação. Veja, São Paulo, 3 maio. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/chegamos-ao-limite-nao-tem-mais-conversa-diz-bolsonaro-em-manifestacao/. Acesso em: 16 maio. 2020.

MARTINS, C. Bolsonaro diz que tem 'cheque de R$ 20 bilhões' para comprar vacina, mas que produto está em falta. Folha de São Paulo, São Francisco do Sul, 15 fevereiro 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/bolsonaro-diz-que-tem-cheque-de-r-20-bilhoes-para-comprar-vacina-mas-que-produto-esta-em-falta.shtml. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

MAZUI, G. 'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', diz presidente sobre suspensão de testes da CoronaVac. G1, 10 novembro 2020. Disponível em: g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-o-presidente-ao-comentar-suspensao-de-testes-da-vacina-coronavac.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1. Acesso em: 12 novembro 2020.

MENDES, Vinícius. O bolsonarismo não é só um fenômeno eleitoral. Le Monde Diplomatique Brasil, 11 dezembro 2020. Disponível em: diplomatique.org.br/o-bolsonarismo-nao-e-so-um-fenomeno-eleitoral/. Acesso em: 12 dezembro 2020.

METRÓPOLES. Quase 7 milhões de testes para Covid-19 prestes a vencer podem ir para o lixo. Metrópoles, 22 novembro 2020. Disponível em: metropoles.com/brasil/quase-7-milhoes-de-testes-para-covid-19-prestes-a-vencer-podem-ir-para-o-lixo. Acesso em: 2 dezembro 2020.

MÕES, M. Brasil completa 2 meses de vacinação com ritmo lento, diz infectologista. Poder 360, 18 março 2021. Disponível em: poder360.com.br/coronavirus/brasil-completa-2-meses-de-vacinacao-com-ritmo-lento-diz-infectologista/. Acesso em: 17 maio. 2021.

NO TWITTER, Bolsonaro ataca novamente o isolamento total. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 16 maio 2020. Disponível em: jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/05/739170-no-twitter-bolsonaro-ataca-novamente-o-isolamento-total.html Acesso em: 17 maio 2020.

NOVAES, M. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. El País Brasil, São Paulo, 6 junho 2020. Disponível em: . Acesso em: 6 jun.2020.

O GLOBO. 'Deus é brasileiro e a cura tá aí', diz Bolsonaro sobre remédio ainda em teste contra Covid-19. O Globo. 29 março 2020a. Disponível em: oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/deus-brasileiro-a-cura-ta-ai-diz-bolsonaro-sobre-remedio-ainda-em-teste-contra-covid-19-1-24337060. Acesso em: 13 abril 2020.

O GLOBO. Bolsonaro sugere a apoiadores que entrem em hospitais para filmar leitos. Youtube, 12 junho 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=hijRwt7BYpU. Acesso em: 13 junho 2020.

PARANÁ PESQUISAS. Pesquisa de Opinião Pública Nacional, julho de 2020. Disponível em: static.poder360.com.br/2020/07/paranapesquisa-jul-2020.pdf. Acesso em: 3 agosto 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão. Planalto, 8 abril 2020a. Disponível em: gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-4. Acesso em: 9 abril 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia de Anúncio do Resultado do Estudo Clínico COVID-19 - MCTI - Palácio do Planalto. Planalto, 19 outubro 2020b. Disponível em: gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-do-estudo-clinico-covid-19-mcti-palacio-do-planalto. Acesso em: 25 outubro 2020.

R7. Auxílio emergencial pagou R$ 293,1 bilhões a quase 68 milhões em 2020. R7, 18 março 2021. Disponível em: noticias.r7.com/economia/auxilio-emergencial-pagou-r-2931-bilhoes-a-quase-68-milhoes-em-2020-18032021. Acesso em: 31 março 2021.

RÁDIO BANDEIRANTES. “Povo brasileiro não será cobaia”, diz Jair Bolsonaro sobre vacina produzida em São Paulo. Youtube, 21 outubro 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=skFTPbL3VzY. Acesso em: 1 novembro 2020.

RECORD NEWS. Bolsonaro diz que cloroquina teria salvado vidas perdidas na pandemia. Youtube, 24 agosto 2020a. Disponível em: youtube.com/watch?v=egAvcPvlEHY. Acesso em: 31 agosto 2020.

RECORD NEWS. Bolsonaro volta a afirmar que vacina não será obrigatória. Youtube, 23 outubro 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=D3XD2tqdtB8. Acesso em: 1 novembro 2020.

REUTERS. Jair Bolsonaro afirma que ninguém pode obrigar vacinação. R7, 17 dezembro 2020. Disponível em: noticias.r7.com/brasil/jair-bolsonaro-afirma-que-ninguem-pode-obrigar-vacinacao-17122020. Acesso em: 17 dezembro 2020.

ROCHA, L. Copo de leite: Bolsonaro usa símbolo nazista de supremacia racial em live. Revista Fórum, 29 maio. 2020a. Disponível em: revistaforum.com.br/politica/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live/. Acesso em: 31 maio. 2020.

ROCHA, L. Em crítica à Pfizer, Bolsonaro diz que pessoas podem “virar jacaré” se tomarem vacina. Revista Fórum, 17 dezembro 2020b. Disponível em: revistaforum.com.br/politica/em-critica-a-pfizer-bolsonaro-diz-que-pessoas-podem-virar-jacare-se-tomarem-vacina/. Acesso em: 18 dez 2020.

RYDLEWSKI, Carlos. O que pensam os bolsonaristas. Valor Econômico, 17 julho 2020. Disponível em: valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/07/17/o-que-pensam-os-bolsonaristas.ghtml. Acesso em: 3 agosto 2020.

SABINO, M. Bolsonaro diz cogitar decreto para liberar o trabalho de todas as profissões na pandemia. Estadão, 29 março 2020. Disponível em: politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-cogitar-decreto-para-liberar-o-trabalho-de-todas-as-profissoes-na-pandemia,70003252482. Acesso em: 31 março 2020.

SANCHES, M. ‘É muito mais fantasia’, diz Bolsonaro sobre crise nos mercados causada por epidemia de coronavírus. BBC News Brasil, 10 mar 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/internacional-51823908. Acesso em: 13 abril 2020.

SASSINE, V. Governo Bolsonaro só gastou 9% da verba emergencial liberada para vacinas contra a Covid-19. Folha de São Paulo, Brasília, 13 fevereiro 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/governo-bolsonaro-so-gastou-9-da-verba-emergencial-liberada-para-vacinas-contra-a-covid-19.shtml. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

SCERB, Philippe. Com vocação popular, o bolsonarismo é maior que Bolsonaro. Le Monde Diplomatique Brasil, 14 setembro 2020. Disponível em: diplomatique.org.br/com-vocacao-popular-o-bolsonarismo-e-maior-que-bolsonaro/. Acesso em: 12 dezembro 2020.

SCHUCH, M. Bolsonaro associa aumento do preço do arroz ao isolamento social durante a pandemia. Valor Econômico, 14 outubro 2021. Disponível em: valor.globo.com/politica/noticia/2020/10/14/bolsonaro-associa-aumento-do-preo-do-arroz-ao-isolamento-social-durante-a-pandemia.ghtml. Acesso em: 16 outubro 2020.

SOARES, I. “Não sou coveiro”, diz Bolsonaro ao ser questionado sobre mortes por Covid. Correio Braziliense. 20 abril 2020a. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/20/interna_politica,846638/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-sobre-mortes-por-c.shtml. Acesso em: 21 abril 2020.

SOARES, I. Bolsonaro sobre coronavírus: ‘Não vi no mundo quem enfrentou melhor a pandemia do que nós’. Estado de Minas, 20 agosto 2020b. Disponível em: em.com.br/app/noticia/politica/2020/08/20/interna_politica,1177787/bolsonaro-coronavirus-nao-vi-quem-enfrentou-melhor-pandemia-que-nos.shtml. Acesso em: 25 agosto 2020.

SOLANO, E.; ROCHA, C. Bolsonarismo em crise? Friedrich-Ebert-Stiftung: São Paulo, 2020. Disponível em: fes-brasil.org/detalhe/bolsonarismo-em-crise/. Acesso em: 3 agosto 2020.

SOPRANA, P. Conversinha mole de ficar em casa é para os fracos, diz Bolsonaro sobre a pandemia. Folha de São Paulo, 18 setembro 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/conversinha-mole-de-ficar-em-casa-e-para-os-fracos-diz-bolsonaro.shtml. Acesso em: 23 setembro 2020.

SPEZIA, A. Covid-19: Congresso derruba vetos de Bolsonaro e garante acesso a água potável e materiais de higiene a indígenas e quilombolas. CIMI, 20 agosto 2020. Disponível em: cimi.org.br/2020/08/covid-19-congresso-derruba-vetos-bolsonaro-garante-acesso-agua-potavel-materiais-higiene-indigenas-quilombolas/. Acesso em: 23 agosto 2020.

UOL. Bolsonaro: governadores que defendem isolamento têm ‘medinho’ do coronavírus. Youtube, 2 abril 2020a. Disponível em: youtube.com/watch?v=8JsvT0E_KWA. Acesso em: 13 abril 2020.

UOL. Bolsonaro ironiza e diz que irá convidar milhares de pessoas para churrasco. Youtube, 8 maio 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=roXX4_RuYRE. Acesso em: 16 maio. 2020.

UOL. Sem máscara, Bolsonaro cumprimenta apoiadores em Eldorado. Youtube, 3 setembro 2020c. Disponível em: youtube.com/watch?v=8gyIbLnqjEQ. Acesso em: 6 setembro 2020.

UOL. Bolsonaro aposta em vacina de Oxford: ‘Não é daquele outro país’. Youtube, 30 julho 2020d. Disponível em: youtube.com/watch?v=K97J25W8y9g. Acesso em: 4 agosto 2020.

UOL (Uol). “Tem que deixar de ser um país de maricas”, diz Bolsonaro sobre covid-19. Brasil, 11 novembro 2020e. Facebook: Uol. Disponível em: facebook.com/watch/?v=868038017335114. Acesso em: 14 novembro 2020.

UOL. “A vacina é do Brasil, não é de nenhum governador”, diz Bolsonaro. Youtube, 18 janeiro 2021. Disponível em: youtube.com/watch?v=ScJS6rBfLtI. Acesso em: 25 janeiro 2021.

URIBE, G.; CARVALHO, D. Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma Tubaína”, diz Bolsonaro. GZH, Porto Alegre, 19 maio. 2020. Disponível em: gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/05/quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-de-esquerda-toma-tubaina-diz-bolsonaro-ckaeka54n01x101pfh62b4mvg.html. Acesso em: 20 maio. 2020.

VALENTE, F. STF mantém derrubada de vetos de Bolsonaro em lei sobre uso de máscaras. Consultor Jurídico, 29 agosto 2021. Disponível em: conjur.com.br/2020-ago-29/stf-mantem-derrubada-vetos-lei-uso-mascaras. Acesso em: 31 agosto 2020.

VARELLA, D. A vacinação contra o coronavírus virou uma bagunça no Brasil. Folha de São Paulo, 13 fevereiro 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2021/02/a-vacinacao-contra-o-coronavirus-virou-uma-bagunca-no-brasil.shtml. Acesso em: 16 fevereiro 2021.

VARGAS, Alex L.B. O discurso político de Bolsonaro: cidadãos de bem, segurança e moral. *In*: ROMANO, J.O. (Org.) Paixão e razão: Os discursos políticos na disputa eleitoral de 2018. São Paulo: Veneta, 2018, p. 90-101.

VARGAS, Mateus. Exército tem 1,8 milhão de comprimidos de cloroquina ainda estocados e não projeta ampliar produção. Estadão, 25 junho 2020. Disponível em: saude.estadao.com.br/noticias/geral,exercito-tem-1-8-milhao-de-comprimidos-de-cloroquina-ainda-estocados-e-nao-projeta-ampliar-producao,70003344866#:~:text=O%20Ex%C3%A9rcito%20informou%20ao%20Estad%C3%A3o,%3A%20R%24%201%2C304%2C00. Acesso em: 30 junho 2020.

VEJA a íntegra do discurso de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU. Agência Brasil, Brasília, 22 setembro 2020. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu. Acesso em: 23 setembro 2020.

2 . O antídoto “coronafé”: A análise política do discurso de Igrejas Evangélicas[1]

Vanessa Barroso Barreto, Jorge O. Romano, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos e Pâmella Silvestre de Assumpção, Thaís Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Eduardo Britto Santos, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Juanita Cuéllar Benavides, Renan Alfenas de Mattos e Ricardo Dias da Silva[2]

Partindo do olhar da pandemia como acontecimento e recuperando a teoria do discurso desenvolvida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (LACLAU; MOUFFE, 2013), na qual se destaca que as disputas de narrativas presentes no contexto democrático remetem a uma confrontação entre diferentes práticas e projetos antagônicos, delimitando em termos de identidades um “nós” versus “eles”, temos como objetivo promover a análise política das práticas discursivas a respeito da Covid-19. Nessa análise, são abordados os discursos de lideranças de Igrejas Pentecostais e Neopentecostais sobre

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa “Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)” vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

a pandemia a partir de falas, atitudes, notícias, posts nas redes sociais e performances. Apontando as primeiras manifestações sobre o coronavírus, as críticas às medidas de prevenção e do fechamento temporário de igrejas, assim como o ataque à imprensa, até a relação desses porta-vozes com o Presidente da República, Jair Bolsonaro, e suas demonstrações de apoio.

O crescimento significativo do número de seguidores das Igrejas Evangélicas no Brasil, em especial das pentecostais e neopentecostais, chama a atenção de muitos pesquisadores. O Brasil, um país tradicionalmente católico, vem presenciando uma maior presença das Igrejas nos meios de comunicação — TV, rádio e mídias sociais —, bem como, desde a redemocratização, houve um crescimento da participação dos evangélicos no cenário político e nos demais espaços de poder governamentais, tanto no Poder Legislativo como no Executivo.

As Igrejas Pentecostais e Neopentecostais e seus midiáticos líderes

Desde a Reforma Protestante, a Igreja Evangélica se constitui no país com divisões, entre os grupos de heranças protestantes mais tradicionais e os pentecostais e neopentecostais. As Igrejas Pentecostais, como a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, acreditam na continuidade dos dons espirituais dados a partir do Espírito Santo, como as orações em línguas e nas curas milagrosas — destaca-se a vivência pessoal de Deus através do Batismo no Espírito Santo. As neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus, normalmente são lideradas por um *showman* e, em sua maioria, fazem promessas para que o seu seguidor tenha uma vida próspera, em relação a bens materiais e também oferecem curas divinas, apelando para a dramatização, a fim de provocar emoções.

Lideranças dessas Igrejas, como os pastores (ou bispos) Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares e Valdemiro Santiago têm se transformado em interlocutores privilegiados e até mesmo em tutores do atual presidente. Inicialmente, vale ressaltar que os evangélicos foram da aliança pragmática com

o Partido dos Trabalhadores (PT) à conversão a Bolsonaro nas eleições de 2018. O apoio dos religiosos foi fundamental para sua eleição e a aproximação entre os dois atores se explica inicialmente pela postura mais conservadora de Bolsonaro. Além disso, as lideranças das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais também se alinham ao presidente nos posicionamentos em relação à pandemia da Covid-19, se apresentam de forma negacionista e relativizam o vírus.

Esses líderes, todos contrários ao isolamento social horizontal e ao fechamento temporário de igrejas, defendem que *o vírus é inofensivo, que é mais uma tática de Satanás*[3] e prometem curas milagrosas. Agarrados na esperança de que *a fé em Deus é superior a qualquer mal e que seus seguidores estarão salvos no final da pandemia*[4]. Atacam os grandes grupos de comunicação do país — principalmente a Rede Globo e a Folha de São Paulo —, os governadores, as universidades, os cientistas ou qualquer foco de oposição às medidas negacionistas do governo Bolsonaro, afirmando que induzem a população ao pânico, não protegendo o pobre, mas agradando a classe média e os ricos.

Por outro lado, alguns líderes evangélicos mais tradicionais, já se posicionaram como defensores das medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e assinaram o manifesto O governante sem discernimento aumenta as opressões - Um clamor de fé pelo Brasil[5], pedindo o afastamento do atual presidente.

Silas Malafaia é um pastor pentecostal brasileiro, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, graduado em psicologia, presidente da editora Central Gospel e do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil. Empresário e um grande influenciador nas redes sociais, Malafaia é

3 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.
CATRACA LIVRE, 2020.

4 . PODER 360, 2020.

5 . CARTA CAPITAL, 2020.

dono de um canal no Youtube com um milhão de inscritos e utiliza o Twitter diariamente para se posicionar a favor de Bolsonaro. O pastor é conhecido por sua atuação política, discurso de ódio sobre temas como direitos da população LGBTQIA+ e por condenar o aborto. Na pandemia, aponta que *pior que o coronavírus é o caos social*[6], bem como difundiu notícias falsas sobre a Covid-19 e apoiou o discurso de Bolsonaro sobre medicamentos sem eficácia, por conseguinte, teve diversos vídeos excluídos do seu canal.

Os pastores neopentecostais e televangelistas Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Romildo Ribeiro Soares têm agido de forma semelhante durante a pandemia. Macedo, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus, empresário, proprietário da Record – terceira maior emissora de TV brasileira — e autor de diversos best-sellers religiosos, disse para seus fiéis *não se preocuparem com o coronavírus* e pediu para *não repassarem nada de coisa ruim sobre coronavírus nas redes sociais*[7]. Valdemiro, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, vem apelando por altas doações em dinheiro aos fiéis para manter seu programa de TV e prometeu *a cura da Covid-19 através de uma semente vendida por ele a mil reais*[8]. R. R. Soares, fundador e líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, também empresário, advogado, escritor, cantor e compositor, afirma que a água consagrada por ele cura a Covid-19[9] e também pede doações aos fiéis por meio de transferências bancárias pelo período que durar a crise do coronavírus. Além disso, seu filho se reuniu com o presidente para revisar multas das igrejas e perdoar dívidas (CORREA, 2020), sua igreja possui uma dívida milionária para com o Estado.

A pandemia evidenciou ainda mais o radicalismo destas lideranças em relação a outros grupos não-conservadores por questões ideológicas e movimentações políticas. A irresponsabilidade no papel frente à luta contra a Covid-19 é evidenciada pela propagação de *fake news*. Além da religião

6 . MALAFAIA, 2020a.

7 . ESTADÃO, 2020.

8 . ISTOÉ, 2020a.

9 . ISTOÉ, 2020b.

ter sido mais uma vez usada como um produto de consumo e os fiéis como seus consumidores — através da mercantilização da fé, com a filosofia de quanto mais se dá mais se é abençoado, levando assim os fiéis a realizar grandes doações, ofertas em dinheiro e pagar dízimos. Soma-se a isso a disseminação de teorias da conspiração, charlatanismo, promessas de cura e prosperidade. Assim, foram feitas inúmeras críticas e acusações de que estas igrejas são agências de exploração financeira de pessoas pobres, onde há o enriquecimento ilícito e diversas irregularidades.

A adaptação das igrejas ao novo normal

Com a proibição de aglomerações para frear o avanço do coronavírus no país, as Igrejas precisaram se reinventar e aceitar o novo normal. Com a paralisação temporária de atividades presenciais nos templos, as igrejas evangélicas, assim como as católicas, apostaram na tecnologia e passaram a realizar celebrações e cultos através de plataformas on-line. Os cultos não pararam em algumas igrejas, e por descumprir medidas de combate à Covid-19 no início da pandemia, foram multadas. Hoje, já foram reabertas sob protocolo, com capacidade reduzida, maior número de celebrações para evitar aglomerações, álcool em gel e regras de distanciamento.

No mais, foram realizadas diversas demonstrações de fé pelo país, como o *drive-thru da oração (ou drive-thru da fé)* e *o jejum religioso, com o objetivo de fortalecer a fé das pessoas e não desamparar os fiéis nesse momento difícil*[10]. Este tipo de oração por *drive-thru,* normalmente era realizado por fiéis voluntários ou até mesmo pastores, que seguiam as recomendações dos órgãos de saúde, como manter distância e utilizar máscara e álcool em gel. Localizavam-se embaixo de uma tenda ou ao ar livre em frente ou próximos a igrejas, e assim os motoristas estacionavam seus veículos para receber as palavras religiosas, e, em alguns minutos, já podiam seguir seus rumos.

10 . THOMAS, 2020.

O jejum nacional religioso foi convocado no dia 5 de abril de 2020 pelo presidente Jair Bolsonaro, que convidou apoiadores, em especial, as lideranças das igrejas evangélicas, a fazer um jejum para *livrar o Brasil do coronavírus*[11], que contou com a divulgação e participação de pastores como Silas Malafaia e o deputado Marco Feliciano para o movimento por eles chamado de *Santa Convocação*[12]. No entanto, algumas igrejas não apoiaram a ideia e anunciaram que não promoveriam a ação, como o pastor Guilherme de Carvalho, da Igreja Esperança, em Belo Horizonte, que afirmou nas mídias sociais que *o Presidente não convoca autoridades religiosas nem pastores evangélicos. Ele não tem autoridade para isso. Sendo uma clara violação do princípio da soberania das esferas*[13]. No dia, diversos religiosos, alguns vestindo roupas com a bandeira do Brasil, foram ao Palácio da Alvorada para fazer orações em favor de Bolsonaro.

Também em abril, o governo federal lançou o projeto Brasil Acolhedor, com o objetivo de oferecer apoio para a população vulnerável à Covid-19. Com o *slogan Solidariedade é o nosso elo mais forte*[14], a proposta era doar bens, itens de higiene pessoal e cestas básicas a todos que necessitam. O projeto é conduzido pela primeira-dama Michelle Bolsonaro e foi oficializado com o apoio da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), esta reúne milhares de pastores em seu quadro de filiados, em uma conferência on-line oficializaram a parceria e definiram metas no auxílio às pessoas socialmente vulneráveis.

SANTA CONVOCAÇÃO DO NOSSO PRESIDENTE
JAIR MESSIAS BOLSONARO PARA UM
JEJUM NACIONAL
05 DE ABRIL | PRÓXIMO DOMINGO
"A TODOS OS LÍDERES EVANGÉLICOS DO NOSSO BRASIL E SEUS RESPECTIVOS MINISTÉRIOS, CONVOCAMOS A TODOS PARA ESSE JEJUM NACIONAL EM PROL DE NOSSA NAÇÃO."
#JEJUMNACIONAL
E SE O MEU POVO, QUE SE CHAMA PELO MEU NOME, SE HUMILHAR, E ORAR, E BUSCAR A MINHA FACE E SE CONVERTER DOS SEUS MAUS CAMINHOS, ENTÃO EU OUVIREI DOS CÉUS, E PERDOAREI OS SEUS PECADOS, E SARAREI A SUA TERRA.
2 CRÔNICAS 7:14

Divulgação do Jejum nacional convocado pelo presidente a todos os líderes evangélicos do país (Foto: Reprodução/Twitter).

11 . SCHUCH, 2020.

12 . MORI, 2020.

13 . CARVALHO, 2020.

14 . GOVERNO FEDERAL, 2020.

Encontro da liderança da CGADB e do projeto Brasil Acolhedor (Foto: Projeto Brasil Acolhedor)

A economia sofreu grande impacto pelo novo coronavírus, principalmente nas casas de famílias mais pobres. Fica claro o papel das igrejas no auxílio a essas populações mais vulneráveis, em todo o país são inúmeras as doações para os mais necessitados. A pandemia mostrou que podemos ser solidários e que há esperança em um futuro melhor, com mais solidariedade e amizade. Alguns pastores fazem uso das redes sociais para divulgar suas opiniões, propagar a palavra de Deus e alcançar pessoas com interesses em comum. Todavia, muitos deles acabam fazendo um desserviço à luta contra a pandemia, se portando como contrários ao isolamento social e ao movimento #ficaemcasa, por temer o esvaziamento das igrejas e dos cofres, além de apontar falácias de que *quem crê em Deus está livre do vírus*, que *a epidemia é coisa de satã, uma vingança divina*[15], e há aqueles que ainda oferecem curas.

Segundo o cientista político e sociólogo peruano José Luis Pérez Guadalupe (CARTA CAPITAL, 2018), o Brasil é um dos países onde os evangélicos mais avançam na política. Para o sociólogo, a bancada evangélica é formada no país, em sua maioria, por políticos que procuram favorecer seu próprio grupo e defender a agenda moral — o combate ao aborto, à ideologia de gênero e ao casamento de pessoas da comunidade LGBTQIA+ — ao invés do bem

15 . VEJA, 2020.

comum do país. O peruano aponta que a bancada BBB (Bíblia, boi e bala), passou a ser BBBB (Bíblia, boi, bala e Bolsonaro), mas, não há um pensamento homogêneo dos evangélicos, caso existisse um senso comum entre o grupo, eles seriam o maior partido político do Brasil.

A atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, também pastora evangélica, esteve envolvida em diversas polêmicas devido às suas declarações. A ministra defende que é o momento *das igrejas ocuparem a nação* e que elas *podem ajudar a transformar o Brasil*[16]. Em reunião ministerial no dia 22 de abril de 2020, divulgada na íntegra pelo Supremo Tribunal Federal, Damares afirmou que o *governo tem os valores como pilar, é pró-vida* e pró-família, além de relacionar o coronavírus com a questão do aborto — *E quando eu falo valores aí eu quero olhar pro nosso novo ministro aqui da saúde* (na época o então Ministro da Saúde do Brasil Nelson Teich, hoje ex-ministro) *e dizer:*

> *Ministro, valores estão lá no seu ministério também. Neste momento de pandemia a gente está vendo aí a palhaçada do STF trazer o aborto de novo para a pauta. Lá estava a questão das mulheres que são vítimas do zika vírus e vão abortar, e agora vem do coronavírus? Será que vão querer liberar que todos que tiveram coronavírus poderão abortar no Brasil? Vão liberar geral? O seu ministério, Ministro, está lotado de feminista que tem uma pauta única que é a liberação de aborto. Quero te lembrar, Ministro, já que está chegando agora, este governo é um governo pró-vida, um governo pró-família. (CNN BRASIL, 2020.)*

Em junho de 2020, um grupo de lideranças evangélicas foi ao Planalto *orar pelo fim da baderna e do quebra-quebra*[17], na época aconteciam protestos pela defesa da democracia, Vidas Negras Importam e antifascistas, e, em

16 . GOMES, 2020.

17 . ORAÇÃO, 2020.

contrapartida, manifestações de bolsonaristas pró-governo. Nessas orações pediam por harmonia entre os três poderes em meio a tensões e pedidos de *impeachment* do presidente Bolsonaro. Alguns dizeres foram reproduzidos pelos pastores presentes: *Esse País não vai ser Venezuela; Deus quem escolhe e retira as autoridades públicas; Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*[18]. O último, também *slogan* do presidente durante as eleições 2018. O encontro contou com a presença de onze líderes de Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, entre eles estava Silas Malafaia.

Líderes evangélicos oram no Planalto (Foto: Isac Nobrega).

Nas mídias sociais, em especial, no Twitter e na playlist #FalaMalafaia no canal de Silas Malafaia do Youtube, encontram-se as práticas discursivas e a posição do pastor que diz *ser aliado e não alienado do presidente Bolsonaro*[19]. Entre os assuntos mais comentados atualmente estão: o coronavírus, Jair Bolsonaro, a Rede Globo e a imprensa, os governadores, o STF e as indicações do presidente, os partidos de esquerda - PT, PSOL, PCdoB, PSB e PDT -, Rodrigo Maia, Sérgio Moro, Donald Trump, entre outros. O pastor tem uma postura alarmista nas redes sociais, tende a exagerar em seus pronunciamentos, tuítes e vídeos.

Malafaia fala que *cristãos não podem votar nos partidos da esquerda* porque eles *são animais adestrados, contrários aos princípios e valores dos crentes*.

18 . MALAFAIA, 2020b.

19 . Idem, 2020c.

Segundo ele, esses partidos *são a favor da ideologia de gênero e são contra as mulheres que sofrem estupro denunciarem os estupradores*[20], o que é uma calúnia. Ataca a imprensa, chamando *jornalistas de inescrupulosos e que distorcem os fatos*[21], diz que os *puxa-sacos e bajuladores de Bolsonaro* estão repetindo os mesmos erros da história, por não falarem nada sobre os erros do presidente — principalmente pela indicação de Kassio Nunes ao STF —, segundo o pastor *a indicação não tem nada a ver com as posições de líderes evangélicos e está aliada à esquerda, com posições socialistas*[22].

No começo da pandemia, houve muita briga com o governo federal sobre a igreja ser considerada ou não um serviço essencial. Muitos pastores, desde o início, defenderam a manutenção das igrejas abertas, como o pastor e vereador Marcos Vinícius de Divinópolis (Minas Gerais). O mesmo chegou a ser detido por fazer um *drive culto* sem alvará na rua e declarou: *Defendemos o retorno das igrejas de forma consciente e com a observância de todas as medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde*[23]. Segundo matéria do Tribuna Online, o pastor Marcelo Ferreira, presidente da Associação dos Pastores Evangélicos da Serra (Apes), no Espírito Santo, comunicou que há relato de *fechamento de templos por conta da crise gerada pela pandemia e de religiosos que estão com problemas financeiros para quitar o espaço, buscando renegociação do aluguel*[24]. Apesar de todas as diferentes estratégias adotadas diante da pandemia, a arrecadação das igrejas sofreu uma grande queda, e hoje elas enfrentam dificuldades para pagar as contas.

A análise do discurso das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais

O discurso das igrejas evangélicas, em especial das igrejas pentecostais e neopentecostais, será analisado articulando a abordagem e conceitos da teoria do discurso de Laclau e Mouffe, com a proposta do enquadramento

20 . MALAFAIA, 2020d.

21 . Idem, 2020e.

22 . Idem, 2020f.

23 . QUINTILIANO, 2020.

24 . OLIVEIRA, 2020.

(frame analysis) implementada por Errejón Galván[25], onde os marcos específicos do discurso são: marco de diagnóstico, de prognóstico e de motivação. O tom das performances é emotivo, profético e encorajador, com apelo a fé, aponta as verdades para convencer e persuadir seu público, explicita o crescimento da desigualdade social devido a quarentena — *as pessoas vão morrer de fome por não ter emprego, as empresas vão falir e com isso vai aumentar o desemprego da população*. Evidencia o antagonismo de *coragem versus medo*, que *precisamos controlar o medo e para vencermos o coronavírus precisamos da fé*[26].

As práticas discursivas dessas igrejas em relação à pandemia da Covid-19 se baseiam no antídoto coronafé. Ou seja, quem tem fé em Deus está protegido. As lideranças das igrejas pentecostais e neopentecostais procuram acalmar seus fiéis, além de prometerem curas milagrosas, antes mesmo de uma vacina ou outro remédio de eficácia comprovada. Segundo Edir Macedo, *coronafé* é aquela confiança, aquela certeza de que Deus está contigo e que ele nunca, jamais, em tempo algum vai falhar com aqueles que nele tem crido[27]. Em vídeo publicado no Instagram, o líder da Universal diz:

> *Veja só, todo mundo está falando no coronavírus e o mundo inteiro está ajoelhado diante dessa maldição, dessa praga chamada coronavírus. Muitas pessoas estão internadas, muitas pessoas estão em quarentena e o pior, a maioria das pessoas — porque no planeta são 7,5 bilhões de pessoas e morreram alguns milhares de pessoas com essa praga. Mas, o pior de tudo é que a maioria das pessoas não sabe que a maior praga não é a coronavírus, é a coronadúvida e para você enfrentar o coronavírus, que é a coronadúvida, você que está ileso do coronavírus, você tem que estar com o antídoto que é chamado de coronafé. (BRASIL DE FATO, 2020.)*

25 . Em seu trabalho sobre análises do movimento socialista na Bolívia, Galván faz essa articulação que propomos aqui entre a análise política do discurso e a proposta metodológica de marcos interpretativos.

26 . Idem, 2020g.

27 . GOSPEL MINAS, 2020.

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
Marco de diagnóstico	**Problema**	**Injustiça**	
	A Covid-19 e o isolamento social horizontal; Histeria, pânico e corrupção causada pela mídia e governadores; Povo sendo enganado, dados e números sendo alterados pela imprensa com o objetivo de derrubar Bolsonaro.	A medida de isolamento social é desigual para a população e privar os fiéis de estarem na igreja nesse momento é um absurdo. Falar em distanciamento social para rico e classe média é moleza! Vai falar isso onde o povo mora em comunidades; A proibição de realizar celebrações com fiéis em igrejas e templos é absurda, a igreja é o último refúgio das pessoas.	
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	Com o fim do isolamento social e da quarentena politiqueira, o povo do verde e amarelo, bolsonaristas, fiéis e cidadãos de bem vão voltar a trabalhar e as igrejas estarão cheias. A fé vai curar o coronavírus, porque ela é só mais uma tática de Satanás, mas o nosso Deus é o todo poderoso e nos livra de todo mal.	Rede Globo e a grande mídia; Governadores; OMS; Cientistas supostamente imparciais, médicos com interesses políticos; Pessoas com medo do vírus e querem permanecer em casa; Vagabundos que não querem trabalhar; Oposição ao governo Bolsonaro, esquerdistas e comunistas; Pessoas sem fé, apavoradas; Povo da baderna e do quebra-quebra.	Não se preocupe com o coronavírus; Quem tem fé em Deus tá protegido; Não entre em pânico porque esse problema vai passar; Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social, vai morrer muito mais; Se você tem o Espírito Santo, a doença vai cair quando chegar em você.
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/ política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	Os fiéis, trabalhadores, apoiadores do presidente e cidadãos de bem querem igrejas e templos abertos com aglomerações de fiéis; Fim do isolamento social, onde pessoas viveriam normalmente; Covid-19 é uma invenção da mídia, com apoio dos governadores para derrubar o presidente. Vs. Rede Globo e a grande mídia que manipula os dados e as notícias, promove histeria e influencia a população; Governadores criminosos ao proibir a circulação de pessoas e desrespeitarem o presidente; Pessoas apavoradas, sem fé e vagabundos que pedem o isolamento social.	Outras doenças e pandemias que estão presentes e as que passaram pelo país há anos e matam/mataram mais que a Covid-19; O histórico da mídia em ser uma influenciadora política. A fé, a salvação e a confiança no presidente Jair Bolsonaro que livrou o país do PT.	Transmissão de cultos e celebrações online; Vídeos no Youtube apresentando verdades sobre a pandemia, pedindo doações financeiras para manter a igreja e os programas religiosos na TV; Drive-thru da fé/oração; Arrecadação de alimentos e distribuição de cestas básicas em bairros mais periféricos; Convocação para jejum religioso nacional para o Brasil superar a crise; Orar pelo presidente e pedir o fim do isolamento; Promessas de curas milagrosas.

No marco de diagnóstico do discurso negacionista das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, o principal problema identificado reside na crítica ao isolamento social horizontal como medida de prevenção da Covid-19, um dos pontos nodais identificados no contexto da pandemia é de que o vírus é uma fantasia causada pela mídia, e portanto, precisaria abrir tudo porque causa menos danos. Ademais, a fé é importante para a estrutura emocional e para vencer a doença. As camadas sociais menos favorecidas possuem condi-

ções precárias de habitação, de saúde, precisam trabalhar para ter dinheiro, se alimentar e colocar comida na mesa de sua família, não possuem trabalho fixo ou se encontram desempregadas. Diferente do isolamento para ricos e pessoas de classe média que, na maioria dos casos, podem trabalhar de home office, vão receber salário mesmo permanecendo em casa, possuem reservas de dinheiro e conseguem se manter durante a pandemia. *Falar em distanciamento social para rico e classe média é mole, eu quero ver é falar para o pobre*[28], afirma Malafaia. Dessa forma, o isolamento social é desigual para a população e agrava a disparidade entre as classes sociais.

Outro problema constatado por esse discurso é a histeria causada pela mídia, pelos governadores do país e os grupos de oposição ao governo federal, que *alteram dados para enganar e assustar a população indecisa sobre qual orientação seguir*[29]. Para estas lideranças, essas atitudes têm como objetivo atingir e derrubar o presidente. Outra questão é a da proibição de realizar celebrações com fiéis em igrejas e templos, visto que a igreja seria o último refúgio das pessoas. Sendo assim a instituição precisa estar presente na vida dos fiéis para dar esperança para eles, até porque quem tem fé em Deus está protegido de todo mal. No entanto, é publicamente reconhecido que a proibição da realização de cultos provocou uma queda acentuada no recolhimento de dízimos e ofertas.

No marco de prognóstico, a principal questão da dimensão vencedora é o emprego, o trabalhador precisa voltar a trabalhar, os fiéis às suas igrejas e os bolsonaristas querem seguir as recomendações do presidente e não as orientações dos governadores, que segundo esse discurso, estão fazendo uma *quarentena politiqueira*[30]. Defendem o fim do isolamento social, pois o povo precisa trabalhar e fazer a economia girar, análogo às práticas discursivas de Bolsonaro de que o Brasil não pode parar, além de não acredi-

28 . MALAFAIA, 2020h.

29 . Idem, 2020i.

30 . MALAFAIA, 2020j.

tarem na nocividade da epidemia do novo coronavírus. Muitos que apontam a fé como cura da doença, confiam que a epidemia é inofensiva e mais uma tática de Satanás.

O traçado de fronteira que delimita o *eles* é constituído em especial pela grande mídia, principalmente, a Rede Globo, essa vem sofrendo ataques de bolsonaristas diariamente. O Pastor Silas Malafaia, acredita que o jornalismo da emissora é *inescrupuloso e parcial*, uma vez que *perdeu-se a sensatez, deturpa notícias e deixa de ser órgão de informação para virar partido político e divulgar apenas suposições para enganar o povo*[31]. De forma análoga, com a saída do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro passou a sofrer grandes críticas de apoiadores do governo federal pela atitude de se alinhar com a Globo para externar conversas que teve com o presidente e a deputada federal Carla Zambelli (PSL), além de publicar artigos, dar entrevistas e comparar o atual governo com o PT.

Assim como a mídia, que induz a população ao pânico, os governadores como Flávio Dino (MA) e até mesmo os aliados de Bolsonaro na campanha presidencial, como João Doria (SP) e Wilson Witzel (RJ) também provocaram histeria ao se comportarem de forma contrária a posição de Bolsonaro sobre a Covid-19, e ordenarem o fechamento provisório do comércio em seus estados. Grande parte dos líderes pentecostais, neopentecostais e seus fiéis apontam a quarentena como uma farsa e julgam que os governadores não protegem o pobre, estão deixando a camada social menos favorecida ainda mais vulnerável, mas agradam a classe média e os ricos.

Os governadores estão se apresentando como uma forte oposição às ações do governo. De início, se reuniram sem Bolsonaro para debater a gravidade da crise no país e o comportamento do presidente. Depois, com os atos organizados por bolsonaristas que pediam a intervenção militar no país e o AI-5, se reuniram em uma carta de apoio ao Congresso (DOCA, 2020), destacando que as declarações do presidente afrontam princípios democráticos. Ademais, os governadores demonstraram estarem muito insatisfeitos com

31 . Idem, 2020k.

as posturas do presidente também por outros episódios, como a promoção de aglomerações, a não utilização de máscara em eventos e o fato de não ter autorizado a compra de 46 milhões de doses da CoronaVac (vacina contra Covid-19 produzida pelo Instituto Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac).

As insatisfações ficam explícitas nas entrevistas e tuítes de alguns governadores do país, como a indagação do governador paulista, Doria: *Convide os governadores para um encontro cuja pauta seja a preservação da vida. Quem sabe com uma atitude como essa o senhor possa demonstrar grandeza?*[32] Bem como Dino, do Maranhão, que mencionou no Twitter: Não queremos uma nova guerra na Federação. Mas com certeza os governadores irão ao Congresso Nacional e ao Poder Judiciário para garantir o acesso da população a todas as vacinas que forem eficazes e seguras. Saúde é um bem maior do que disputas ideológicas ou eleitorais[33].

As orientações dos órgãos de saúde, como a OMS e o Ministério da Saúde, dos médicos, universidades e cientistas, estão sendo criticadas pelas lideranças das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais. No início da quarentena, foram um dos primeiros a rejeitarem veementemente a suspensão de atividades coletivas, alegando que a obrigação das igrejas neste momento de pandemia é de reunir os fiéis para prestar culto a Deus, somada à importância de se testemunhar a fé, com o argumento de *quem tem fé em Deus está protegido e não deve temer nada, que a doença vai cair quando chegar no fiel com o Espírito Santo*[34].

O pastor Silas Malafaia, em seu Twitter, ao criticar a eficácia do isolamento social no combate a Covid-19 no Brasil, teve alguns dos seus tuítes excluídos pela própria rede social, que alegou que as publicações do pastor são contrárias às informações de saúde pública orientadas por fontes oficiais e que poderiam colocar as pessoas em maior risco de transmitir Covid-19. Além

32 . VELEDA, 2020.

33 . PARAGASSU; SIMÕES, 2020.

34 . MACIEL; DIP, RIBEIRO, 2020.

deste episódio, o pastor teve problemas com a Justiça do Rio de Janeiro, essa determinou a proibição da Assembleia de Deus Vitória em Cristo de realizar cultos durante a pandemia, prevendo multa para desobediência. Malafaia foi um dos muitos pastores que desrespeitaram as medidas de isolamento social durante a pandemia. Em abril, chegou a afirmar que *os profetas do caos vão ficar envergonhados porque não vai ter catástrofe no Brasil, e que dentro de pouco tempo, o país desfrutará de um tempo de prosperidade e paz como nunca houve*[35]. Em julho de 2021, o país segue lidando com uma catástrofe de mais de 19 milhões de infectados pela Covid-19 e mais de 500 mil mortes (CORONAVÍRUS BRASIL, 2021).

No discurso das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, fica evidente a relação de antagonismo entre o *nós* e o *eles*. Os sentimentos de hipocrisia, histeria, mentira, exagero, medo, gerados pelos atores do *eles* — como a mídia, os governadores, os órgãos de saúde, a oposição ao governo, vagabundos, esquerdistas e comunistas —, prejudicam o *nós* — os trabalhadores vulneráveis com a pandemia e injustiçados pelo isolamento social, os pastores que precisam dar a palavra e os fiéis que querem buscar a fé na igreja para vencer a pandemia e não podem pelas restrições, e o presidente, que está do lado da verdade.

A proposta de solução se dá através de formas de acalmar a população, minimizar a doença, dar esperança aos fiéis e mostrar que o caos social será pior que a Covid-19, e resume-se em frases como: *Não se preocupe com o coronavírus*; *Não entre em pânico porque esse problema vai passar; Quem tem fé em Deus tá protegido; Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social, vai morrer muito mais*[36]. Outras soluções como *curas milagrosas e forças-tarefa nos terminais das estações de transporte público*[37], com o objetivo de fazer uma limpeza para amenizar a disseminação da doença também foram propostas nas práticas discursivas das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais.

35 . VINHAL, 2020.

36 . GALHARDO, 2020.

37 . MALAFAIA, 2020l.

No marco de motivação, o que se destaca na ideologização da fronteira do discurso dessas igrejas é, por um lado, a figura do nós como aqueles que necessitam voltar a vida normal, sem a quarentena social, voltar ao trabalho e a igreja, para se manter financeiramente e se agarrar na fé em Deus para enfrentar a pandemia e todo mal. Por outro, a figura do eles colocada como os donos da farsa e da mentira, que maximizam a doença, constituem uma quarentena desigual para a população — a qual beneficia os ricos e torna o pobre mais vulnerável —, e promovem histeria para influenciar o povo a ficar contra o Presidente da República.

No processo de reconstrução histórica, social e política, busca motivar seus seguidores utilizando o argumento que outras doenças e pandemias presentes no Brasil e as que passaram pelo país há anos matam e mataram mais que o coronavírus. Alega-se que se houver caos social, vão morrer mais pessoas. Aponta-se o histórico da mídia em ser uma influenciadora política, onde não é divulgado o número de recuperados da doença, que é superior ao número de mortos. Nessa perspectiva, a imprensa não se preocupa com o grande número de mortos por água contaminada todos os anos, e portanto, o objetivo atual é aterrorizar a população porque o caos vende, além de derrubar o presidente porque ele não favorece esses veículos midiáticos.

Malafaia, por exemplo, foi bastante criticado nas redes sociais por publicar dados fora de contexto e enganar a população, principalmente *o povo abençoado do Brasil* – seus seguidores, assim por ele chamados. O pastor utiliza estratégias persuasivas de oratória e ataca especialistas, afirmou que a tuberculose mata cerca de 125 mil pessoas por mês no mundo e a de que a infecção por H1N1 tem números superiores à da epidemia de Covid-19, e que estas doenças não possuem a mesma atenção do coronavírus na mídia. Porém, por exemplo, não apresenta que há cura e tratamento disponível para tuberculose e a taxa de mortalidade mundial por H1N1 é menor que a do coronavírus.

As performances giram em torno da esperança de que a fé em Deus é superior a qualquer mal — portanto os seus seguidores estarão salvos no final da pandemia — e da tendência pró-Bolsonaro — a confiança no presidente

escolhido por Deus e que livrou o país da corrupção da esquerda, em especial, o PT de Lula e Dilma —. Considerando que o governo que está avançando desde sua eleição, o apoiam e criticam o isolamento social. Dessa forma, das medidas propostas pelos líderes evangélicos, o destaque se dá em oferecer apoio para Jair Bolsonaro, orando pelo presidente e pedindo o fim do isolamento social, apoiando a convocação do presidente para a realização de um jejum religioso nacional para o país superar a crise e divulgando vídeos no Youtube apresentando "verdades" sobre o coronavírus e apoiando, através de suas redes sociais, as orientações do presidente.

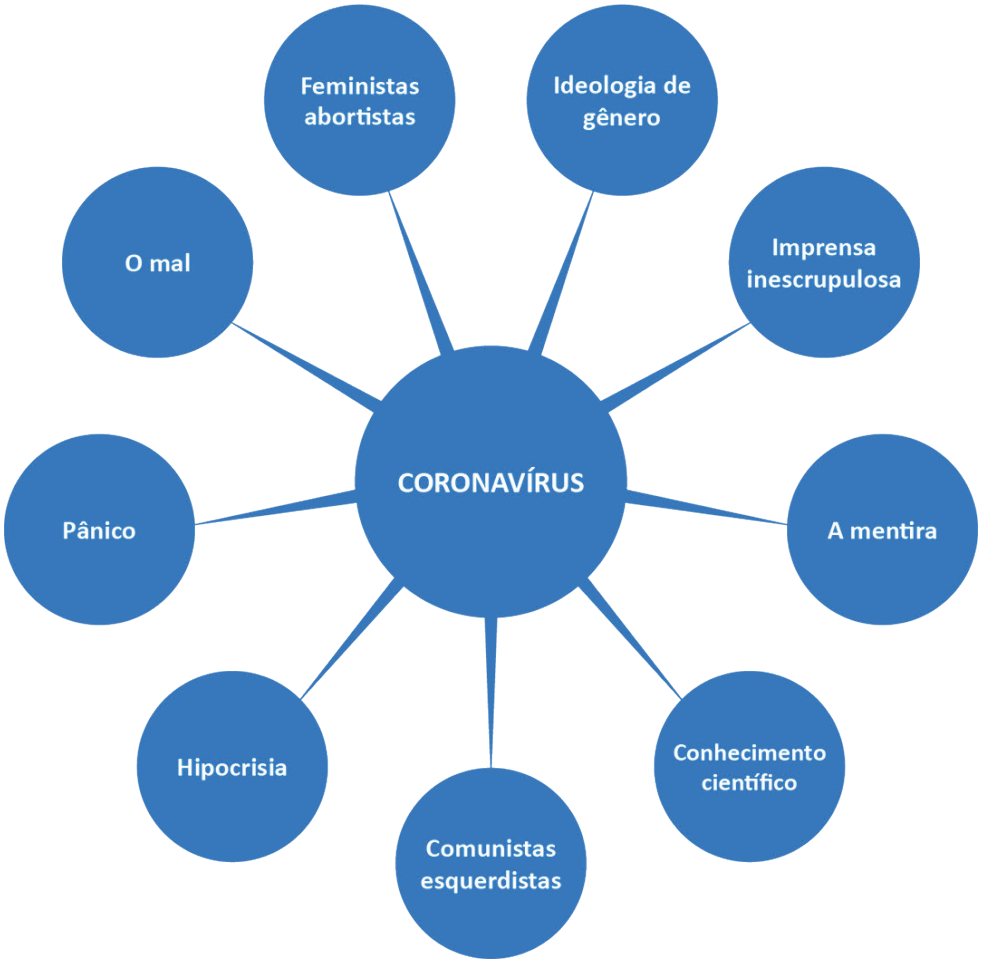
Outras atividades de destaque realizadas pelos líderes das grandes igrejas pentecostais e neopentecostais foram a transmissão de cultos e celebrações online, o jejum religioso, as orações no Planalto e os *drive-thrus* da fé, para continuar levando a palavra de Deus para os fiéis. Alguns eventos chamam atenção, como o fato do Pastor Valdemiro Santiago divulgar vídeos pedindo dinheiro para manter sua igreja e programas religiosos na TV, além de receitar uma semente de mil reais como cura da Covid-19. O Missionário R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, também prometeu a cura do vírus através de uma água consagrada por ele, bem como a Igreja Catedral Global do Espírito Santo em Porto Alegre (RS), que *prometeu imunização do coronavírus com óleo ungido*[38]. Além disso, muitas igrejas e grupos relacionados às mesmas realizaram ações sociais, como doações de EPI's para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e hospitais que estão em carência de equipamentos e arrecadação de alimentos para distribuição de cestas básicas em bairros periféricos, a fim de dar um pouco de auxílio para as camadas sociais menos favorecidas.

38 . G1, 2020a.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Eles: Coronavírus	**Nós: Coronafé**
Pessoas sem fé; Igreja Católica; Católicos; Papa Francisco comunista; Cristofobia;	Igrejas neopentecostais e pentecostais e seus líderes (em especial, Silas Malafaia, Valdemiro Santiago, R.R. Soares e Edir Macedo); Evangélicos;
A mentira; Informação; Imprensa (Grupo Globo, Folha de São Paulo); Pânico; Terror; Medo;	A verdade; Negação da imprensa; Esperança; Fé;
Exagero; Hipocrisia; Governadores e ex-governadores (Doria-SP, Dino-MA, Witzel-RJ); STF; Congresso; Ex-Ministros (Moro e Mandetta); Prefeitos; Vagabundos; Corruptos; Histeria; Cinismo; Ganância;	Honestidade; Sinceridade; Cidadãos de bem; Trabalhadores; Calma;
Conhecimento científico; Dados; Pesquisas; Cientistas; Universidades; Saúde é prioridade; *A vida é mais importante que a economia; O jejum é um grito de socorro à sua base de apoio;*	Bolsonaro e seus apoiadores; Empresários; Dia de jejum para que o país fique livre desse mal;
A doença é muito grave; *O vírus mata; #ficaemcasa;*	Minimiza a pandemia; Defende a abertura de igrejas e do comércio; *Vírus politizado;*
Órgãos da saúde (Ministério da Saúde, OMS); Isolamento social horizontal; Fechamento temporário de igrejas; *Não é hora de flexibilizar quarentena;*	Achismos; Demonização do isolamento social; Isolamento seletivo; *Quarentena de araque que não protege o pobre;*
O mal; o inimigo; abortistas; feministas; ideologia de gênero; LGBTQIA+; pornografia; *O povo do quebra-quebra e baderna;* esquerdistas; comunistas; socialistas.	O bem; o amigo; pró-vida; pró-família; *O povo do verde e amarelo;* bolsonaristas*;* *Esse país não vai ser Venezuela.*

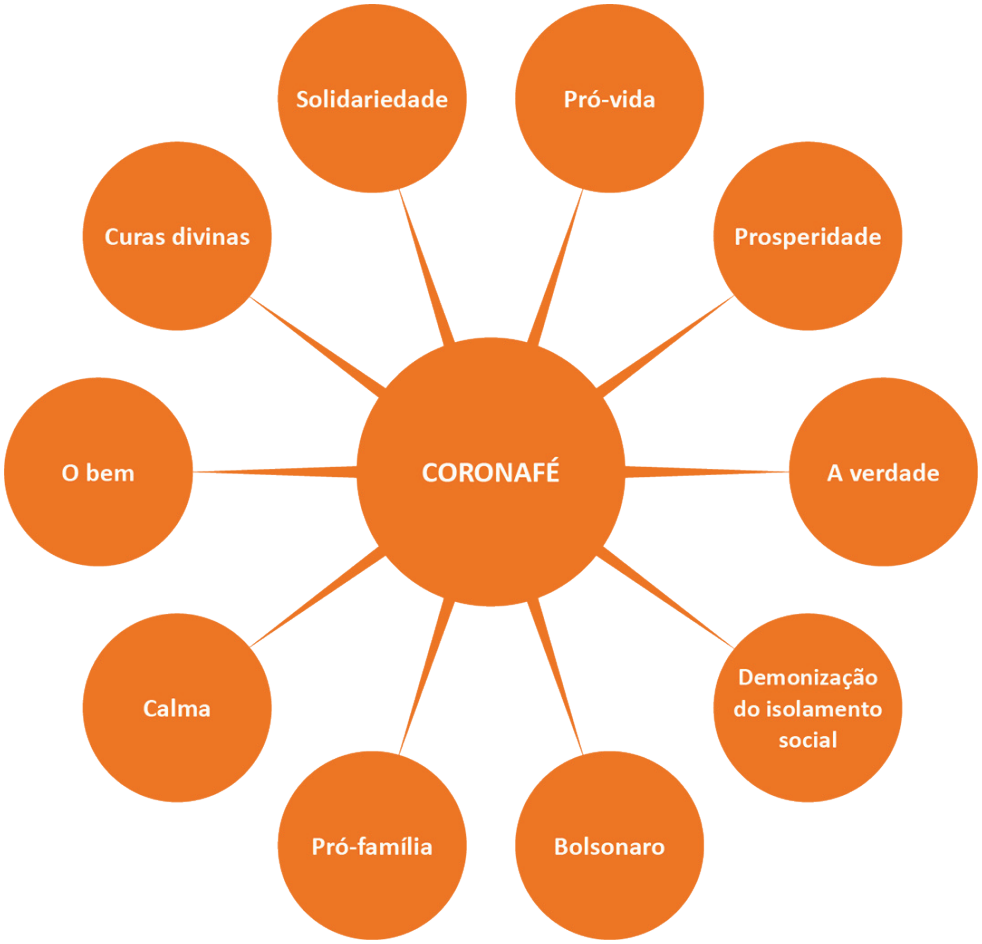
No Quadro de Caracterização das Identidades Antagônicas, o *eles* é identificado como pessoas sem fé, convertidas em uma personificação do mal, do inimigo, e equiparados ao coronavírus. Assim, nessa cadeia de equivalências, se articulam desde os já tradicionais inimigos, como os vagabundos, baderneiros, corruptos, esquerdistas, socialistas, povo do quebra-quebra, comunistas, abortistas, feministas, LGBTQIA+ e ideologias de gênero, até os novos traidores como governadores e ministros politiqueiros — principalmente, Doria, Dino e o ex-governador Witzel e os ex-ministros Moro e Mandetta — e a imprensa parcial, mentirosa e inescrupulosa.

Cadeia de equivalências do *eles*



Já o nós é sintetizado pelo *coronafé*, práticas discursivas análogas às do presidente, que engloba as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, seus seguidores, pastores (ou bispos), fiéis, os pró-vida e pró-família, a esperança, a fé, a verdade, a negação da imprensa, a honestidade, a sinceridade, o bem, o amigo, os cidadãos de bem, o Bolsonaro e seus apoiadores, os empresários, os trabalhadores, o povo do verde e amarelo, a calma, a minimização da pandemia, os achismos, a demonização do isolamento social e defensores de templos e igrejas abertas e o isolamento seletivo.

Cadeia de equivalências do *nós*



O apelo do discurso na disputa pela hegemonia

Os apoiadores desses discursos são os fiéis evangélicos, alguns popularmente conhecidos como a Ministra Damares, já mencionada neste trabalho, o ex-bispo da Igreja Universal e candidato à reeleição a prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, o Deputado Silas Câmara, o presidente Jair Bolsonaro, os políticos da bancada evangélica, cantores gospel, pessoas públicas e pastores. O perfil da maioria desses apoiadores é de pessoas com ideais mais tradicionais, mais próximos ao conservadorismo, moram em zonas mais periféricas, valorizam a família — composta unicamente por um homem e uma mulher e seus filhos —, confiam que serão prósperos por

adorarem e fazerem culto a Deus, acreditam na cura gay, são mais suscetíveis a influências, até mesmo de cair em golpes e *fake news,* dizem ser pró-vida, ao amor e a família.

O professor Paul Freston[39], chama atenção para a valorização populista do cristianismo como cultura e identidade mais do que como fé e valores. Assim, destaca a existência de um populismo evangélico brasileiro caracterizado por elementos específicos, refletindo a história recente do país (o antipetismo) e a história longínqua (o anti-humanismo brasileiro, resultante da extrema concentração de poder, que sempre existiu ao lado da cordialidade e acomodação). Como uma característica complementar e marcante Freston destaca a relativa falta de um "outro" definido pela religião, a não ser os "secularistas"; as religiões afro-brasileiras cumprem esse papel no discurso pentecostal de base, mas muito debilmente no discurso dos seus líderes políticos; e o catolicismo, o antigo alvo, não poderia servir para uma corrente que tivesse pretensões majoritárias, o que autoriza o apoio a um líder político que ainda se identifica como católico (FRESTON, 2020).

Segundo pesquisa do Datafolha[40], publicada pelo jornal Folha de São Paulo em dezembro de 2019, 31% dos religiosos no Brasil são evangélicos; dentro desse número, a maioria são mulheres e representam 58%, para 42% de homens. No que tange a cor da pele, 43% é parda, 30% branca, 16% preta, 3% amarela, 2% indígena e 5% outras cores. Em relação à idade, 23% tem de 45 a 59 anos, 22% de 35 a 44 anos, 21% de 25 a 34 anos, 19% de 16 a 24 anos e 16% de 60 anos ou mais. Por escolaridade, 49% tem ensino médio, 35% ensino fundamental e 15% ensino superior. Em relação a renda, 48% tem renda até 2 salários mínimos, 21% de 2 a 3 salários mínimos, 17% de 3 a 5 salários mínimos, 7% de 5 a 10 salários mínimos e 2% têm renda superior a

39 . Paul Charles Freston é professor catedrático em religião e política em contexto global, na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, Canadá. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutor pela University of Oxford, possui mestrado em Latin American Studies na University of Liverpool e Christian Studies pela Regent College e graduação em História e Antropologia Social pela University of Cambridge.

40 . G1, 2020b.

10 salários mínimos. Quanto à distribuição por regiões do país, 39% moram ao Norte, 33% no Centro-Oeste, 32% no Sudeste, 30% na região Sul e 27% no Nordeste.

Em relação à Covid-19, parte dos evangélicos não possuem os mesmos pensamentos, demonstrando que não é um grupo totalmente unificado. Alguns líderes evangélicos e fiéis criticam o endeusamento da ciência na crise do coronavírus, apontam uma suposta queda da credibilidade da mídia, oram e pedem preces por pacificação, para que o clima de conflito político e social acabe[41], querem o fim do isolamento social e estão apoiando Bolsonaro, outros mantiveram o bom senso e acreditam na gravidade da doença, seguindo as orientações da OMS. Todavia, a grande maioria das lideranças das grandes Igrejas Pentecostais e Neopentecostais seguem apoiando Bolsonaro, como evidenciado pela visita de onze representantes dessas igrejas ao Planalto e sintetizado na fala de Malafaia, *o povo brasileiro, que é um povo pacífico e que tem a marca do verde e amarelo versus o povo de quebra-quebra e de baderna*[42], e que marca mais um antagonismo presente na prática discursiva das Igrejas Pentecostais.

Nos primeiros meses da pandemia no Brasil, uma pesquisa realizada pelo Datafolha demonstrou que os evangélicos relativizam mais a pandemia e tendem a avaliar o governo Bolsonaro de forma mais positiva (PRANDI; PAULINO; JANONI, 2020). Entretanto, a postura negacionista do presidente diante da maior crise sanitária global reduziu um pouco seu apoio entre os evangélicos, algumas manifestações de repúdio e pedidos de afastamento foram realizadas pelo grupo. As críticas aos evangélicos aumentam devido à postura de algumas lideranças, que estão entrelaçadas ao charlatanismo, a corrupção e o estelionato.

Notícias e promessas de curas milagrosas são inaceitáveis para quem possui conhecimento científico. Normalmente os críticos são pessoas com formação acadêmica, que tiveram oportunidades de acesso à informação,

41 . No dia 4 de maio, a Coalizão Pelo Evangelho assinou o manifesto "Pela Pacificação da Nação em Meio à Pandemia".

42 . MALAFAIA, 2020m.

estes moram em regiões centrais e passam a ridicularizar tais pensamentos considerados como alienados. Os críticos procuram demonstrar através do conhecimento científico as diversas razões que refutam os argumentos dos apoiadores na tentativa de convencê-los, já os apoiadores, movidos pela paixão, acreditam nas lideranças das igrejas porque são homens enviados pelo Senhor, abraçam a fé e a esperança, são a personificação do bem na luta contra o mal.

Para especialistas, estamos vivendo uma transição religiosa nos últimos anos e a Igreja Evangélica deve ter mais adeptos daqui a alguns anos, superando até mesmo o número de fiéis da Igreja Católica[43]. Segundo José Eustáquio Alves, professor aposentado da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, o número de evangélicos cresce em média 0,8% ao ano desde 2010, enquanto a de católicos diminui 1,2% no mesmo período. Para o professor, a presença de evangélicos no Congresso é o reflexo mais direto desta transição no país.

O apocalipse está próximo?

Recapitulando, no discurso das Igrejas Evangélicas, em especial as pentecostais e neopentecostais, valores como a preservação da vida, solidariedade, prosperidade, o bem, a verdade, manter a calma, apoiar o presidente, em tempos de coronavírus são destacados. Estes se antagonizam com o pânico, a hipocrisia, o mal, a desigualdade social aumentada com o isolamento social, a mentira, a imprensa inescrupulosa, as abortistas, feministas, comunistas, esquerdistas e a cristofobia. Nesse sentido, o conhecimento científico é bastante ignorado. As práticas discursivas desse grupo sobre a Covid-19 possuem uma abordagem *negacionista*, diz girar em torno da preservação da vida, mas crê que só a fé basta para se livrar do vírus. As Igrejas Pentecostais e Neopentecostais personificam o antídoto *coronafé* para derrotar o coronavírus.

43 . ZYLBERKAN, 2020.

Um dos pontos nodais do discurso das igrejas evangélicas é a defesa da vida, o termo vida é usado sempre em todos os pronunciamentos dos líderes religiosos e seus seguidores, o grupo se considera pró-vida. Assim, os evangélicos são totalmente contrários à questão do aborto, veem como assassinato de seres vivos indefesos. Em declaração sobre o aborto do caso da menina de 10 anos que foi estuprada pelo tio (G1 PE; G1 ES, 2020), o pastor Silas Malafaia afirmou em um dos seus vídeos, que as *miseráveis feministas do inferno inescrupulosas se aproveitaram da comoção emocional*[44] para falar sobre a questão do aborto, que segundo o líder protestante, é a *cultura da morte realizada pelos covardes bandidos da sociedade*. Em seu discurso, *o aborto é colocado como o massacre dos poderosos contra os indefesos,* e *pior do que o estupro é o assassinato de um ser indefeso pois a vida é o dom mais precioso que Deus deu*[45].

Logo, por que a pandemia da Covid-19, que já matou milhares de pessoas em esfera global, não é vista pelo grupo com tanto repúdio? Por que minimizam a doença e insistem em desrespeitar o isolamento social, colocando em risco a vida de diversas pessoas? O presidente notoriamente se importa mais com a economia do que com a preservação da vida e considera a Covid-19 uma gripezinha, então, por que apoiá-lo?

Tudo se explica pelo grande projeto de Deus. O bispo Edir Macedo em sua obra "Plano de Poder" afirma que os votos dos cristãos são movidos pelo *interesse dos próprios cristãos em ter representantes genuínos e o interesse de Deus que Seu projeto de nação se conclua*.[46] Bolsonaro foi acolhido pelos evangélicos porque é visto como o messias, o salvador da nação brasileira, aquele que coloca o *Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*[47]. O escolhido para resguardar os valores tradicionais, o nacionalismo, a família

44 . MALAFAIA, 2020n.

45 . SILVA, 2020.

46 . MACEDO; OLIVEIRA, 2008.

47 . Slogan do presidente Jair Bolsonaro.

constituída com um pai homem chefe de família e uma esposa mulher, sem coisas mundanas[48]. O apoio ao presidente permanece, pois, seus interesses são similares, e *Deus quem escolhe e retira as autoridades públicas*[49].

Em tempos de crise, sempre há histeria, pessoas ficam amedrontadas e em pânico, principalmente em um contexto de pandemias. A *hashtag* #fimdomundo ganhou as mídias sociais nos últimos tempos, com diversas especulações de que o Apocalipse está próximo. O número de infectados e mortos no mundo inteiro, a adaptação com o novo modo de vida dos povos e a dificuldade em conter a doença, leva os fiéis a refletirem se a Covid-19 é realmente o fim do mundo ou se *estamos enfrentando mais um dos alertas de Deus referente a todos os pecados da sociedade*, a *vingança divina* que veio para *fazer justiça contra as coisas mundanas*[50]. No entanto, o dia do juízo final é desconhecido. O livro do Apocalipse pretende passar uma mensagem de esperança para cristãos que estavam sofrendo naquela época e precisavam de ânimo para pôr um fim no sofrimento. Por fim, segundo as práticas discursivas das Igrejas mencionadas na pesquisa, se você estiver com o antídoto que é chamado de *coronafé*, você estará imune a todo mal, que é o próprio coronavírus e todos os *eles* do discurso.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. Cultos, missas e encontros religiosos são proibidos pela Justiça de São Paulo, Brasil de Fato, 21 março 2020. Disponível em: brasildefato.com.br/2020/03/21/cultos-missas-e-encontros-religiosos-sao-proibidos-pela-justica-de-sao-paulo. Acesso em: 4 abril 2020.

CUNHA, Magali. Cresce a oposição de evangélicos a Bolsonaro: "Clamor de fé pelo Brasil", Carta Capital. Diálogo de Fé, 21 maio. 2020. Disponível em: cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/cresce-a-oposicao-de-evangelicos-a-bolsonaro-clamor-de-fe-pelo-brasil/. Acesso em: 31 agosto 2020.

48 . Segundo o Dicionário Online de Português: Próprio do mundo material, por oposição ao mundo espiritual. Dado aos prazeres da carne ou à busca por riquezas e bens materiais.

49 . FRAZÃO, 2020.

50 . RELIGIOSOS..., 2020.

CARVALHO, Guilherme. Presidente pode pedir a autoridades religiosas para orar e cooperar com o país. Mas presidente não CONVOCA autoridades religiosas nem pastores evangélicos. Ele não tem autoridade para isso. Temos aqui uma clara violação do princípio da soberania das esferas. Brasil, 3 abril 2020. Twitter: @ guilhermevrc. Disponível em: twitter.com/guilhermevrc/status/1246050800515854338. Acesso em: 21 setembro 2020.

CATRACA LIVRE. Em vídeo, Edir Macedo afirma que coronavírus é inofensivo. Catraca Livre, Bem-Estar.15 março 2020. Disponível em: catracalivre.com.br/saude-bem-estar/em-video-edir-macedo-afirma-que-coronavirus-e-inofensivo/. Acesso em: 21 setembro 2020.

CNN BRASIL. STF divulga ÍNTEGRA do vídeo da reunião ministerial de 22 de abril. Youtube, 22 maio. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=TjndWfgiRQQ. Acesso em: 27 maio. 2020.

CORONAVÍRUS BRASIL. Covid-19. Painel Coronavírus, 22 julho 2021. Disponível em: covid.saude.gov.br/. Acesso em: 23 julho 2021.

CORREA, Marcelo. O GLOBO. Bolsonaro. Reunião de Bolsonaro com pastor e secretário da Receita levanta suspeita de ingerência a favor de igrejas, 30 abril 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/reuniao-de-bolsonaro-com-pastor-secretario-da-receita-levanta-suspeita-de-ingerencia-favor-de-igrejas-24403737. Acesso em: 14 julho 2020.

DAMASCENO, Marcio. Brasil é país onde evangélicos mais avançam na política. Carta Capital, 8 novembro 2018. Disponível em: cartacapital.com.br/sociedade/brasil-e-pais-onde-evangelicos-mais-avancam-na-politica. Acesso em: 31 agosto 2020.

DOCA, Geralda. O GLOBO. Brasil. Em resposta a Bolsonaro, 20 governadores divulgam carta de apoio ao Congresso, 19 de abril 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/em-resposta-bolsonaro-20-governadores-divulgam-carta-de-apoio-ao-congresso-24382307. Acesso em: 25 abril 2020.

ESTADÃO. Saúde. 'Não se preocupe com o coronavírus', diz Edir Macedo a fiéis no Facebook, 15 março 2020. Disponível em: saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-se-preocupe-com-o-coronavirus-diz-edir-macedo-a-fieis-no-facebook,70003234116/. Acesso em: 19 abril 2020.

FRESTON, Paul. Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e América Latina. *In*: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (org). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 380 e 381.

FRAZÃO, Felipe. Bolsonaro recebe líderes evangélicos e ora contra "baderna", TERRA. Política, 5 junho 2020. Disponível em: terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-recebe-lideres-evangelicos-e-ora-contra-baderna,6805389047d21c9730480133031e140275d1hx8z.html. Acesso em: 6 setembro 2020.

GOMES, Karina. "É o momento de a igreja ocupar a nação", diz Damares Alves, DW. Brasil, 28 fevereiro 2020. Disponível em: dw.com/pt-br/%C3%A9-o-momento-de-a-igreja-ocupar-a-na%C3%A7%C3%A3o-diz-damares-alves/a-52559550. Acesso em: 29 março 2020.

GALHARDO, Ricardo. Malafaia: 'Vai matar gente de coronavírus? Vai. Mas o caos social mata mais'. ESTADÃO. Política, 27 março 2020. Disponível em: politica.estadao.com.br/noticias/geral,malafaia-vai-matar-gente-de-coronavirus-vai-mas-o-caos-social-mata-mais,70003249909. Acesso em: 19 abril 2020.

G1. Rio Grande do Sul. Polícia investiga igreja que teria prometido imunizar fiéis do coronavírus em Porto Alegre, G1 RS, 2 março 2020a. Disponível em: g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/02/policia-investiga-igreja-que-teria-prometido-imunizar-fieis-do-coronavirus-em-porto-alegre.ghtml. Acesso em: 22 abril 2020.

G1. Política. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha, G1, 13 janeiro 2020b. Disponível em: g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml. Acesso em: 4 fevereiro 2020.

G1 PE; G1 ES. Menina de 10 anos estuprada pelo tio no Espírito Santo tem gravidez interrompida, G1, 17 agosto 2020. Disponível em: g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml. Acesso em: 24 setembro 2020.

GALVÁN, I. E. La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012.

GOSPEL MINAS. Bispo Edir Macedo sobre o coronavírus: "Essa é a tática de satanás", Gospel Minas, 16 março 2020. Disponível em: gospelminas.com/bispo-edir-macedo-sobre-o-coronavirus-essa-e-a-tatica-de-satanas/. Acesso em: 4 abril 2020.

GOVERNO FEDERAL. Notícias. Governo Federal e sociedade civil lançam o projeto Brasil Acolhedor, 13 abril 2020. Disponível em: gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/4/governo-federal-lanca-o-projeto-brasil-acolhedor. Acesso em: 30 abril 2020

ISTOÉ. Geral. Pastor Valdemiro Santiago vende semente a R$ 1 mil prometendo curar a Covid-19. Istoé, 7 maio. 2020a. Disponível em: istoe.com.br/pastor-valdemiro-santiago-vende-semente-a-r-1-mil-prometendo-curar-a-covid-19/. Acesso em: 2 julho 2020.

ISTOÉ. Brasil. Pastor R.R. Soares afirma que "água consagrada" por ele cura Covid-19. Istoé, 22 maio. 2020b. Disponível em: istoe.com.br/pastor-r-r-soares-afirma-que-agua-consagrada-por-ele-cura-covid-19/. Acesso em: 2 julho 2020.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics. London: Verso. 1985.

LACLAU, E. A Razão Populista. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2013.

MACEDO, E.; OLIVEIRA, C. Plano de poder: Deus, os cristãos e a política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACIEL, Alice; DIP, Andrea; RIBEIRO, Raphaela. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus. PÚBLICA, 19 março 2020. Disponível em: apublica.org/2020/03/megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/. Acesso em: 25 abril 2020.

MALAFAIA, Silas (Silas Malafaia). Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social? Brasil, 25 março 2020a. Facebook: Silas Malafaia. Disponível em: facebook.com/SilasMalafaia/videos/616891065757824. Acesso em: 23 maio. 2020.

MALAFAIA, Silas. [AO VIVO] - ORAÇÃO EM FAVOR DO BRASIL COM A PRESENÇA DO PRESIDENTE BOLSONARO E LÍDERES EVANGÉLICOS. Youtube, 5 junho 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=Fhn9-bLRxi0&t=18s. Acesso em: 25 agosto 2020.

MALAFAIA, Silas. PERGUNTA A BOLSONARO! O escolhido para o STF é terrivelmente evangélico ? NÃO! É terrivelmente de direita mesmo não sendo evangélico? NÃO! O PT,toda a esquerda, o centrão, os corruptos e todos os q são contra a lava jato agradecem. SOU ALIADO DO PRESIDENTE NÃO ALIENADO! Brasil, 1 outubro 2020c. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: twitter.com/PastorMalafaia/status/1311670928024182784. Acesso em: 2 outubro 2020.

MALAFAIA, Silas. ATENÇÃO, EVANGÉLICOS! Boulos e a esquerda querem se aproximar de nós. Piada! Youtube, 22 abril 2020d. Disponível em: youtube.com/watch?v=Hpl4EBPG9ws. Acesso em: 25 maio 2020.

MALAFAIA, Silas. EVANGÉLICOS CONTRA BOLSONARO? O jogo sujo do jornal O Globo. Youtube, 19 abril 2020e. Disponível em: youtube.com/watch?v=EONH5xvnafU&t=6s. Acesso em: 25 maio. 2020.

MALAFAIA, Silas. ABSURDO VERGONHOSO! O INDICADO DE BOLSONARO PARA VAGA NO STF. Youtube, 1 outubro 2020f. Disponível em: youtube.com/watch?v=EONH5xvnafU&t=6s. Acesso em: 17 outubro 2020.

MALAFAIA, Silas. PR. SILAS MALAFAIA: DECIDA! EM TEMPO DE CORONAVÍRUS, MEDO OU CORAGEM? Youtube, 15 abril 2020g. Disponível em: youtube.com/watch?v=RIHt-X4pt1g&list=PL7BSOIjlQ7SrdgCMsVCQ_8D1isSaGDztk&index=178. Acesso em: 17 maio. 2020.

MALAFAIA, Silas. PR. SILAS MALAFAIA: PIADA! O POVO NÃO ESTÁ RESPEITANDO O DISTANCIAMENTO SOCIAL. Youtube, 16 abril 2020h. Disponível em: youtube.com/watch?v=1rvK-Ns-bw0&list=PL7BSOIjlQ7SrdgCMsVCQ_8D1isSaGDztk&index=177. Acesso em: 17 maio. 2020.

MALAFAIA, Silas. POR QUE A IMPRENSA BRASILEIRA ESCONDE ESTES DADOS SOBRE CORONAVÍRUS? SERÁ POR CAUSA DE BOLSONARO?. Youtube, 14 abril 2020i. Disponível em: youtube.com/watch?v=vEw6KhMx1Gc&list=PL7BSOIjlQ7SrdgCMsVCQ_8D1isSaGDztk&index=180. Acesso em: 17 maio 2020.

MALAFAIA, Silas. Quarentena politiqueira, sem vergonha! Os pobres estão à mercê de toda porcaria e lixo e ninguém fala nada. Brasil, 2 abril 2020j. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: twitter.com/PastorMalafaia/status/1311670928024182784. Acesso em: 2 abril 2020.

MALAFAIA, Silas. EVANGÉLICOS CONTRA BOLSONARO? O jogo sujo do jornal O Globo. Youtube, 14 abril 2020k. Disponível em: youtube.com/watch?v=EONH5xvnafU. Acesso em: 17 maio. 2020.

MALAFAIA. Malafaia diz que não reduzirá cultos ou fechará igrejas por causa do coronavírus. CNN Brasil. Nacional, 19 março 2020l. Disponível em: cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/19/malafaia-diz-que-nao-reduzira-cultos-ou-fechara-igrejas-por-causa-do-coronavirus. Acesso em: 29 março 2020.

MALAFAIA, Silas. [AO VIVO] - ORAÇÃO EM FAVOR DO BRASIL COM A PRESENÇA DO PRESIDENTE BOLSONARO E LÍDERES EVANGÉLICOS. Youtube, 5 junho 2020m. Disponível em: youtube.com/watch?v=Fhn9-bLRxi0. Acesso em: 24 julho 2020.

MALAFAIA, Silas. Imperdível! Estão se aproveitando da comoção social para difundir a cultura de morte. Brasil, 22 agosto 2020n. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: twitter.com/PastorMalafaia/status/1297307879624630277. Acesso em: 22 agosto 2020.

MORI, Letícia. Como a crise do coronavírus expõe racha entre evangélicos no Brasil. BBC Brasil, 28 abril 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-52313890. Acesso em: 29 abril 2020.

ORAÇÃO contra "baderna" e o "quebra-quebra". Correio Braziliense. Política, 6 junho 2020. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/06/interna_politica,861556/oracao-contra-baderna-e-o-quebra-quebra.shtml. Acesso em: 25 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leone. Arrecadação em igrejas caiu 50% com a pandemia na Grande Vitória. Tribuna Online. Cidades, 11 agosto 2020. Disponível em: tribunaonline.com.br/arrecadacao-em-igrejas-caiu-50-com-a-pandemia-na-grande-vitoria. Acesso em: 17 outubro 2020.

PRANDI, Reginaldo; PAULINO, Mauro; JANONI, Alessandro. Presidente se afasta de bolsonaristas católicos ao minimizar pandemia, aponta Datafolha. FOLHA. Poder, 13 abril 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/presidente-se-afasta-de-bolsonaristas-catolicos-ao-minimizar-pandemia.shtml. Acesso em: 22 abril 2020.

PODER 360. Edir Macedo diz que coronavírus é 'inofensivo' e 'tática de Satanás'. Poder 360, 16 março 2020. Disponível em: poder360.com.br/midia/edir-macedo-diz-que-coronavirus-e-inofensivo-e-tatica-de-satanas/. Acesso em: 19 abril 2020.

PARAGASSU, Lisandra; SIMÕES, Eduardo. Bolsonaro diz que governo federal não comprará vacina chinesa. REUTERS. Brasil. 21 outubro 2020. Disponível em: reuters.com/article/saude-coronavirus-bolsonaro-naocompra-idLTAKBN2761ME. Acesso em: 30 outubro 2020.

QUINTILIANO, Amanda. Coronavírus: Vereador de Divinópolis é detido após realizar drive culto sem alvará. Estado De Minas. Portal Gerais, 1 maio. 2020. Disponível em: em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/01/interna_gerais,1143665/coronavirus-vereador-divinopolis-detido-realizar-drive-culto.shtml. Acesso em: 25 maio. 2020.

RELIGIOSOS se unem a Bolsonaro e negam riscos da covid-19. TERRA, 2 abril 2020. Disponível em: terra.com.br/noticias/brasil/religiosos-se-unem-a-bolsonaro-e-negam-riscos-da-covid-19,c6162ef99548c156c502776ed2af5739ji0jct26.html. Acesso em: 6 setembro 2020.

ROMANO, Jorge O. (Org.). Paixão e razão: Os discursos políticos na disputa eleitoral de 2018. São Paulo: Veneta, 2018. Disponível em: diplomatique.org.br/wp-content/uploads/2019/03/livropaixaoerazao.pdf. Acesso em: 25 maio. 2020.

SILVA, Thalis. Silas Malafaia: “Pior do que o estupro é o assassinato de um ser indefeso”. Gospel Minas, 17 agosto 2020. Disponível em: gospelminas.com/silas-malafaia-pior-do-que-o-estupro-e-o-assassinato-de-um-ser-indefeso/. Acesso em: 7 setembro 2020.

SCHUCH, Matheus. Bolsonaro pede jejum para “livrar o Brasil do coronavírus”. Valor Econômico. Política, 2 abril 2020. Disponível em: valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/02/bolsonaro-pede-jejum-para-livrar-o-brasil-do-coronavirus.ghtml. Acesso em: 19 abril 2020.

THOMAS, Jennifer Ann. Em Manaus, ‘drive-thru’ de oração dá a bênção até por videoconferência. VEJA. Impacto, 10 maio. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/blog/impacto/em-manaus-drive-thru-de-oracao-da-a-bencao-ate-por-videoconferencia/. Acesso em: 2 julho 2020.

VELEDA, Raphael. Doria apela a Bolsonaro que se reúna com governadores: “Preservar vidas”. Metrópoles. Brasil. 26 outubro 2020. Disponível em: metropoles.com/brasil/doria-apela-a-bolsonaro-que-se-reuna-com-governadores-preservar-vidas. Acesso em: 30 outubro 2020.

VINHAL, Gabriela. Malafaia ataca “profetas do caos” e imprensa em live de Bolsonaro. Metrópoles. Brasil. 12 abril 2020. Disponível em: metropoles.com/brasil/politica-brasil/malafaia-ataca-profetas-do-caos-e-imprensa-em-live-de-bolsonaro. Acesso em: 25 abril 2020.

VEJA. Edir Macedo atribui pandemia a “Satanás” e fala em “interesses econômicos”. Veja, 15 março 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/religiao/edir-macedo-dissemina-informacoes-falsas-e-atribui-coronavirus-a-satanas/. Acesso em: 4 junho 2020.

ZYLBERKAN, Mariana. Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032. Veja, 4 fevereiro 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032/. Acesso em: 22 abril 2020.

3 . Eu não transijo para salvar vidas: o discurso de Ronaldo Caiado[1]

Ricardo Dias da Silva, Jorge O. Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Eduardo Britto Santos, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Juanita Cuéllar Benavides, Renan Alfenas de Mattos, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[2]

Neste trabalho nossa pergunta de pesquisa endereça-se às rupturas da normalidade desencadeadas pela pandemia, particularmente no tocante a mudanças nas correlações de poder e no modo como a hegemonia vigente é posta em suspenso na esteira desse processo, dando vazão à disputa política de discursos (tanto no âmbito nacional quanto no front internacional). Com isso, buscamos lançar luz sobre as reconfigurações do campo discursivo em face da emergência sanitária em que sobressaem dois discursos diametralmente opostos, o "negacionista" e o "científico", no bojo dos quais se articulam diferencialmente dois pólos temáticos: a sustentabilidade da vida e a sustentabilidade da economia.

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

O presente capítulo se debruça sobre a caracterização de um dos principais porta-vozes nacionais do discurso científico: o governador Ronaldo Caiado. Com tal objetivo, recuperamos os aspectos centrais da trajetória sociopolítica do mandatário em Goiás e no Brasil, esquadrinhamos os constrangimentos e oportunidades com os quais se defronta antes e durante a pandemia e, por fim, examinamos posicionamentos e vieses discursivos produzidos por ele nessa conjuntura assim como os desdobramentos e ecos políticos que se fazem sentir na relação entre o porta-voz e seus interlocutores.

O ator

Ronaldo Ramos Caiado (nascido em Anápolis, 1949) é o atual governador de Goiás eleito em primeiro turno nas eleições de 2018, ex-senador e deputado federal por cinco legislaturas, predominantemente filiado ao antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM). Adquire projeção no debate público como fundador e primeiro presidente da União Democrática Ruralista (UDR) durante as discussões da Assembleia Nacional Constituinte e concorre sem sucesso às eleições presidenciais de 1989. Tal ascensão no cenário político nacional tem lastro no capital político da família Caiado em Goiás que remonta ao período da República Velha, motivo pelo qual o atual governador é usualmente associado ao coronelismo vigente naquele período. Ao que se soma o estilo mormente belicoso e truculento de discurso e de atuação política adotados pelo político goiano.

Com efeito, esses traços se fazem sentir em sua defesa enfática dos interesses do patronato rural e de uma absoluta recalcitrância sobre qualquer medida orientada ao remodelamento da estrutura fundiária e à reforma agrária. Para além dessa liderança de pendor reacionário, Ronaldo Caiado ostenta outra face atinente à sua trajetória sócio-profissional, uma vez que é médico graduado e pós-graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As vinculações ao ramo da medicina são bastante destacadas no rol de suas identidades sócio-políticas, seja de modo isolado, seja de forma associada às atividades agrícolas. Em sua biografia no site da Câmara dos Deputados, são listadas — nessa ordem — as seguintes profis-

sões: agricultor, professor, médico. Já em seu perfil biográfico no Senado, a lista se inverte com a profissão de médico sendo alçada ao topo, recebendo inclusive um marcador digital que informa ser aquela a principal atividade do então parlamentar.

Essa plasticidade nas identidades sociais, políticas e profissionais constitui em si mesma um aspecto marcante desse ator. Diferentes capitais e expertises são elencadas e articuladas por ele em função das circunstâncias com que se defronta. Entretanto, há um aspecto transversal em sua atuação no front político que merece ser assinalado. Caso seja verdade que parte importante das narrativas e propostas de ação girem em torno de uma lógica binária que opõe a esperança, de um lado, e o medo, de outro lado, é patente concluir que Caiado se pauta precipuamente por esta última. Sob a égide de discursos que sopesam ameaças concretas e simbólicas que precisam de algum tipo de contenção, o goiano usualmente exterioriza posicionamentos e visões de mundo que polarizam não somente com ideários e lideranças progressistas e da esquerda no espectro político.

De saída, o ultraconservadorismo do governador foi consolidado em fervorosa oposição a esses movimentos sociais e partidos políticos de orientação progressista, particularmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Mas esse mesmo perfil combativo e pouco afeito à composição política lhe rende uma extensa e eclética lista de opositores no flanco conservador, tanto em nível estadual quanto na esfera federal. No período recente, tais oposições multifront foram catalisadas por um discurso anti-establishment e contra a corrupção, contribuindo para o triunfo de Caiado frente ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em Goiás e somando forças à vitória de Jair Bolsonaro para a Presidência da República.

À semelhança da tônica predominante no Executivo Federal, um aspecto-chave do governo Caiado vinha sendo o rechaço ao legado deixado por seus antecessores e um combate ao que descreve como *herança maldita*[3],

3 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos

materializada em déficit orçamentário, máquina pública inchada, obras inacabadas, dentre outras mazelas, advindas de falhas e irregularidades na gestão. Espelhando iniciativas do presidente, Caiado logrou reformar a estrutura administrativa do estado e montar um secretariado com baixa participação de figuras conhecidas do cenário político, valendo-se da justificativa de privilegiar quadros técnicos para postos-chave de seu governo.

Por outro lado, o governador desvencilhou-se de argumentos técnicos quando encampou o relaxamento da legislação estadual de trânsito, seguindo ações idênticas do presidente da República. Esse alinhamento entre os mandatários permitiu a Caiado ser um dos principais responsáveis pela nomeação de Luiz Henrique Mandetta (DEM/MS) para o Ministério da Saúde. A pouca distância que separa Goiânia e Brasília encurtou-se ainda mais do ponto de vista da articulação política, com a capital federal ocupando um espaço central na agenda do governador durante todo o ano de 2019, o que serviu como munição para numerosas críticas de opositores e aliados.

Os deslocamentos constantes até Brasília — até três ao longo de uma semana — vinham tendo como mote principal as negociações políticas sobre a admissão de Goiás no Regime de Recuperação Fiscal (RRF) da União. Tal pleito é apontado como solução derradeira para os problemas orçamentários do estado: *não há plano B. O plano B é fechar para liquidação*[4], afirma Caiado. A despeito das políticas de austeridade adotadas pelo governador, que incluíram a revisão de isenções e incentivos fiscais e a reforma da previdência estadual, por exemplo, e do relacionamento estreito com a cúpula palaciana de Brasília, a saga em busca do socorro federal segue inócua. O advento da pandemia de Covid-19 alcança Goiás no momento em que o governador elevava o tom das críticas contra o Ministério da Economia e outros órgãos federais que obstavam a conclusão dos objetivos pretendidos.

A emergência sanitária põe todo esse repertório de planos — sejam os nomeados por consoantes, sejam os batizados com vogais — em compasso

de destacar.
PULCINELI, 2020.

4 . CAMARROTO, 2020.

de espera. A doença traz à tona uma espécie de novo alfabeto no qual prioridades, alianças e estratégias assumem grafias e significados diversos. Goiás não fechou para liquidação e a prioridade absoluta dedicada às medidas de austeridade e de sustentabilidade da economia cedeu lugar aos esforços de contenção do vírus e à primazia da sustentabilidade da vida. Tal inflexão se traduziu em uma preponderância desse assunto nos discursos e pronunciamentos de Caiado durante os três primeiros meses de enfrentamento da pandemia. Frequentemente o papel de médico seria posto em equivalência — e mesmo em precedência — em relação ao papel de governador. Na prática, porém, essa inclinação pela sustentabilidade da vida e de *não transigir para salvar vidas*[5] não foi capaz de prescindir dos expedientes do jogo político que assegurariam verbas e recursos necessários para o enfrentamento da crise sanitária em Goiás. Nessa toada, o decurso da pandemia traria também um vai e vem no relacionamento entre Caiado e o Poder Executivo Federal.

A produção do discurso sobre a pandemia e seus interlocutores

Desde o início da pandemia, Caiado vem evocando sua formação e experiência técnico-científica na medicina como balizadores de suas decisões e como contraponto às ações que considera como equivocadas e irresponsáveis no enfrentamento do problema. Essa mudança foi acompanhada de um deslocamento na produção de seus antagonismos que toma forma contundente em seus posicionamentos públicos do dia 15 de março de 2020. Naquele domingo, as rotineiras manifestações de rua em defesa do governo de Jair Bolsonaro tiveram lugar, uma vez mais, em bairros de classe média alta da capital Goiânia. Mas, diferentemente de outras edições que contaram com a presença do governador, Caiado não havia se dirigido ao local para fazer coro aos manifestantes.

Dias antes, ele já havia declarado situação de emergência após a confirmação do primeiro caso da doença no estado e editado orientações para a suspensão de eventos com aglomeração de pessoas. Como de praxe, os

5 . CASA DO SABER, 2020.

manifestantes concedem o microfone a Caiado naquela tarde e ouvem palavras que suscitam aplausos nos momentos em que o governador defende que *ninguém mais do que Ronaldo Caiado enfrentou as esquerdas no Brasil*[6] e que permanecia *um dos poucos governadores, pode-se dizer entre os quase três únicos, que apoia o presidente Bolsonaro*[7]. Os dizeres que vieram na sequência, no entanto, inverteram de forma radical e instantânea as reações das pessoas ali presentes.

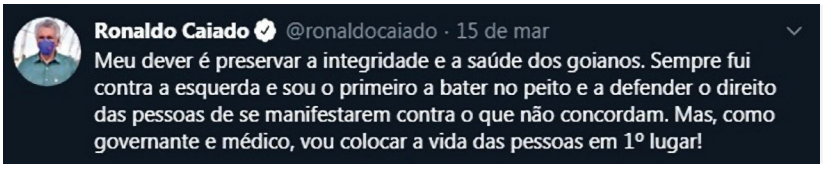
O chefe do Executivo conclama o público a *entender uma coisa só: vocês têm que entender que eu sou um médico. Antes de ser governador de estado, eu sou médico. E vocês precisam entender, a menos que vocês não estejam olhando para o mundo, o que está ocorrendo. Vocês precisam ter, mais do que nunca, responsabilidade de não fazer com que aglomerações provoquem a disseminação do coronavírus*[8]. Essa postura de rechaço ao negacionismo prevalecente no discurso bolsonarista teve como resultado a conversão dos aplausos em vaias e serviu de ingrediente para uma sequência de novos pronunciamentos de Caiado naquele mesmo dia após a saída tumultuada do evento. Ele usou sua conta pessoal no Twitter para publicar textos e um vídeo que, juntamente com o trecho acima, servem como parte do material empírico utilizado em nossa análise.

Ronaldo Caiado discursa sob vaias em ato pró-Bolsonaro em 15 de março (Foto: Reprodução/Twitter).

6 . FOLHAPRESS, 2020.

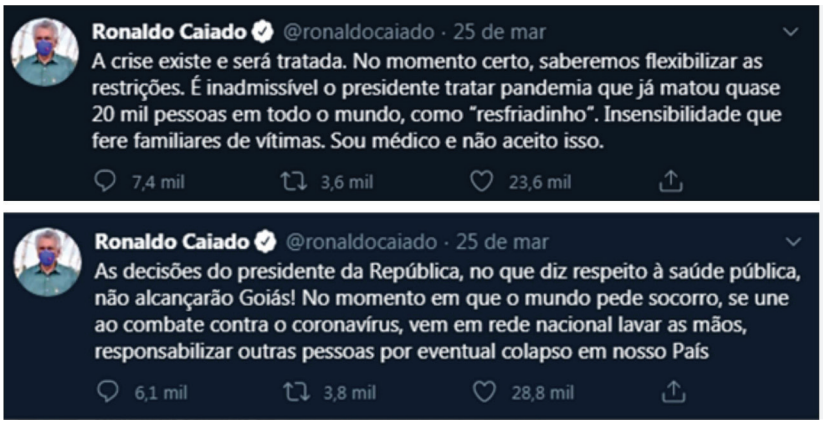
7 . Ibidem.

8 . FOLHAPRESS, 2020.


Ronaldo Caiado @ronaldocaiado · 15 de mar
Meu dever é preservar a integridade e a saúde dos goianos. Sempre fui contra a esquerda e sou o primeiro a bater no peito e a defender o direito das pessoas de se manifestarem contra o que não concordam. Mas, como governante e médico, vou colocar a vida das pessoas em 1º lugar!

(Foto: Reprodução/Twitter)

Além de retomar os pontos-chave do discurso proferido horas antes, Caiado já delimita a cisão política propiciada pela pandemia. Sua concordância com o movimento bolsonarista era colocada em xeque na medida em que este menosprezava a integridade e a saúde da população. Esta mesma tônica é emblematicamente reforçada num vídeo publicado na sequência, no qual o governador parafraseia o slogan de campanha de Bolsonaro dizendo que *a vida está acima de tudo e é ela que eu vou defender*[9]. A partir desse conjunto de pronunciamentos, constata-se a gênese de um novo *eles* e de um novo *nós*. Primeiro as linhas divisórias foram demarcadas diante do movimento bolsonarista e das atitudes de seus membros. Porém não tardou para que essa fissura se projetasse para a pessoa do presidente, tendo como estopim o discurso proferido por este em cadeia nacional no dia 25 de março, no qual classifica a Covid-19 como uma gripezinha e tenta transferir aos governadores o ônus pela crise econômica que seria produto das medidas de isolamento social implementadas por gestores estaduais e municipais. As reações de Caiado a esse pronunciamento correspondem ao restante do material empírico que ora analisamos.


Ronaldo Caiado @ronaldocaiado · 25 de mar
A crise existe e será tratada. No momento certo, saberemos flexibilizar as restrições. É inadmissível o presidente tratar pandemia que já matou quase 20 mil pessoas em todo o mundo, como "resfriadinho". Insensibilidade que fere familiares de vítimas. Sou médico e não aceito isso.
7,4 mil 3,6 mil 23,6 mil
Ronaldo Caiado @ronaldocaiado · 25 de mar
As decisões do presidente da República, no que diz respeito à saúde pública, não alcançarão Goiás! No momento em que o mundo pede socorro, se une ao combate contra o coronavírus, vem em rede nacional lavar as mãos, responsabilizar outras pessoas por eventual colapso em nosso País
6,1 mil 3,8 mil 28,8 mil

(Foto: Reprodução/Twitter)

9 . CAIADO, 2020a.

Na esteira dessas falas, o governador tenciona alcançar um público mais geral que, de um modo ou de outro, seria parte implicada pelo problema. Entretanto, pode-se perscrutar que há uma tentativa de reaver seu núcleo duro de seguidores que existia — e crescia — antes do bolsonarismo. Ou seja, é aberto um front de disputa dentro do campo da direita e da extrema-direita. Cabe lembrar que, diferentemente de parcela expressiva dos governadores eleitos em 2018 em franco alinhamento a Bolsonaro, Caiado ostenta capital político próprio e um tipo de liderança carismática que lhe asseguram apoiadores fiéis há várias décadas. As constantes menções à sua histórica oposição às esquerdas são uma decorrência disso, juntamente com a valorização de seu perfil socioprofissional que compreende recurso importante de sua reputação. Por fim, o chamamento à união para lidar com a pandemia indica um aceno para novos aderentes que se aglutinam em torno de uma postura científica. Não é fortuito que entidades como a Organização Mundial da Saúde (incluindo seu diretor, Tedros Adhanom), a Universidade Federal de Goiás e a Fundação Oswaldo Cruz passariam a ser mencionadas com grande destaque por Caiado.

Todavia, essa tentativa de composição política com novos atores e instituições não se converteria num ativo com o qual o governador goiano poderia municiar-se para dar sustentação ao seu posicionamento médico-científico. Na realidade, a sequência das medidas de isolamento social capitaneadas por Caiado foi perdendo força na medida em que os imperativos da administração pública e da política federativa brasileira tendiam a colocá-lo numa situação fragilizada (em verbas e apoios) para gerir o estado em crise. É fato que a defesa das medidas de contenção de pandemia e da ciência se mantiveram no repertório caiadista, mas foram matizadas e tiveram que conviver com outras urgências.

Análise do discurso

A produção do discurso caiadista diante da pandemia seguiu um *continuum* em que os argumentos de natureza técnico-científica demarcaram a primeira linha divisória frente às novas oposições constituídas no bojo desse processo. Os pronunciamentos em apreço partem da rejeição ao negacionismo e logo incorporam um componente de cunho afetivo/emocional fazendo

alusão direta à insensibilidade com as vidas perdidas e a uma dimensão moral explícita que apela à humanidade das pessoas. Por ocasião da ruptura com o presidente, Caiado condena o sectarismo e a omissão de Bolsonaro, ressaltando que a conjuntura exige acordos no reconhecimento e no enfrentamento do problema. Na composição dos marcos interpretativos do goiano, esses elementos se articulam e criam clivagens que subsidiam sua leitura do estado atual de coisas assim como do conjunto de ações que deveriam ou não embasar a intervenção sobre essa realidade.

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
Marco de diagnóstico	**Problema**		**Injustiça**
	A pandemia causada pela COVID-19, o *inimigo invisível que não aceita erros e atenta contra a integridade e a saúde dos goianos.*		Negar e se omitir diante do problema equivalem a *fazer roleta russa com a cabeça dos outros dentro de uma tragédia mais do que anunciada.*
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	A minha meta como médico e governador é chegar ao fim desse período com o menor número possível de perdas de vidas e com maior capacidade de recuperação econômica; *Só depois que salvarmos vidas e todo esse problema passar, aceito falar de política.*	*O presidente da República tem um pensamento e Ronaldo Caiado tem outro. Ele tem a convicção dele e eu tenho a minha;* *Nós estamos brigando é contra o coronavírus. Eu não estou brigando com ninguém;* *Alguns poucos que acham que estou agindo com muita dureza, vocês podem achar. Mas terão que cumprir o decreto. Não vou admitir que alguns poucos preguem a desobediência quando se baixa um decreto para salvar vidas em Goiás.*	*A vida está acima de tudo e é ela que eu vou defender.*
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	Meu foco está em gente de verdade, pessoas de carne, osso, coração e sentimentos. Pessoas que precisam de mim em um momento tão delicado; *É desumano você imaginar uma cova única com centenas de pessoas sendo enterradas ali com a pá mecânica;* *É inadmissível alimentar crise política no meio dessa pandemia de coronavírus;* *Não vou aceitar a tese de Pôncio Pilatos. As responsabilidades pelas consequências terão que ser assumidas por todos;* *É algo que está exigindo de nós muita humildade quando você tem tanta gente querendo opinar sobre o tratamento que, de repente, não tem nenhum embasamento.*	*Sempre defendi dois princípios: a vida e a democracia;* *Deus me poupou do sentimento do medo e tenho coragem para enfrentar os problemas que afligem os goianos;* *Como governador do estado, eu tenho a autoridade e, como médico, um juramento. E, como tal, eu farei valer a defesa do povo de Goiás nesse momento;*	*Nesta luta contra o coronavírus, ainda não encontramos a vacina, mas temos remédio muito eficaz: a informação que orienta e que desarma as fake news;* *Vamos deixar a ciência coordenar os protocolos. Não tem nada pior do que a tese do achismo;* *É preciso consciência da importância de medidas preventivas. Evitem sair de casa;* *Eu fui o primeiro a baixar a quarentena quando ainda não tinha nenhum caso em Goiás. E trabalhamos fortemente para aparelhar outros hospitais.*

Consoante à primazia atribuída à sustentabilidade da vida, o problema maior no diagnóstico do governador é a pandemia causada pelo novo coronavírus e seus efeitos nefastos sobre a população de seu estado. Para ele, trata-se de *inimigo invisível que não aceita erros, que pode ceifar muitas vidas goianas*[10]. Com base nesse entendimento, a crise sanitária ocasionada pela COVID-19 suplanta a importância das demais crises que o mandatário vinha enfrentando. Importa salientar que tal precedência é confirmada não somente pelo diagnóstico em si, mas também por uma inversão na hierarquia das identidades sociopolíticas feita pelo próprio Caiado: *antes de ser governador de estado, eu sou médico*[11]. Ou seja, o fato de ser médico e as obrigações decorrentes disso têm peso maior do que os constrangimentos impostos pela função de governador. Sendo assim, a crise fiscal passou a um segundo plano na medida em que *só com o menor número de vítimas do coronavírus e atendendo aos doentes, nós recuperaremos a economia*[12].

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Eles: Omissão e politização da pandemia	**Nós: Vida acima de tudo**
Jair Bolsonaro, núcleo bolsonarista e pessoas que orientam o Presidente, gabinete do ódio, lideranças empresariais	Governadores, ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, médicos, Universidade Federal de Goiás, OMS, Fiocruz
Defendem *liberar*	Defendem *isolar*
Politização da pandemia; adversários e desafetos como principais inimigos; politização	Separação entre política e pandemia; vírus como principal inimigo; decisões corretas
Ações erráticas com base em achismos; *palpiteiros*	Ações com base em evidências científicas
Omissos frente à pandemia; adeptos da estratégia Pôncio Pilatos *(lavam as mãos)*	Atuantes e comprometidos com as medidas de contenção; *atitudes enérgicas*
Banalização da morte; *roleta russa com a cabeça dos outros*	Luta pela vida acima de tudo; *intransigência para salvar vidas*
Sobrevivência da economia	Priorização da saúde, integridade e segurança alimentar da população
Egoístas, insensíveis e desumanos	Socialmente conscientes; humanistas
Promoção do ódio	Solidariedade
Depreciação dos jornalistas; desinformação e propagação de fake news que ameaçam a democracia	Enaltecimento dos jornalistas pela ética e busca da verdade que auxiliam no fortalecimento da democracia

10 . CAIADO, 2020b.

11 . CAIADO, 2020a.

12 . CAIADO, 2020c

No entanto, o atendimento aos doentes também demanda esforços econômico-financeiros que o estado, sozinho, não tem condições de arcar. Daí então os diagnósticos e prognósticos de Caiado sobre a pandemia o colocavam diante de um dilema: como gerir o problema sem o auxílio de verbas e recursos repassados pelo Governo Federal? Mesmo que boa parte dos repasses seja de caráter impositivo, a discricionariedade do Ministério da Saúde pode afetar enormemente as medidas emergenciais. Esse elemento parece ter pesado para a curta longevidade do rompimento *de facto* entre Caiado e Bolsonaro. Mas, paradoxalmente, o argumento do mandatário goiano seguiu sendo o da busca de fundos e recursos para lutar a contento contra a pandemia. Ou seja, mesmo em face do negacionismo prevalecente no Executivo Federal, a batalha contra o coronavírus no âmbito estadual requeria os repasses vindos de Brasília.

Dessa forma, a patente contradição dessa postura se atenua e o posicionamento do governador goiano continua enfatizando, por exemplo, que negar/omitir o problema constitui grave injustiça pois atenta contra a prioridade absoluta de preservação de vidas e são equivalentes ao ato de *fazer roleta russa com a cabeça dos outros*[13]. A meta-síntese de Caiado, a defesa da *vida acima de tudo*[14], vai de encontro aos ditames dos negacionistas identificados ao movimento bolsonarista e emblematicamente refaz o próprio slogan da campanha presidencial de Jair Bolsonaro. Embora afirme que está *brigando com o coronavírus e não brigando com ninguém*[15], Caiado deixa clara sua contrariedade a todos aqueles que relativizam o valor primaz da vida. Tanto é assim que o rompimento temporário dele com o Palácio do Planalto se deu a partir da constatação de que *o presidente da República tem um pensamento e Ronaldo Caiado tem outro*[16]. Na fase inicial da pandemia, o governador asseverava que *as decisões do presidente da República, no que diz respeito à saúde pública, não alcançarão Goiás*[17] e que os goianos que se fiam no pensamento do presidente *terão que cumprir o decreto. Não vou admitir que alguns poucos preguem a desobediência quando se baixa*

13 . BRASIL, 2020.

14 . CAIADO, 2021.

15 . RADIO SAGRES, 2020.

16 . CASA DO SABER, 2020.

17 . CAIADO, 2020d.

um decreto para salvar vidas em Goiás[18]. Essa fala, contudo, perdeu sua validade ao passo que os decretos de Caiado não foram renovados a partir de meados de julho de 2020. Passou a vigorar depois uma espécie de política de *laissez-faire* na qual os prefeitos ficaram responsáveis pelas medidas de contenção à pandemia, muito embora o discurso caiadista não tenha incorporado esse relaxamento ao seu léxico cotidiano.

Quando do traçado inicial dessa fronteira, a experiência internacional surgiu como crivo importante que endossava e reforçava o antagonismo em âmbito nacional. Caiado dizia que *os Estados Unidos foi um colapso enorme*[19], em oposição ao país que *conseguiu um dos melhores resultados, a Alemanha*[20]. Além disso, ele informa coadunar com premissas e diretrizes emanadas da Organização Mundial da Saúde tanto em termos das medidas sanitárias *per se*, quanto no tocante a instituição de auxílios financeiros que *garantam a dignidade das pessoas e lhes permitam cumprir as medidas de saúde pública*[21]. Outros elementos distintivos entre o *nós* e o *eles* estão dispostos abaixo na caracterização das identidades antagônicas que denotam a conformação concreta daquilo que se define moral e legitimamente no marco de motivação.

Nesses quesitos, Caiado recorre a categorias como *humanidade, humildade, respeito, sentimento*[22] e também diversas alusões a valores religiosos e menções *a Deus*. Desse modo, cria-se um conjunto de justificações de ordem moral e afetiva com grande potencial de convencimento e geração de aderência. O entrelaçamento dessas virtudes à figura de Caiado expressa-se na reconstrução sociopolítica que evoca seu apreço pela vida, pela democracia, pela ciência, pela autoridade e pelo cumprimento de palavra. Não é coincidência que seu programa de ação tenha se estruturado em torno de uma estrita observação dos protocolos científicos, de princípios como prudência e prevenção, e ainda de informação qualificada e fidedigna para orientar e esclarecer a população.

Esse *eles* é construído a partir dos pronunciamentos do governador do dia 15 de março de 2020, quando sua postura científica ante a pandemia entra em

18 . CAIADO, 2020e.

19 . CASA DO SABER, 2020.

20 . Ibidem.

21 . CAIADO, 2020f.

22 . CAIADO, 2020g.

choque com a visão de mundo negacionista dos manifestantes bolsonaristas que incorriam em aglomeração pública mesmo após a expedição de orientações em contrário do governo estadual. Na sequência, o *eles* é acrescido do próprio presidente Bolsonaro e seu núcleo político que entendem a pandemia como um mero *resfriadinho*[23], refutando não só a existência do problema como as medidas de distanciamento social levadas a cabo por governadores e prefeitos. Mais ainda, essas ações de contenção da doença seriam o mal maior que viria a destruir a sustentabilidade da economia. De pronto, Caiado rebate essa postura: *sou médico e não aceito isso. A crise existe e será tratada*[24].

Cadeia de equivalências do *eles*

23 . CAIADO, 2020g.

24 . Ibidem.

Eles, portanto, defendem o fim do isolamento social ou o isolamento vertical, o que Caiado rechaça: *fazer isolamento vertical, ou seja, isolar apenas o grupo de risco, não é uma estratégia eficaz no combate ao coronavírus. É científico!*[25] *Eles* são aqueles que politizam e se omitem perante a pandemia. Estes dois atributos compõem os pontos nodais que o discurso caiadista imputa ao *eles*, na órbita dos quais se perfilam atitudes que visam confundir o cidadão por meio de teses equivocadas e compartilhamento de fake news para disseminar ódio e desinformação. Ademais, *eles* são os indivíduos que agem guiados pela irresponsabilidade e pelo egoísmo, desprovidos de empatia para com o próximo. Destaca-se, nessa contraposição, a seguinte convocação feita por Caiado: *aos que destilam ódio, peço que transformem essa energia e doem cestas básicas à OVG*[26] *e sejam voluntários dos colegas da saúde no tratamento dos pacientes de coronavírus no Hospital de Campanha*[27].

Rivalizando com tais atributos que definem o *eles*, Caiado constrói o *nós* a partir dos atributos que remetem a um comprometimento com a preservação de vidas e à empatia com o sofrimento e a vulnerabilidade alheia. Destaca-se um tipo de articulação do discurso científico em diferentes níveis, englobando os ditames emanados por agências multilaterais como a Organização Mundial de Saúde, os protocolos feitos pelo Ministério da Saúde (especialmente à época em que esteve encabeçado por Luiz Henrique Mandetta) e as recomendações elaboradas pela equipe estadual de saúde. Há também uma vinculação dessa estratégia integrativa com uma narrativa de valorização da democracia e das instituições políticas como pilares para um melhor enfrentamento do problema.

25 . CAIADO, 2020h.

26 . Organização das Voluntárias de Goiás, entidade filantrópica vinculada ao governo de Goiás geralmente presidida pela primeira dama do estado.

27 . CAIADO, 2020i.

Cadeia de equivalências do *nós*

No discurso de Caiado, omissão/politização da pandemia faz as vezes tanto de ponto nodal quanto de significante vazio. O termo conecta, resume e também aparece como substituto para todos os demais itens que ajudam a rotular negativamente o *eles*. No extremo oposto, a construção do *nós* lança mão da expressão vida acima de tudo que também cumpre dupla função: ponto nodal e significante vazio. Desse modo, temos dois significantes vazios mutuamente excludentes que ocupam o cerne do antagonismo discursivo sem necessariamente trazerem a reboque significados substanciais. Contudo, são suficientes para demarcar um campo de disputas até então inexistente que contrapõe Caiado, de um lado, e o negacionismo de Bolsonaro e seu núcleo político, de outro.

Conforme sucintamente mencionado acima, o discurso caiadista reveste-se de um tom eminentemente técnico-científico eventualmente entremeado por uma narrativa que mobiliza dimensões dos sentimentos/afetos e dos valores morais e religiosos. Dessa combinação surgem formulações como *a tese de Pôncio Pilatos*[28]. Ao que tudo indica, ela foi, a priori, endereçada ao presidente da República em referência à omissão deste ante a emergência sanitária e o endosso que ele vinha representando às posturas negacionistas. Para eles, Caiado assevera que *as responsabilidades pelas consequências terão que ser assumidas por todos*[29].

A tese de Pôncio Pilatos também é um bom indicador para mostrar o alcance e a penetração dos discursos de Caiado em diferentes tipos e veículos de mídia. Essa fala aparece na conta pessoal do governador no Twitter, em entrevistas à mídia tradicional e, também, em *lives* nas quais ele participa como convidado. O capital político de Ronaldo Caiado há muito vem lhe rendendo amplo espaço nos grandes veículos de mídia do país, embora sua chegada ao Executivo goiano tenha produzido uma redução relativa de sua exposição aos holofotes dos principais telejornais nacionais, por exemplo. Ainda assim, ele mantém presença apreciável em jornais impressos como Valor Econômico e revistas como Veja, especialmente considerando o espaço usualmente dedicado por esses meios a governadores de estados periféricos. Já no circuito das redes sociais, Caiado acumula 905 mil curtidas em seu perfil no Facebook, 531 mil seguidores no Twitter, e 437 mil seguidores no Instagram. Nessas plataformas alimentadas quase diariamente, ele publica pronunciamentos, notícias, análises e comentários sobre assuntos diversos, além de ser relativamente assíduo na produção de *lives* transmitidas precipuamente no Facebook.

O apelo do discurso caiadista e as idas e vinda da disputa de hegemonia

A sobreposição observada entre a base caiadista e a base bolsonarista em Goiás foi tensionada com o advento da pandemia em razão das posições

28 . CAIADO, 2020j.

29 . Ibidem.

antagônicas adotadas pelos chefes do Executivo estadual e federal. Um desdobramento evidente disso ocorreu no âmbito das redes sociais onde Caiado passou a ser alvo de críticas manifestadas e compartilhadas por apoiadores do presidente, frequentemente compostas — no todo ou em parte — por *fake news*. Em 26 de março, a revista Veja veiculou matéria (repercutida no Twitter do próprio governador) informando que Caiado virou alvo do gabinete do ódio tão logo rompeu com Bolsonaro (BONIN, 2020). Nas postagens virtuais, ele passou a ser tachado como traidor e comunista. Paradoxalmente, esses atritos parecem não ter impactado nos índices de aprovação do governo Caiado segundo pesquisa de opinião realizada no final de maio de 2020 pelo Instituto Paraná Pesquisas e pelo site Poder 36 (PARANÁ PESQUISAS, 2020).

De acordo com esse levantamento, a administração de Caiado era aprovada por 70,1% dos goianos. No tocante às ações do governador no combate ao coronavírus, esse índice de aprovação alcançava 73,7%. Essa avaliação positiva de quase ¾ do eleitorado para o governo Caiado, em geral, e para suas políticas de enfrentamento à pandemia, em particular, está ancorada em um amplo espectro de apoios. As faixas amostrais em que a aprovação supera os 70% nesses dois quesitos ilustram essa tendência: pessoas do sexo feminino, adultos acima dos 45 anos e pessoas com ensino fundamental completo. Em se tratando somente das políticas de combate ao coronavírus, os resultados positivos são ainda mais expressivos. Dentro da margem de erro de 2,5% estimada pela pesquisa, só dois grupos situam-se de modo levemente consistente abaixo da aprovação de 70%: os homens (68,4%) e os evangélicos (68,0%).

Embora o viés de positivo seja explícito tanto na aprovação geral quanto nas ações ante a crise sanitária, uma pista importante sobre a oscilação de apoios e rejeições advém da análise da dispersão dos diversos índices. Com efeito, os números relativos à aprovação geral são mais dispersos e ajudam a fixar o índice médio em 70,1%. No caso das políticas emergenciais de saúde pública, os números são menos dispersos e deixam o índice médio em patamar superior, de 73,7%. Isso pode indicar que objeções a Caiado continuam latentes em diversas frentes, mas perdem força na avaliação de

sua estratégia frente à pandemia. Na desagregação do índice de reprovação desse item (21,8%) chama atenção os números concernentes aos evangélicos em que se registra a maior alta dentre todos os segmentos: 26,9%.

Dentro das estratificações contidas na pesquisa e tendo em vista a sobreposição observada entre as bases caiadistas e bolsonaristas, é possível inferir que os evangélicos — especialmente do sexo masculino — correspondem ao grupo em que o rompimento entre Caiado e Bolsonaro teve maior impacto, redundando numa perda de apoio do primeiro. Um derradeiro estrato levemente destoante é relativo à faixa etária. Enquanto as avaliações positivas das medidas de combate ao coronavírus sobem de 3,5 a 4% se comparadas à aprovação geral do governo, esta elevação é de apenas 2,4% para o grupo entre 35 e 44 anos de idade. Se justapormos esses três segmentos em que a aprovação de Ronaldo Caiado é menos significativa, temos um retrato do perfil social mais refratário ao governador: homem, evangélico e de meia idade.

Um dado importante que nos ajuda a interpretar e contextualizar esses índices diz respeito ao segmento tipificado como não sabe/não opinou. Na avaliação geral do governo, esse contingente perfazia 5,5% do total, ao passo que no tocante às medidas de enfrentamento à pandemia, esse segmento retroage a 4,5%. Tal fato desvela um quadro contraintuitivo no qual a desinformação e/ou a indiferença são menores em relação a um conjunto de políticas públicas específicas (na área da saúde pública) do que a respeito do governante que as implementa. Por certo, a excepcionalidade causada pela pandemia responde em parte a esse fenômeno. A isso se somam os altos percentuais de isolamento social conseguidos em Goiás logo no início da crise sanitária, conforme lembrado pelo próprio Caiado: *nós chegamos a conseguir em Goiás um isolamento de 66,4%. Foi a maior taxa de isolamento social do país*[30]. Ou seja, mesmo em face dos tensionamentos polí-

30 . CASA DO SABER, 2020.

ticos entre Caiado e Bolsonaro e da insatisfação de líderes empresariais do estado, as *políticas enérgicas*[31] de enfrentamento à pandemia tiveram amplo alcance e adesão.

Em vista disso, entende-se que a aposta de Caiado na via científica de enquadramento e tratamento do problema ecoou positivamente entre os seus apoiadores habituais tanto quanto entre os possíveis aderentes. A opção do governador por buscar subsídios científicos para suas decisões juntamente com a autoridade médica amealhada por ele próprio são variáveis-chave na compreensão dessa dinâmica. Sob essa lente, não parece ser despropositada a abordagem de Caiado que confere primazia à medicina e à ciência em detrimento da politização da pandemia. Assim, esse discurso anti politização acabou resultando em ganhos políticos (mesmo que momentâneos), segundo a pesquisa supraexposta. Ao apoiar a criação de órgãos como o Grupo de Modelagem da Expansão da Covid-19 em Goiás, da UFG, e do Comitê de Operações de Emergência em Saúde Pública do Estado de Goiás (COE-COVID-19), Caiado fortalece sua própria autoridade ao reforçar positivamente sua identidade técnico-científica na medicina, exercendo uma relativa atratividade aos olhos de aderentes que valorizam tais atributos na circunstância de uma pandemia.

Nesse contexto, controvérsias acerca das posições políticas ultraconservadoras e da liderança ruralista que marcam a trajetória de Caiado tendem a ser relegadas a um segundo plano. As promessas do governador por uma superação da pandemia salvando o máximo de vidas possível e construindo capacidades para a recuperação econômica se encaixam como peças fundamentais no mosaico da aprovação ascendente de Caiado. O apelo a esse caminho seguro calcado nos atributos da liderança do mandatário traça um cenário pós-pandemia menos traumático e desalentador do ponto de vista sanitário e econômico. Os componentes do discurso acionam um imaginário otimista em relação ao futuro e dão margem para que as ações do presente, ainda que duras, sejam endossadas pela maioria. Ao fim e ao cabo, a clivagem primordial entre o *nós* e o *eles* assentada em parâmetros científicos

31 . Ibidem.

(leia-se racionais) também mobiliza um eclético repertório de argumentos e justificações da ordem dos sentimentos, afetos e paixões que terminam por reposicionar e ressignificar os elos entre o emissor dos discursos e seus receptores.

Mecanismos semelhantes também requalificam os antagonismos encarados por Caiado. As medidas restritivas de isolamento social levadas a cabo no estado ensejaram insatisfação e contrariedade em diversos segmentos sociais que antes apoiavam o chefe do Executivo. As críticas mais contundentes vieram, de um lado, do setor empresarial e de suas entidades de representação e, de outro lado, de lideranças e grupos evangélicos. Em relação aos primeiros, Caiado diz que *logo no início, eu fui duramente contestado, até por um líder empresarial. Eu falei: "olha, é muito fácil para alguns propor roleta russa com a cabeça dos outros. Aí é fácil". Ele não entra no risco. Deixa as pessoas se arriscarem pegando o ônibus todo dia*[32]. O líder empresarial referido aqui é o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), ex-deputado federal pelo MDB e amigo pessoal do governador que havia sido favorável a uma coligação de seu partido com o DEM de Caiado nas eleições de 2018, o que acabou não ocorrendo.

O veio político-eleitoral e o comportamento do MDB também informam parte dos desentendimentos que emergiram entre Caiado e o segmento evangélico. A aliança entre essas partes era bastante evidente na composição da chapa eleita para o Senado em 2014, sendo a primeira suplência ocupada por político do MDB ligado à Assembleia de Deus. Com a renúncia de Caiado para assumir o governo de Goiás em 2018, o mandato em Brasília foi passado em definitivo para o emedebista. Isso não impediu, todavia, que as ações de enfrentamento à pandemia no estado, que incluíram a proibição de cultos e demais eventos com aglomeração de pessoas, fossem duramente contestadas por líderes de diversas denominações protestantes. A contenda

32 . CASA DO SABER, 2020.

envolveu ações judiciais, pressões sobre prefeitos para flexibilização das regras estaduais e, evidentemente, se expressa na perda de apoio de Caiado no seio desse segmento conforme demonstrado acima.

Parcela significativa desses dois grupos veem seus interesses contrariados pelas ações de contenção ao coronavírus que impactam no prosseguimento de suas atividades. Eles estão entre os principais porta-vozes do discurso que defende liberar. O presidente da FIEG opõe-se ao crivo mais elementar delineado pelo governador face à pandemia: *Caiado pensa com cabeça de médico; ele tem de pensar com a cabeça de governador*[33]. Já os próceres evangélicos não somente se opuseram fervorosamente ao fechamento dos templos religiosos, como foram os primeiros a obter uma flexibilização das regras com pouco mais de um mês de sua vigência. Quando o governador tentou reincluir as igrejas no rol de instituições que voltariam a ser fechadas por conta do avanço da pandemia, a Assembleia de Deus foi representada por um de seus pastores que também é deputado federal (PRB-GO) numa ação judicial que autorizou liminarmente a continuidade das atividades nos templos religiosos.

Enquanto o líder empresarial sublinha um discurso de contornos racionais ao formular suas críticas ao governador, o pastor-deputado ancora-se precipuamente numa fundamentação que apela às paixões ao sustentar que as igrejas incluem-se na categoria de serviços essenciais e que *não fecham nem tempo de guerra*[34]. Todas essas polêmicas recrudescem as dissidências dentro do bloco de apoio original de Caiado mas ainda não dão sinais claros de desgaste do governador em termos gerais perante a opinião pública. Contudo, elas devem ter desdobramentos importantes nos encaminhamentos para a crise sanitária e para o período subsequente, perpassando as eleições municipais de 2020 e o pleito de 2022. Nessa seara político-eleitoral, é pouco provável que o governador logre transformar em votos o apoio recebido às suas ações de enfrentamento à pandemia por parte de eleitores com tendência ao centro e à centro-esquerda no espectro político.

33 . MARTINS, 2020.

34 . SAGRES ONLINE, 2020.

Concluindo

A opção de Ronaldo Caiado em priorizar suas responsabilidades enquanto médico àquelas inerentes ao cargo de governador de estado vem marcando seu discurso diante da pandemia de COVID-19, muito embora os imperativos e imponderáveis da política e da administração pública nunca tenham saído de cena. Mesmo quando ele não encontrou respaldo político para conter a flexibilização das medidas de distanciamento social, enfatizou que *como governador, vou vocalizar o que a maioria estiver disposta a colocar em prática, mas vou continuar lutando pela vida*[35]. Essa tenacidade em favor da sustentabilidade da vida e da abordagem científica se mantém mesmo após uma reaproximação do presidente da República e se prolonga para o combate veemente de Caiado a protocolos de tratamento da COVID-19 sem embasamento científico: *política pública de saúde tem de ter comprovação de resultado e autorização técnica*[36]. Portanto, o crivo da razão ainda está no cerne do discurso caiadista, todavia o recurso à esfera dos sentimentos, afetos e paixões apareça eventualmente.

Encontro entre Caiado e Bolsonaro durante inauguração de hospital de campanha no entorno do Distrito Federal (Foto: Flickr Palácio do Planalto).

35 . CAIADO, 2020j.

36 . CASA DO SABER, 2020.

A despeito da cisma que o discurso técnico-científico de Caiado representa em relação ao negacionismo bolsonarista, as medida do governador no combate à pandemia lograram ser amplamente aprovadas em Goiás (estado onde as amplas bases de apoio ao governador e ao presidente são praticamente coincidentes). Conforme exposto acima, os índices de aprovação do governador em sua gestão da crise sanitária são mais elevados do que os percentuais de sua aprovação geral. Isso mostra um movimento de aderência ao corolário sustentado pelo mandatário goiano por parte de um eleitorado de centro e de centro-esquerda que, em tese, suplantaria a relativa perda de apoio observada no seio de setores como o evangélico. *Ipso facto*, é patente que o advento da pandemia tenha se configurado enquanto uma janela de oportunidade para que Caiado reforce sua posição de poder e mitigue futuros revezes propiciados pelos efeitos de médio e longo prazo da crise atual.

Sob tais circunstâncias, a conhecida intransigência de Caiado em determinadas agendas e seu discurso mais propenso ao confronto do que à conciliação podem ter se convertido num ativo político com valorização ascendente. Seu discurso pregando a *não transigência para salvar vidas*[37] parece reunir elementos que apontam alguma eficácia na atração da opinião pública durante a vigência da pandemia. Por outro lado, a suspensão das hegemonias e a inflexão no jogo político desencadeada por essa pandemia seguem dando margem a novas oportunidades e constrangimentos na construção dos discursos, de forma que o apego de Caiado ao discurso científico e à sustentabilidade da vida pode, no limite, se aproximar de um padrão de contingência que faça lembrar toda a plasticidade envolvida na definição entre o *nós* e o *eles* que disputam vez e voz na arena da política.

REFERÊNCIAS

BRASIL, F. M. “É muito fácil propor roleta russa com a cabeça dos outros”, diz Caiado. O Antagonista, 22 abril 2020. Disponível em: oantagonista.com/brasil/e-muito-facil-propor-roleta-russa-com-a-cabeca-dos-outros-diz-caiado/. Acesso em 26 abril 2020.

37 . Ibidem.

BONIN, R.. Caiado virou alvo do gabinete do ódio tão logo rompeu com Bolsonaro. VEJA, 26 março 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/blog/radar/caiado-virou-alvo-do-gabinete-do-odio-tao-logo-rompeu-com-bolsonaro/. Acesso em: 23 maio. 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). A atitude evidencia a sua falta de empatia, além de um grande egoísmo e desrespeito pela vida. Como governador, nunca fiz contas de quantas pessoas já atendi nem o seu local de origem. Defendo a vida, acima de tudo. Brasil, 23 fevereiro 2021. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1364347321824268292. Acesso em: 27 fevereiro 2021.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Pedi aos manifestantes que encerrassem a manifestação em Goiânia e que poderiam fazer uma carreata. Temos uma pandemia de coronavírus e é minha obrigação como governador e médico zelar pela saúde do meu povo. Sempre apoiei as manifestações, mas é preciso ter responsabilidade. Brasil, 15 março 2020a. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1239314078058909698. Acesso em: 20 março 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). É necessário que todos usem de bom senso, façam sua parte e cumpram o que for definido depois do dia 4. Estamos diante de um inimigo invisível que não aceita erros, que pode ceifar muitas vidas goianas. E isso não podemos admitir. Brasil, 27 março 2020b. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1243687615284609024. Acesso em: 29 março 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Sempre defendi dois princípios: a vida e a democracia. Não vou fazer roleta russa com a cabeça do trabalhador para agradar quem quer que seja. Vida não tem preço. Só com o menor número de vítimas do coronavírus e atendendo aos doentes, nós recuperaremos a economia. Brasil, 20 abril 2020c. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1252300305762586624. Acesso em 25 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). As decisões do presidente da República, no que diz respeito à saúde pública, não alcançarão Goiás! No momento em que o mundo pede socorro, se une ao combate contra o coronavírus, vem em rede nacional lavar as mãos, responsabilizar outras pessoas por eventual colapso em nosso País. Brasil, 25 março 2020d. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1242850065808527361. Acesso em: 26 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Alguns poucos que acham que estou agindo com muita dureza, vocês podem achar. Mas terão que cumprir o decreto. Não vou admitir que alguns poucos preguem a desobediência quando se baixa um decreto para salvar vidas Goiás. Brasil, 21 março 2020e. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1241393064670900229. Acesso em 26 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Mais de @DrTedros, da OMS: “Pessoas sem renda regular ou qualquer colchão financeiro merecem políticas sociais que garantam a dignidade e lhes permitam cumprir as medidas de saúde pública # COVID19 recomendadas pelas autoridades nacionais de saúde e pela @WHO. Brasil, 31 março 2020f. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1245076929050542080. Acesso em 4 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). A crise existe e será tratada. No momento certo, saberemos flexibilizar as restrições. É inadmissível o presidente tratar a pandemia que já matou quase 20 mil pessoas em todo o mundo, como “resfriadinho”. Insensibilidade que fere familiares de vítimas. Sou médico e não aceito isso. Brasil, 25 março 2020g. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1242852233911435264. Acesso em 25 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Não vamos acreditar em achismos. Sou médico e sempre confiei na ciência e na pesquisa. Fazer isolamento vertical, ou seja, isolar apenas o grupo de risco, não é uma estratégia eficaz no combate ao coronavírus. É científico! Vamos lutar pela vida! Brasil, 28 março 2020h. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1243888314748407810. Acesso em 25 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Aos que destilam ódio, peço que transformem essa energia e doem cestas básicas à OVG e sejam voluntários dos colegas da saúde no tratamento dos pacientes de coronavírus no Hospital de Campanha. Só depois que salvarmos vidas e todo esse problema passar, aceito falar de política. Brasil, 30 março 2020i. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1244634968137125889. Acesso em: 25 abril 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). Não vou aceitar a tese de Pôncio Pilatos. As responsabilidades pelas consequências terão que ser assumidas por todos. Como governador, vou vocalizar o que a maioria estiver disposta a colocar em prática, mas vou continuar lutando pela vida. Brasil, 14 maio. 2020j. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1260994383308099584. Acesso em: 14 maio. 2020.

CAMAROTTO, M. Plano B é fechar para liquidação, diz Caiado. Valor Econômico, 11 fevereiro 2020. Disponível em: valor.globo.com/politica/noticia/2020/02/11/plano-b-e-fechar-para-liquidacao-diz-caiado.ghtml. Acesso em: 9 maio. 2020.

CASA DO SABER. Isolamento e combate ao Covid-19, com Ronaldo Caiado e Mario Vitor Santos. Youtube, 6 maio. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=H4jSYmhtjKs. Acesso em 7 maio 2020.

FOLHAPRESS. Hostilizado, Caiado diz não aceitar chantagem de voto diante de pandemia. JORNAL O TEMPO, 16 março 2020. Disponível em: otempo.com.br/politica/hostilizado-caiado-diz-nao-aceitar-chantagem-de-voto-diante-de-pandemia-1.2311472. Acesso em 20 março 2020.

MARTINS, L. "Caiado pensa com cabeça de médico; ele tem de pensar com cabeça de governador" diz Fieg. SAGRES ONLINE, 1 abril 2020. Disponível em: sagresonline.com.br/caiado-pensa-com-cabeca-de-medico-ele-tem-de-pensar-com-cabeca-de-governador-diz-fieg/. Acesso em 03. abril 2020.

PULCINELI, F. Governo Caiado precisa abandonar discurso de "herança maldita" e deslanchar, dizem analistas. O Popular, 3 janeiro 2020. Disponível em: opopular.com.br/noticias/politica/governo-caiado-precisa-abandonar-discurso-de-heran%C3%A7a-maldita-e-deslanchar-dizem-analistas-1.1965692. Acesso em 17 maio. 2020.

PARANÁ PESQUISAS. Pesquisa de Opinião Pública Estado de Goiás, julho 2020. Disponível em: static.poder360.com.br/2020/05/Caiado-ParanaPesquisas.pdf. Acesso em 18 maio. 2020.

RADIO SAGRES. Entrevista com o governador de Goiás Ronaldo Caiado - Manhã Sagres. SoundCloud, 14 maio. 2020. Disponível em: soundcloud.com/sagres730/manha-sagres-595-entrevista-com-o-governador-de-goias-ronaldo-caiado-dem?in=sagres730/sets/manha-sagres-2020. Acesso em: 20 maio. 2020.

SAGRES ONLINE. Justiça autoriza pastor e deputado federal a ministrar cultos em igreja em Goiânia. SAGRES ONLINE, 5 julho 2020. Disponível em: sagresonline.com.br/justica-autoriza-pastor-e-deputado-federal-a-ministrar-cultos-em-igreja-em-goiania/. Acesso em 5 julho 2020.

4 . Do BolsoDoria ao Bolsonarovírus: o discurso de João Doria[1]

Renan Alfenas de Mattos, Jorge O. Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Eduardo Britto Santos, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Juanita Cuéllar Benavides, Ricardo Dias, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[2]

O acontecimento pandemia Covid-19 altera a normalidade estabelecida pelas relações de poder dominantes e coloca em suspense a formação hegemônica vigente, dando margem à disputa política de discursos — com suas narrativas nas dimensões nacional e internacional. Em nossa pesquisa geral, procuramos reconstruir o campo discursivo sobre a pandemia com os principais discursos em disputa, o "negacionista" e o "científico", que articulam com ênfases diferentes dois pólos temáticos: a sustentabilidade da economia e a sustentabilidade da vida. Neste capítulo, se procura caracterizar um dos principais porta-vozes nacionais do discurso científico: o Governador do Estado de São Paulo, João Doria.

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

Quem é João Doria?

João Agripino da Costa Doria Júnior, conhecido como João Doria, é atual governador de São Paulo, tendo sido eleito em 2018 pelo PSDB. Ele também foi prefeito da cidade de São Paulo, eleito em 2016, deixando o cargo para disputar as eleições governamentais.

Filho de um publicitário, marqueteiro político e ex-deputado federal cassado pela Ditadura Militar em 1964, Doria Jr construiu uma carreira como empresário, apresentador de programas televisivos, trabalhando também em cargos públicos de confiança, como Secretário Municipal de Turismo de São Paulo em 1983 e Presidente da Embratur em 1986. Em 2007,foi um dos principais articuladores do efêmero Movimento Cansei[3], que já mobilizava um discurso *antipetista e contra a corrupção*[4].

Apesar das indicações para cargos políticos e da participação em protestos, Doria buscou construir uma imagem do *empresário de sucesso* que governaria o Estado assim como governou suas empresas, sempre tentando se colocar como um *outsider* da política: *Eu sou gestor. Não tenho nada contra políticos. Mas eu não sou um* [5].

O Governador é criador e presidente licenciado do Grupo Doria, um conglomerado de empresas do ramo de comunicação e marketing, entre elas o Lide – Grupo de Líderes Empresariais, que reúne mais de 1.600 empresas que representavam cerca de metade do PIB privado do Brasil em 2016 (ÉPOCA, 2016), uma das razões para sua boa relação com o empresariado nacional.

Para além do *gestor*, como busca se construir, seu perfil também traz de imediato outras características ao imaginário social. Ao se vestir de gari[6], de jar-

3 . O Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros, ou Movimento Cansei, surgiu 5 dias depois de um acidente aéreo da TAM. Segundo Tatagiba, Trindade e Teixeira, *o Cansei, como o próprio nome dizia, expressava um sentimento de basta não só em relação ao caos aéreo, mas também em relação às denúncias de corrupção do Mensalão do PT, iniciadas em 2005*. Também há de se destacar o *caráter elitista da base social* do movimento, criticado e até ridicularizado na época. Para mais informações, ver TATAGIBA; TRINDADE e TEIXEIRA, 2015.

4 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos atores como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

5 . TAVARES; RIBEIRO, 2017.

6 . SANTIAGO, 2017.

dineiro[7] e de funcionário de zeladoria[8] para divulgar suas políticas quando ainda era prefeito de São Paulo, Doria buscou se colocar como um sujeito popular, mas acabou sendo retratado como *marqueteiro* por seus opositores. Tendo em vista o episódio da distribuição de *farinata,* e de um *meme* popular que mostrava sua expressão de ojeriza ao consumir *pastéis* e um *pingado,* surge a imagem de aversão aos mais pobres e de *almofadinha*[9]. A forma autoritária que a PM agiu com o seu apoio na expulsão de moradores de rua e no *massacre de Paraisópolis* durante um baile funk contribuíram para passar a imagem de defensor de uma *política dura* de segurança pública, o que para parte da sociedade expressou *desrespeito aos direitos humanos*.

Depois de apoiar o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, Doria começou a situá-lo como seu principal antagonista a partir da crise do Covid-19. Logo, entre os apoiadores do presidente, passou a ser visto como *traidor.* O *BolsoDoria,* slogan que representa a antiga aliança, persegue o governador em diversas entrevistas recentes que abordam essa mudança na relação de apoio. Bolsonaristas atuam em uma ampla campanha negativa contra ele, seja acusando-o de *traidor*, criticando as medidas de isolamento social de seu governo ou espalhando boatos contra o mesmo, tanto por meio das mídias sociais quanto de carreatas na Avenida Paulista e em outros lugares do estado de São Paulo. Além da *traição,* Doria é um possível adversário de Bolsonaro nas Eleições presidenciais de 2022.

Apesar da forte oposição *negacionista*, num primeiro momento, o *discurso científico* de Doria conquistou muitos adeptos, inclusive entre setores progressistas. Já num segundo momento, a partir da execução do *Plano São Paulo*, em 1 de junho de 2020, isto é, a partir do início do fim das medidas de isolamento social, quando a maior parte dos especialistas recomendava o contrário, tal apoio *progressista* começou a se deteriorar.

7 . UOL, 2017.

8 . G1 SÃO PAULO, 2017.

9 . O GLOBO, 2017.

Apesar disso, para as pretensões políticas de Doria, o acontecimento pandemia gerou oportunidades. A vacina desenvolvida pelo Estado de São Paulo em parceria com o Laboratório chinês Sinovac, foi a principal aposta do governador para superar a crise do Covid-19, com capacidade para colocá-lo na disputa pela hegemonia nacional. Porém, mesmo a vacina não é consenso entre os emissores do discurso científico e negacionista, e passou a ser um elemento de disputa política devido a sua origem chinesa e ao potencial capital político que pode gerar para os responsáveis por sua disponibilização para a população. No centro desta disputa estão Doria e seu maior antagonista, Jair Bolsonaro.

Performances em contraposição ao negacionismo

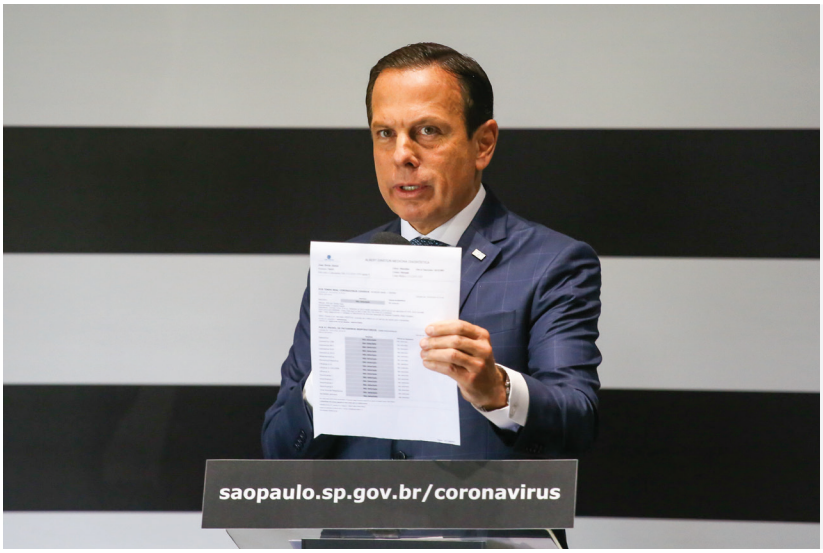
Desde o início da crise do Covid-19, Doria dizia-se alinhado com um *discurso científico* de combate à doença. O governador anunciou a criação do *Centro de Contingência do Coronavírus* ainda em fevereiro de 2020 e decretou as medidas de isolamento social a partir de março.

No dia 23 de março de 2020, Doria anunciou que o médico David Uip, Coordenador do Centro de Contingência do Coronavírus, havia testado positivo para Covid-19. No dia 24, o governador anunciou que testou negativo para o Covid-19, divulgando o laudo em sua coletiva e em sua conta do Twitter. No dia 25, ao apresentar a contraprova do teste em coletiva, ele afirmou que *São Paulo não esconde informações, São Paulo demonstra informações*[10]. Pouco tempo antes disso, de 7 a 10 de março, o presidente Jair Bolsonaro e sua comitiva viajaram para um encontro com Donald Trump nos EUA. Nos dias que se seguiram, 23 presentes na comitiva testaram positivo para o Covid-19 (MILITÃO, 2020). Trump fez o exame e divulgou o teste: negativo. Bolsonaro, anunciou que também fez o teste e que o resultado foi negativo. Porém, apesar dos pedidos de divulgação do exame para fins de comprovação, ele

10 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020a.

não o fez, embora tivesse participado de manifestações antidemocráticas pedindo o fechamento do STF e do Congresso Nacional em diversas ocasiões naquele mês.

A performance da divulgação do exame de Doria em coletiva, assim como seus comentários, devem ser compreendidos num contexto de antagonismo com Bolsonaro, representando também o antagonismo entre um *discurso científico* e um *discurso negacionista*.



Dória divulgando teste em coletiva no dia 24 de março de 2020 (Foto: Governo do Estado de São Paulo).

Os primeiros dias do mês de maio de 2020 foram repletos de manifestações negacionistas: profissionais de saúde em protesto pacífico na Praça dos Três Poderes, onde homenageavam pessoas que perderam a vida para a doença e pediam a população que ficassem em casa, foram agredidos verbalmente por bolsonaristas na sexta-feira, dia 1º. Nos dias que seguiram, carreatas e *buzinaços* em São Paulo e em outras cidades do país pediam o fim das medidas de isolamento social e criticavam duramente governadores, incluindo Doria. Em um desses eventos, no dia 3 de maio, manifestantes bolsonaristas bradavam em frente ao Palácio do Planalto pelo fechamento do Congresso e do STF, e jornalistas de diversos veículos de imprensa que cobriam estes atos antidemocráticos foram agredidos. Na segunda-feira dia 4, Doria, em sua tradicional coletiva no Palácio dos Bandeirantes, criticou os

milicianos fantasiados de patriotas que desrespeitam a vida e promovem o ódio[11] pelos ataques aos jornalistas e aos profissionais de saúde ocorridos nos dias anteriores.

Uma enfermeira de um hospital do interior de São Paulo recebeu um buquê de flores durante a coletiva como forma de homenagem aos profissionais de saúde do Estado.

Enfermeira recebendo buquê em coletiva (Foto: Site do Coren-SP).

Tal performance, que buscou se contrapor às hostilidades bolsonaristas, também abrangeu os profissionais de imprensa, e uma jornalista da TV Record também recebeu um buquê. Doria elogiou o papel dos veículos de imprensa durante a crise, destacando o *comportamento correto e adequado ao informar os brasileiros aquilo que eles podem e devem fazer, defendendo o isolamento social, defendendo também a pluralidade de opiniões, mas de maneira sensata, equilibrada e correta.* Cabe destacar a boa relação de Doria com os maiores grupos de imprensa do país. Não foram poucas as matérias positivas no Estadão e na Folha de S. Paulo sobre a atuação do governador nesta pandemia.

11 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020b.

As principais performances posteriores de Doria em relação à pandemia do Covid-19 se realizaram em torno do desenvolvimento de uma vacina para a doença. No dia 11 de junho, o governador anunciou em sua conta no Twitter que o laboratório chinês Sinovac Biotech, em parceria com o Instituto Butantan, produziriam a CoronaVac, a vacina contra o coronavírus, após os testes que comprovassem sua eficácia.

No dia 21 de julho, do Hospital das Clínicas de São Paulo para acompanhamento do início da fase 3 de testagem, Doria exibiu a vacina. *Uma honra poder presenciar esse momento e contribuir com um fato histórico para a ciência do Brasil, que poderá imunizar os brasileiros e salvar milhares de vidas*[12], postou o governador.

(Foto: Reprodução/Twitter)

No dia 30 de julho, o principal antagonista de Doria durante a crise do coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro, afirmou em *live* no Facebook que *se fala muito sobre a vacina da covid-19. Nós entramos naquele consórcio de Oxford, e pelo que tudo indica vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país, não, tá ok, pessoal?*[13]. A referência negativa à China — país presente em diversas teorias conspiratórias propagadas por

12 . DORIA, 2020j.

13 . BOLSONARO, 2020b.

bolsonaristas sobre a doença — com o objetivo de desqualificar a vacina evidencia como o debate se apoia em construções discursivas mais amplas, a quais chamamos de *discurso negacionista*. Três dias depois da declaração de Bolsonaro, Doria afirmou em sua conta no Twitter que torce *pelo sucesso da vacina de Oxford e pelo êxito de outras vacinas em desenvolvimento ao redor do mundo. Quanto mais vacinas tivermos, melhor. Nosso inimigo é o coronavírus. Aqui em São Paulo, valorizamos a vida*[14].

As controvérsias em torno da vacina continuaram quando Doria afirmou, no dia 16 de outubro, que *a vacinação seria obrigatória* em São Paulo. No mesmo dia, Bolsonaro postou no Facebook que *o Governo Federal não vê a necessidade de adotar tais medidas, NEM RECOMENDARÁ sua adoção por gestores locais*[15], sobre a vacinação compulsória.

Em 20 de outubro de 2020, o até então Ministro da Saúde Eduardo Pazuello anunciou a compra de 46 milhões de vacinas CoronaVac; porém, no dia seguinte, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que sua decisão era a de não adquirir a *vacina chinesa de João Doria*. Já no dia 10 de novembro, em resposta à decisão da ANVISA do dia anterior de suspender os estudos clínicos sobre a CoronaVac, Bolsonaro publicou no Facebook: *mais uma que Jair Bolsonaro ganha.* Como o motivo da suspensão foi uma morte não relacionada com a vacina, no dia 12, a Agência permitiu a retomada dos testes. Segundo Doria, *ficou claro que a decisão* (da suspensão) *foi motivada por uma orientação ou pressão exercida pelo Palácio do Planalto*[16].

Em meio às disputas com o governo federal, o plano de vacinação do Estado de SP foi divulgado por Doria no dia 7 de dezembro de 2020. Segundo o governador, a partir do dia 25 de janeiro de 2021, *todo e qualquer brasileiro que estiver em São Paulo e pedir a vacina receberá gratuitamente. Não precisará comprovar residência em São Paulo*[17].

14 . DORIA, 2020d.

15 . BOLSONARO, 2020a.

16 . LUZ; GONÇALVES, 2020.

17 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020c.

Um dia depois do anúncio do plano, em reunião com governadores dos Estados, o Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, respondeu à pergunta de Doria sobre o interesse na compra da CoronaVac, afirmando que a vacina *não é do estado de São Paulo, tá, governador?* Ela é do Butantan. *Eu não sei porque o senhor fala tanto como se* (a vacina) *fosse do estado. É do Butantan. O Butantan é o maior fabricante de vacina do nosso país. É respeitado por isso*[18]. A fala do Ministro expõe como a paternidade da vacina tornou-se objeto de disputa. Além disso, mostra a tentativa, ainda que sem muito esforço e por vezes contraditória, da transformação da *vacina chinesa de João Doria* na *vacina do Butantan, do Brasil*, uma vacina mais propícia a ser *encaixada* nas construções discursivas do *discurso negacionista*, tendo em vista um cenário de escassez de vacinas, em que se tornou muito difícil desqualificar a CoronaVac depois que ela teve sua eficácia comprovada por cientistas.

Em parte, essa disputa simbólica sobre a paternidade foi vencida por João Doria. No dia 17 de janeiro de 2021, a enfermeira Mônica Calazans foi a primeira brasileira a se vacinar contra a Covid-19 com a CoronaVac. E foi no Estado de São Paulo.

No momento do ato, João Dória vestia uma camiseta preta com uma bandeira do Brasil estampada ao centro, além dos dizeres *VACINA DO BUTANTAN / VACINA DO BRASIL* e se posicionou ao lado de Mônica. As expressões faciais do governador remetiam ao choro e apresentavam sinais de que estava emocionado. Em seu Twitter, no mesmo dia, escreveu: *Mônica Calazans: mulher, negra, enfermeira, vive no extremo da Zona Leste de SP, a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Representa não apenas os heróis e heroínas que atuam na linha de frente na pandemia, mas também o povo brasileiro. Finalmente os brasileiros serão imunizados*[19].

18 . MACHADO; PINHONI, 2020.

19 . DORIA, 2021.

(Foto: Reprodução/Twitter)

As performances sobre a vacina mostram como ela tornou-se um objeto de intensas disputas políticas entre o discurso *científico* e o *negacionista* devido a seu potencial para mobilizar aderentes. Na próxima seção, analisaremos o discurso de João Doria, que em nossa chave de análise se situa como discurso científico.

Contra o coronavírus e o Bolsonarovírus: análise do discurso

A análise levou em conta as práticas discursivas de João Doria, que incluem falas, textos, performances e ações significativas, bem como os marcos de interpretação da realidade que expressaram, ocorridos entre março e outubro de 2020. Nessa sessão, a partir do referencial teórico de *frames* ou *marcos interpretativos,* buscaremos realizar uma análise do *marco do diagnóstico,* do *marco do prognóstico* e do *marco de motivação.* Os *marcos* desempenham uma função interpretativa, simplificando e condensando aspectos do que está acontecendo, visando mobilizar apoiadores, angariar apoio de espectadores e desmobilizar antagonistas (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614).

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
	Problema		**Injustiça**
Marco de diagnóstico	A pandemia do coronavírus, que afetou e afeta milhares de vidas, demanda medidas de isolamento social para seu combate. Bolsonaro, entretanto, se coloca como um empecilho para a superação da doença. O presidente da República não usa máscara, estimula a aglomeração, cumprimenta pessoas, beija e abraça crianças, não usa álcool em gel nem fala da importância do isolamento. Além disso, as fake news colocam vidas em risco.		Vidas perdidas por causa do coronavírus agravadas pelo estímulo à desobediência à saúde e à medicina por parte do presidente Jair Bolsonaro.
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	Enquanto governador farei aquilo que a ciência aponta como necessário para salvar vidas. Estamos diante da maior crise de saúde enfrentada no último século. Toda vida importa. *Em SP, nunca trabalhamos com a falsa polêmica entre saúde e economia. As duas coisas andam juntas. Salvar vidas é nossa prioridade, mas sempre garantimos o funcionamento do maior número de atividades possível.* *A mim cabe fazer aquilo que o bom senso determina diante de uma pandemia, que é proteger as pessoas e não fazer disso um campo ideológico, partidário, ou de atender interesses de amigos, empresários, políticos. Isso não há em São Paulo. Tenho resistência suficiente e altivez para manter a quarentena, tomar as decisões que são importantes, mesmo aquelas que parecem impopulares.*	Presidente Jair Bolsonaro, seus filhos, bolsonaristas, manifestantes de carreatas pró Bolsonaro (a quem chamou de milicianos ideológicos e aliados da doença), atores sociais que não respeitam as políticas de isolamento social e compartilham fake news, extremistas de direita.	Estamos lutando contra o coronavírus e contra o Bolsonarovírus. Além de não admitir o contraditório, ainda estimula o povo do seu país na desobediência à saúde e à medicina. O que afronta o direito à vida. Inimaginável um presidente do Brasil sendo um exemplo do mal e conspirador contra a democracia
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/ política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	Os que respeitam a quarentena, que é um ato de respeito à vida e ao próximo; os que se guiam pela ciência para derrotar o vírus, pela inovação para retomar o desenvolvimento e pela solidariedade para reduzir o sofrimento; os que respeitam o luto de famílias que perderam seus entes queridos; os que respeitam os profissionais de saúde; os que defendem a vacina, que significa esperança. Vs Aqueles que incentivam a vida normal, que pressionam o prefeito da capital, que me pressionam para que possamos agir contra os nossos princípios; Aqueles que não entenderam a gravidade do pandemia, que menosprezam a doença, que espalham fake news sobre a vacina. O presidente, que estimulou a divisão país, que governa para seus interesses políticos e ideológicos, que vive numa bolha de ódio, que não possui liderança.	Utilizamos as experiências internacionais para aprendermos e não repetirmos erros. Quanto maior o isolamento, mais curto será o período da quarentena. O povo de São Paulo é resiliente e muito batalhador. Os indicadores demonstram que a recuperação da nossa economia está sendo rápida. Em São Paulo seguimos a saúde, respeitamos a ciência e fazemos o que é certo, não o que é fácil.	São Paulo preparou sua estrutura de saúde para enfrentar a curva de contaminação. Estamos comprando equipamentos. Ampliamos o número de leitos. Contratamos novos profissionais. Montamos hospitais de campanha. Adotamos medidas para reduzir o impacto social da pandemia. Hoje é um dia muito especial: ultrapassamos a marca de R$ 1 bilhão de doações de recursos, produtos e serviços arrecadados nas reuniões do Comitê Empresarial Solidário. O montante é fruto da colaboração de 251 empresas cidadãs e pessoas físicas. As contribuições foram feitas para famílias em situação de vulnerabilidade social e pessoas que necessitam de atendimento médico hospitalar. Estamos otimistas com a Coronavac, a vacina contra a COVID-19 desenvolvida pelo Instituto Butantan e o Laboratório Sinovac.

O *marco de diagnóstico* busca identificar o diagnóstico do problema, bem como a injustiça que se destaca. Para Doria, a pandemia do coronavírus, que afetou e afeta milhares de pessoas, demanda medidas de isolamento social e de proteção para salvar vidas. Jair Bolsonaro, entretanto, se coloca como um empecilho para a superação da doença. *O presidente da República não usa máscara, estimula a aglomeração, cumprimenta pessoas, beija e abraça crianças, não usa álcool em gel nem fala da importância do isolamento*[20]. Além disso, as *fake ews*, que incentivam a população a não respeitarem as medidas de saúde, que mobilizam um discurso anticomunista a partir da China para negarem a vacina em desenvolvimento em São Paulo, e que minimizam a pandemia, fazem parte do problema.

Para João Doria, o presidente e seus apoiadores atrapalham o combate ao vírus, promovendo o ódio, convocando manifestações antidemocráticas, atacando profissionais de saúde, políticos e a imprensa, não ajudando os estados, bem como desencorajando o isolamento social. Isso põe vidas em risco e, consequentemente, intensifica problemas econômicos, como o desemprego, já causados pelo vírus. Sendo assim, o problema das vidas perdidas por causa do coronavírus agravado pelo estímulo à desobediência à saúde e à medicina por parte do presidente Jair Bolsonaro são construídos pelo discurso de Doria como a injustiça que se destaca.

Já o *marco de prognóstico* busca soluções para os problemas diagnosticados. Nesse sentido, ao combater a pandemia do Covid-19 em seu estado, João Doria prioriza, em suas palavras, *salvar vidas*. *Em São Paulo, nunca trabalhamos com a falsa polêmica entre saúde e economia. As duas coisas andam juntas*[21], disse o governador. Para isso, a ciência e a medicina são fundamentais. São elas que apontarão os caminhos para salvar o maior número de vidas possíveis, já que *toda vida importa*.

Para o governador, *diante da pandemia o que deveria determinar os passos do governo oficialmente é a ciência, a medicina e saúde, não a política e nem*

20 . JIMÉNEZ; GORTÁZAR, 2020.

21 . DORIA, 2020i.

a economia ou pressões[22], numa clara alusão ao seu antagonista principal. O discurso *científico* de Doria se contrapõe a todo tempo ao *discurso negacionista* do presidente. Esse *estimula o povo do seu país na desobediência à saúde e à medicina*[23], além de participar de atos antidemocráticos e de não fornecer ajuda econômica aos estados, e é contra o que o governador defende. Além de Bolsonaro, seus filhos, apoiadores bolsonaristas, manifestantes de carreatas, atores sociais que não respeitam as políticas de isolamento social e compartilham fake ews e extremistas de direita são os que se colocam contra a dimensão vencedora de Doria para o enfrentamento dos problemas.

Por isso, além do coronavírus, existe o problema do *Bolsonarovírus*, representado pelo posicionamento do presidente em relação a medidas de combate à pandemia: ser contrário ao isolamento social; minimizar a doença; convocar manifestações antidemocráticas; fornecer baixa ajuda econômica para estados, pessoas e empresas. Resumindo o problema: *Estamos lutando contra o coronavírus e contra o Bolsonarovírus*.

Em suas coletivas de imprensa, entrevistas e postagens no Twitter, Doria muitas vezes utilizou palavras fortes, com conteúdos que mobilizam componentes morais, para que líderes políticos negacionistas, empresários e cidadãos comuns respeitassem o isolamento social. Neste caso, podemos perceber o *marco motivacional,* que diz respeito a conteúdos que visam motivar pessoas a aderirem ao discurso. Logo, a *ideologização da fronteira* entre o *nós* e *eles* separaria o *bem* do *mal* através da moralização do debate. Enquanto no *nós* existiria o *respeito* à *quarentena, ao próximo, à vida, ao luto, aos profissionais de saúde,* no *eles* prevaleceria o desrespeito ao isolamento social, o *menosprezo da doença,* o ódio, sentimentos muitas vezes personificados na figura de Jair Bolsonaro.

Aqueles que incentivam a vida normal, que pressionam o prefeito da capital, que me pressionam para que possamos agir contra os nossos princípios, a

22 . DORIA, 2020f.

23 . DORIA, 2020b.

eles eu pergunto: vocês estão preparados para assinar os atestados de óbitos? Vocês estão preparados para carregar os caixões com as vítimas do coronavírus? Vocês, que defendem a abertura, aglomerações, que minimizam a crise, vão enterrar as vítimas?[24], disse Doria.

Além de passagens do discurso que remetem a uma moralização do debate, Doria utiliza referências para legitimar histórica, social, política e cientificamente as suas propostas. Segundo o governador, em um momento inicial da pandemia, *utilizamos as experiências internacionais para aprendermos e não repetirmos erros. Quanto maior o isolamento, mais curto será o período da quarentena*[25].

Entre as propostas para enfrentar o coronavírus, estão os investimentos realizados na estrutura de saúde: compra de equipamentos, ampliação do número de leitos, contratação de novos profissionais, a criação de hospitais de campanha, entre outras.

Uma das medidas mais propagandeadas por Doria, foi, entretanto, a criação do *Comitê Empresarial Solidário*, uma *corrente do bem*[26] que reúne diversas empresas e que busca doações de recursos, produtos e serviços. Os valores das doações foram e são atualizados por meio de diversas reuniões. No dia 10 de agosto de 2020, o governador afirmou em seu Twitter que a marca de 1 bilhão em doações havia sido conquistada graças à colaboração de 251 *empresas cidadãs e pessoas físicas. As contribuições foram feitas para famílias em situação de vulnerabilidade social e pessoas que necessitam de atendimento médico hospitalar*[27], disse ele. A exaltação da parceria, da colaboração e da solidariedade da iniciativa privada são comuns durante toda a pandemia. O programa *Alimento Solidário,* que visa distribuir milhões de cestas básicas, também ocorre em parceria com empresas.

24 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020d.

25 . DORIA, 2020m.

26 . Idem, 2020g.

27 . DORIA, 2020c.

No dia 27 de maio de 2020, quando a curva de casos e de óbitos ainda estava bastante alta em São Paulo, o governador divulgou o *Plano São Paulo*, que previa uma contínua flexibilização das medidas de isolamento por meio de cinco fases, a partir do dia 1º de junho. Essa *retomada consciente foi criada seguindo orientações da saúde e ciência*[28], e *cada região poderá reabrir determinados setores de acordo com a fase em que se encontra. As regras são: média da taxa de ocupação de leitos de UTI exclusivas para pacientes com coronavírus, número de novos casos, internações e óbitos*[29].

Essa opção pela flexibilização, naquele momento, foi controversa para muitos cientistas e especialistas em saúde pública no Brasil, o que evidencia os limites do embasamento científico nas políticas tomadas por Doria. Por mais que o governador nunca tenha deixado de afirmar que se baseia na ciência em todas as medidas tomadas contra o Covid-19, neste caso se notaram contradições entre o dito e feito, entre a fala e a prática.

No entanto, a principal medida de combate à pandemia realizada por Doria foi a parceria firmada com a empresa chinesa Sinovac Biotech, e o Instituto Butantan, no dia 11 de junho de 2020, para a testagem e produção da vacina *CoronaVac* contra o coronavírus. Desde essa data, esse feito tem importância fundamental para o governador em seus discursos para a busca da conquista de apoiadores.

Caracterização das identidades antagônicas

Segundo a teoria do discurso da Escola de Essex[30], as identidades de um grupo são sempre baseadas nas identidades dos grupos antagonistas. Ou seja, a caracterização de um *eles* precede a definição de quem somos *nós*. Sendo, assim, a partir da definição de seus adversários, das demandas,

28 . Idem, 2020a.

29 . Idem, 2020e.

30 . A Teoria do Discurso Laclau e Chantal Mouffe constituiu a chamada Escola de Essex, tendo em vista a vinculação dos pesquisadores à universidade homônima, no Reino Unido. Para mais informações, ver LACLAU, 2007; MOUFFE, 2014; GALVÁN, 2012.

características, valores e estratégias deles, o governador João Doria constrói discursivamente a si mesmo em relação a todos esses fatores, numa relação de oposição de significados.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Eles: Fazer política	**Nós: Salvar vidas**
Promoção do ódio	*Solidariedade*
Populismo	*Ciência*
Presidente Jair Bolsonaro, seus filhos Carlos e Eduardo, bolsonaristas, *milicianos ideológicos e aliados da doença*, pessoas que não respeitam as políticas de isolamento social.	Governadores, brasileiros de São Paulo que estão respeitando a quarentena, Sérgio Moro, Papa Francisco, ex-ministro Luiz Mandetta, maioria absoluta de médicos e cientistas, STF, imprensa, profissionais de saúde.
Ideologia	*Saúde*
Achismos	*Embasamento científico*
fake news e desinformação	*Informações corretas dos órgãos oficiais e de veículos de imprensa*
Menosprezo da gravidade da doença	Reconhecimento da gravidade da situação em virtude de experiências anteriores
Ataques à Imprensa (TV Globo, Jornal O Globo, Folha de SP, Estado de SP, UOL)	Homenagens e agradecimentos à veículos de imprensa
Agridem a democracia	Defendem a democracia
Atacam profissionais de saúde	Homenageiam e agradecem a profissionais de saúde
Estimulam aglomerações e não usam máscaras	Defendem o uso de máscaras e do isolamento social
Cloroquina salva vidas	*O que vai salvar vidas é a vacina*

Doria define quem são *eles:* O presidente Jair Bolsonaro, seus filhos, apoiadores bolsonaristas, *milicianos ideológicos* e *aliados da doença*, pessoas que não respeitam as políticas de isolamento social. Bolsonaro se preocupa principalmente em *fazer política*, termo que Doria atribui a um sentido pejorativo. *Fazer política* se comporta como um ponto nodal, pois articula a cadeia de equivalências. O presidente também se utiliza de *populismo* e toma decisões baseados na ideologia. Todos esses termos remetem à *politicagem*, aos interesses pessoais, a uma má política, na concepção de Doria.

Aqui cabe uma problematização. Tais termos que o governador utiliza evidenciam uma visão extremamente negativa da *política* como um todo. Em momentos anteriores de sua carreira política, Doria deixava claro que não era um político, mas um gestor, o que já é muito contraditório. Tal posiciona-

mento, que possui influência de ideais tecnocráticos e da pós-política, não deixa de ser uma forma de reprodução da ideologia neoliberal, e consequentemente, de fazer parte da política e de ser uma ideologia.

Voltando à caracterização das identidades do *eles*, o presidente e os outros atores sociais caracterizados como antagonistas do governador mobilizam principalmente o ódio, e o promovem de diversas formas: ataques à imprensa, ataques aos profissionais de saúde, ataques a governadores e prefeitos, carreatas, buzinaços, protestos antidemocráticos, violência física e verbal, desrespeito, etc.

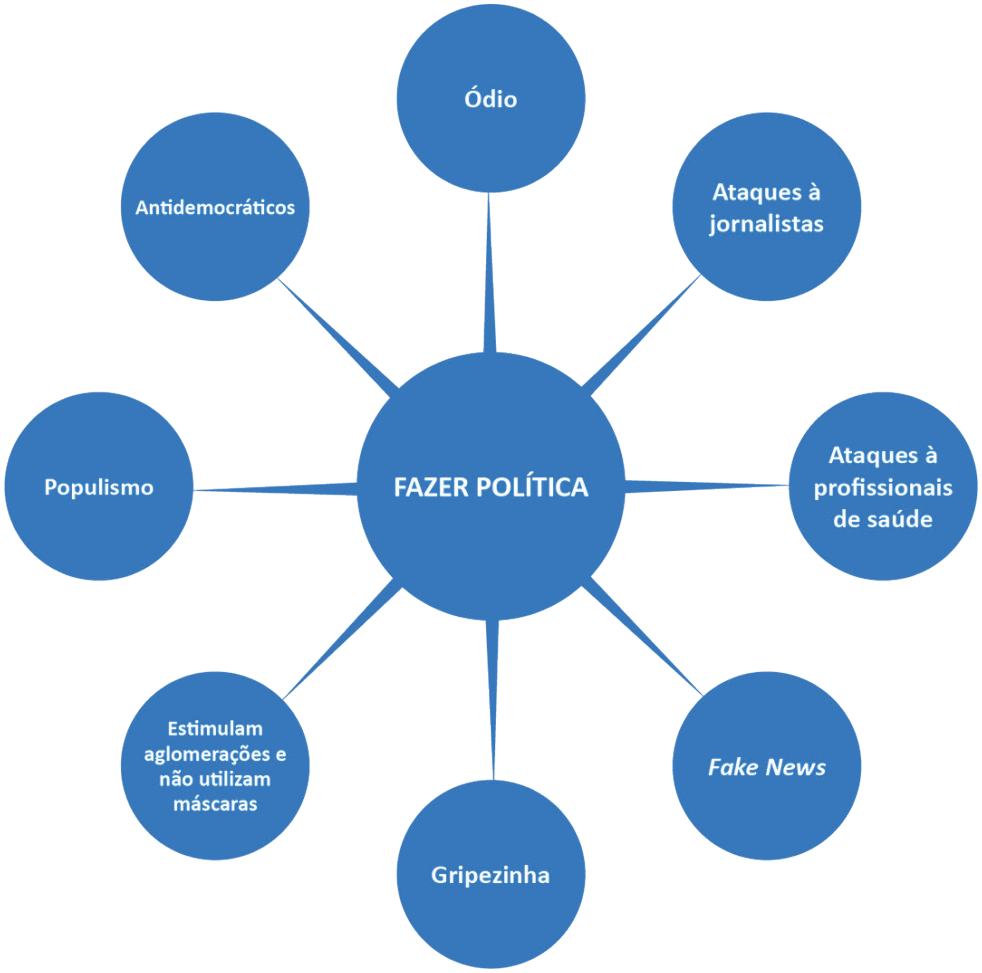
Também reproduzem *fake news,* espalhando desinformação sobre diversos temas caros ao combate à doença, *incentivando pessoas a arriscarem suas vidas*. O menosprezo da gravidade do Covid-19 aparece tanto nas notícias falsas quanto nas decisões tomadas por *achismos* por parte do presidente.

A cadeia de equivalências do discurso do *eles* se constrói em torno do ponto nodal *fazer política,* e articula elementos relacionados a adjetivações políticas, já que *eles* são antidemocráticos e mobilizam o *populismo*[31]*;* elementos relacionados a valores, como o ódio, manifestado nos ataques a jornalistas e a profissionais de saúde; e elementos relacionados à desinformação, como *fake news*, como *gripezinha* e o menosprezo da doença, e com o estímulo à aglomerações e não utilização de máscaras.

A partir da definição de quem são *eles,* Doria define quem é o *nós*. *Governadores, brasileiros de São Paulo que estão respeitando a quarentena, Sérgio Moro, Papa Francisco, ex-ministro Luiz Mandetta, maioria absoluta de médicos e cientistas, STF, imprensa, profissionais de saúde, empresas solidárias*, estão todos do lado da *ciência* e da *medicina*, unidos em prol do objetivo maior de *salvar vidas*. Este é o *ponto nodal* que articula toda a *cadeia de equivalências* do discurso do *Nós*.

31 . Doria utiliza o adjetivo *populista* para caracterizar Bolsonaro em um sentido essencialmente pejorativo, diferentemente de como definem Laclau e Mouffe.

Cadeia de equivalências do *eles*



A *solidariedade* é um valor, que, em contraponto ao ódio, define o *nós. Os brasileiros de São Paulo* que cumprem a quarentena são *solidários*. A *iniciativa privada*, que se reúne regularmente no *Comitê Empresarial Solidário*, e que participou do *programa Alimento Solidário*, também faz parte dessa *corrente do bem*. O *respeito à ciência, à Saúde, à medicina* é necessário para *combater o populismo, a ideologia e os achismos no combate ao coronavírus*. O *respeito pelos profissionais de saúde que estão na linha de frente de combate ao vírus*, à imprensa, que nunca desempenhou tão bem o seu papel, e à *democracia*, são essenciais. *Só a vacina poderá salvar vidas* e não a *cloroquina*.

A *cadeia de equivalências* de Doria se articula em torno do *ponto nodal salvar vidas*, com a valor principal da *solidariedade*, e com o embasamento da

ciência, e agrega a *valorização da imprensa* e de *profissionais de saúde*, a *união com a iniciativa privada* para combate à doença, o objetivo de *preservar empregos*, a *seriedade* na tomada das decisões, e a *vacina CoronaVac*, a principal medida propagandeada de Doria para o combate ao Covid-19.

Cadeia de equivalências do *nós*

No discurso de João Doria, prevalece o tom médico/científico. Entretanto, o tom emocional também fica evidente em alguns momentos, tanto no sentido positivo, tendo como exemplo a exaltação da solidariedade, do respeito à vida e ao próximo, quanto no sentido negativo, do medo, da culpa: *Vocês estão preparados para assinar os atestados de óbitos? Vocês estão prepa-*

rados para carregar os caixões com as vítimas do coronavírus? Vocês, que defendem a abertura, aglomerações, que minimizam a crise, vão enterrar as vítimas?[32]

O governador de São Paulo possui ótima relação com os maiores veículos de imprensa do país. As medidas do governador repercutiram de forma muito positiva em editoriais e entrevistas do Jornal Estado de SP e da Folha de S. Paulo[33]. Por diversas vezes no período da pandemia, Doria publicou textos de sua autoria nesses veículos[34]. Suas coletivas de imprensa com informações sobre o Covid-19 ocorridas no Palácio dos Bandeirantes são todas transmitidas no YouTube e muito fáceis de serem encontradas em plataformas de busca da Internet. Os vídeos que Doria posta no Twitter, por exemplo, são bem produzidos, contrapondo-se, por exemplo, aos vídeos postados pelo presidente Jair Bolsonaro. O período em que foi apresentador do Programa *O aprendiz*, da TV Record, certamente o auxilia nesse caso.

Somando-se às coletivas e entrevistas para diversos veículos de imprensa no Brasil e no exterior, Doria é assíduo utilizador das mídias sociais. Ele é o governador com o maior número de seguidores no Facebook, com 2,5 milhões, apesar de ter perdido 68 mil entre março e agosto deste ano. No mesmo período, o governador ganhou 274.998 seguidores no Twitter, chegando aos 1,2 milhões de seguidores (CRAVO, 2020). Já no Instagram, ele possui 1,1 milhões de seguidores.

Sendo alvo frequente de *fake poc* por parte de bolsonaristas, Doria por diversas vezes utilizou suas mídias sociais para desmenti-las. Elas funcionam como um canal oficial do governador, onde muitas vezes, informações sobre o governo são dadas em primeira mão. Seja por parte dos já citados bolsonaristas devido à *traição* depois do *BolsoDoria*, ou de setores

32 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020d

33 . Eis alguns títulos de artigos em que a imagem de Doria foi positiva: *Escolhas certas*¸ publicado no dia 11 de agosto de 2020 no Estadão; *SP acerta ao ampliar a testagem ao setor privado,* publicado na Veja no dia 25 de junho de 2020; *Doria chega a 500 dias de governo 'transformado' em presidenciável na pandemia*, publicado na Folha de S. Paulo, no dia 15 de maio de 2020; *Um plano responsável*, publicado no Estadão no dia 4 de abril de 2020;

34 . Eis alguns artigos publicados por Doria no período: *Butantan, a fábrica de saúde dos brasileiros* no dia 25 de setembro de 2020, no Estadão; *São Paulo: confiança na economia e no combate à pandemia*, publicado na Folha de S. Paulo no dia 05 de junho de 2020.

progressistas pela flexibilização precipitada e pela agenda neoliberal, o governador não deixou de sofrer muitas críticas nas mídias sociais durante o período da pandemia.

Baixa popularidade e aposta alta na vacina

De acordo com pesquisas de opinião, a pandemia não parece ter afetado muito a popularidade de João Doria quando olhamos o período como um todo, de março a setembro. As pesquisas de opinião não conseguiram constatar mudanças drásticas no percentual das avaliações positivas e negativas. Ou seja, mesmo que muito provavelmente tenha ocorrido uma mudança no perfil dos apoiadores, em termos quantitativos, o saldo se mantém próximo ao de pesquisas realizadas antes da pandemia, representando uma baixa popularidade do governador.

Porém, em alguns momentos, como no mês de abril de 2020, sua imagem positiva cresceu e sua negativa caiu, para depois, se manter numa vagarosa queda. Em junho de 2020, com 63%, a imagem negativa foi praticamente a mesma de fevereiro, com 64%, apesar da imagem positiva ter crescido de 12% para 22% no período (PESQUISA, 2020ª).

O período entre meados de março e abril de 2020 compreende o início dos embates entre João Doria e Jair Bolsonaro com os discursos científico e negacionista, respectivamente, no combate à pandemia. Neste primeiro momento, setores progressistas chegaram a apoiar o governador devido ao discurso científico. Até mesmo o ex-presidente Lula, grande adversário de Doria, o apoiou no Twitter neste momento, o que foi compartilhado pelo governador em sua rede social[35].

Se Doria recebeu apoio de um lado em relação às suas medidas de combate à doença, (o que não se converte automaticamente em apoio eleitoral) ele

35 . Dória retweetou de Lula (@LulaOficial): "Nossa obsessão agora tem que ser vencer o coronavírus. Chegamos ao ponto do Dória ter que mandar a PM invadir fábrica pra pegar máscara. A gente tem que reconhecer que quem tá fazendo o trabalho mais sério nessa crise são os governadores e prefeitos», acrescentando a mensagem «Temos muitas diferenças. Mas agora não é hora de expor discordâncias. O vírus não escolhe ideologia nem partidos. O momento é de foco, serenidade e trabalho para ajudar a salvar o Brasil e os brasileiros»(DORIA, 2020l).

também perdeu de outro. Os ataques realizados por Bolsonaro e seus apoiadores nas redes sociais, em protestos e carreatas e em reuniões fechadas contribuíram para diminuir a simpatia que parte desse estrato nutria pelo governador.

A flexibilização das medidas de isolamento ocorrida a partir da execução do *Plano São Paulo*, com início no dia 1º de junho de 2020, fez com que estratos que defendiam Doria por seu discurso científico, passassem a criticá-lo, e a partir daí, ele possivelmente perdeu o apoio de setores progressistas que ganhou em um primeiro momento. Um grupo formado por mais de 40 pesquisadores do Observatório Covid-19 classificou como inadequados os indicadores epidemiológicos adotados pelo governo para avaliação das regiões do Estado sobre a possibilidade de maior flexibilização ou não (BORGES; FIGUEREIDO; BITAR, 2020). Além disso, existia a percepção geral dos que defendiam o discurso científico de que era cedo para iniciar a flexibilização, tendo em vista a grande quantidade de mortes e contágios no momento. Ainda ocorreram controvérsias sobre o número de óbitos (LICHOTTI, 2020). Tudo isso provavelmente contribuiu para que apoiadores aderentes ao discurso científico se afastassem de Doria a partir deste momento.

As articulações de Doria com governadores e prefeitos pelo Brasil foram importantes em um primeiro momento para negociar em bloco com o governo federal e para a troca de experiências no combate à doença. Nesse sentido, destacam-se as reuniões do *Consórcio de Integração Sul e Sudeste – COSUD*, que tiveram presença de governadores e secretários dos Estados pertencentes a essas regiões.

Parte do setor empresarial apoiou Doria durante a pandemia, o que se torna visível nas múltiplas reuniões do *Comitê Solidário Empresarial*. O mesmo se pode dizer de diversos conglomerados de mídia brasileiros como *Grupo Globo, Grupo Folha e Grupo Estado*, entre outros, o que é evidenciado pela frequência de participação que o governador tinha nesses espaços, bem maior do que governadores situados num campo mais à esquerda e que também defendiam o discurso científico.

Durante a pandemia, algumas pesquisas procuraram entender a avaliação do governador entre diferentes estratos da sociedade. Duas pesquisas de opinião, uma realizada no mês de julho de 2020 (PESQUISA, 2020b), e outra em agosto de 2020 (DANTAS, 2020), constataram que pessoas de 60 anos ou mais, e com até o ensino fundamental, são as que mais apoiam o governador, enquanto indivíduos do sexo masculino, com idade entre 25-44, e com grau de escolarização entre "até o ensino médio" e "até o ensino superior", são os que mais o desaprovam.

As eleições municipais também se constituem em um *termômetro* de popularidade. Neste sentido, a campanha de Bruno Covas como candidato à reeleição para a Prefeitura de São Paulo pouco explorou a imagem de João Doria em propagandas ou na participação de eventos (RODRIGUES; AMÂNCIO, 2020). Covas se tornou prefeito no primeiro momento por ter sido eleito como vice numa chapa junto à Doria em 2016, tendo assumido quando este fora eleito para Governador, inclusive, os dois são do mesmo partido político, o PSDB. Segundo Pesquisa Datafolha, apenas 8% dos questionados votariam com certeza num candidato indicado por Doria, 11% por Bolsonaro e 20% por Lula (GIELOW, 2020).

Entretanto, Bruno Covas foi reeleito no segundo turno. O candidato apoiado por Jair Bolsonaro, Celso Russomanno (REP) ficou apenas em quarto lugar no primeiro turno, com 10,5% dos votos, sendo ultrapassado pelo terceiro lugar, Marcio França (PSB), e por Guilherme Boulos (PSOL), que disputou o segundo turno com Covas. A vitória simbólica de Joao Doria sobre Bolsonaro na cidade de São Paulo, porém, deve ser relativizada pela já citada pouca exploração da imagem do governador por Covas durante a campanha.

Nas eleições que disputou, João Doria mobilizou o antipetismo e a defesa de um forte liberalismo econômico, com privatizações e diminuição do Estado. Em 2018, além disso, apoiou Jair Bolsonaro e fez campanha ao lado do até então candidato à presidência com o slogan *BolsoDoria*. Segundo o governador, a principal justificativa para o apoio a Bolsonaro naquele momento foi o *apelo liberal do ponto de vista da economia: Ele tinha o nome de Paulo*

Guedes como futuro ministro da Economia. E havia outro peso importante, que era a defesa da transparência e o combate à corrupção na figura de Sérgio Moro[36].

A partir já de 2019, devido à *escalada autoritária* e a *um governo que não tem gestão*, o afastamento entre os dois já começa, segundo o governador. E com o início da pandemia, ocorreu o rompimento total devido a modos diferentes de pocac-la, o que fez com que Bolsonaro se tornasse o principal antagonista de Doria.

Essa aliança passada expressa as contradições do antagonismo atual. Se por um lado, a forma de combate à pandemia é por vezes totalmente oposta, tendo em vista os discursos *negacionista* e *científico* de cada um, por outro, existem grandes similaridades entre as pautas econômicas e de segurança dos dois, evidenciadas aqui pela simpatia do governador por Guedes e Moro.

Considerações finais

João Doria, o empresário de sucesso que *não é político*, mas um *gestor*, de acordo com suas palavras, adotou um discurso científico para o combate da pandemia de Covid-19 no Estado de São Paulo. Sempre pautando suas políticas na *ciência, na saúde, na medicina,* com o objetivo principal de *salvar vidas,* o governador foi um dos principais porta-vozes do *discurso científico* no Brasil, antagonizando com o discurso negacionista de Bolsonaro.

Porém, em 30 de novembro de 2020, um dia após as aglomerações causadas pela eleição municipal que elegeu seu candidato, Doria anunciou que todo o Estado de São Paulo retornaria para a fase amarela[37] do Plano SP. Tal medida recebeu críticas de diversos cientistas — o diretor da Sociedade Paulista de Infectologia classificou o recuo como tardio e tímido, ponto de vista compartilhado com outros especialistas (LEÃO, 2020). Além disso, apesar de

36 . JIMÉNEZ; GORTÁZAR, 2020.

37 . A mudança para a fase amarela significou que a capacidade de ocupação em todos os setores reduziu de 60% para 40%; houve redução do horário de funcionamento máximo de 12 para 10 horas por dia; o limite de horário de funcionamento de bares e restaurantes passou de 23h para 22h; e foram proibidos eventos com públicos em pé (DORIA, 2020h).

ter mobilizado o Instituto Butantan, produtor da CoronaVac no Brasil, como fundamental na sua gestão por sua credibilidade, Doria tentou diminuir o investimento público dedicado à instituição algumas vezes no período pandêmico (GIOVANAZ, 2021).

Este recuo, junto a flexibilização precipitada do isolamento com o *Plano SP* num primeiro momento, somados às várias críticas de infectologistas e médicos de que as medidas de isolamento deveriam ser mais duras durante todo esse período, evidenciam diferenças entre o *dito e feito,* e revelam contradições no discurso do governador.

O caso de Doria evidencia a variedade dentro do que caracterizamos como *discurso científico*: cada ator político está posicionado num ponto diferente em uma escala gradativa de acordo com suas adesões a medidas embasadas cientificamente para o combate ao Covid-19. Por exemplo, uma Instituição de Saúde como a Fiocruz está mais próxima de um discurso científico ideal do que João Doria ou Ronaldo Caiado, o que significa que é maior a tendência de que os dois últimos defendam algumas medidas sem embasamento científico, influenciadas por outros interesses de natureza político-econômica.

A atuação de Doria na pandemia fez com que muitos veículos de imprensa o alçassem a presidenciável em 2022, apesar de sua popularidade em São Paulo ser baixa, com mais paulistanos reprovando que aprovando seu governo. O período da pandemia, é claro não foi homogêneo: em seu início, Doria pareceu ampliar sua imagem positiva devido a um *discurso científico*; mas os conflitos constantes com Bolsonaro, seu passado e um plano de reabertura que não agradou nem os *negacionistas,* nem os simpatizantes do discurso científico, fizeram com que a rejeição posteriormente aumentasse. Aqui, sobressai-se a importância do evento *BolsoDoria,* ele gerou a imagem de *traidor* e *oportunista* para os bolsonaristas, bem como, somado a diversas pautas ultraliberais na economia, dificultou e dificulta uma aproximação com o campo progressista.

Exaltando o valor da *solidariedade* em contraponto ao ódio, homenageando setores da sociedade como profissionais de saúde e jornalistas, prestando condolências aos falecidos, o governador buscou mobilizar sentimentos, deixando, inclusive, a discussão econômica em segundo plano.

Junto a outros dissidentes do *bolsonarismo*¸ Doria faz parte de um campo com os ex-ministros Moro e Mandetta, Grupo Globo, Folha e Estadão, Wilson Witzel, Ronaldo Caiado, Rodrigo Maia entre outros, que fazendo parte da direita, buscam se diferenciar do presidente em termos de performance. Mesmo adotando principalmente o discurso científico no combate à pandemia, e mesmo que não seja um grupo homogêneo, as pautas econômicas deste são próximas do *ultraliberalismo* econômico defendido por Paulo Guedes.

Bruno Covas, o prefeito reeleito de São Paulo, apoiado por Doria derrotou por muito Celso Russomanno, o candidato de Bolsonaro. Guilherme Boulos conquistou o segundo lugar e se consolidou como uma liderança política importante de Esquerda no cenário nacional, deixando o bolsonarismo de fora do segundo turno. A vitória simbólica do governador na eleição não deve esconder o fato de que Covas pouco explorou sua imagem devido à sua baixa popularidade. Pelo contrário, praticamente todos os candidatos da eleição buscavam conectar Doria à Covas para que a rejeição ao governador influenciasse o resultado.

A busca pela aproximação com setores além da direita com uma espécie de antipetismo moderado encontra também desafios pelas medidas liberais econômicas pelas quais Doria tem simpatia, bem como por todo o seu histórico. Ele diz que sempre defendeu *um centro democrático liberal que saiba dialogar com a esquerda, a direita, que quer distância dos extremos.* Apesar do *antipetismo*. Apesar do *BolsoDoria.*

Com pretensões de disputar a presidência em 2022, a aposta é a vacina. Doria inclusive deu diversas entrevistas na imprensa internacional sobre a mesma. O fato de a CoronaVac ter sido a primeira vacina aplicada no Brasil pode significar um aumento de apoiadores. Bolsonaro, porém, busca atrapalhar esses planos quando critica a CoronaVac por sua origem chinesa,

quando desautoriza seu Ministro da Saúde acerca da compra de doses pelo governo federal e quando comemora a paralisação da testagem da vacina por causa de uma controvérsia sobre um óbito entre os voluntários, com participação da ANVISA. Como o discurso de Doria aponta, o *Bolsonarovírus* é pior do que o coronavírus. Entretanto, não nos esqueçamos do *BolsoDoria*.

REFERÊNCIAS

BENFORD, Robert; SNOW, David. Framing processes and social movements: An overview and assessment. **Annual review of sociology**, v. 26, n. 1, 2000, p. 611-639.

BOLSONARO, Jair (Jair Messias Bolsonaro). **– Covid-19/VACINAÇÃO. – Lei 13.979 de 06/fev/2020: Art** 3º, inciso III: PODERÃO ser adotadas a realização compulsória de vacinação e outras medidas profiláticas para o enfrentamento da pandemia. XXXXXXXXX **– Lei 6.259 de 30/out/1975: Art. 3° Cabe ao Ministério da Saúde a elaboração do Programa Nacional de Imunizações, que definirá as vacinações, inclusive as de caráter obrigatório. Art. 6° Os governos estaduais, COM AUDIÊNCIA PRÉVIA do Ministério da Saúde, PODERÃO propor medidas legislativas complementares visando ao cumprimento das vacinações, obrigatórias por parte da população, no âmbito dos seus territórios. – Apesar do art. 3º, inciso III, letra "d", da Lei 13.979/20, prever que o poder público poderá determinar a realização compulsória da vacinação, o Governo do Brasil não vê a necessidade de adotar tais medidas NEM RECOMENDARÁ SUA ADOÇÃO por gestores locais. – O Ministério da Saúde irá oferecer a vacinação, de forma segura, sem açodamento, no momento oportuno, após comprovação científica e validada pela ANVISA, contudo, sem impor ou tornar a vacinação obrigatória**. 16 outubro 2020ª. Facebook: @jairmessias.bolsonaro. Disponível em: facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/2138258506323124. Acesso em: 12 julho 2021.

BOLSONARO, Jair (Jair Messias Bolsonaro). **– Live da Semana – 30/07/2020**. 30 julho 2020b. Facebook: @jairmessias.bolsonaro. Disponível em: facebook.com/watch/live/?v=2699401927003287&ref=watch_permalink. Acesso em: 12 julho 2021.

BORGES, Beatriz; FIGUEREIDO, Patrícia; BITAR, Renata. Cidade de SP inicia reabertura, mas especialistas criticam critérios que permitem abrandamento mesmo com expansão da Covid-19. **G1**, 7 junho 2020. Disponível em: g1.globo.com/sp/são-paulo/noticia/2020/06/07/cidade-de-sp-inicia-reabertura-mas-especialistas-criticam-criterios-que-permitem-abrandamento-mesmo-com-expansao-da-covid-19.ghtml. Acesso em: 3 outubro 2020.

CRAVO, Alice. As duas faces da pandemia para Doria: mais seguidores no Twitter e perda de apoio no Facebook. **O Globo**, 8 setembro 2020. Disponível em: blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/duas-faces-da-pandemia-para-doria-mais-seguidores-no-twitter-e-perda-de-apoio-no-facebook.html. Acesso em: 2 outubro 2020.

DANTAS, Renan. Governo João Doria: 55% dos paulistanos reprovam a administração. **Money Times**, 21 agosto 2020. Disponível em: moneytimes.com.br/governo-joao-doria-55-dos-paulistanos-reprovam-a-administracao/. Acesso em: 3 outubro 2020.

DORIA, João. **A Retomada Consciente foi criada seguindo orientações da saúde e ciência. Ela será regionalizada e executada em cinco fases. Os prefeitos terão autonomia para tomar decisões como a abertura ou restrição de atividades, desde que cumpram os pré-requisitos apresentados pelo plano**. 27 maio. 2020ª. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1265718939008536577. Acesso em: 15 julho 2021.

DORIA, João. **Além de não admitir o contraditório, ainda estimula o povo do seu país na desobediência à saúde e à medicina. O que afronta o direito à vida. Inimaginável um presidente do Brasil sendo um exemplo do mal e conspirador contra a democracia**. 3 maio 2020b. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1257064799864868866. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **As contribuições foram feitas para famílias em situação de vulnerabilidade social e pessoas que necessitam de atendimento médico hospitalar. Em nome dos brasileiros de São Paulo, agradeço essa corrente do bem para salvar vidas e ajudar quem mais precisa. #SpmaisHumano**. 10 agosto 2020c. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1292880902754840577. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Assim como a CoronaVac, faço questão de frisar a nossa torcida pelo sucesso da vacina de Oxford e pelo êxito de outras vacinas em desenvolvimento ao redor do mundo. Quanto mais vacinas tivermos, melhor. Nosso inimigo é o coronavírus. Aqui em São Paulo, valorizamos a vida**. 3 agosto 2020d. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1290261132737835012. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Cada região poderá reabrir determinados setores de acordo com a fase em que se encontra. As regras são: média da taxa de ocupação de leitos de UTI exclusivas para pacientes com coronavírus, número de novos casos, internações e óbitos**. 27 maio 2020e. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1265813023152910337. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Compartilho trecho da entrevista que concedi para o canal internacional da CNN nesta manhã, onde reafirmo a posição de São Paulo em defesa da ciência e da medicina para salvar vidas nesta pandemia. #SpcontraOcoronavírus #GovernoSP**. 9 julho 2020f. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1281318151544811520. Acesso: em 12 julho 2021.

DORIA, João. **Concluímos mais uma reunião com o Comitê Empresarial Solidário, que concretizou nova doação de R$ 38 milhões. É emocionante ver essa corrente do bem formada para ajudar quem mais precisa. Já temos ao todo R$ 540 milhões em doações de recursos, produtos e serviços.** 27 abril 2020g. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1254788335001677826. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Confira as regras que passam a valer em todo o Estado de São Paulo a partir de amanhã. Reitero que não haverá fechamento de estabelecimentos comerciais. Contamos com a colaboração de todos para que juntos possamos vencer a COVID-19.** 1 dezembro 2020h. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1333729053329809408. Acesso em: 15 julho 2021.

DORIA, João. **Em SP, nunca trabalhamos com a falsa polêmica entre saúde e economia. As duas coisas andam juntas. Salvar vidas é nossa prioridade, mas sempre garantimos o funcionamento do maior número de atividades possível. Aqui nunca houve o lockdown que foi necessário em países da Europa**. 23 abril 2020i. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1253348930227765248. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Mônica Calazans: mulher, negra, enfermeira, vive no extremo da Zona Leste de SP, a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Representa não apenas os heróis e heroínas que atuam na linha de frente na pandemia, mas tbm o povo brasileiro. Finalmente os brasileiros serão imunizados**. 17 janeiro 2021. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1350892328374968322. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Sua eficácia já foi comprovada nas fases 1 e 2. Uma honra poder presenciar esse momento e contribuir com um fato histórico para a ciência do Brasil, que poderá imunizar os brasileiros e salvar milhares de vidas**. 21 julho 2020j. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1285594353562517504. Acesso em: 12 julho 2021.

DORIA, João. **Temos muitas diferenças. Mas agora não é hora de expor discordâncias. O vírus não escolhe ideologia nem partidos. O momento é de foco, serenidade e trabalho para ajudar a salvar o Brasil e os brasileiros**. 2 abril 2020l. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1245666644875239426. Acesso em: 3 outubro 2020.

DORIA, João. **Utilizamos as experiências internacionais para aprendermos e não repetirmos erros. Quanto maior o isolamento, mais curto será o período da quarentena. Insisto: Estamos buscando o equilíbrio entre salvar vidas e manter a economia. Não é fácil. Mas unidos vamos vencer. #FiqueEmCasa.** 28 março 2020m. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1243955488401821696. Acesso em: 12 julho 2021.

ÉPOCA. João Doria Jr. Época, 22 setembro 2016. Disponível em: epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/09/joao-doria-jr.html. Acesso em: 1 junho 2020.

G1 SÃO PAULO. Doria se veste de funcionário da zeladoria e pinta faixa de pedestres em SP. **G1 São Paulo**, 6 maio. 2017. Disponível em: g1.globo.com/são-paulo/noticia/doria-se-veste-de-funcionario-da-zeladoria-e-pinta-faixa-de-pedestres-em-sp.ghtml. Acesso em: 12 julho 2021.

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009)**: un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y pocacam de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid

GIELOW, Igor. Rivais, Bolsonaro e Doria são piores cabos eleitorais para Prefeitura de SP, mostra Datafolha. **Folha de S. Paulo**, 24 setembro 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/rivais-bolsonaro-e-doria-são-os-piores-cabos-eleitorais-para-prefeitura-de-sp-mostra-datafolha.shtml. Acesso em: 10 novembro 2020.

GIOVANAZ, Daniel. Doria propôs cortar investimento em ciência em três ocasiões durante a pandemia. **Brasil de Fato**, São Paulo, 11 janeiro 2021. Disponível em: brasildefato.com.br/2021/01/11/doria-propos-cortar-investimento-em-ciencia-em-tres-ocasioes-durante-a-pandemia. Acesso em: 20 julho 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletiva de Imprensa: Coronavírus – Novas medidas do Governo de São Paulo 25/03/2020. **YouTube**, 25 março 2020ª. Disponível em: youtube.com/watch?v=rq7qbnsaDWs&t=276s. Acesso em: 12 julho 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletiva de Imprensa: Coronavírus – Medidas do Governo de São Paulo 04/05/2020. **YouTube**. 4 maio 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=_OajvSQjHHY&t=393s. Acesso em: 12 julho 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletiva de Imprensa: Divulgação do Plano Estadual de Imunização. **YouTube**, 7 dezembro 2020c. Disponível em: youtube.com/watch?v=yzWR157_iVs. Acesso em: 12 julho 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletiva de Imprensa: Novas medidas para intensificar o combate ao coronavírus (COVID-19) 06/04/2020. **YouTube**, 6 abril 2020d. Disponível em: youtube.com/watch?v=d5SNc1IR2FA. Acesso em: 12 julho 2021.

JIMÉNEZ, Carla; GORTÁZAR, Naiara. João Doria: "Se houver um aumento de contágios, nós vamos recuar". **El País**, São Paulo, 2 junho 2020. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2020-06-02/joao-doria-se-houver-um-aumento-de-contagios-nos-vamos-recuar.html. Acesso em: 12 julho 2021.

LACLAU, E. **La Razón populista**. Buenos Aires:Fondo de Cultura Económica. 2007.

LEÃO, Ana Letícia. Endurecimento da quarentena em São Paulo é tímido e tardio, avaliam especialistas. **O Globo**, 30 novembro 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/sociedade/endurecimento-da-quarentena-em-são-paulo-timido-tardio-avaliam-especialistas-24773966. Acesso em: 12 julho 2021.

LICHOTTI, Camille. Governo Doria omitiu 11 mil casos de Covid-19 em São Paulo. **Piauí**, 19 junho 2020. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br/governo-doria-omitiu-11-mil-casos-de-covid-19-em-são-paulo/. Acesso em: 3 outubro 2020.

LUZ, Sérgio Ruiz; GONÇALVES, Eduardo. João Doria: "É triste ter um presidente assim". **Veja**, 9 novembro 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/politica/joao-doria-e-triste-ter-um-presidente-assim/. Acesso em: 14 novembro 2020.

MACHADO, Lívia; PINHONI, Marina. Em reunião com governadores, Pazuello diz que, se houver demanda e preço, 'nós vamos comprar' a 'vacina do Butantan'. **G1 São Paulo**, 8 dezembro 2020. Disponível em: g1.globo.com/sp/são-paulo/noticia/2020/12/08/em-reuniao-com-governadores-pazuello-diz-que-se-houver-demanda-e-preco-nos-vamos-comprar-vacina-do-butantan.ghtml. Acesso em: 12 julho 2021.

MILITÃO, Eduardo. Sobe para 23 o número de infectados por covid-19 na comitiva de Bolsonaro. **UOL**, 22 março 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/22/coronavirus-comitiva-jair-bolsonaro-eua-donald-trump-marcelo-thome-rondonia.htm. Acesso em: 9 outubro 2020.

MOUFFE, C. **Agonística**: Pensal el mundo pocacamente. Buenos Aires: Fondo da Cultura Económica. 2014.

O GLOBO. Em vídeo, João Doria chama Lula de 'mentiroso e desinformado'. **O Globo**, 6 maio. 2017. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/em-video-joao-doria-chama-lula-de-mentiroso-desinformado-21305035. Acesso em: 3 outubro 2020.

PESQUISA Atlas: Avaliação do governo & cenário político: Imagem dos líderes COVID-19. **AtlasIntel**, 1 julho 2020ª. Disponível em: atlasintel.org/poll/brazil-national-2020-07-01. Acesso em: 3 outubro 2020.

PESQUISA de Opinião Pública Município de São Paulo. **Paraná Pesquisas**, julho 2020b. Disponível em: static.poder360.com.br/2020/07/parana-pesquisas-avaliacao-covas-doria-são-paulo-12-jul-2020.pdf. Acesso em: 3 outubro 2020.

RODRIGUES, Artur; AMÂNCIO, Thiago. Doria vira alvo preferencial de ataques e segue ignorado por campanha de Covas. **Folha de S. Paulo**, 31 out 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/doria-vira-alvo-preferencial-de-ataques-e-segue-ignorado-por-campanha-de-covas.shtml Acesso em: 10 novembro 2020.

SANTIAGO, Tatiana. João Doria se veste de gari em seu 1º dia de trabalho como prefeito de São Paulo. **G1 Globo**, 2 janeiro 2017. Disponível em: g1.globo.com/são-paulo/noticia/doria-de-veste-de-gari-em-seu-1-dia-de-trabalho-como-prefeito-de-são-paulo.ghtml. Acesso em: 12 julho 2021.

TATAGIBA, Luciana. TRINDADE, Thiago. TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **CorruPTos**: Um ensaio sobre protestos à direita no Brasil (2007-2015). Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC – UNICAMP). 2015,, p. 1-29.

TAVARES, Flávia; RIBEIRO, Aline. João Doria: "Eu não sou político, não". Época, 25 abril 2017. Disponível em: epoca.oglobo.globo.com/politica/noticia/2017/04/joao-doria-eu-são-sou-politico-são.html. Acesso em: 9 novembro 2020.

UOL. João Doria se veste de jardineiro para podar grama no centro de São Paulo. **UOL**, 28 janeiro 2017. Disponível em: noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/28/doria-se-veste-de-jardineiro-para-podar-grama-no-centro-de-são-paulo.htm. Acesso em: 12 julho 2021.

5 . Eu não vejo números, vejo sonhos que são frustrados: o discurso político de Flávio Dino[1]

Annagesse de Carvalho Feitosa, Jorge O. Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Eduardo Britto Santos, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Juanita Cuéllar Benavides, Renan Alfenas de Mattos, Ricardo Dias da Silva, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[2]

A análise que se segue tem por escopo compreender quais foram os reflexos da pandemia da Covid-19 sobre as relações de poder estabelecidas, no âmbito nacional e internacional, a partir das disputas expressas nos discursos de diversos porta-vozes. Metodologicamente, a partir das abordagens de autores como Laclau e Mouffe (1985; 1996), Galván (2012), entre outros, buscamos recuperar o campo discursivo sobre a pandemia a partir de sua articulação em dois pólos temáticos e com diferentes ênfases: *o discurso negacionista, que privilegia a sustentabilidade da economia; e o*

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

discurso científico, que privilegia a sustentabilidade da vida. Apresentamos a seguir a análise das características do discurso científico de um porta-voz nacional: Flávio Dino.

Flávio Dino, defensor do Estado Democrático de Direito e da justiça social

Flávio Dino de Castro e Costa (PcdoB-MA) é o atual Governador do Maranhão (2018-2022). Dino é casado, pai, advogado e mestre em Direito Público (UFPE), e professor (UFMA). Foi juiz (1994/2006) e deputado federal (2007/2010). Dino renunciou a magistratura e ingressou na política em 2006. Candidatou-se a uma vaga na Câmara dos Deputados e foi eleito. Lançou-se candidato à prefeitura de São Luís em 2008 e, em 2010, disputou sua primeira eleição ao cargo de governador, mas não obteve êxito nesses pleitos. Em 2014 elegeu-se governador do Maranhão, substituindo o grupo que dominava o cenário político há mais de 50 anos[3].

Após crises consecutivas assolando o Brasil, o político assumiu o tom de defesa da democracia marcando suas divergências com outros políticos brasileiros como Jair Bolsonaro. Os desacordos foram acentuados a partir do avanço da Covid-19 no país, com falas marcantes sobre a importância da preservação da vida e atenção à ciência, defendeu o isolamento social como uma das medidas mais eficazes para conter os casos de infecção. As críticas proferidas por Dino não se restringem às falas ou atos de Bolsonaro, como cumprimentar as pessoas na rua, não utilizar máscaras etc., elas informam também sobre as suas escolhas políticas e administrativas o que, no entendimento de Dino, acentuaram ainda mais a crise brasileira.

Possui perfil pacificador, e empreendedor de políticas públicas estruturantes[4]. Com uma postura destemida, polida, porém mordaz e enérgica, projeta-se ao imaginário social como alguém que intervém e se posiciona na esfera pública em defesa do Estado Democrático de Direito e dos menos

3 . GOVERNO ESTADUAL DO MARANHÃO, 2020.

4 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos atores como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

favorecidos economicamente, em oposição aos atos do presidente e seus aliados. Seus posicionamentos, proferidos ao público em geral, renderam ao porta-voz as alcunhas de *socialista* e *Governador Comunista*[5].

Embora compute uma pequena oposição institucional no âmbito estadual, pois conta com uma base plural, Flávio Dino comumente é alvo de críticas, em especial nas redes sociais.

Empregos ou direitos? Uma falsa dicotomia

As práticas discursivas aqui analisadas são entrevistas concedidas por Flávio Dino ao repórter Sidnei Pereira, em março de 2020; ao Rodrigo Martins, em abril de 2020; à Carina Vitral, em maio de 2020; e ao Inácio Carvalho, em julho de 2020. Além destas, foram analisados também os textos e performances dispostos em suas redes sociais, a saber: Twitter e Instagram, e falas difundidas em sítios eletrônicos e veículos de imprensa, devidamente identificados, como o sítio eletrônico do Governo Estadual do Maranhão; publicações do The Guardian; El País; Uol; Valor Econômico; G1 Maranhão; Sítio eletrônico do PC do B-Partido; e o Correio Braziliense. O surgimento da pandemia aguçou os ânimos entre aqueles que se situam em diferentes polos temáticos: a sustentabilidade da vida e a sustentabilidade da economia. Os posicionamentos acerca desses temas, produtores e reprodutores de antagonismos são expressos por meio de falas e performances dos porta-vozes. Em razão das contendas advindas do pleito de 2018 observa-se que, Flávio Dino, assim como outros governadores, possui um diálogo difícil com o governo federal, e essas tensões se acentuaram ainda mais com o advento do coronavírus. Pelas especificidades do Maranhão, um dos estados mais pobres do país e com altas taxas de desigualdade, a implementação de políticas sanitárias precisa ser feita com rapidez, apesar das dificuldades adicionais (PORTAL VERMELHO, 2020). No entanto,

5 . LIRIO, 2019.

essas expectativas não foram atendidas pelo governo federal e diversos governadores adotaram medidas autônomas, com assessoria técnica própria, como veremos adiante.

Embora Dino seja identificado aqui como um porta-voz do discurso científico, assumidamente contrário à postura negacionista, suas práticas são orientadas por grande preocupação com os aspectos econômicos, sobretudo pela manutenção da reprodução social dos menos favorecidos. Assim, na disputa política, marca como os seus antagonistas todos aqueles que apresentam em suas falas e atos elementos que remetam ao *individualismo* (põem em risco os menos favorecidos, a democracia, etc.). *E após a emergência da pandemia, a insensibilidade para com as vidas humanas, em razão de uma ideologia do ódio penetrando nos poros da sociedade, ganhou também espaço como ação praticada a ser combatida*. As práticas discursivas de Flávio Dino orbitam a *ideologia da solidariedade* em oposição à *ideologia do ódio*[6].

As falas e ações de Dino remontam à sua prioridade na prevenção e combate ao coronavírus e seus efeitos no Maranhão. Em maio, a justiça determinou o Estado a adotar um *lockdown* (bloqueio máximo das atividades), especificamente a grande ilha composta pelos municípios São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, devido à alta no número de casos e ocupação de leitos de UTI. Mas em julho de 2020, a população assistiu a taxa de letalidade do vírus abaixo da nacional. Ainda assim as orientações à população foram para que não descuidassem das medidas preventivas, considerando também a situação de estados vizinhos. Entre os cuidados destinados aos indígenas e quilombolas, durante esse período, foi sancionada uma lei de criação do Fundo Estadual de Apoio aos Povos Indígenas. As ações do governador foram orientadas pelo Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (CCCC), vinculado ao Consórcio Nordeste.

A proatividade de Dino em razão da ausência de medidas unificadas fez com que a contenda herdada do último pleito eleitoral ganhasse novos contornos,

6 . MÍDIA NINJA, 2020.

e a partir de suas práticas discursivas é possível apreender um retrato dos desafios anteriores e daqueles despontados ao longo da pandemia. Chamamos atenção que com a emergência do novo vírus abriu-se também uma janela de oportunidade para exposição da confirmação de suas teses, defendidas anteriormente, sobre a importância do Sistema Único de Saúde para a população; da necessidade da presença do Estado na economia; e da necessidade de defesa e manutenção do Estado Democrático de Direito.

Pautado nos eixos supracitados o porta-voz desdobra performances enfáticas quanto à necessidade de uma *união nacional* contra o *individualismo* e o *extremismo*, mas agora também com vistas ao combate à Covid-19. Tal *união* será possível a partir da gênese de uma consciência social por meio da qual todos reconhecerão a própria responsabilidade na execução de ações individuais (BOM DIA MIRANTE, 2020).

O discurso do porta-voz é direcionado ao público em geral. Fala aos *brasileiros* e *brasileiras* ou *irmãos brasileiros* e *irmãs brasileiras*. Caracteriza a emergência do coronavírus como uma *situação sanitária desafiadora*, responsável por *terríveis perdas de vidas humanas*. Apela à sensibilidade para que enxerguemos além dos dados quantitativos: *Eu não vejo números, eu vejo histórias de vida, eu vejo laços humanos, sonhos, expectativas que são frustrados*. Faz menções à *solidariedade, fé, comunhão, dor* e *pesar* por aqueles que se foram, por suas famílias, e tão logo estende esse sentimento a todos aqueles que estão passando pela crise afetados diretamente em sua reprodução material ou prejudicados em seus negócios de longo prazo. Para Dino, as urgências que afetaram os brasileiros durante a pandemia foram subsumidas pelos *tumultos institucionais* que ganham maior visibilidade, desviando as atenções de combate ao vírus: a substituição de ministros, inclusive o da saúde; as divergências sobre medidas de controle da evolução da pandemia; o incentivo ao uso de um medicamento sem eficácia comprovada; etc. Para Dino, nós estamos vendo crises em empresas, em empregos, nós estamos vendo crise social e este tumulto político[7]. Ao se

7 . CARTA CAPITAL, 2020.

referir ao *tumulto político* suas falas marcam como desnecessárias e embaraçosas as atitudes dos seus antagonistas, Bolsonaro, na qualidade de líder nacional, e seus aliados.

Apesar do cenário exposto, o governador estimula que os brasileiros *tenham fé em Deus e no país*. Lançando mão desses elementos emocionais, marcando mais uma vez a sua posição na arena, convoca o povo *a ser forte* em meio a *conjunção de fatores tão adversos,* para que não cedam a uma *visão do caos, aos cavaleiros do apocalipse que através do desespero semeiam suas teses autoritárias.* Em seus argumentos ele destaca que para vencer essa disputa é recomendado a todos o *compartilhamento da noção de destino comum. De união. E o sentimento de respeito ao próximo.* Além disso, reforça que é *preciso distanciar-se* [apenas] *socialmente, mas unir-se emocionalmente para cuidar de si, da família e do país*[8].

Ao tratar da *união* e *noção de destino comum*[9] Dino faz alusão à produção de uma *frente ampla*, a que trata também como *frente do bom senso*[10]. Consiste na articulação de todos aqueles que defendem ideias e ideais diferentes de seus antagonistas. O porta-voz manifesta em diversas ocasiões ser ela suprapartidária e que não se pode definir um modelo absoluto, posto que esse tipo de articulação é transitória. Como referência aponta as experiências do Uruguai, na constituição de uma *frente* sob a liderança de Mujica contra o conservadorismo, e no Chile, da *Concertación*[11] para suceder Pinochet. Esses argumentos são utilizados para chamar a atenção de todos os campos, inclusive da própria esquerda, sobre os significados do bolsonarismo. *Estamos diante de uma corrente de extrema direita com base popular*[12]. No Brasil, segundo Dino, a *união* em torno dessa *Frente* já rendeu frutos: a derrota do *obscurantismo*[13] em torno do FUNDEB (Fundo de Manutenção

8 . CARTA CAPITAL, 2020.

9 . Ibidem, 2020.

10 . MÍDIA NINJA, 2020.

11 . DINO, 2020b.

12 . Ibidem, 2020b.

13 . PORTAL VERMELHO, 2020.

e Desenvolvimento da Educação Básica); e o auxílio emergencial ter sido fixado em 600 reais; Opôs-se à deslegitimação da liderança das instituições da democracia; Colaborou na aprovação da lei Aldir Blanc (A Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020), entre outros.

Para Dino *nós temos a crise sanitária, mas também temos que evitar a tragédia econômica*[14]. Com essa preocupação em vista, via ofício, em julho, sugeriu ao presidente a criação de um *Pacto Nacional Pelo Emprego*. Em resposta indireta, o presidente limitou-se a dizer que havia um governador propondo o pacto, mas que estava com o seu *estado fechado*, embora o *lockdown* empreendido no Maranhão tenha acabado em maio. Dino aproveitou a ocasião dessa negativa para reforçar ser falsa a dicotomia *ou empregos ou direitos*, citando dados do Governo Federal (CAGED), sobre o Maranhão ser o estado do nordeste com melhor desempenho quanto à geração de empregos formais no mês de junho de 2020.

Com o objetivo de estimular a economia foi criado no Maranhão o Plano Emergencial de Empregos (PEE Celso Furtado), com ações previstas para os meses de agosto até dezembro de 2020, cujo objetivo é gerar empregos por meio de obras, compras governamentais, serviços e fomento setorial. Além disso, um dos eixos do Plano Emergencial prevê investimentos imediatos em políticas de proteção ao meio ambiente.

Frente Ampla: a união brasileira como estratégia contra o descontrole social e a grave instabilidade

Lançando mão da metodologia *frame analysis* de Galván (2012) foram elaborados e analisados os diferentes *marcos interpretativos* que compõem o discurso de Flávio Dino, a saber, o *marco de diagnóstico, o marco de prognóstico* e o *marco de motivação*. Abaixo dispomos um quadro com a sua exposição.

14 . BOM DIA MIRANTE, 2020.

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
Marco de diagnóstico	**Problema**		**Injustiça**
	O individualismo traduzido na política econômica; As ameaças ao Estado Democrático de Direito; O surgimento e má gestão da pandemia do coronavírus e seus efeitos sobre a população brasileira. Bolsonaro às vezes aparece como uma caricatura, algo cômico. Mas ele é perigoso. Ele e os seguidores dessa seita de extrema direita fanática são perigosos.		A instabilidade do país; O avanço do extremismo; As desigualdades sociais; A perda de vidas humanas.
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	A construção de uma ampla coalizão para evitar uma nova ditadura. É necessário proteger as vidas e a economia, mas a vida deve estar em primeiro lugar. Para haver justiça social é inevitável a atuação do Estado na economia, mas como coordenador, planejador e sobretudo no papel distributivo. A correção da lógica capitalista é possível mediante a ação do Estado.	Individualistas, liberais e ultraliberais, extremistas, negacionistas.	É preciso uma união geral. União ampla em favor da democracia brasileira, em favor da eficácia no combate ao coronavírus. Há um espírito de facção penetrando nos poros da sociedade, despertando sentimentos violentos. Diante dessa grave situação temos que unir forças junto à frente do bom senso.
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/ política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	União dos brasileiros; Frente ampla; Frente do bom senso. Todos juntos à favor da liberdade, da democracia, da justiça social, da reprodução material das famílias. Vs. Os individualistas; liberais; ultraliberais; extremistas; negacionistas. Aqueles insensíveis às vidas humanas, à fome, ao sofrimentos do próximo. Os mantenedores das desigualdades, injustos socialmente. Extremistas que detém o espirito de facção e são violentos.	A união em torno da Frente Ampla foi inspirado pela Diretas Já - uma campanha histórica pró-democracia que ajudou a acabar com duas décadas de regime militar na década de 1980. *Enfim, existia um conjunto de governadores que faziam oposição ao Governo Federal, inclusive fazendo campanha pelas "Diretas Já" contra o regime militar. Mas seus governos se reuniam normalmente com um presidente general de direita eleito indiretamente. Então, a essas alturas, se Mourão fosse igual a Figueiredo, um homem de direita e que dialoga, é um enorme avanço em relação a Bolsonaro.*	A união daqueles que defendem o Estado Democrático de Direito, e os direitos dos menos favorecidos em torno de uma Frente Ampla. *A resposta está no estado. Conseguir estabilizar a economia, fazer com que ele [o Brasil] volte a crescer e proteger os mais vulneráveis socialmente, aí abrangendo não só os mais pobres, mas os micro e pequenos empreendedores que precisam desse impulso para manter as suas portas abertas.* *Após a pandemia do coronavírus a agenda tributária deve voltar, assim como uma agenda de investimento público. Esse é o único caminho, não existe outro. O outro caminho e o caminho de uma pequena fração da elite que acha que pode esmagar o povo, ignorar e tratorar, passar por cima, e botar uma capa de suposta técnica econômica para justificar a manutenção de privilégios de poucos enquanto a maioria fica abandonada.* *O individualismo é destrutivo. O individualismo mata.*

No *marco de diagnóstico* do discurso do ator apresenta-se a descrição do que é entendido como problema e também a injustiça que se destaca associada ao problema diagnosticado. Observa-se que inicialmente o problema

que se destacava era o avanço dos ideais da extrema direita no país, e como injustiça, as ameaças destes à democracia. Certa vez Dino pontuou: *Bolsonaro às vezes aparece como uma caricatura, algo cômico. Mas ele é perigoso. Ele e os seguidores dessa seita de extrema direita fanática são perigosos*[15].

A chegada e avanço da pandemia no Brasil ressignificaram suas preocupações e o seu discurso. O avanço da pandemia expôs o desalinhamento entre as agendas dos gestores estaduais e o governo federal para resolução de um problema que afeta a todos, independentemente de ideologias. Dino frisa que o seu foco, assim como de outros governadores, é o coronavírus, a crise de saúde e a amenização dos efeitos sociais. *A* necessidade que se impõe urgentemente é evitar um descontrole social e uma instabilidade grave. Assim, reforça em suas falas que as injustiças em destaque são: a instabilidade, o avanço do extremismo, as desigualdades sociais cada vez mais acentuadas em razão da concentração das riquezas nas mãos de poucos, e a perda de vidas humanas.

No *marco de prognóstico* apresenta-se uma proposta de solução do problema, nele traça-se a fronteira que delimita os outros, o *eles*, e articula a identidade do *nós*, daqueles que serão os protagonistas das mudanças almejadas. Nesse sentido, em suas práticas discursivas, Dino aciona todos aqueles que defendem os direitos do povo *a formar uma coalização para evitar uma nova ditadura, tal como existiu no passado*[16], mas também *proteger as vidas e a economia*. Essa coalização denominada também de *frente ampla* ou frente do *bom senso* é, segundo manifesta o governador, suprapartidária, e visa congregar todos aqueles que possuem ideais diversos aos dos seus antagonistas. Para Dino, também *não haverá justiça social sem que nós tenhamos a presença do Estado na economia. Não deve ser absoluto, mas planejar, coordenar e garantir justiça ao sistema*[17].

Baseado no prognóstico da dimensão vencedora nota-se o delineamento dos antagonismos a partir da construção de uma identidade que congrega

15 . PHILLIPS, 2020.

16 . PHILLIPS, 2020.

17 . MÍDIA NINJA, 2020.

o *eles*, aqueles com ideias diversas a do porta-voz, representados pelos liberais, ultraliberais, *extremistas,* e *negacionistas,* ao passo que seu discurso também produz a identidade *nós* representada pelo *núcleo do bom senso, frente ampla* ou a *união* (do povo brasileiro)[18].

Assim, objetivamente, no *marco de motivação*, Dino expõe que a dimensão vencedora, no que concerne ao coronavírus, está pautada na atuação de uma coalizão que deve s*eguir a ciência, garantir os direitos econômicos e sociais da população, e combater o extremismo.* Em sua perspectiva o *Brasil não pode suportar essas anomalias* [de Bolsonaro], referindo-se às atitudes e ao conteúdo de suas políticas[19], e extrapola a dimensão da pandemia resgatando a ideia de união em torno de uma *frente ampla* como dimensão vencedora de um projeto de país.

Para reforçar seus argumentos demonstra o que está em jogo lançando mão da pandemia como agenda prioritária a todo o Brasil, e a partir desse acontecimento elabora *um tipo ideal* de líder nacional no qual o atual presidente não se enquadra: *um líder nacional une, Bolsonaro divide. Um líder nacional procura cuidar da gestão pública, da gestão administrativa, Bolsonaro se preocupa exclusivamente com o poder e eleições futuras. Um líder nacional procura colocar na frente o interesse de todos e não o interesse de pequenos grupos ou da sua própria família, como infelizmente Bolsonaro vem fazendo*. Além desses pontos o porta-voz destaca que não houve *senso de humanidade, de patriotismo, e de respeito às famílias brasileiras*, pois mesmo diante da pandemia, *das perdas, da angústia das famílias, da situação vivenciada pelos profissionais de saúde, das carências do sistema hospitalar,* o líder *criou confusão política*[20].

No *marco de motivação* observa-se que através da moralização da fronteira Flávio Dino aciona a falta de *ponderação*, *sensatez* e *inabilidade* de diálogo do seu antagonista para governar ou mesmo gerir a crise causada pela Covid-19. Baseado na caracterização que fez de seu antagonista — promotor

18 . PHILLIPS, 2020.

19 . SAKAMOTO, 2020.

20 . CARTA CAPITAL, 2020.

de *tumultos institucionais*, avesso ao diálogo —, propõe a união de todos os brasileiros em torno da *frente ampla: em defesa da vida, da liberdade, da democracia, dos direitos dos menos favorecidos, entre outros*[21].

Para legitimar esse argumento registrou que até mesmo durante o regime militar um *conjunto de governadores que faziam oposição ao Governo Federal, inclusive, fazendo campanha pelas "Diretas Já", se reuniam normalmente com um presidente general de direita eleito indiretamente*[22]. Essa referência histórica é utilizada para marcar a necessidade de pôr o Brasil, o povo e a Constituição, realmente acima de tudo, inclusive, das ideologias.

As *identidades* (LACLAU; MOUFFE, 1996) produzidas a partir do *traçado de fronteira* exposto no discurso são construídas em oposição. O *nós* destaca-se a partir da demarcação de um *eles*. Além disso, ressaltamos que o mesmo sujeito social pode ter identidades diversas, as quais aciona de acordo com o contexto em que está inserido.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Eles: Ideologia do ódio	**Nós: Ideologia da solidariedade**
Extremistas	Frente do bom senso
Individualistas	União
Facção de extrema direita	Estado Democrático de Direito
Facção perigosa	União ampla
Legião de desvairados	Núcleo do bom senso
Liberais/Ultraliberais	Estado
Semeadores de teses autoritárias	União entre os brasileiros
Cavaleiros do apocalipse	União verdadeira. Respeito ao próximo
Visão do caos	Noção de destino comum
Negacionismo irresponsável	Ação convergente
Isolamento vertical	Isolamento horizontal
Sabotagem	Medidas de preventivas
Arautos do pessimismo e do fracasso	Frente ampla

21 . MÍDIA NINJA, 2020; PORTAL VERMELHO, 2020.

22 . BETIM, 2020.

Na elaboração de seu discurso Flávio Dino aglutina diversas identidades que constituem o *eles* tais como: facção perigosa; facção de extrema direita, violenta, e com base social; legião de desvairados; semeadores de teses autoritárias; cavaleiros do apocalipse; *ideologia do ódio*; *extremistas*; individualistas; liberais/ultraliberais; negacionismo irresponsável; sabotagem; isolamento vertical; visão do caos; arautos do pessimismo e do fracasso.

O elemento articulador, ponto nodal, das diferentes demandas daqueles que se aglutinam sob o *eles*, seria a *ideologia do ódio*, que apresenta como característica o *extremismo*.

Algumas dessas identidades articuladas, por exemplo, aqueles sob as nominações *facção perigosa, facção de extrema direita violenta, legião de desvairados, semeadores de teses autoritárias, e cavaleiros do apocalipse*[23] atuam sob influência do que Dino chama de *ideologia do ódio*. Um exemplo do que nomina como *facção* são os *robôs* que o atacam diariamente na internet, independentemente do conteúdo publicado. Essa mesma *ideologia do ódio* estaria entranhada nas teses que sustentam as injustiças sociais.

Nesse sentido, o *individualismo* seria fruto da *ideologia do ódio,* que no caso da pandemia do novo coronavírus se relaciona ao *negacionismo irresponsável*, reflexo da negligência com as vidas humanas e da falta de *solidariedade ao próximo*. O compartilhamento de *devaneios,* como a defesa de um *isolamento vertical* no auge da pandemia*, o culto à cloroquina*[24]*,* e a crença na existência da oposição *saúde/manutenção das vidas humanas* versus *economia,* seria fruto também do *individualismo*. Aqueles a quem nomina de *extremistas* são indivíduos também influenciados pela ideologia do ódio, atentam contra a democracia e as medidas de contenção da pandemia indicadas pela OMS, o Ministério da Saúde, e demais especialistas. *São os semeadores do caos, os cavaleiros do apocalipse. Sob a identidade arautos do pessimismo e do fracasso* aglutina aqueles que desacreditam a força e eficácia da *frente ampla*.

23 . MÍDIA NINJA, 2020.

24 . PORTAL VERMELHO, 2020.

Assim, os conteúdos morais negativos atribuídos ao *eles* podem ser traduzidos pela *insensibilidade às vidas humanas e o desrespeito ao Estado Democrático de Direito.* Entre os principais problemas estão a falta de ponderação, sensatez, e capacidade de diálogo para resolver a crise estabelecida. O ponto nodal que articula o *eles* é a ideologia do ódio. Dispomos abaixo um diagrama com as cadeias de equivalências.

Cadeia de equivalências do *eles*

Na elaboração de seu discurso Flávio Dino aglutina diversas identidades que constituem o *nós* em oposição ao *eles*. Sob *a ideologia da solidariedade* ele articula a *união entre os brasileiros*. Uma *união verdadeira* baseada na *noção de destino comum*. Essa união, concretamente, é a coalizão, a *frente ampla*,

também chamada de *frente do bom senso*, ou *núcleo do bom senso*. São convidados a compor essa coalizão todos aqueles que possuem *bom senso, responsabilidade, senso de humanidade,* defensores da *normalidade democrática* no Brasil, e do *direito dos mais pobres. O núcleo do bom senso* articula *Judiciário, Ministério Público, Congresso, governadores, prefeitos ex-ministros*[25]; profissionais que trabalham sob a chancela da ciência e dos dados técnicos, entre outros.

Fazem parte do *nós* as *ações convergentes*, eficientes nas medidas de prevenção e contenção da pandemia, como o isolamento horizontal. No Brasil, constituem o *nós*, além do *Estado democrático de direito,* a ideia de *Estado* mediador na economia, com vistas a corrigir as injustiças intrínsecas às suas próprias leis[26].

Dino reforça que o *núcleo do bom senso*, ou *frente ampla*, aglutina ideais que não ficam circunscritas à esquerda brasileira e cita como exemplo de sucesso dessa mobilização a implementação do auxílio emergencial, aprovado contando com o apoio de setores diversos da política e de economistas. *Essa frente deve ser de resistência aos desvarios bolsonaristas, mas também de construção de alternativas em favor do Brasil*[27]. O ponto nodal que articula o *nós* é a *ideologia da solidariedade*, que tem como reflexo a *união* representando os valores e demandas inerentes aos componentes desse núcleo.

Nas práticas discursivas de Flávio Dino permanece — ainda que em menor intensidade — o antagonismo advindo da contenda eleitoral, mas reatualizado, agora sob o risco da hegemonia da extrema direita, polarizada entre o presidente e seus aliados, apoiadores, o *eles*, em oposição à esquerda, e aos setores liberais unidos numa frente pela democracia, o *nós*. Abaixo dispomos a cadeia de equivalências do *nós*.

25 . MÍDIA NINJA, 2020; PORTAL VERMELHO, 2020.

26 . MÍDIA NINJA, 2020.

27 . Ibidem, 2020.

Cadeia de equivalências do *nós*

O discurso do porta-voz é apoiado em um tom mais técnico e intelectual ao argumentar sobre possíveis procedimentos jurídicos e administrativos que resolveriam questões relacionadas à crise política que assola o país. No entanto, adota um tom mais emocional, de caráter humanitário, ao tratar das desigualdades sociais e econômicas, da pandemia do novo coronavírus, da situação das vítimas e suas famílias. Observa-se a frequência em suas falas de mensagens de fé católica, esperança e solidariedade, sobretudo no momento em que o presidente é bastante criticado por sua postura frente ao

coronavírus. Nesse sentido, as práticas discursivas proferidas ao público em geral, munido de um conteúdo mais emocional, de apelo aos sentimentos, ao caráter simbólico dos rituais, pode sim atrair possíveis aderentes[28].

O porta-voz comumente se apresenta à mídia social para compartilhar os seus posicionamentos. O posicionamento público se dá por meio das redes sociais (facebook, twitter, e instagram). Empreender uma análise da recepção de seu discurso a partir, por exemplo, dos comentários nas redes, é limitante. O governador é atacado diariamente por *haters*, a quem ele mesmo denomina como *milícia digital*, possivelmente composta por robôs.

A ideologia da solidariedade versus à ideologia do ódio na disputa pela hegemonia

Os maiores opositores de Dino são Bolsonaro e os seus apoiadores. No entanto, em abril, ao cumprir uma agenda enquanto vice-presidente, Mourão reuniu-se com governadores, entre eles Dino, para tratar das medidas de combate ao coronavírus nos Estados da região amazônica. Como repercussão desse encontro cortês com o vice-presidente, Dino sofreu ataques sob a designação de *opositor socialista*, e na ocasião pontuou que *se Bolsonaro entregar o governo para ele [Mourão], o Brasil chegará em 2022 em melhores condições*[29].

Criticado por creditar ao presidente óbitos em razão da Covid-19, em abril de 2020[30], tem sido alvo também de *fake aúd*. Recentemente, durante a pandemia, por meio do compartilhamento de uma imagem de 2018, foi acusado de causar aglomeração durante o velório do pai, cujo falecimento ocorreu em agosto. Sobre o episódio Dino questionou, via twitter: *Que tipo de "gente" é capaz de agredir uma família em luto? Que tipo de "gente" é capaz de usar uma foto de um velório de como sendo o do meu pai para me agredir? Já vi muitos tipos de criminosos. Mas ainda me impressiono com o que estão*

28 . BOM DIA MIRANTE, 2020.

29 . MATTOSO, 2020.

30 . BOM DIA MIRANTE, 2020.

transformando a política no Brasil[31]. Dino é filho de Sálvio Dino, advogado que fora cassado e perdeu os direitos políticos em 1964. Sálvio Dino faleceu em 24 de agosto de 2020, aos 88 anos.

As críticas se estenderam ao longo da pandemia por suas ações com vista a contenção do novo vírus, e das medidas propostas para mitigar os impactos na economia. Além disso, fora criticado por suas tentativas de *união* em torno da frente ampla. Como argumentou o próprio Dino, *há segmentos da esquerda brasileira, da luta social, do movimento social, que desdenham da ideia de uma frente ampla*[32], porque traz à baila problemas pretéritos de seus possíveis aderentes. No entanto, é preciso ter em mente que a ideia da *união* se pretende apartidária. É o momento de *união* daqueles que defendem a Constituição, a democracia e a liberdade política, pois *vivemos um momento político e social de intolerância aguda às opiniões contrárias ou a contestação*.

Junto ao jornal O Estado, a Escutec, a partir de uma pesquisa realizada em junho de 2020, apontou que o governo de Dino era aprovado por 57% da população naquele momento, enquanto 35% desaprovavam e 8% não se manifestaram. A mesma pesquisa revelou que 59% da população aprovava as medidas de combate ao coronavírus adotadas no estado, enquanto 23% disseram não aprovar, 16% não manifestaram opinião contra ou a favor, e 2% não se posicionaram. No que concerne a flexibilização das medidas empreendidas, 27% da população não era a favor da flexibilização, ao passo que 70% eram favoráveis à reabertura do comércio e 3% não souberam ou não quiseram se manifestar (G1 MARANHÃO, 2020).

Em nova pesquisa de opinião, em julho de 2020, em parceria entre a TV Difusora e o Instituto Exata, constatou-se que Flávio Dino obtinha 67% de aprovação, 29% de reprovação, e 4% da população não se manifestou contra ou a favor. A pesquisa revelou que 55% acreditavam que Dino empreendeu medidas mais eficazes no controle da propagação do novo vírus (PC DO B – PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, 2020).

31 . DINO, 2020c.

32 . MÍDIA NINJA, 2020.

Ao que tudo indica, para Dino, há uma disputa também pelo movimento de crítica ao bolsonarismo e o vencedor sairá vitorioso no pleito de 2022. O desafio que se põe é *garantir que o desencanto, a desilusão, a revolta, a indignação contra o Bolsonaro se traduza no fortalecimento de alternativas progressistas*[33].

Considerações Finais

O porta-voz procura demonstrar respeito e consideração às famílias das pessoas que morreram no Brasil em decorrência do coronavírus, e a preocupação com problemas pretéritos que se agravaram e aqueles que surgiram, como desmatamentos e queimadas, *pois ameaçam o meio ambiente, e isolam o Brasil expondo a economia a sanções*. Entre as características mais marcantes do discurso do porta-voz está a ideia de *união* ampla dos brasileiros a partir dos ideais que sustentam a *ideologia da solidariedade*.

Dino acena ao campo progressista para projetarem-se enquanto alternativa sólida e viável às necessidades dos brasileiros posto que avalia ser *insustentável* a popularidade de Bolsonaro em razão das muitas contradições acumuladas e expressas em seus atos e falas: não há equipe econômica; não há agenda. Assim, previu um segundo semestre de 2020 árduo ao Brasil em razão da economia e pontuou a *união* como parte da solução

Embora não alimente ilusões quanto a essa *união* em torno do pleito de 2022, acredita que ela é necessária e, se consideradas três pautas centrais — defender o estado democrático de direito; manter o combate ao coronavírus; solucionar a crise econômica (gerar empregos) —, pode haver uma redução das tensões entre a oposição. Isso facilitará a construção de um discurso comum para 2020, evitando-se que ocorra situação semelhante à de 2018, na eleição de Bolsonaro: *Há menos divergências quanto ao futuro do que em relação ao passado. Então, no campo da esquerda, quando você*

33 . PORTAL VERMELHO, 2020.

vê críticas pontuais, nota-se uma coisa curiosa: o debate nunca é focado no futuro, ou seja, o que é necessário para a recuperação do país e o bem-estar da população[34].

Dino chama atenção para o avanço do negacionismo, do extremismo, da ideologia do ódio e toda a sua carga negativa. Oferece alternativas, mas também adianta ao *Tribunal da História* questionamentos que aqueles que priorizaram as vidas humanas associadas a manutenção da economia, já sabem as respostas: *Quem disse que poucos morreriam? Quem gerou aglomerações em passeios irresponsáveis? Quem sabotou o uso de máscaras? Quem debochou das mortes, alegando não ser coveiro? Quem divulgou remédios "milagrosos", sem ser médico?*[35].

Em janeiro de 2021, embora sem uma campanha nacional sólida de vacinação, o Maranhão deu um importante passo nesse sentido. Entregaram as primeiras 164 mil doses recebidas aos 217 municípios maranhenses. As primeiras vacinações contra o coronavírus foram realizadas em homenagem aos profissionais de saúde na linha de frente contra a pandemia e os povos indígenas.

O governador que, em dezembro do ano anterior, ingressou com ação judicial no Supremo para que os estados pudessem adquirir diretamente vacinas contra o coronavírus autorizadas por Agências sanitárias dos Estados Unidos, União Europeia, Japão e China, sempre que possível frisa *a incompetência nas relações internacionais colocou o Brasil às margens das negociações no que tange à corrida pela obtenção das vacinas em quantidade necessária ao país*. [...] *A ideologia extremista de Bolsonaro está implicando o pagamento de um alto preço pela população, como lamentavelmente estamos vendo com mortes, sofrimentos e caos econômico*[36].

No final de janeiro de 2021 o número de casos no Maranhão voltou a aumentar. Assim, o governo definiu algumas medidas, como a ampliação de leitos, mas

34 . VASCONCELLOS, 2020.

35 . DINO, 2020a.

36 . DINO, 2021a.

frisou não cogitar um novo Lockdown no momento. Entre suas preocupações observavam-se: *as dificuldades de não termos um calendário nacional de vacinação que seja seguro e confiável. Essa é uma urgência nacional, para a saúde e para a economia*[37]. *Sem previsibilidade, não há investimentos privados e não há empregos*; *e a manutenção das vinculações orçamentárias para saúde e educação, essenciais, para não ampliar desigualdades sociais e regionais*[38].

No mês seguinte, em meio ao elevado índice de contágio e mortalidade, falta de insumos e ampliação dos problemas sociais e econômicos por todo o país, o Fórum Nacional de Governadores propôs um Pacto Nacional em Defesa da Vida e da Saúde (ABRASCO, 2021). Este pacto, sem cunho político-partidário, assinado por 21 governadores, visava garantir a expansão da vacinação; a ampliação das medidas preventivas; e que a União apoie os Estados na manutenção dos leitos, como dispõe a legislação do SUS.

Em maio de 2021, o trabalho com vistas à contenção do vírus realizado no Maranhão é reconhecido como exemplo mencionado na revista Veja. Considerado o estado mais pobre da federação, registrava a menor taxa de óbitos no país, índice semelhante ao da Alemanha (REVISTA VEJA, 2021). No mesmo mês um navio destinado ao Porto da Vale no Maranhão, continha tripulantes com a cepa indiana. O navio não atracou no porto, mas um dos tripulantes foi levado a um hospital privado na capital. *Os exames realizados posteriormente na equipe do hospital que atende o paciente indiano não detectaram qualquer pessoa com a cepa indiana. Assim também no hotel com outros indianos. O governador reiterou que não há cepa indiana em transmissão local no Maranhão, até aquele momento*[39].

Ainda em maio o governo de Flávio Dino autuou o presidente da República, pela promoção no Maranhão de aglomerações, com mais de cem pessoas no município de Açailândia, sem nenhum cuidado sanitário. Há em vigor no

37 . DINO, 2021b.

38 . DINO, 2021c.

39 . DINO, 2021h; G1 MA, 2021.

estado uma norma proibindo eventos com público acima de 100 pessoas e determinando o uso de máscaras[40]. Nas redes sociais Dino destacou: *A lei é para todos. [...] O presidente da República deve observância à legislação federal e estadual*[41].

Com vistas a ampliar a oferta de imunizantes a população, ainda em abril de 2021, o *Maranhão apresentou ao STF uma petição requerendo a autorização à importação da vacina Sputnik V*, após intenso diálogo ao longo dos meses com as instituições responsáveis, Flávio Dino divulgou em suas redes, em junho, que no dia 04 do mesmo mês *a Anvisa havia liberado a compra da vacina Sputnik V. O governo do maranhão assinou um contrato de compra de pouco mais de 4 milhões de doses, com vistas a fortalecer o plano estadual de imunização ou mesmo o nacional, de acordo com a decisão tomada pelo Ministério da Saúde*[42].

Até o momento, junho de 2021, o Maranhão obteve 2.470.721 doses distribuídas: Coronavac (542.281 – 1ª dose; 528.671 – 2ª dose); Astrazeneca (1.233.565 – 1ª dose; 98.000 – 2ª dose); e Pfizer (68.204 – 1ª dose; e 0 – 2ª dose). Quanto às doses aplicadas o total perfaz 1.937.345: Coronavac (520.247 -1ª dose; 470.144 – 2ª dose); Astrazeneca (842.104 – 1ª dose; 74.216 – 2ª dose); Pfizer (30.634 – 1ª dose; 0 – 2ª dose) (SECRETARIA DE SAÚDE DO MARANHÃO, 2021).

Entre as medidas para mitigar o cenário de dificuldade no estado, o governador concedeu auxílios emergenciais estaduais ao setor cultural, no valor de R$ 600, e para bares e restaurantes, no valor de R$ 1.000. Em suas falas sempre reforça que *todos continuem contribuindo com o combate ao coronavírus, adotando todas as medidas sanitárias necessárias à prevenção, como uso de máscaras, higienização das mãos e respeito ao distanciamento social*[43].

40 . DIÁRIO DO NORDESTE et al., 2021.

41 . DINO, 2021f; DINO, 2021g.

42 . DINO, 2021i; DINO, 2021d; DINO, 2021e.

43 . DINO, 2021a.

REFERÊNCIAS

ABRASCO. **Pacto nacional em defesa da vida e da saúde**. 9 março 2021. Disponível em: abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/2021.03.09.-Pacto-Nacional-em-Defesa-da-Vida-e-da-São%CC%81de.vf2_.pdf. Acesso em: 10 abril 2021.

BETIM, Felipe. Flávio Dino: "Bolsonaro não dirige nem o Governo dele. Quer demitir Guedes, Moro e Mandetta e não pode". **El País**, 7 abril 2020. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2020-04-07/flavio-dino-bolsonaro-são-dirige-nem-o-governo-dele-quer-demitir-guedes-moro-e-mandetta-e-são-pode.html. Acesso em: 27 setembro 2020.

BOM DIA MIRANTE**.** Governador Flávio Dino decreta situação de calamidade pública. **Bom Dia Mirante**, 20 março 2020. Disponível em: globoplay.globo.com/v/8416221/. Acesso em: 14 setembro 2020.

CARTA CAPITAL. Crise política e a pandemia do coronavírus. **YouTube**. 27 abril 2020. Entrevista Disponível em: youtu.be/2cUhvnOnXKI. Acesso em: 14 setembro 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE; PITOMBO, João Pedro; PORTILHO, Ananda/Folhapress. Bolsonaro é autuado por não usar máscara e gerar aglomeração no Maranhão. **Diário do Nordeste**, 21 maio. 2021. Disponível em: diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/bolsonaro-e-autuado-por-são-usar-mascara-e-gerar-aglomeracao-no-maranhao-1.3088784. Acesso em: junho 2021.

DINO, Flávio. Quem disse que poucos morreriam? Quem gerou aglomerações em passeios irresponsáveis? Quem sabotou uso de máscaras? Quem debochou das mortes, alegando não ser coveiro? Quem divulgou remédios "milagrosos", sem ser médico? São as perguntas do Tribunal da História para Bolsonaro. Brasil, 8 agosto 2020ª. **Twitter**: @FlavioDino. Disponível em: twitter.com/FlavioDino/status/1292144656164290560. Acesso em: 15 agosto 2020.

DINO, Flávio. Por que precisamos de uma reorganização do campo progressista, inclusive com federações partidárias? Brasil, 10 agosto 2020b. **Twitter**: @FlavioDino. Disponível em: twitter.com/FlavioDino/status/1292676383945175041. Acesso em: 15 agosto 2020.

DINO, Flávio. Que tipo de "gente" é capaz de agredir uma família em luto? Que tipo de "gente" é capaz de usar uma foto de um velório de como sendo o do meu pai para me agredir? Já vi muitos tipos de criminosos. Mas ainda me impressiono com o que estão transformando a política no Brasil. Brasil, 26 agosto 2020c. **Facebook**: Flávio Dino. Disponível em: facebook.com/flaviodino/posts/1645880038906096/. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. **Artigo do governador:** A luta pelas vacinas. 24 janeiro 2021ª. Disponível em: ma.gov.br/artigo-do-governador-a-luta-pelas-vacinas/. Acesso em: 2 fevereiro 2021.

DINO, Flávio. **Na entrevista coletiva de hoje, falei sobre as dificuldades de não termos um calendário nacional de vacinação que seja seguro e confiável. Essa é uma urgência nacional, para a saúde e para a economia. Sem previsibilidade, não há investimentos privados e não há empregos**. Brasil, 19 fevereiro 2021b. Twitter: @FlavioDino. Disponível em: mobile.twitter.com/FlavioDino/status/1362795500722872321. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. **No atual momento, manter as vinculações orçamentárias para saúde e educação é essencial, sob pena de gerar mais subfinanciamento e ampliar desigualdades sociais e regionais. Saúde e educação não precisam de cortes e sim de estímulos para despesas com qualidade**. Brasil, 23 fevereiro 2021c. Twitter: @FlavioDino. Disponível em: twitter.com/FlavioDino/status/1364170058637996033. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. Maranhão apresentou ao STF uma petição requerendo a autorização à importação da vacina Sputnik. As leis são claras ao permitir a compra pelos Estados. Não há motivo para protelações. O Brasil não pode ficar eternamente no fim da fila das vacinas em nível internacional. Brasil, 9 abril 2021d. **Instagram**: @FlavioDino. Disponível em: instagram.com/p/CNc1nLGn-7E/. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. Agradeço à Organização Mundial de Saúde (Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS), órgão do Sistema #ONU, que garantiu a entrega de 4 milhões de doses de #vacinas ao #Brasil. Apesar de vis e desvairados ataques por parte da extrema-direita, tais organizações são essenciais, como esse exemplo demonstra. Brasil, 3 maio 2021e. **Instagram**: @FlavioDino. Disponível em: instagram.com/p/COaCYlCFUdM/. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. **Estamos vivendo uma fase especialmente desafiadora da pandemia. A equipe da saúde tem trabalhado muito. E hoje resolveu lavrar Auto de Infração contra o presidente da República, pela promoção no Maranhão de aglomerações sem nenhum cuidado sanitário. A lei é para todos. Brasil**, 21 maio. 2021f. Twitter: @FlavioDino. Disponível em: twitter.com/FlavioDino/status/1395874910195658753. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. **O presidente da República deve observância à legislação federal e estadual. Está em vigor uma norma proibindo eventos acima de 100 pessoas e determinando o uso de máscaras. O presidente poderá exercer seu direito de defesa. Valor da multa está previsto em Lei Federa**l. Brasil, 21 maio. 2021g. Twitter: @FlavioDino. Disponível em: twitter.com/FlavioDino/status/1395874910195658753. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. Exames realizados na equipe do hospital privado que atende o paciente indiano não detectaram qualquer pessoa com a cepa indiana. Assim também no hotel com outros indianos. Assim, reiteramos que NÃO HÁ cepa indiana em transmissão local no #Maranhão, no momento. Brasil, 27 maio. 2021h. **Instagram**: @FlavioDino. Disponível em: instagram.com/p/CPY2wd_BxI-/. Acesso em: 19 julho 2021.

DINO, Flávio. Sobre a vacina #Sputnik, liberada ontem pela #Anvisa, os governadores da #Amazônia e do #Nordeste teremos uma reunião neste sábado, 10h, para definição dos próximos passos. Quanto mais #vacinas, mais vidas salvas e mais rapidamente sairemos dessa crise sanitária e econômica. Brasil, 5 junho 2021i. **Instagram**: @FlavioDino. Disponível em: instagram.com/p/CpvIvXAlmMU/. Acesso em: 19 julho 2021.

G1 MA. 70% dos maranhenses são a favor da reabertura do comércio, diz pesquisa. **G1 Maranhão**, 13 junho 2020. Disponível em: g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/06/13/70percent-dos-maranhenses-são-a-favor-da-reabertura-do-comercio-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 27 setembro 2020.

G1 MA. Equipe do hospital que teve contato com infectados com variante indiana testa negativo para cepa no MA. **G1Maranhão**, 27 maio. 2021. Disponível em: g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/05/27/pacientes-que-tiveram-contato-com-infectados-com-variante-indiana-testam-negativo-para-cepa-no-maranhao.ghtml. Acesso em: 19 julho 2021.

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009)**: un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y aúdesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012. Disponível em: eprints.ucm.es/id/eprint/14574/. Acesso em: 7 abril 2020.

GHIROTTO, Edoardo; CASTRO, Juliana. Estado mais pobre do país, Maranhão dá bom exemplo no combate à pandemia. **Revista Veja.** 7 maio. 2021. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/estado-mais-pobre-do-pais-maranhao-da-bom-exemplo-no-combate-a-pandemia/. Acesso em: 10 abril 2021.

GOVERNO ESTADUAL DO MARANHÃO. **Governador – Flávio Dino de Castro e Costa.** Disponível em: www3.ma.gov.br/governo/. Acesso em: 27 setembro 2020.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel. 1996.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy:** towards a radical democratic politics. London: Verso. 1985.

LIRIO, Sergio. Comunista, cristão e paraíba: descubra o governador Flávio Dino. **Carta Capital**. 5 agosto 2019. Disponível em: cartacapital.com.br/politica/comunista-cristao-e-paraiba-descubra-o-governador-flavio-dino/. Acesso em: 2 agosto 2021.

MATTOSO, Camila. Após crítica, Dino pergunta se filho do presidente quer extinguir o MA. **Valor Econômico**. 4 abril 2020. Disponível em: valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/04/são-critica-dino-pergunta-se-filho-do-presidente-quer-extinguir-o-ma.ghtml. Acesso em: 27 setembro 2020.

MÍDIA NINJA. Governador do Maranhão Flávio Dino conversa com Carina Vitral. **Youtube.** 8 maio. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=FkiC9oA2STA&feature=youtu.be. Acesso em: 14 setembro 2020.

PC DO B-PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Pesquisa aponta que 67% aprovam governo Flávio Dino no Maranhão**. 30 julho 2020. Disponível em: pcdob.org.br/noticias/pesquisa-aponta-que-67-aprovam-governo-flavio-dino-no-maranhao/. Acesso em: 27 setembro 2020.

PHILLIPS, Tom. Brazil's left and right unite to launch pro-democracy manifesto.**The Guardian.** 31 maio. 2020. Disponível em: theguardian.com/world/2020/may/31/brazils-left-and-right-unite-to-back-pro-democracy-manifesto-bolsonaro. Acesso em: 27 setembro 2020.

PORTAL VERMELHO. Flávio Dino quer frente ampla em defesa da democracia e dos direitos. **Facebook**: Portal vermelho, 28 fevereiro 2020ª. Disponível em: vermelho.org.br/2020/02/28/flavio-dino-quer-frente-ampla-em-defesa-da-democracia-e-dos-direitos/. Acesso em: 25 julho 2021.

PORTAL VERMELHO. Flávio Dino fala sobre os desafios da conjuntura atual. Brasil, 21 julho 2020b. **Facebook**: Portal Vermelho. Disponível em: facebook.com/pcdob65/videos/vb.203326359677581/3335702956473408/?type=2&theater. Acesso em: 14 setembro 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. Coronavírus e bolsonarismo são doenças que desafiam o país, diz Flávio Dino. **Notícias Uol,** 30 março 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/30/coronavirus-e-bolsonarismo-são-doencas-que-desafiam-o-pais-diz-flavio-dino.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola. Acesso em: 14 setembro 2020.

SECRETARIA DE SAÚDE DO MARANHÃO. **CORONAVÍRUS Vacinação no Maranhão**. Disponível em: painel-covid19.saude.ma.gov.br/vacinas. Acesso em: 6 junho 2021.

VASCONCELLOS, Jorge. Governador Flávio Dino se torna um dos principais concorrentes de Bolsonaro. **Correio Braziliense,** 6 jul. de 2020. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/06/interna_politica,869669/governador-flavio-dino-se-torna-um-dos-principais-concorrentes-de-bols.shtml. Acesso em: 27 setembro 2020.

6 . Da Covid-19 ao vírus do autoritarismo: O discurso político de Rodrigo Maia

Thais Ponciano Bittencourt, Jorge O. Romano, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Eduardo Britto Santos, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Daniel S.S. Borges, Juanita Cuéllar Benavides, Renan Alfenas de Mattos, Ricardo Dias da Silva, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[1]

Esta análise é fruto do Grupo de Pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas" (CPDA-UFRRJ), que desenvolve análises da construção política dos discursos e das identidades sócio-políticas a partir dos aportes da Escola de Essex e, também, da abordagem de marcos interpretativos.

É parte da pesquisa mais ampla que gerou a série "Populismo e Crise: A análise política dos discursos sobre a pandemia da Covid-19", que considera a pandemia da Covid-19 como um acontecimento que coloca em suspensão a formação hegemônica até então vigente, abrindo oportunidades de disputa política através dos discursos — com suas narrativas nas dimensões

1 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

nacional e internacional. Nessa pesquisa maior procuramos reconstruir o campo discursivo sobre a pandemia com os principais discursos em disputa — o "negacionista" e o "científico", que articulam com ênfases diferentes dois pólos temáticos: a sustentabilidade da economia e a sustentabilidade da vida. Neste artigo tratamos da análise do discurso de um porta-voz importante no contexto nacional que é o deputado federal Rodrigo Maia, enquanto presidente da Câmara dos Deputados.

Rodrigo Maia: Família, Centrão e Política Neoliberal

Com parentes e casamento no mundo da política, Rodrigo Felinto Ibarra Epitácio Maia pode ser considerado como mais um representante da tradição brasileira da política como negócio de família[2]. Nasceu no Chile durante o exílio de seu pai, então militante do movimento estudantil perseguido pela Ditadura Militar no Brasil. Fato que recorda em seus discursos sempre que se vê diante da necessidade de defender as instituições democráticas no país[3].

Atuou no mercado financeiro através dos Bancos BMG e Icatu (entre 1990 e 1997), logo antes de entrar de vez para a profissão da política, ainda jovem, como secretário de governo da Prefeitura do Rio de Janeiro[4]. Aos 28 anos de idade foi eleito como deputado federal. Desde então, segue na profissão em que cumpre atualmente o 6° mandato como deputado federal pelo Rio de Janeiro (1999-2022). Em 2007, conduziu a transição do PFL (Partido da Frente Liberal) para o seu partido atual, o DEM (Partido Democrata), onde foi o primeiro presidente (2007 até 2011).

Foi o presidente eleito da Câmara dos Deputados desde a renúncia, seguida da cassação, de Eduardo Cunha (julho de 2016 até fevereiro de 2021). Ou

2 . Filho de político — César Maia, ex-prefeito e atual vereador pela cidade do Rio de Janeiro; primo de político — José Agripino Maia, ex-governador e senador pelo Rio Grande do Norte; é também casado com a enteada do político Moreira Franco, ex-ministro e ex-governador do Rio de Janeiro, que tem laços familiares com Getúlio Vargas. Por esse relacionamento familiar, foi chamado de "genro do genro do genro" do pai dos pobres.

3 . Rodrigo Maia tem se pronunciado sobre isso especialmente ao criticar as recentes manifestações pró-ditadura militar, pró AI-5 e contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

4 . Entre 1997 e 1998, aos 27 anos de idade, Rodrigo Maia assume um dos cargos mais altos da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, de secretário municipal na gestão de Luiz Paulo Conde, sucessor apoiado pelo seu pai, o ex-prefeito César Maia.

seja, conduziu a Casa legislativa praticamente desde o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff, período de grande instabilidade e acontecimentos na política nacional. Assim, é o presidente da Câmara que exerceu o mandato consecutivo mais longo desde a redemocratização do país.

Com uma longa trajetória na política nacional, pertencente à um tradicional partido do *centrão*[5] e somado às acusações de envolvimento nas investigações da operação Lava Jato; o perfil de Maia tem sido associado à chamada *velha política* pelo público em geral, reforçando no imaginário social brasileiro uma relação entre a política e a corrupção[6].

Ao mesmo tempo, Maia compõem a base aliada do atual governo desde seu início, e sua atuação tem sido fundamental para pautar e seguir em defesa de uma agenda econômica neoliberal no Parlamento, entre atritos e reaproximações com o ministro da economia Paulo Guedes. Como disse Maia, *minha convergência com o governo é na agenda econômica*[7], mas não na agenda de valores. Por outro lado, é também visto como um defensor das instituições, da ordem democrática, logo, do *establishment* vigente. Perante o que considera uma gestão *atrapalhada* e *desorganizada do governo federal e sua base no Congresso*[8], é entendido também como um moderado e, muitas vezes, um freio necessário.

Até o acontecimento da pandemia, Maia estava inteiramente dedicado às tratativas relativas às principais reformas de Estado no Parlamento brasileiro, como a reforma da previdência, a reforma administrativa e a reforma tributária. O discurso de Maia problematizava, especialmente, a economia brasileira, buscando entender *o porquê da economia não crescer* e os *inves-*

5 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados expressos nas práticas discursivas deste porta-voz, assim como aquelas que consideramos adequadas pelo trabalho analítico, as quais gostaríamos de destacar.

6 . Em que pese as acusações feitas pela Polícia Federal à Procuradoria-Geral da República, em razão de usufruir de foro privilegiado, Maia nunca foi denunciado. Supostamente ele teria o codinome "Botafogo" nas planilhas da Odebrecht.

7 . TV CULTURA, 2020.

8 . GLOBONEWS, 2020.

tidores não retomarem a confiança no país[9], apesar da então recente aprovação da reforma da previdência e o aceno positivo à tramitação e aprovação das demais reformas.

Maia começou a direcionar suas práticas discursivas ao acontecimento pandemia de Covid-19 antes mesmo da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar o status de pandemia (em 11 de março de 2020). Desde então, suas falas sobre a pandemia passaram a ocupar inteiramente seus pronunciamentos e ganharam importância central em suas performances. Nesse sentido, considera-se que as práticas discursivas de Rodrigo Maia operam dentro do campo do discurso científico.

As performances de Rodrigo Maia analisadas neste artigo, sob a ótica da Teoria do Discurso de Laclau, abrange algumas referências do momento logo anterior à pandemia, seguido das primeiras colocações em seu perfil nas redes sociais acerca do problema do coronavírus — destinadas à classe política, grande imprensa e à sociedade em geral. Continua com a análise das redes sociais[10] e os conteúdos de parte da série de coletivas de imprensa realizadas nos salões da Câmara dos Deputados ao longo de 2020. Foram consideradas também algumas entrevistas dadas à programas como Roda Viva[11] e Globonews Entrevista[12].

9 . Ibidem.

10 . Como referência, foram utilizadas as postagens de Rodrigo Maia nas redes sociais, principalmente Twitter e Facebook, entre março de 2020 e janeiro de 2021.

11 . TV CULTURA, 2020.

12 . GLOBONEWS, 2020.

QUADRO DE MARCOS INTERPRETATIVOS			
Marco de diagnóstico	**Problema**	**Injustiça**	
	A crise da pandemia é um tsunami internacional na economia, prejudicando o Brasil, que ainda estava em crise. O presidente faz pouco caso da pandemia, comete um atentado à saúde pública ao contrariar as orientações do Ministério da Saúde e técnicos. O presidente insiste numa postura que prejudica a necessidade do distanciamento social e estimula um falso conflito entre saúde e economia. *No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo.*	*Estamos sob o risco de ter milhões de desempregados por conta da crise do coronavírus. A crise atingirá principalmente os trabalhadores que estão na informalidade, porque eles terão mais dificuldade em manter seus empregos, as pequenas e médias empresas, os microempreendedores.* *A pandemia afeta de forma diferente as famílias mais pobres, o governo não tem um pacote de medidas para dar previsibilidade à população para que possa ficar em casa. Ao invés de estar coordenando um gabinete de crise, o presidente está participando de manifestações, estimulando a aglomeração de pessoas nas ruas.*	
Marco de Prognóstico	**Dimensão vencedora**	**Traçado de fronteira**	**Nominação**
	Precisamos de diálogo e equilíbrio entre os poderes, devemos estar preocupados com a vida e os empregos dos brasileiros, o Estado deve cuidar dos mais vulneráveis para que eles possam ficar em casa.	O Parlamento não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos. *Vs.* Governo não lidera, responde com certa lentidão, muita posição divergente especialmente do chefe do governo, conflitos com ministro da saúde e dentro do próprio governo, o que atrasa as ações.	*#OBrasilÉAgora* *O Brasil precisa, a Câmara aprova* *Contra o coronavírus, o Congresso age, não discute*
Marco de Motivação	**Ideologização da fronteira (moralização)**	**Reconstrução histórica/social/ política/científica (naturalização)**	**Programa de ação**
	Entre pólvora, maricas e o risco à hiperinflação, temos mais de 160 mil mortos no país, uma economia frágil e um estado às escuras. Em nome da Câmara dos Deputados, reafirmo o nosso compromisso com a vacina, a independência dos órgãos reguladores e com a responsabilidade fiscal. *Com mais de 180 mil mortos e com o agravamento da pandemia, o Congresso precisa estar atuante ao lado da população, contra o vírus, para ajudar neste momento tão difícil para o Brasil.* *São DUZENTAS MIL MORTES de brasileiros pela COVID-19. Não são apenas números, são famílias que perderam seus entes queridos, presto aqui minha solidariedade.*	*O momento também é de reforçar a importância de seguirmos as orientações dos órgãos de saúde e da OMS para sairmos o quanto antes desta crise (...) em respeito aos idosos e a todos que estão em grupo de risco.* *Vitória da Ciência com C maiúsculo. Dia triste para os negacionistas. A vacina é o nosso passaporte para retomar a vida normal, salvar vidas e fazer a economia voltar a crescer. Um sopro de esperança veio de SP por meio da CoronaVac.*	Foi um período difícil, mas de reafirmação da importância das instituições democráticas. Não podemos retroceder. O Brasil em 2021 precisará de uma Câmara forte, independente e que continue a ser uma fortaleza na defesa da democracia em nosso país. A situação fiscal do Brasil hoje requer união, diálogo e equilíbrio. Sem as reformas, o país entrará numa crise econômica muito grave. *A Câmara não irá, em nenhuma hipótese, prorrogar o estado de calamidade para o ano que vem. Soluções serão encontradas dentro deste orçamento, com a regulamentação do teto de gastos. A gente já viu que ideias criativas, em um passado não tão distante, geram desastres econômicos e impactam a vida das famílias brasileiras. O importante é ressaltar que não há caminho fora do teto de gastos.*

Do *tsunami* na economia à inoperância do governo federal: o problema e as injustiças nas práticas discursivas de Maia

Inicialmente, as práticas discursivas de Maia identificam como principal problema os impactos da pandemia no agravamento da crise internacional, que seriam como um *tsunami* sob a economia brasileira, *ainda em crise*[13], que busca recuperar-se, mas que ainda enfrenta baixo crescimento. Preocupado com a tramitação e aprovação do pacote de reformas, Maia questiona o porquê de os investidores não retomarem a confiança no país, apesar da aprovação das reformas como a da previdência. E vê a pandemia como um agravamento da crise econômica brasileira. Tal crise geraria como injustiça o aumento no número de trabalhadores desempregados no país, afetando principalmente aos trabalhadores informais, pequenas e médias empresas, assim como aos microempreendedores.

Deste modo, percebe-se em seus primeiros pronunciamentos a prevalência do *frame* econômico, demonstrando uma maior preocupação com a repercussão da crise causada pela pandemia sobre a economia do país. Tanto é que imediatamente reúne na Câmara, juntamente com o presidente do Senado Davi Alcolumbre, parlamentares e ministros (incluindo o ministro da economia e o presidente do Banco Central) para debater os impactos e propor medidas de enfrentamento conjunto da Covid-19: É fundamental que, neste momento, haja uma aproximação entre o Parlamento e os ministérios diretamente envolvidos neste problema, para enfrentarmos juntos essa pandemia.[14]

Alguns dias depois, Maia assume em seus discursos que *a crise será muito profunda e atingirá a todos de alguma maneira*[15]. Admite que *neste momento crítico, o que importa é a vida das pessoas*; e que, *passada esta crise, aí sim, vamos retomar as regras da PEC do Teto de Gastos, aguardar o governo encaminhar a Reforma Administrativa e continuar debatendo a Reforma Tributária*

13 . Ibidem.

14 . MAIA, 2020a.

15 . MAIA, 2020b.

e, continua, a*s reformas são importantes no médio e longo prazo. A preocupação imediata, repito, é tentar amenizar o impacto da pandemia na vida dos brasileiros*[16]; *não vale garantir a economia com perda de vidas*[17]. Nesse sentido, parece considerar que o futuro pós-pandemia, além de imediato, será uma continuidade linear do momento anterior à crise, como se as citadas reformas pudessem ser debatidas nos mesmos termos.

Sempre provocado a se manifestar quanto aos discursos do presidente, inicialmente Maia evita antagonizar diretamente. Opta pelo *frame* do diálogo, da seriedade, ao tratar sobre o que seriam as prioridades do país: *Não sou comentarista das frases do presidente. Temos 52 milhões de brasileiros que vivem com U$ 5 dólares por dia, 1 milhão e 200 mil crianças que abandonam a escola básica todo ano. Tínhamos que discutir isso, e não ficar interpretando as falas do presidente*[18].

No entanto, no domingo 15 de março de 2020, após manifestações de apoiadores do governo Bolsonaro — o chamado *#Bolsonaroday*, em que se viram discursos de ordem contra o Congresso e o STF, tal como *Fora Maia*, *CoronaMaia*, *CoronaToffoli* e *Intervenção militar já* —, as práticas discursivas de Maia se tornam mais reativas e críticas ao modo com o qual o Bolsonaro lida com a situação: *ignora e desautoriza o seu ministro da Saúde e os técnicos do ministério, fazendo pouco caso da pandemia e encorajando as pessoas a sair às ruas*, o que entende como *um atentado à saúde pública que contraria as orientações do seu próprio governo*. Continua criticando a postura do presidente em participar das manifestações que *atentam contra as instituições e a saúde da população*[19].

Assim, Maia passa a enunciar como problema o próprio posicionamento do presidente do país face à iminente crise, alegando que ele faria pouco caso da pandemia, comete um atentado à saúde pública ao contrariar as orienta-

16 . MAIA, 2020c.

17 . ARBEX, 2020.

18 . GLOBONEWS, 2020.

19 . MAIA, 2020d.

ções do Ministério da Saúde e técnicos; *insiste numa postura que prejudica a necessidade do distanciamento social e estimula um falso conflito entre saúde e economia*[20]; *no Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo*[21].

Como injustiça, destaca que a pandemia afetaria de forma ainda mais grave as famílias mais pobres, que a falta de medidas e coordenação por parte do governo prejudicaria ainda mais essa população. Isto é, o governo não teria um pacote de medidas para dar previsibilidade à população e permitir que ela possa ficar em casa. Ele destaca que, ao invés de estar *coordenando um gabinete de crise para dar respostas e soluções para o país*, o presidente *está mais preocupado em assistir às manifestações que atentam contra as instituições e a saúde da população*, estimulando a aglomeração de pessoas nas ruas[22].

Deste modo, observa-se que as práticas discursivas de Maia inicialmente apontam o que seriam os impactos da crise causada pela Covid-19 na economia brasileira como problema. Mas passa a identificar o próprio presidente como problema principal no contexto da pandemia.

A identificação das injustiças também reflete essa passagem. Inicialmente nomeadas sob a preocupação do impacto da crise na vida dos mais vulneráveis — famílias pobres, desempregados, trabalhadores informais, pequenas e médias empresas e microempreendedores. No entanto, esse impacto passa a ser associado ao governo federal e ao presidente, por não ter ações que tragam previsibilidade para que essa população possa ficar em casa, cumprindo as recomendações das entidades de saúde e cientistas quanto ao isolamento social.

Assim, no que se refere ao marco de diagnóstico, é possível notar mudanças nas performances em termos do que é elencado e destacado como *problema*

20 . AGÊNCIA SENADO, 2020.

21 . MAIA, 2020e.

22 . MAIA, 2020f.

e *injustiça* já nas primeiras falas acerca da pandemia, sendo possível identificar as supostas causas e os respectivos responsáveis pela sua geração. Tais mudanças tornam também possível a identificação e a rearticulação de diferentes demandas e reivindicações que até então poderiam encontrar-se de forma isolada, fragmentada ou mesmo associada a outros discursos no Parlamento, como nas práticas discursivas dos partidos de esquerda e parcialmente do centro. Essas demandas passam, contudo, a integrar também as práticas discursivas de Maia, como representante do Parlamento, tornando-se também capazes de criar mobilização através de sua articulação junto a outros atores e elementos em sua cadeia de equivalências, caracterizando o que seria o discurso do campo científico sobre a pandemia.

Marco de prognóstico: Protagonismo e antagonismo do Parlamento

Diante desse diagnóstico, se apresenta como questão central (dimensão vencedora) nas práticas discursivas de Maia a necessidade de diálogo, união e equilíbrio entre os poderes como proposta de solução ao que considera uma atuação problemática do governo federal frente à pandemia: *devemos estar preocupados com a vida e os empregos dos brasileiros, o Estado deve cuidar dos mais vulneráveis para que eles possam ficar em casa*[23].

Nesse ponto, é possível entender a demarcação do *nós* e do *eles* e seu traçado de fronteira, que dá ênfase à atuação do *nós* — o Parlamento, que *não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos*; ao contrário do *eles* — o governo, que *não lidera*, atrasa as ações porque é *lento e cheio de divergências e conflitos*[24], referindo-se especialmente ao conflito com os governadores e com o então ministro da Saúde Nelson Mandetta, de seu partido DEM, e que teria sido *um verdadeiro guerreiro em prol da saúde pública* e alinhado com o discurso pró ciência e

23 . CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020a.

24 . MAIA, 2020g.

vida, isolamento, *agindo de forma vigorosa, de acordo com as melhores técnicas científicas*. Assim, delimitam-se os dois campos políticos que estão em disputa.

Nesse sentido, Maia reforça em suas performances sua dimensão como protagonista na tomada de ação e medidas de combate ao coronavírus via Parlamento. E, por isso mesmo, reforça sua dimensão antagonista em relação ao governo Bolsonaro. *O Brasil precisa, a Câmara aprova* torna-se a nominação que emerge e ganha legitimidade para disputar hegemonia através do discurso, assim como *Contra o coronavírus, o Congresso age, não discute*, ambos sugerindo o protagonismo da Câmara e do Parlamento em oposição ao Governo Federal. Afinal, *#OBrasilÉAgora*[25]. E é essa a identidade política e social que se coloca como protagonista-chave nas práticas discursivas de Maia.

Na disputa política, outro ponto que alterou a correlação de forças e criou antagonismo se deu em relação ao apoio de Maia aos estados e municípios através do chamado *Plano Mansueto*. O projeto emergencial foi aprovado em 13 de abril e ampliou o gasto público com ajuda financeira emergencial aos estados e municípios, dando origem à um conflito entre Maia e o ministro da economia Paulo Guedes; assim como um conflito entre o corpo político e o corpo técnico daquele ministério; e com próprio presidente da república, que viu no apoio aos entes federados uma forma de fortalecer seus próprios adversários políticos, até recentemente aliados, a exemplo do *Bolsodória* e Witzel, principalmente. Já Maia argumenta que é nos estados e municípios que se encontram os hospitais de campanha, os leitos, as UTIs, e por isso os estados precisam de apoio, especialmente diante da perda de arrecadação de ICMS e ISS devido à crise: é fundamental garantir condições para que estados e municípios possam continuar trabalhando e enfrentando a crise sem comprometer o equilíbrio fiscal no futuro[26].

25 . MAIA, 2020h.

26 . MAIA, 2020u.

Marco de Motivação: *#fiqueemcasa*

Para mobilizar e sensibilizar, em suas performances Maia aciona como recurso emocional, moral e simbólico o número de mortos em decorrência da Covid-19 até então registradas no país, pedindo comoção aos familiares das vítimas bem como aos doentes e desempregados: *São, ao todo, 2.462 mortes registradas no Brasil. Pregar uma ruptura democrática diante dessas mortes é uma crueldade imperdoável com as famílias das vítimas e um desprezo com doentes e desempregados.* Ele reitera que *não temos tempo a perder com retóricas golpistas. É urgente continuar ajudando os mais pobres, os que estão doentes esperando tratamento em UTIs e trabalhar para manter os empregos. Não há caminho fora da democracia.* E continua, *o caminho será mais duro, mas a democracia e os brasileiros que querem paz vencerão*[27]. Posteriormente, acrescenta que são *DUZENTAS MIL MORTES de brasileiros pela COVID-19. Não são apenas números, são famílias que perderam seus entes queridos, presto aqui minha solidariedade*[28].

Tenta trazer conforto e esperança: *essa crise vai passar, mas o momento é de preservar vidas* pois, *mais grave que o impacto na economia, é um país doente com pessoas morrendo*[29]; e moraliza a fronteira do antagonismo em relação ao presidente ao colocar que *estamos cuidando de você, para que você cuide da sua família. O Brasil vai se levantar, as pessoas vão se recuperar*, onde apela para que a população *#fiqueemcasa*. Segue moralizando e reforçando o protagonismo da Câmara diante da falta de ação do governo: *Entre pólvora, maricas e o risco à hiperinflação, temos mais de 160 mil mortos no país, uma economia frágil e um estado às escuras. Em nome da Câmara dos Deputados, reafirmo o nosso compromisso com a vacina*[30]. Coloca ainda que,

27 . MAIA, 2020i.

28 . MAIA, 2021a.

29 . MAIA, 2020j.

30 . MAIA, 2020k.

com mais de 180 mil mortos e com o agravamento da pandemia, o Congresso precisa estar atuante ao lado da população, contra o vírus, para ajudar neste momento tão difícil para o Brasil[31].

Traz como referência para impactar e legitimar suas práticas discursivas a experiência de outros países da Europa, que viveram quadros dramáticos da pandemia como Espanha e Itália, que *viram seus sistemas de saúde entrarem em colapso. Os EUA detém recorde de mortes por dia*[32]. E apela para que a população siga as orientações dos órgãos de saúde e da OMS para sair o quanto antes da crise; *cabe aos brasileiros seguir as normas determinadas pela OMS e pelo Ministério da Saúde em respeito aos idosos e a todos que estão em grupo de risco*[33]. Traz também referências em defesa da ciência que, *junto com a educação, combateram as maiores pandemias da história. É preciso defendê-las*[34].

Comemorando o início da vacinação no país, moraliza em favor da vacina: *Vitória da Ciência com C maiúsculo. Dia triste para os negacionistas. A vacina é o nosso passaporte para retomar a vida normal, salvar vidas e fazer a economia voltar a crescer*; é *um sopro de esperança* que *veio de SP*[35].

Para reforçar suas performances em prol das recomendações científicas, as fals de Maia destacam como programa político as principais medidas de iniciativa e ou aprovadas pelo parlamento, de modo a destacar o protagonismo do Parlamento. Assim, destaca a aprovação da chamada *PEC da Guerra, que deu todas as condições orçamentárias para que o poder público enfrentasse a Covid-19. Além da aprovação do auxílio emergencial e de outros projetos na*

31 . MAIA, 2020l.

32 . MAIA, 2020m.

33 . MAIA, 2020n.

34 . MAIA, 2020o.

35 . MAIA, 2021b.

área da Saúde, capitaneados pela Câmara e pelo Senado Federal[36]. E ainda: *Fique em casa. Mas para que você possa ficar em casa, nós vamos te ajudar. Criamos o auxílio emergencial de até R$1.200,00*[37].

Seu programa político segue também antagonizando com o governo federal ao colocar que *para vencer esta guerra contra o coronavírus precisamos de ordem, disciplina democrática e solidariedade com o próximo*[38]. E, já em campanha para que seu candidato à sucessão à frente da Câmara seja eleito, avalia que f*oi um período difícil, mas de reafirmação da importância das instituições democráticas. Não podemos retroceder. O Brasil em 2021 precisará de uma Câmara forte, independente e que continue a ser uma fortaleza na defesa da democracia em nosso país*[39]".

Nota-se também a defesa de um programa político neoliberal, ao insistir na manutenção do teto de gastos orçamentários apesar da situação de emergência sanitária e crise social e econômica gerada pela pandemia, colocando que *a Câmara não irá, em nenhuma hipótese, prorrogar o estado de calamidade para o ano que vem. Soluções serão encontradas dentro deste orçamento, com a regulamentação do teto de gastos.* Pois, *a gente já viu que ideias criativas, em um passado não tão distante, geram desastres econômicos e impactam a vida das famílias brasileiras.* Sendo assim, *o importante é ressaltar que não há caminho fora do teto de gastos*[40]. A agenda neoliberal também é notada na insistência pelas reformas, que devem seguir *independentemente das eleições municipais*, ao dizer que *a situação fiscal do Brasil hoje requer união, diálogo e equilíbrio. Sem as reformas, o país entrará numa crise econômica muito grave*[41].

36 . MAIA, 2020p.

37 . MAIA, 2020m.

38 . MAIA, 2020e.

39 . CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2021.

40 . MAIA, 2020q.

41 . MAIA, 2020r.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS	
Nós: Parlamento/Câmara	**Eles: Governo Federal/Presidente da República**
O Parlamento não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos. O momento é de reforçar a importância de seguirmos as orientações dos órgãos de saúde e da OMS para sairmos o quanto antes dessa crise.	O presidente faz pouco caso da pandemia, comete um atentado à saúde pública ao contrariar as orientações do Ministério da Saúde e técnicos. Ao invés de estar coordenando um gabinete de crise, o presidente está participando de manifestações, estimulando a aglomeração de pessoas nas ruas.
O que importa é a vida das pessoas, a vida é o bem mais valioso. Não vale garantir a economia com perda de vidas. Devemos estar preocupados com a vida e os empregos dos brasileiros.	O presidente insiste numa postura que prejudica a necessidade do distanciamento social e estimula um falso conflito entre saúde e economia.
O Parlamento tem trabalhado para encontrar melhores formas de enfrentar esta crise. O auxílio emergencial é essencial para evitar que, diante desta pandemia, os trabalhadores deixem as suas casas e se exponham ao vírus. *O Brasil precisa, a Câmara aprova.* *#OBrasilÉAgora*	Governo não lidera, responde com certa lentidão, muita posição divergente especialmente do chefe do governo, conflitos com ministro da saúde e dentro do próprio governo, o que atrasa as ações.
No meu radar há somente ações para superar a crise, salvar vidas e garantir empregos. A pauta exclusiva da câmara é tratar do enfrentamento da crise.	O governo não tem política séria e responsável, não age, falta de um pacote de medidas unificadas.
O isolamento social é necessário. Mas no Brasil não é tão simples assim, isolar famílias com renda e sem renda. A pandemia afeta de forma diferente as famílias mais pobres. Auxílio emergencial é fundamental, o Estado deve cuidar dos mais vulneráveis para que eles possam ficar em casa.	Fala de isolamento vertical sem dar propostas e políticas para o grupo de risco, por exemplo. O governo não pensou em como isolar os idosos em nossas comunidades mais carentes nas grandes cidades. O governo não tem um pacote de medidas para dar previsibilidade à população para que possa ficar em casa.
Nosso foco deve ser a saúde e a vida dos brasileiros.	O presidente muda de foco como velho truque da política.
Esse é um momento de união dos Poderes (Parlamento e ministérios) na defesa das vidas dos brasileiros, dos empregos, dos mais vulneráveis e da preservação das empresas do nosso país. Precisamos do Brasil unido: governo federal, estados, municípios.	O presidente ataca a imprensa, os governadores e especialistas em saúde pública. As falas do presidente trazem insegurança e falta de credibilidade dos investidores. O governo não tem uma relação organizada com o parlamento e atrapalha.
Defesa do Estado Democrático de Direito, que dá ao Brasil um ordenamento jurídico capaz de fazer o País avançar com transparência e justiça social. Não há caminho fora da democracia.	Defesa da ditadura, estímulo à desordem, flerte com o caos, retóricas golpistas. Vírus do autoritarismo. Bolsonaro é covarde.
Defesa das instituições democráticas, a ordem legal. A democracia e os brasileiros qu querem paz vencerão. Em defesa da educação e da ciência. *Vitória da Ciência com C maiúsculo. Dia triste para os negacionistas. A vacina é o nosso passaporte para retomar a vida normal, salvar vidas e fazer a economia voltar a crescer.*	Apoia grupo de apoiadores que confunde fazer política com tocar o terror, criminosos, atentam contra a Constituição. Promove uma agenda negacionista. Bolsonaro é o vírus do extremismo, cujo pior efeito é ignorar a ciência e negar a realidade.

O acontecimento pandemia e a construção política do *nós* e *eles*

Reconhecendo-se como importante liderança do país e um porta voz do Congresso Nacional, diante do acontecimento pandemia, as práticas discursivas de Maia pediram repetidamente por *diálogo, seriedade, união e harmonia entre os poderes da República*[42] para o enfrentamento da Covid-19, colocando o Congresso de prontidão para *as medidas que se fizerem necessárias e urgentes*. E esse foi o tom e a preocupação de seu primeiro *tuíte* logo que a OMS declarou que o grau de disseminação da Covid-19 tinha atingido *status* de pandemia.

As práticas discursivas de Maia articulam demandas no campo do discurso científico como *o isolamento social salva vidas*, recomendando que sejam seguidas *as orientações dos órgãos de saúde e da OMS para sairmos o quanto antes dessa crise*, com *foco na saúde e na vida dos brasileiros*, *#fiqueemcasa* e em prol da *educação e da ciência,* que *combateram as maiores pandemias da história — precisamos defendê-las*. Articula também *a preocupação imediata em amenizar o impacto da pandemia na vida dos brasileiros*, considerando que o *que importa é a vida das pessoas* e que *não vale garantir a economia com perdas de vidas*. Assim, é possível identificar nas performances de Maia uma tentativa de superar o falso dilema posto entre a preocupação com a economia e a preocupação com a vida e a saúde: *devemos estar preocupados com a vida e os empregos dos brasileiros*.

Dá ênfase à atuação do *nós – o Parlamento*, cuja *pauta exclusiva é o enfrentamento da crise*, que *não tem medido esforços para que possamos passar pelo Coronavírus sem maiores danos – O Brasil precisa, a Câmara aprova*[43]. Segue articulando, então, as *ações para superar a crise, salvar vidas e garantir empregos*, considerando que *a pandemia afeta de forma diferente as famílias mais pobres* e que é *papel do Estado cuidar dos mais vulneráveis para que eles possam ficar em casa*, dando *previsibilidade*, com medidas como o *auxílio emergencial para que as pessoas cumpram o isolamento*[44].

42 . Ibidem.

43 . MAIA, 2020h.

44 . Ibidem.

Nesse sentido, Maia reforça uma dimensão como protagonista na tomada de ação e elaboração de medidas de enfrentamento ao Coronavírus via Parlamento – *O congresso fez muito mais do que era de sua responsabilidade.* E, por isso mesmo, reforça também uma dimensão de antagonismo em relação ao chefe do poder Executivo, que Maia considera que *errou em minimizar o impacto da pandemia e da perda de vidas, criou um falso conflito entre a doença e a economia, priorizou o que desunia e não o que unia, causou um enfrentamento entre o presidente, governadores e prefeitos.* Assim, passa a articular a demanda por *diálogo e união entre os poderes*, por um *Brasil unido: governo federal, estados e municípios*, em favor do *Estado democrático de direito*, da *democracia* e pelos *brasileiros que querem paz*.

Cadeia de equivalências do *nós*

O BRASIL PRECISA, A CÂMARA APROVA
Brasileiros que querem paz
Orientações da OMS e órgãos de saúde
A vida é o bem mais valloso
Preocupação com os empregos
Auxílio emergencial
Ações para superar a crise
Isolamento social é necessário
Estado deve cuidar dos mais vulneráveis
União dos poderes
Brasil unido: Governo federal, estados, municípios
Defesa do Estado democrático
Defesa da educação e da ciência

No campo antagônico, o discurso de Maia nomeia como *eles* o governo federal, centrado na figura do próprio presidente da República, que *não lidera*, *não tem política séria e responsável, responde com lentidão, divergência, conflito* e *atrasa as ações* – se referindo especialmente ao embate com os governadores e com o então Ministro da Saúde, Nelson Mandetta. Nas práticas discursivas de Maia, o *eles* é quem *promove uma agenda negacionista*, que estimula *um falso conflito entre saúde e economia*[45].

Tal como identificado como problema no marco de diagnóstico, as práticas discursivas de Maia seguem articulando em sua cadeia de equivalências que *eles*, o governo sob liderança do presidente, *faz pouco caso da pandemia, comete um atentado à saúde pública ao contrariar orientações do ministério da saúde e técnicos; participa de manifestações estimulando aglomerações de pessoas nas ruas; insiste numa postura que prejudica a necessidade do distanciamento social*[46].

Em contraposição às medidas que o Parlamento tomava para minimizar a crise da pandemia, Maia coloca que o governo não age, falta pacote de medidas unificadas que possa dar previsibilidade à população para ficar em casa, não tem proposta ao grupo de risco e aos mais vulneráveis[47].

Destaca que, ao invés do diálogo e união, o presidente promove *ataques à imprensa, governadores e especialistas em saúde pública*. Referindo-se à participação do presidente em manifestações antidemocráticas, destaca que, além do coronavírus, o Brasil tem que enfrentar o *vírus do autoritarismo, o vírus do extremismo cujo pior efeito é ignorar a ciência e negar a realidade*. Além disso, *eles* saem em *defesa da ditadura, estimulam à desordem, flertam com o caos, têm retóricas golpistas* e um *grupo de apoiadores que toca o terror, criminosos, atentam contra a constituição.*

45 . MAIA, 2020d.

46 . Ibidem.

47 . MAIA, 2020h.

Cadeia de equivalências do *eles*

O GOVERNO FEDERAL - O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Não tem proposta para o grupo de risco
Contraria orientações do Ministério da Saúde e técnicos
Estimula aglomerações e participa de manifestações
Não tem política séria e pacote de medidas unificadas
Falta de liderança e ação
Posições divergentes conflito dentro do governo
Ataques à imprensa, governadores e especialistas em saúde
Defesa da ditadura, estímulo à desordem
Apoiadores que tocam o terror, criminosos que atentam contra a C.F.
Promoção de agenda negacionista
Vírus do extremismo, vírus do autoritarismo

O Tom do Discurso de Maia

Para mobilizar em suas redes sociais, as práticas discursivas de Maia acionam como recurso emocional, moral e simbólico a preocupação em torno da vida e da saúde: *Essa crise vai passar, mas o momento é de preservar vidas*, é hora *do pensamento ser um só: a saúde de todos*[48]. E busca responder ao falso dilema posto entre economia e saúde colocando que *mais grave que o impacto na economia é um país doente, com pessoas mor-*

48 . MAIA, 2020j.

rendo[49]. Passa a ideia de cuidado e esperança ao dizer: *Estamos cuidando de você. Para que você cuide da sua família. O Brasil vai se levantar, as pessoas vão se recuperar*. E apela para o lema das recomendações médico-sanitaristas pelo isolamento social: *#fiqueemcasa*, mobilizando apoio aos profissionais de saúde, a quem *devemos aplaudir e valorizar*[50].

Nas coletivas de imprensa, seu discurso adota um tom mais pragmático, com foco no destaque às ações e discussões que o Parlamento tem tomado para combater a pandemia. Nesse sentido, adota um tom mais economicista, diante das medidas que visam garantir recursos para a saúde pública, estados e municípios, para setores econômicos e da população que estariam em situação mais vulnerável.

Ainda que suas falas em tom conciliatório apelem para o diálogo, paz e união entre poderes, não se furta a fazer críticas ao mandatário do poder executivo, criticando seu atraso em tomar atitudes e seu comportamento autoritário ao participar de manifestações antidemocráticas, que pedem o fechamento do Congresso Nacional e o Supremo. E foi mais incisivo nas críticas, diante da escalada da violência pelo grupo de apoiadores de Bolsonaro, que *confunde fazer política com tocar o terror*, e que *no Brasil, infelizmente, lutamos contra o coronavírus e o vírus do extremismo, cujo pior efeito é ignorar a ciência e negar a realidade. O caminho será mais duro, mas a democracia e os brasileiros que querem paz vencerão*.[51]

As performances

Como principal performance, destaca-se que o presidente da Câmara manteve sua presença física no plenário da Câmara, conduzindo sozinho as sessões virtuais: *Vamos criar um aplicativo para permitir votações à distância e a participação de todos. O importante é que o Congresso Brasileiro não vai fechar durante esta epidemia.* E destaca que *o Congresso só foi fechado na*

49 . ARBEX, 2020.

50 . MAIA, 2020s.

51 . MAIA, 2020t.

ditadura e não vai fechar mais. A Câmara vai continuar funcionando com a presença de líderes e da maioria da Mesa Diretora e com a participação do restante dos deputados de seus estados. Dizendo ainda que: *Faço as votações quase que sozinho no plenário, acho que é importante estar no plenário da Câmara, mesmo sendo uma votação virtual*[52]. Com essa performance, Maia reforça que o Parlamento está trabalhando e seguindo a recomendação do isolamento social, atuando para legislar medidas que minimizem o impacto da pandemia na vida dos brasileiros. Além disso, deu uma resposta aos apoiadores do presidente, que pediram o fechamento do Congresso e sua saída da presidência da Câmara.

Simbolismo: o presidente da Câmara mantém presença física no plenário, conduzindo sozinho as sessões virtuais — *O importante é que o Congresso Brasileiro não vai fechar durante esta epidemia. O Congresso só foi fechado na ditadura e não vai fechar mais*[53] (Foto: Maryanna Oliveira/Câmara dos Deputados).

Outra performance em destaque se refere à série de coletivas de imprensa realizadas nos salões da Câmara dos Deputados desde o início da pandemia, especialmente após os primeiros discursos negacionistas do presidente da república. Assim, entende-se que esta performance não apenas visava dar informações no sentido de prestação de contas do Parlamento à sociedade em geral, mas também criava um paralelo com as entrevistas

52 . MAIA, 2020v.

53 . Ibidem.

coletivas dadas pela equipe ministerial e antagonizava com as entrevistas dadas pelo mandatário do poder executivo no *cercadinho* do Palácio Alvorada e em cadeia nacional.

Dos ataques e repercussões da prática discursiva nas redes sociais

Nesse sentido, como presidente da Câmara e em antagonismo com o presidente, as práticas discursivas de Maia tiveram ampla repercussão na mídia tradicional, com participação em programas de entrevista e telejornais tanto da TV aberta quando de canais por assinatura[54]. Também se nota um engajamento crescente de Maia em repercutir suas falas em seus perfis nas várias redes sociais. Dentro da rede, vira alvo de *fake news* e agressões, que vão desde ataques cibernéticos à criação de perfis falsos com publicações caluniosas[55], em que responde: *fake news é coisa de covarde. Criaram uma conta falsa com meu nome para desinformar e mentir. Pra esses pistoleiros digo: os cães ladram, mas a caravana passa. Vamos em frente que temos uma crise grave (que eles não acreditam porque a terra é plana e o vírus é conspiração)*.[56]

Nas redes sociais, os maiores críticos do discurso de Maia parecem ser os apoiadores do governo Bolsonaro e, conforme este perfil, o uso de argumentos para criticá-lo é raro, de modo que se veem mais ofensas e xingamentos seguidos de signos como a bandeira do Brasil e as *hashtags* relacionadas ao bolsonarismo, como armas e alusão ao calibre de arma #38. Em abril de 2020, a *hashtag* #MaiaTraidorNacional foi uma das mais mencionadas no Twitter. Isso porque Maia evoca no imaginário a figura do político corrupto, de modo que é muito comum também os críticos o chamarem de *Botafogo*, assim como apelidos de bullying e gordofóbicos como *Nhonho*, em alusão à

54 . Inclusive, é parte do corpus discursivo considerado nesta análise. Entrevistas com Miriam Leitão no canal Globonews, no canal CNN Brasil e participação no programa Roda Viva do Canal Cultura, por exemplo.

55 . O tweet falso falava do Fundão Eleitoral e foi publicado por uma conta que simula a de Maia, trocando apenas uma letra de seu nome: @RobrigoMaia, com "B" no lugar do "D". Além disso, o perfil não tem o selo de verificação como o oficial do deputado. A conta falsa foi suspensa por violar as regras da rede social.

56 . MAIA, 2020w.

um personagem da série de TV mexicana “A turma do Chaves”. Deste modo, as críticas são bem *apaixonadas*, e como de costume no ambiente virtual, extremamente violentas e agressivas.

Concluindo: o discurso gerencial de Maia

O discurso de Maia reconheceu a pandemia em sua dimensão de crise sem precedentes e tentou articular a preocupação com a saúde e a vida, assim como com os empregos e a economia. Tenta superar o falso dilema e orientou sua atuação no parlamento para as medidas econômicas e legislativas que se fizeram necessárias para garantir recursos ao combate à pandemia e minimização de sua crise. Suas práticas discursivas reconheceram também a demanda diferenciada dos mais pobres, admitindo a importância de atuar diante da desigualdade social no país, a exemplo da pauta do auxílio emergencial e da ajuda aos estados e municípios.[57]

Assim, Maia assumiu protagonismo fundamental diante do acontecimento pandemia, com o poder de atuar pautando as principais propostas para levantar e direcionar recursos para o combate à pandemia. Assume protagonismo também em relação aos Estados e municípios. E, por isso mesmo, se torna o principal antagonista ao governo Bolsonaro.

De fato, a relação de disputa entre os poderes legislativo e executivo não é novidade no Brasil e tem sido central no atual contexto brasileiro, já que o poder legislativo muitas vezes se apresenta como um freio aos poderes do executivo. Não à toa, é recorrente o debate sobre o que seria um sistema semi ou parlamentarista. Assim como, por outro lado, o papel do parlamento é muitas vezes atacado e questionado, sempre associado a elementos negativos no imaginário social, tais como: velha política, política como balcão de negócios, corrupção, super salários, regalias e privilégios.

57 . Em termos desta preocupação com os mais pobres e a desigualdade cabe recuperar na prática discursiva de Maia o recado dado à *mão invisível do mercado financeiro* logo no início da pandemia, em março de 2020. Segundo ele, *há pressão muito grande de parte de investidores* contra a necessidade de isolamento social. Seria *uma pressão equivocada, que quer botar a população em risco, o que não está sendo feito em nenhum país do mundo — quem foi pro risco, foi pro risco.* Para Maia, *a vida e os empregos não podem ser meras estatística nas mãos daqueles que têm investimento de risco e especulam. Precisamos seguir a orientação da OMS e do ministério da saúde* (MAIA, 2020b).

Por fim, ao considerar a pandemia da Covid-19 como um acontecimento que impulsiona a criação de um reposicionamento político e de novos antagonismos — especialmente pra dentro do campo do governo que, à princípio, era um campo homogêneo, de alianças e determinada base de apoio —, concluímos que, de fato, a pandemia alterou a correlação de forças dentro desses grupos e potencializou novos posicionamentos e antagonismos dentro desse campo, a exemplo da relação entre o Parlamento e o poder Executivo.

No entanto, avaliamos que o discurso de Maia se mantém dentro da esfera administrativa e gerencial da crise, conservando o discurso institucional da Câmara dos Deputados que representa. Assim, ainda que reforce seu par antagonista — o *eles*, não consegue destacar o *nós*, e se caracterizar como um discurso populista.

Dois momentos do relacionamento entre Maia e Bolsonaro: De uma grande convergência a um deserto de ideias (Foto: Antonio Cruz; Luis Macedo/Câmara dos Deputados)

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Em nota, Davi e Maia afirmam que saúde dos brasileiros é prioridade. **Agência Senado,** 16 abril 2020. Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/em-nota-davi-e-maia-afirmam-que-saude-dos-brasileiros-e-prioridade. Acesso em: março 2021.

ARBEX, Thais. 'Não vale garantir a economia com perda de vidas', diz Rodrigo Maia. **O Globo online**, 18 março 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/nao-vale-garantir-economia-com-perda-de-vidas-diz-rodrigo-maia-24311636. Acesso em: março 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Coletiva do presidente da Câmara Rodrigo Maia. **Youtube,** 25 março 2020a. Disponível em: youtube.com/watch?v=5ZuAKpfrg3E. Acesso em: 21 março 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Coletiva do presidente da Câmara Rodrigo Maia. **Youtube,** 17 março 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=GbWZx8Dgf7I. Acesso em: 15 abril 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Maia afirma que a prioridade do Parlamento é o combate ao Covid-19. **Youtube**, Agência Câmara de Notícias, 27 abril 2020c. Disponível em: youtube.com/watch?v=j5h8CZ4Co1A. Acesso em: 13 maio. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara assumiu a liderança em momento crucial para o país, diz Rodrigo Maia. **Agência Câmara de Notícias,** 1 janeiro 2021. Disponível em: camara.leg.br/noticias/719489-camara-assumiu-a-lideranca-em-momento-crucial-para-o-pais-diz-rodrigo-maia/ Acesso em: 13 maio. 2021.

CNN BRASIL. Maia responde Bolsonaro: presidente nos joga pedras, Parlamento vai jogar flores. **CNN Brasil- Política**, São Paulo, 16 abril 2020. Disponível em: cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/16/maia-responde-bolsonaro-presidente-nos-joga-pedras-parlamento-vai-jogar-flores. Acesso em: 12 dezembro 2020.

GLOBONEWS. **Entrevista com Miriam Leitão**. Programa de TV, 9 março 2020. Disponível em: canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-miriam-leitao/v/8386419. Acesso em: 11 janeiro 2021.

JUBÉ, A; et al. Maia diz a governadores que pressão para abrir comércio é de investidores que perderam dinheiro na Bolsa. **Valor Investe**. Brasil, 25 mar, 2020. Disponível em: valorinveste.globo.com/noticia/2020/03/25/maia-diz-a-governadores-que-presso-para-abrir-comrcio-de-investidores-que-perderam-dinheiro-na-bolsa.ghtml. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. É fundamental que, neste momento, haja uma aproximação entre o Parlamento e os ministérios diretamente envolvidos neste problema, para enfrentarmos juntos essa pandemia. Brasil, 11 março 2020a. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1237934522840334336. Acesso em: fevereiro 2021.

MAIA, Rodrigo. **Tudo indica, infelizmente, que a crise será muito profunda e atingirá a todos de alguma maneira. Temos grande preocupação com os trabalhadores que estão na informalidade, porque eles terão mais dificuldade em manter seus empregos nas pequenas e médias empresas.** Brasil, 18 março 2020b Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1240408361251848192. Acesso em: fevereiro 2021.

MAIA, Rodrigo. **Neste momento crítico, o que importa é a vida das pessoas. Passada esta crise, aí sim, vamos retomar as regras da PEC do Teto de Gastos, aguardar o governo encaminhar a Reforma Administrativa, continuar debatendo a Reforma Tributária. As reformas são importantes no médio e no longo prazos. A preocupação imediata, repito, é tentar amenizar o impacto da pandemia na vida dos brasileiros.** Brasil, 18 março 2020c Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1240408357598527488. Acesso em: fevereiro 2021.

MAIA, Rodrigo. **Por aqui, o Presidente da República ignora e desautoriza o seu ministro da Saúde e os técnicos do ministério, fazendo pouco caso da pandemia e encorajando as pessoas a sair às ruas. Isso é um atentado à saúde pública que contraria as orientações do seu próprio governo.** Brasil, 15 março 2020d. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1239326115505811456. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **O mundo inteiro está unido contra o coronavírus. No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo. É mais trabalhoso, mas venceremos. Em nome da Câmara dos Deputados, repudio todo e qualquer ato que defenda a ditadura, atentando contra a Constituição.** Brasil, 19 abril 2020e. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1251997329999179778. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **A economia mundial desacelera rapidamente; a economia brasileira sofrerá as consequências diretas. O Presidente da República deveria estar no Palácio coordenando um gabinete de crise para dar respostas e soluções para o país.** Brasil, 15 março 2020f. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1239326115505811456. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **O momento que o Brasil está passando pede que estejamos todos juntos, com um mesmo pensamento. O Parlamento não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos.** Brasil, 22 março 2020g. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: pt-br.facebook.com/RodrigoMaiaRJ/posts/2649945021782431. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Contra o coronavírus, o Congresso age, não discute.** Brasil, 18 abril 2020h. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: facebook.com/RodrigoMaiaRJ/photos/a.465741783536110/2708998642543735/?type=3. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **São, ao todo, 2462 mortes registradas no Brasil. Pregar uma ruptura democrática diante dessas mortes é uma crueldade imperdoável com as famílias das vítimas e um desprezo com doentes e desempregados.** Brasil, 19 abril 2020i. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1251997337209184256. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **A preocupação de médicos e outros profissionais de saúde com o isolamento social não é em vão. As projeções apontam que um número muito maior de pessoas vai se contaminar nos próximos dias. Fique em casa. Essa crise vai passar, mas o momento é de preservar vidas. Assista.** Brasil, 10 abril 2020j. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em:twitter.com/RodrigoMaia/status/1248787919701184512. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Entre pólvora, maricas e o risco à hiperinflação, temos mais de 160 mil mortos no país, uma economia frágil e um estado às escuras. Em nome da Câmara dos Deputados, reafirmo o nosso compromisso com a vacina, a independência dos órgãos reguladores e com a responsabilidade fiscal.** Brasil, 10 novembro 2020k. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1326296648360800256. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo.**Temos na pauta medidas relacionadas à vacina, o PLP 137 e a possibilidade de aprovação da CBS. Com mais de 180 mil mortos e com o agravamento da pandemia, o Congresso precisa estar atuante ao lado da população, contra o vírus, para ajudar neste momento tão difícil para o Brasil.** Brasil, 14 dezembro 2020l. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1338470552747569153. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Assista a esse vídeo. Entenda o porquê da preocupação dos especialistas com aqueles que não respeitam a quarentena. Essas pessoas estão colocando em risco a vida dos outros e a própria vida. Quem vai para a rua se arrisca a morrer ou a levar a doença para dentro de casa. Entendemos que muitos precisam sair para poder sustentar sua família. Para essas pessoas, estamos tomando as providências necessárias para que elas fiquem em casa.** Brasil, 10 abril 2020m. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: facebook.com/194263324017292/posts/2691044324339167/?vh=e&d=n. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Cabe aos brasileiros seguir as normas determinadas pela OMS e pelo Ministério da Saúde em respeito aos idosos e a todos que estão em grupo de risco.** Brasil, 20 de março 2020n. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1242627208604254209. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Vivemos um momento onde quem mais contribui com soluções para superarmos a curto prazo são cientistas e pesquisadores. As respostas que todos nós esperamos para esta crise se encontram na educação, na ciência, nas pesquisas. É preciso defendê-las.** Brasil, 28 abril 2020o. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1255170647799595012. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Ao lado dos 512 deputados, aprovamos a PEC da Guerra, que deu todas as condições orçamentárias para que o poder público enfrentasse a Covid-19. Além da aprovação do auxílio emergencial e de outros projetos na área da Saúde, capitaneados pela Câmara e pelo Senado Federal.** Brasil, 31 dezembro 2020p. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1344713815871676416. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Hoje, conversando com investidores, deixei bem claro que a Câmara não irá, em nenhuma hipótese, prorrogar o estado de calamidade para o ano que vem. Soluções serão encontradas dentro deste orçamento, com a regulamentação do teto de gastos.** Brasil, 17 outubro 2020q. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1317496269758255104. Acesso em: abril 2021.

MAIA, Rodrigo. **A situação fiscal do Brasil hoje requer união, diálogo e equilíbrio. Sem as reformas, o país entrará numa crise econômica muito grave. A partir de amanhã, precisamos retomar os trabalhos em torno da agenda de reformas, que não vai parar independentemente das eleições municipais.** Brasil, 5 outubro 2020r. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1313295152153325568. Acesso em: abril 2021.

MAIA, Rodrigo. **Mais do que nunca, devemos aplaudir e valorizar os nossos profissionais de saúde. A dedicação e o amor ao próximo são as mais claras demonstrações do comprometimento que têm com as suas funções.** Brasil, 7 abril 2020s. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1247549919906365443. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Ontem enfermeiras ameaçadas. Hoje jornalistas agredidos. Amanhã qualquer um que se opõe à visão de mundo deles. Cabe às instituições democráticas impor a ordem legal a esse grupo que confunde fazer política com tocar o terror.** Brasil, 7 maio. 2020t. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1257027688251953159. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Neste momento, é fundamental garantir condições para que estados e municípios possam continuar trabalhando e enfrentando a crise sem comprometer o equilíbrio fiscal no futuro.** Brasil, 8 abril 2020u. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1247974696987082755. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Hoje reuni os líderes para definirmos a pauta nos próximos dias em função do coronavírus**. Brasil, 17 março 2020v. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: facebook.com/RodrigoMaiaRJ/photos/a.465741783536110/2639609972815936/?type=3. Acesso em: 25 abril 2021.

MAIA, Rodrigo. **Fake news é coisa de covarde. Criaram uma conta falsa com meu nome para desinformar e mentir. Pra esses pistoleiros digo: os cães ladram, mas a caravana passa. Vamos em frente que temos uma crise grave (que eles não acreditam porque a terra é plana e o vírus é conspiração).** Brasil, 6 abril 2020w. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/rodrigomaia/status/1247215843039215616. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **DUZENTAS MIL MORTES de brasileiros pela COVID-19. Não são apenas números, são famílias que perderam seus entes queridos, presto aqui minha solidariedade. Nesta mesma data, um sopro de esperança veio de SP por meio da CoronaVac.** Brasil, 7 janeiro 2021a. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1347302675952631808. Acesso em: março 2021.

MAIA, Rodrigo. **Vitória da Ciência com C maiúsculo. Dia triste para os negacionistas. A vacina é o nosso passaporte para retomar a vida normal, salvar vidas e fazer a economia voltar a crescer.** Brasil, 7 janeiro 2021b. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1347233345806229509. Acesso em: março 2021.

TV CULTURA. Roda Viva entrevista Rodrigo Maia. **YouTube**, 3 agos. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=t333ufsDBDM. Acesso em: 2 fevereiro 2021.

Conclusão: Práticas discursivas sobre a pandemia de Covid-19 e a disputa por hegemonia no momento populista

Jorge O. Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Renan Alfenas de Mattos, Annagesse de Carvalho Feitosa, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Juanita Cuéllar Benavides, Ricardo Dias da Silva, Eduardo Britto Santos, Paulo Petersen, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[1]

Após analisarmos as práticas discursivas sobre a pandemia de lideranças nacionais neste livro e internacionais no livro *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19*, neste momento final, gostaríamos de desenvolver uma reflexão sobre três aspectos que se destacam nessa análise: o duplo movimento de politização da pandemia e *pandemização* da política; a disputa política de discursos e a suspensão da hegemonia; e o acontecimento pandemia, a disputa política e o momento populista.

1 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio da ActionAid Brasil.

1. Politização da pandemia e "pandemização" da política

Os discursos negacionista e científico expressados nas práticas discursivas das diferentes lideranças analisadas a partir de projetos e visões sobre a sociedade e de antagonismos políticos preexistentes entram em disputa, procurando reconhecer — ou não — a importância da própria pandemia. Aprofundando ou desqualificando ações político-administrativas diversas no seu enfrentamento, tanto o discurso negacionista como o científico visam construir um senso comum que legitima essas ações. Também se reatualizam e reconfiguram velhos antagonismos existentes nos discursos dos diversos porta-vozes dos países considerados. Aos atributos previamente existentes desses grupos antagônicos, agora se incorporam questões relativas à valorização ou à desqualificação da pandemia, do seu enfrentamento e dos seus efeitos a partir da polarização dada anteriormente. Isto é, estar a favor ou contra as medidas de isolamento ou da vacinação se acopla aos diacríticos de apoio ou oposição ao governo, seja este porta-voz de um discurso negacionista ou seu oposto científico. Assim, com a pandemia se criaram novas fronteiras sociais, conformando-se grupos antagônicos de aderentes ou não aderentes às medidas de isolamento social, ou, inclusive, de forma mais radical, grupos anti-vacinas e até anti-científicos reduzidos em número, mas com influência em propagar medos e dúvidas em partes significativas da população. Poderíamos denominar a todas essas ações e relações como compondo um movimento de *politização da pandemia*.

Paralelamente, conforma-se também um movimento de *pandemização* da política, ou seja: da influência da pandemia sobre a política. Em um contexto de globalização, a pandemia difundiu-se rapidamente para além do controle dos governos. A despeito de estar intimamente associado à forma como os governos atuam a partir desses discursos políticos negacionista e científico, o desenvolvimento da pandemia tem efeito diferencial tanto sobre a política em termos de ação pública e de controle e enfrentamento sanitário e econômico, como também no estado do campo político. Por exemplo, com mudanças na correlação de forças, a reconfiguração das coalizões polí-

ticas pré-existentes e mudanças de tendência nos índices de aprovação dos governos abrem a possibilidade da população de reorganizar a valorização e o reconhecimento de projetos e visões sobre a sociedade.

Este duplo movimento de politização da pandemia e de *pandemização* da política, identificado nas práticas discursivas[2] de lideranças políticas e porta-vozes dos discursos políticos negacionista e científico sobre a pandemia, implica em reconfigurações e disputas que se expressam tanto no plano ôntico da política como no plano ontológico do político. Ernesto Laclau e Chantal Mouffe distinguem a política do político: a primeira corresponderia ao plano do ôntico, do instituído, da administração e da gestão daquilo que é politicamente institucionalizado. Por sua vez, o político corresponderia ao ontológico, ao instituidor, à construção e à transformação dos sujeitos e do social[3]. Essa distinção entre as dimensões ôntica e ontológica consiste na chave para compreender as disputas e reconfigurações que ocorrem com o duplo movimento de politização da pandemia e de *pandemização* da política.

Nos capítulos precedentes deste livro assim como do livro referente as práticas discursivas de lideranças internacionais, podem ser encontradas indicações da **politização da pandemia** em termos da dimensão da política, como, por exemplo, nos efeitos do discurso negacionista do presidente brasileiro e de seu governo. Esse discurso político se infiltra nas práticas e ações de saúde pública já consolidadas no país, como o desenvolvimento de vacinas, a expertise em campanhas de vacinação em massa e outras medidas de logística de combate a epidemias. O discurso negacionista desqualifica a própria Covid-19 e seus efeitos, ao defini-la como uma *gripezinha* que, consequentemente, não necessita ser respondida com um tratamento de política pública anti-pandêmica. Politiza a pandemia, ao acompanhar a catalogação de Trump do novo coronavírus como *vírus chinês*, transforma as principais recomendações de isolamento social e uso de máscaras em questões e posicionamentos políticos, questiona as medidas tomadas por

2 . Lembrando que para Laclau, o discurso compreende não apenas falas ou textos escritos, mas ações e performances, ou seja: práticas que produzem e reproduzem sentidos. Ver: LACLAU, E. **Los fundamentos retóricos de la sociedad.** Buenos Aires: FCE, 2014.

3 . Ver: LACLAU, E. **Los fundamentos retóricos de la sociedad.** Buenos Aires: FCE, 2014; MOUFFE, C. **En torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

governos estaduais e locais diante da falta de uma orientação nacional coordenada. Visa deslegitimar as medidas de isolamento, propondo tratamentos não comprovados cientificamente (como a cloroquina e ivermectina) e reorientando recursos de políticas públicas para a sua produção e distribuição, além de incentivar a não utilização de máscaras. A politização alcança também as vacinas, ao se questionar a sua eficácia e desaconselhando o seu uso. Boicota-se a capacidade instalada de produção de vacinas no país que depende de insumos provenientes do exterior, numa disputa com seu ex-aliado, o governador de São Paulo, em função de uma apropriação de capital político para futuras eleições. Recusa-se a oferta de estoques de vacinas capazes de dar cobertura a toda a população. E uma vez que a vacinação é iminente, consolida-se uma corrida para ver quem capitaliza politicamente a sua primeira aplicação ("quem sai na foto").

Situação diferente se evidencia no caso do presidente argentino Alberto Fernández, que conseguiu ser um dos primeiros líderes a fechar acordos com o Instituto Gamaleya para aquisição da vacina Sputnik — o que, por outro lado, lhe valeu grandes críticas politizadas da oposição em termos de qualidade e procedência da vacina. Mais oposto ainda é o caso de Sebastián Piñera, já que o governo chileno foi um dos mais diligentes em fechar contratos e adquirir vacinas, sendo atualmente a principal referência na imunização contra a Covid-19 do continente latinoamericano.

Voltando ao caso de Jair Bolsonaro — que visa a adesão da população ao seu discurso negacionista que prioriza a sustentabilidade da economia — com a politização da pandemia, recorre-se ativamente às *fake news*, principalmente através de meios eletrônicos. Assim, no caso brasileiro, diferentemente de uma primeira leitura que considera o conjunto de ações, políticas, falas e performances como produto de incompetência ou negligência das autoridades federais, cabe identificar nessa politização da pandemia um

claro projeto político de ampla propagação do vírus que, com a imunidade de rebanho, busca-se retomar, o mais rápido possível, a atividade econômica e a qualquer custo[4].

No caso do discurso de Xi Jinping e demais porta-vozes da China, a politização da pandemia ocorre com seus opositores, como, por exemplo, Estados Unidos e Austrália. Apesar do porta-voz da China não ser um ator negacionista, quando analisamos o discurso do embate geopolítico, identificamos no plano ôntico do político o uso da pandemia para fomentar litígios que, à primeira vista, não têm relação com a pandemia, como as disputas no indo-pacífico e questões de comércio internacional. Além disso, ataques e insultos pessoais também foram presentes em algumas ocasiões. Em geral, a China acabou sendo vítima da politização da pandemia levada a cabo por outros atores, já que, em um primeiro momento, a vacina chinesa gerou grande desconfiança e foi alvo de *fake news*, como a acusação de que havia microchips 5G em sua composição[5]. No entanto, olhando para o discurso como um todo, Xi Jinping se posicionou contrário ao uso da pandemia para questões políticas, e ainda afirmou que *a politização é prejudicial para a comunidade internacional*[6].

De forma análoga, Vladimir Putin também tem feito duras críticas àqueles que politizam a crise pandêmica. Em suas práticas discursivas, desde o início da pandemia até os dias atuais, vem defendendo a ideia de que trata-se primordialmente de *uma questão puramente humanitária, que deveria ser analisada para além de cizânias políticas.* Suas falas de desaprovação geralmente são endereçadas aos países que, *perseguindo interesses egoístas, dificultam o comércio e a cooperação internacional*. Em vista disso, podemos dizer que o presidente russo, por sua vez, politiza a pandemia, revivendo no plano ôntico do político velhos antagonismos, ao indicá-la como um *agravante dos*

4 . CONECTAS; CEPEDISA. **Direitos na Pandemia:** Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil. Boletim n.4, Conectas e CEPEDISA, São Paulo, 27 agosto 2020. Disponível em: conectas.org/wp-content/uploads/2020/08/04boletim covid_04.pdf. Acesso em: 13 junho 2021.

5 . AFONSO, Nathália. É falso que vacinas contra Covid-19 contêm microchip que permite controle externo a partir de antenas 5G. **Agência Lupa.** 2020. disponível em:bit.ly/3xlzgOP. Acesso em: 5 jul.2021.

6 . XINHUA NET. 新华时评 : 指责中国“疫苗外交” , 居心险恶. 2020. Disponível em: world.huanqiu.com/article/41GEib7tEEP. Acesso em: 29 junho 2021.

desequilíbrios no desenvolvimento socioeconômico global que resultam diretamente da política receitada pelo Consenso de Washington. Nesse sentido, a partir do contexto da crise que se desenrola, Putin vai dar nova ênfase a demandas prévias, como a suspensão de sanções econômicas e a reformulação de organizações internacionais.

No caso de Boris Johnson, a politização da pandemia se apresentaria tanto nos diversos movimentos da comunicação do plano governamental de combate à pandemia como na própria transição e oscilação entre o negacionismo e o discurso científico que caracteriza a prática discursiva do primeiro-ministro do Reino Unido. A preocupação com os efeitos políticos de sua postura anterior ao seu adoecimento, ante o desencontro com as prioridades da população e o aumento do risco de perda de aderentes políticos remodelou a estratégia política e o discurso (falas e ações) enquanto um todo no enfrentamento da pandemia. Em termos do plano ontológico do político, a politização da pandemia se expressa também na tentativa de construção de um novo *nós* com apelo à união social que contemplou os imigrantes que trabalham na linha de frente em hospitais e em outros espaços do NHS, alterando o discurso anti-imigrante anterior de Boris Johnson e de parte da população. Além disso, diante o contexto de recessão econômica, a pandemia representou uma forte mudança no imaginário social com relação ao Brexit, alterando completamente o cenário que havia sido previsto no discurso nacionalista e triunfalista original de Johnson.

No caso do discurso do Papa Francisco, a politização da pandemia está na reprovação dos sistemas mundiais juntamente com a sua grande crítica ao neoliberalismo e ao populismo. Por exemplo, o líder católico destaca a importância de derrotar um vírus ainda pior que o novo coronavírus, considerado por ele como o *vírus do individualismo radical* na Encíclica *Fratelli tutti* (*Todos irmãos*), em que há a exclusão dos mais pobres e a *cultura do descarte*, utilizada em demasia no mercado financeiro. Segundo o Papa, é preciso *enfrentar a cultura do descarte com a fraternidade humana*, principalmente em um contexto de pandemia, onde a preservação da vida deve vir antes da economia. Assim, os governantes que incentivam o contrário simbolizam a irresponsabilidade. Além disso, a pandemia reafirma a incapa-

cidade de agir em conjunto no mundo atual, bem como a fragilidade dos sistemas mundiais e a necessidade de se pensar em uma economia diferente para todo o globo, que seja mais justa e sustentável.

A pandemia provocou uma maior preocupação com as pessoas pobres, idosas, imigrantes e com o meio ambiente e fortaleceu o discurso do Papa Francisco, de que deve haver um o*lhar para todos os indivíduos*, *reduzir as desigualdades e preservar o meio ambiente que nos sustenta*. Ademais, houve um reforço na ideia de que *a solidariedade, a união, a esperança e a amizade são alguns dos caminhos para a reconstrução de um mundo melhor pós-pandemia*. A pandemia também auxiliou na ampliação do discurso sobre a necessidade de um *nós universal*, uma das propostas de Francisco, para que o mundo fique mais unido.

No contexto brasileiro, João Doria, governador do Estado de São Paulo, adotou um *discurso científico* para enfrentamento à pandemia, que antagonizou com o *discurso negacionista* do Presidente da República. Exaltando a solidariedade em contraponto ao ódio, com o objetivo de *salvar vidas* ao invés de *fazer política*, Doria criticou a politização da pandemia e apostou no plano ôntico no desenvolvimento da vacina como principal forma de combater o Covid-19 em São Paulo. Em junho de 2020, fechou parceria promissora com o laboratório chinês Sinovac para produzir a vacina CoronaVac no Instituto Butantan. Porém a politização da pandemia continua a fazer-se presente já que a CoronaVac se tornou objeto de disputas políticas quando negacionistas passaram a criticá-la por sua origem, com *fake news* sobre sua eficácia e possíveis efeitos colaterais. Isso refletia uma disputa maior entre Jair Bolsonaro e João Doria sobre a melhor forma de combater a doença, com vistas a um possível confronto entre os dois nas próximas eleições presidenciais. Já em janeiro de 2021, depois de intensas disputas, foi Doria quem saiu na foto ao lado da primeira pessoa vacinada no país. Apesar disso, a pandemia teve efeitos sobre o político no caso de Dória, já que este não obteve o ganho de popularidade esperado e possui fraco desempenho nas pesquisas de intenções de voto para a presidência da República em 2022.

Em termos de plano ôntico da política, no caso de Doria, apesar de suas falas em favor do embasamento da ciência e da medicina para a tomada de decisões, por diversas vezes o governador João Doria atuou de forma contrária à defendida pelos especialistas, como em precipitadas flexibilizações das medidas de isolamento social em momentos em que os números de casos e óbitos demandavam o oposto. Um desses momentos foi no período de campanha das Eleições Municipais de 2020, que teve Bruno Covas, seu colega de partido (PSDB), como participante e vencedor. Além disso, a despeito de ter mobilizado o Instituto Butantan como carro chefe de sua gestão, devido a produção da CoronaVac, Doria tentou diminuir o investimento público dedicado à instituição algumas vezes no período pandêmico[7]. Sendo assim, nos cabe refletir sobre os conflitos entre adotar um *discurso científico* enquanto se defende abertamente uma política econômica neoliberal, bem como sobre a heterogeneidade do próprio *discurso científico*.

Ainda no contexto brasileiro, outros governadores de estado, além do mandatário paulista João Doria, se viram em rota de colisão com a prática discursiva negacionista do presidente Bolsonaro diante da pandemia. Um caso ilustrativo desses tensionamentos é o do governador de Goiás Ronaldo Caiado. Aliado de primeira hora do presidente, Caiado seguiu caminho diverso na esteira da politização da pandemia. Médico ortopedista com mestrado na área, o governador goiano firmou-se como porta-voz do discurso científico recorrendo à defesa contumaz da sustentabilidade da vida com dizeres como *a vida está acima de tudo e é ela que eu vou defender* e *eu não transijo para salvar vidas*. Tendo uma base de sustentação política praticamente coincidente com o bolsonarismo, Caiado não logrou um rompimento duradouro com o presidente, optando por uma prática discursiva que dissocia a gestão técnica da esfera da política. No primeiro caso, despontam frases como *política pública de saúde tem de ter comprovação de resultado e auto-*

7 . GIOVANAZ, Daniel. Doria propôs cortar investimento em ciência em três ocasiões durante a pandemia. **Brasil de Fato**, São Paulo, 11 janeiro 2021. Disponível em: brasildefato.com.br/2021/01/11/doria-propos-cortar-investimento-em-ciencia-em-tres-ocasioes-durante-a-pandemia. Acesso em 20 julho 2021.

rização técnica. Evidenciando as contingências que são características da política, o goiano pontua que *como governador, vou vocalizar o que a maioria estiver disposta a colocar em prática, mas vou continuar lutando pela vida*.

A politização da pandemia também está presente no caso do governador Flávio Dino. O advento da pandemia fortaleceu o discurso do porta-voz no momento em que desqualifica a atuação de Bolsonaro, tanto as falas quanto os atos, apoiado no discurso científico. O porta-voz destaca as crises consecutivas que assolavam o Brasil antes do coronavírus, destacando o seu agravamento a partir da gestão de Bolsonaro. Dino assumiu uma postura marcante sobre a importância da preservação da vida e atenção à ciência, e o fez diversas vezes criticando falas ou atos do presidente da República e seus apoiadores. Enquanto este porta voz expõe a ressignificação de suas preocupações, e de outros governadores com o advento da pandemia, descortina as prioridades de Bolsonaro, que refletem um completo desalinhamento entre as agendas desses gestores estaduais e a do governo federal para resolução de um problema que afeta a todos, independentemente de ideologias. Este porta-voz destaca como necessidade premente evitar um descontrole social, uma instabilidade grave, o avanço do extremismo e a perda de vidas humanas.

Em termos de pandemização **da política**, no que toca à dimensão ôntica, encontramos indicadores desse movimento em porta-vozes do discurso científico, com a adequação das políticas sanitárias às orientações do campo científico internacional, particularmente da Organização Mundial da Saúde e, no plano nacional, por meio da criação de grupo de assessores e especialistas (Fernández). Houve um maior investimento na área da saúde (Ramaphosa), ampliação do número de leitos nos hospitais de acordo com a previsão do aumento da demanda (em todos os casos em que predominou o discurso científico) e novos recursos para pesquisa (Fernández). Apesar de muitas controvérsias, a pandemia também implicou na difusão de iniciativas diversas de isolamento social, desde as regionalizadas (Piñera), ampliadas que incluíam toque de recolher e proibições de venda de bebidas alcóolicas e cigarros (Ramaphosa), até aquelas mais focalizadas, que contaram com

mapeamento de casos de contágios e de grupos de risco com base em análises estatísticas e com o uso de meios eletrônicos inovadores em termos de ações políticas customizadas (Ardern).

A pandemia implicou ainda num aperfeiçoamento da gestão dos corpos[8] e na valorização da administração de governos que conseguiram criar uma estrutura de gestão mais eficiente e com capacidade de comunicação com a população e a organização de medidas eficazes que permitiram uma adesão a estas (Ardern). A valorização dessas formas de enfrentamento à pandemia criou imagens favoráveis de lideranças políticas no plano internacional, por exemplo, quando Jacinda Ardern é proclamada pelas mídias como *presidenta do mundo* ou quando se percebe uma possível influência da imagem favorável do governo argentino em termos de gestão da pandemia na renegociação da dívida externa do país.

A pandemia também implicou em desenvolvimento de políticas econômicas de compensação financeira e transferência de renda aos mais vulneráveis (por exemplo, nos casos de Piñera e Fernández e no caso de Bolsonaro após fortes pressões políticas). Porém, a pandemia, com seus enormes custos na sustentabilidade da vida e da economia, também limita ou condiciona projetos e políticas presentes e futuros, como a queda generalizada dos indicadores de crescimento econômico e o aumento dos índices de desigualdade e pobreza na grande maioria dos países.

No caso chinês, houve forte investimento em infraestrutura, como a construção de hospitais e medidas rígidas de isolamento social, tornando-se uma das referências mundiais no controle da pandemia. Também fortaleceu projetos que objetivavam a cooperação da área de saúde, como a Health Silk Road, a doação de vacinas, a alta produção de insumos farmacêuticos e o forte investimento em ciência e tecnologia para o desenvolvimento de imunizantes.

A pandemia e seu enfrentamento trouxeram de volta a importância do Estado e das políticas públicas, secundarizando o mercado como fonte de soluções para a sociedade. Houve, assim, um questionamento da hegemonia

8 . Ver: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

das políticas neoliberais (como no discurso de Xi Jinping), e a valorização do aumento dos gastos públicos e da importância central dos serviços públicos de saúde. Em suas práticas discursivas, Putin dá ênfase ao papel do Estado na mitigação dos efeitos da crise sobre a vida, a saúde e a renda da população. Em meio ao plebiscito ocorrido em julho de 2020, que aprovou emendas à Constituição russa e às vésperas de eleições legislativas, previstas para 19 de setembro de 2021, foram implementados diversos pacotes de medidas urgentes destinadas a superar as consequências da pandemia no país. A título de exemplo, houve o reforço e a ampliação de benefícios sociais, a adoção de medidas econômicas de apoio às pequenas e médias empresas e reformas na política financeira. Cabe considerar também que a pandemia exigiu maior autonomia regional para a tomada de certas decisões pouco típicas do federalismo centralista do governo Putin. Para além disso, o fomento de pesquisa para o desenvolvimento de vacinas e medicamentos ganhou protagonismo não apenas como forma de contenção da propagação da Covid-19 a nível nacional, mas também como uma maneira de ampliar os territórios de influência e aumentar o protagonismo do governo russo no sistema internacional.

No caso de Johnson, apesar da perda de popularidade por conta das constantes alterações no plano de combate ao vírus, no Reino Unido, a pandemização da política se manifestou com a intensa valorização do Serviço Nacional de Saúde (NHS) e de seus trabalhadores.

No contexto brasileiro, a partir do governo do Maranhão, Dino tomou como prioridade investir na prevenção e combate ao coronavírus e seus efeitos no estado. Por meio de suas iniciativas em certos momentos a população assistiu a taxa de letalidade do vírus abaixo da nacional, mas ainda assim orientou à população para que não descuidasse das medidas preventivas, considerando também a situação de estados vizinhos. O porta-voz destinou cuidados específicos aos indígenas e quilombolas, e suas ações foram orientadas pelo Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (CCCC), vinculado ao Consórcio Nordeste. Em ocasião em se viu em meio ao elevado índice de contágio e mortalidade, falta de insumos e ampliação dos problemas sociais e econômicos por todo o país, junto ao Fórum Nacional de

Governadores propôs um Pacto Nacional em Defesa da Vida e da Saúde. Em 2021 o trabalho com vistas à contenção do vírus realizado no Maranhão é reconhecido como exemplo e é mencionado na revista Veja, por registrar a menor taxa de óbitos no país, índice semelhante ao da Alemanha.

No que diz respeito ao plano ontológico do político, a pandemia modificou as correlações de forças que existiam nos países. Por um lado, levou ao redesenho de grupos e a coalizões pré-existentes, como no caso do Brasil, com a separação da base bolsonarista de diversos governadores portadores de um discurso científico[9]. No caso de Bolsonaro, o desenvolvimento das ações e políticas para enfrentar a pandemia levou também à perda de apoiadores[10]. Já na África do Sul, a pandemia abriu oportunidades para Ramaphosa enfatizar nas suas práticas discursivas a união, a cooperação e a solidariedade entre os sul-africanos, ao tentar criar um imaginário social que permitisse recuperar o prestígio do Congresso Nacional Africano na sociedade e assim aumentar a sua legitimidade. No entanto, devido a novas acusações de corrupção envolvendo a sua gestão no enfrentamento à pandemia, essa estratégia não foi consolidada e Ramaphosa acabou por perder apoio. Também no caso de Fernández, inicialmente houve um aumento de sua popularidade com a construção de uma narrativa de unidade nacional em torno da pandemia, com valores de solidariedade e corresponsabilidade, sendo o Estado protetor e cuidador do povo argentino. Porém, o prolongamento do isolamento social, a questão da volta às aulas e o escândalo das "vacinas VIP" reservadas por seu próprio ministro da saúde acabaram reforçando a divisão da sociedade argentina (a *grieta*, na linguagem crítica dos meios de comunicação e de opositores), levando à perda significativa de apoio.

Por outro lado, a pandemia criou oportunidades de melhorar — ainda que contingencialmente — a imagem do líder. Isso se manifestou com políticos que vivenciavam uma situação inicial tensa ou com menos legitimidade,

9 . No caso do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, esses redesenhos encontraram claros limites para viabilizar uma cisão duradoura com o bolsonarismo. A pandemização da política expressou-se na forma de fissuras e de desestabilizações momentâneas em uma base política comum que se alinha tanto a Caiado quanto a Bolsonaro. A partir disso, o governador foi forçado a equilibrar seu discurso científico com algum grau de contemporização (principalmente por meio de silêncios) em relação às ações e práticas discursivas do chefe do Executivo Federal.

10 . Cabe lembrar também o caso paradigmático da derrota eleitoral de Trump em 2020 no contexto da pandemia.

como no caso de Piñera, que vivenciou uma intensa pressão pela série de protestos iniciada em outubro de 2019. No início da pandemia, o presidente chileno articulou em suas práticas discursivas um tom moralizante associado à construção de uma imagem de gestor de crises, experiente e moderado. A eternização do presente da pandemia levou posteriormente a uma perda dessa imagem positiva.

Em outros casos, como o da primeira-ministra Ardem, que já gozava de prestígio anteriormente, a pandemia favoreceu não apenas a sua reeleição, mas fortaleceu o seu projeto político de união da Nova Zelândia, fazendo da empatia e da luta emancipatória pela igualdade significantes centrais de seu discurso, com a construção de um *nós* inclusivo: o povo neozelandês, ao qual foram incorporados islâmicos, maoris e estrangeiros em geral.

Como esses exemplos apontam, olhando a pandemia na perspectiva de um acontecimento, a disputa de discursos, com o duplo movimento de politização da pandemia e de *pandemonização* da política, estaria propiciando inovações e retrocessos em termos da política institucionalizada da administração e da gestão da coisa pública. Por outro lado, promoveria reconfigurações do político nos países, mudando os cenários internos preexistentes e até os reconhecimentos em nível internacional. Esse duplo movimento que estaria se manifestando nesta eternização do presente da pandemia, como a morosidade e a desigualdade no processo de vacinação massiva, também operaria na conformação do futuro pós pandêmico. Futuro diversificado e longe de ser uma volta aos normais preexistentes. Esse futuro, em grande medida, está em aberto para a ação dos agentes, e a política e o político têm um papel importante nesse redesenho.

2. Disputa política de discursos e suspensão da hegemonia

Conforme apontado, o objeto central de reflexão desta pesquisa consiste na disputa política entre os discursos negacionista e científico sobre a pandemia enquanto uma manifestação dos processos de construção e reconstrução da hegemonia em contextos nacional e internacional que são marcados pelo momento populista.

No campo discursivo que se cria em torno do acontecimento pandemia, identificamos dois discursos mestres: o negacionista e o científico. Esses discursos antagônicos estão em disputa a nível nacional e internacional, visando construir e legitimar ações, narrativas e práticas implementadas por atores públicos no enfrentamento da pandemia. Entretanto, essa disputa transcende o escopo das medidas sanitárias e econômicas anti-pandêmicas, já que nos discursos se fazem presentes diferentes olhares sobre o cuidado e as relações interpessoais, o engajamento da sociedade, as funções e as responsabilidades dos governos e do Estado, a função da economia e o papel do mercado.

Isto é, entramos no espaço de disputa de olhares mais compreensivos sobre a vida humana em relação à natureza e às dinâmicas de sua reprodução social, econômica e política no mundo. Entramos na disputa hegemônica de discursos antagônicos que criam uma espécie de gramática capaz de consolidar ou reconfigurar o sentido comum das pessoas para organizar suas práticas e ações no enfrentamento da pandemia, a partir de concepções que apresentam divergências sobre as formas de ser e estar no mundo.

A análise do discurso feita a partir da Teoria do Discurso e da abordagem de marcos interpretativos nos permitiu identificar elementos do antagonismo não só nas respostas sanitárias à pandemia, mas também nas visões maiores que as embasam. Por um lado, os marcos interpretativos que ambos os discursos mestres apontam para caminhos diferentes em termos de diagnóstico do problema, das injustiças que ele provoca, das soluções propostas e das motivações que convidam para a ação coletiva. Em cada discurso, esses marcos conjugam de forma diferente o peso da sustentabilidade da vida e da sustentabilidade da economia. Por outro lado, o estabelecimento da fronteira que o acontecimento pandemia impulsiona entre o *eles* e o *nós* em cada discurso mestre também é um espaço onde se expressam as diferenças sobre enfrentamento da pandemia visões de mundo, demandas e valores diversos, criando ou recriando grupos e identidades antagônicas.

A seguir, recuperemos de forma sintética os resultados dessa análise, expressa nas práticas discursivas dos diferentes porta-vozes internacionais e nacionais, visando identificar pistas dessa disputa de propostas e visões sobre a pandemia da Covid-19.

No que diz respeito aos marcos interpretativos, no discurso negacionista, o diagnóstico do problema procura minimizar a própria pandemia, enfatizando os riscos do dano causado nas economias dos países pelas medidas de isolamento social e a *histeria e pânico* criados pela mídia e por autoridades de oposição. A injustiça se relaciona com os possíveis prejuízos causados pela possível paralisação do mercado, como: recessão econômica, desemprego, fome, miséria e aumento de suicídios. Por sua vez, as soluções passam pela primazia da sustentabilidade econômica, priorizando os interesses específicos da economia do seu próprio país — *América em primeiro lugar*, *o Brasil não pode parar* — sobre a vida das pessoas e a situação das demais nações. Numa analogia com uma *situação de guerra*, deve-se fazer o necessário para dar suporte à economia do país e para isso, teria que se pôr fim ao isolamento social — ou nem sequer implementá-lo — com a abertura permanente de todas as atividades econômicas.

No caso de Donald Trump, desqualificando as organizações internacionais e de cooperação internacional, se chega à suspensão do financiamento destinado à OMS, incentivando ao mesmo tempo o uso de medicamentos preventivos sem comprovação científica, como a hidroxicloroquina e o remdesivir. E no caso brasileiro, através de lideranças de igrejas evangélicas, são propostas curas milagrosas e forças-tarefas religiosas visando opor a fé à ciência. O cuidado e a superação da doença passam a ser uma questão privada individual ou familiar — cada um por si — apagando a responsabilidade pública das autoridades competentes. O tom do discurso negacionista é emocional, incisivo, irônico e até mesmo agressivo, estando presente não apenas nos discursos dos porta-vozes, mas no crescente número de *fake news* produzidas e difundidas principalmente por meio de mídias sociais. Assim, reforçando o cansaço da população com a pandemia, procura-se

motivar as pessoas a descumprirem o isolamento social e outras medidas protetivas, incentivando a não paralisação do trabalho e o consumo da *vida normal*.

Nas identidades opostas ao *eles* do discurso negacionista, o *nós* é reforçado a partir da valorização da *liberdade* e do funcionamento do *mercado sem obstáculos* e da *livre circulação de pessoas* para que realizem suas atividades econômicas, e sem o intervencionismo estatal, que priva as liberdades individuais com as medidas de isolamento social. Também se reafirma a primazia dos interesses nacionais sobre a cooperação internacional, a ordem através do *governo forte*, o respeito à liderança nacional e o *patriotismo* diante de *desordeiros e antipatriotas* que apoiam a interferência das orientações sanitárias internacionais. A oposição se moraliza através da defesa dos valores tradicionais da *fé e da família* defronte os outros, os sem moral — o *eles*. O anticientificismo e a desqualificação de dados, com a acusação de propagação do *pânico, histeria* e da *mentira* pelos defensores do discurso científico por meio da *mídia desleal* se opõem à honestidade das lideranças e da *mídia independente sincera* que, corajosamente, relativizam essa gravidade e tentam tranquilizar a população, oferecendo-lhe esperança com soluções miraculosas (medicinais ou religiosas).

Assim, em termos de visões de mundo, podemos dizer que o negacionismo reproduz, em linhas gerais, elementos de um novo neoliberalismo. Como bem lembram Dardot e Laval[11], o neoliberalismo como sistema de poder e razão do mundo hegemônico apresenta um caráter plástico e plural. Com uma imagem liberal em termos de direitos humanos e de democracia, e juntamente com o neoliberalismo clássico — que articula sem regulações os valores do livre mercado e da liberdade individual, do anti-estatismo e da redução do Estado a dispositivos de governamentalidade, da mercantilização da vida, da natureza e da troca — tem surgido um novo neoliberalismo do qual o presidente Trump é um exemplo paradigmático. Esse novo neoliberalismo não apenas mantém como também incrementa os valores econô-

11 . DARDOT, P. e LAVAL, C. Anatomia do novo neoliberalismo. **Revista IHU online**, Edição 546, 25 julho 2019. Disponível em: ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval. Acesso em: 3 maio. 2021.

micos já predominantes — particularmente a competitividade e a mercantilização das relações sociais[12]— e o seu caráter encantado e apocalíptico como uma metafísica da desordem[13], e se articula com o autoritarismo (culto do líder e do governo forte que coloca a segurança nacional como prioridade juntamente com um modelo naturalizado de guerra civil e crítica aos direitos humanos), nacionalismo (culto à nação, o soberanismo e o isolacionismo, como no caso de Trump, que recupera o lema *America first* de Charles Lindbergh) e fundamentalismos (reavivando valores familiares patriarcais, religiosos, etnocêntricos e xenófobos). Há, ainda, a crítica à ciência, jornalistas e intelectuais juntamente com a adoção de uma lógica antagônica e assumido um caráter de populismo de direita para conseguir o apoio de massas descontentes em momentos de múltiplas crises, ao mesmo tempo em que se reforça e radicaliza o domínio do capital sobre a sociedade.

Olhemos agora para os resultados da análise do discurso científico, também com o intuito de identificar pistas da disputa de propostas e visões sobre a pandemia. Em contraste com o negacionista, o discurso científico tem um diagnóstico da pandemia que a compreende como uma *crise planetária* que ameaça a vida, a saúde e a segurança da população, sendo um risco para a economia global e que acentua as desigualdades intra e entre países. Nesse diagnóstico, a gravidade do problema se agudiza quando se prioriza a economia em detrimento da vida, fazendo predominar a cultura do descarte adotada no mundo das finanças, como a *ganância*, o *egoísmo* e a *irresponsabilidade* que desrespeitam as orientações e medidas de prevenção da Organização Mundial da Saúde. Em alguns casos, como o brasileiro, esse diagnóstico se agrava pelo posicionamento autoritário e negacionista do presidente e com o seu pior efeito, de ignorar a ciência e negar a gravidade

12 . Segundo Shoshana Zuboff, trata-se de uma mercantilização até mesmo da realidade, subjugada à monetização e renascida como comportamento através da mediação digital no atual capitalismo da vigilância. Ver: ZUBOFF, S. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. *In*: BRUNO, F. et al. (orgs). **Tecnopolítica da vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

13 . Em analogia ao esperado retorno de Cristo, os antropólogos sul africanos Jean e John Comaroff destacam como uma dimensão central e pouco reconhecida do neoliberalismo atual o caráter encantado e apocalíptico como uma segunda vinda do capitalismo. Ver: COMAROFF, J.; COMAROFF, J. Criminal obsessions after Foucault: postcoloniality, policing, and the metaphysics of disorder. **Critical Inquiry** v. 30, n. 4, 800-824, 2004. Disponível em: journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/423773. Acesso em: 5 junho 2021. Ver também: CESARINO, L. Coronavírus como força de mercado e o fim da sociedade. **AntropoLÓGICAS EPIDÊMICAS**, 22 abril 2020. Disponível em: antropologicas-epidemicas.com.br/post/coronav%C3%ADrus-como-for%C3%A7a-de-mercado-e-o-fim-da-sociedade. Acesso em: 5 junho 2021.

da doença. A injustiça maior se constitui pelas *perdas de vidas humanas, de histórias, sonhos e expectativas* que afetam sobretudo as pessoas mais vulneráveis. Injustiça que é agravada pelo desemprego em larga escala, que leva à miséria, ao predomínio dos interesses pessoais e ao egoísmo potencializado pelo sentimento de *solidão* causado pelo isolamento, assim como pela *falta de responsabilidade global*.

Em termos de soluções, se privilegia o *cuidado da saúde* e a sustentabilidade da vida como forma de garantir também a sustentabilidade econômica. Há o reconhecimento da volta do *protagonismo do Estado* e do *fortalecimento dos sistemas públicos de saúde* — mais que a sua privatização — através da ampliação dos recursos humanos, materiais e logísticos. Para restabelecer essa presença ativa do Estado, é necessário diálogo e articulação de agendas e *ações entre governos* e a promoção não autoritária de *unidade e responsabilidade* dos governos nacionais e da sociedade. Em termos sanitários, valorizando o conhecimento científico e reconhecendo o caráter público do cuidado e da saúde, cabe seguir as orientações da OMS e de cientistas, como o isolamento e distanciamento social, o uso obrigatório de máscaras de proteção, os cuidados higiênicos, o desenvolvimento e a aplicação massiva de vacinas contra a Covid-19, a criação de comitês de especialistas para assessorar governos e difundir amplamente a os devidos protocolos de segurança. Em termos de sustentabilidade econômica, é necessário a retomada de políticas redistributivas e compensatórias com pacotes de auxílios para pequenas empresas e populações mais vulneráveis.

Mas essas soluções transcendem os espaços nacionais, sendo necessário repensar a ordem global e o próprio capitalismo, que concentra renda entre poucos e distribui a pobreza entre milhões. Diante da crise pandêmica, cabe promover a *solidariedade internacional*, particularmente com países e populações mais pobres; a ampla articulação e cooperação internacional tanto na economia quanto na produção e distribuição de vacinas e medicamentos; o aumento da cobertura do suporte oferecido pela OMS e a ajuda aos países de escassos recursos. Se apela à responsabilidade do G-20 a partir de um plano de ação específico, com a criação de um fundo especial, políticas fiscais e monetárias e a suspensão de sanções. O apelo à solidariedade vem

acompanhado do *contágio da esperança* para derrotar a Covid-19 e abrir possibilidade para um mundo melhor. Neste aspecto, o tom do discurso, que é predominantemente técnico-científico, também mobiliza apelos emocionais e morais.

No discurso científico, a construção de identidades políticas antagônicas entre um *eles* e um *nós* se funda na crítica severa ao *individualismo* que se expressa no neoliberalismo de forma egoísta - o *cada um por si*, e na valorização da *solidariedade*, tanto a nível nacional como internacional. Se critica o nacionalismo e a xenofobia, já que, considerando a humanidade como unidade e diante a emergência global, faz-se necessário ter respostas multilaterais e a cooperação internacional. É fundamental, assim, a presença de um *Estado ativo e responsável*, que enfrente aqueles que estimulam o falso conflito entre saúde e economia e colocam seus interesses pessoais acima do bem comum. Se contempla a *promoção do cuidado* e se questiona as desigualdades e aqueles que defendem a cultura do descarte, criticando os ataques à imprensa, a difusão de fake-news e a promoção do ódio, valorizando, assim, o papel da *imprensa confiável*, as *recomendações científicas* e a *ação com empatia*.

Em geral, no que diz respeito às visões de mundo, os elementos identificados no discurso científico[14] se distanciam desse novo neoliberalismo que o negacionismo reproduziria. *Solidariedade, empatia, inclusão, cuidado de todas, todos e todes, humanidade como unidade, cooperação, colaboração, bens públicos, Estado ativo e protagonista, serviços públicos de saúde, apoio aos vulneráveis, políticas distributivas e compensatórias, ciência a serviço da vida, imprensa confiável* e *contágio da esperança* se conformam num leque de valores, princípios e propostas que estavam ausentes do léxico hegemônico do neoliberalismo em geral e do novo neoliberalismo em particular.

Assim, ao romper com as regularidades e com a ordem das coisas já estabelecidas e aceitas como “o normal”, o acontecimento da pandemia da Covid-19 expõe e agrava as desigualdades, ressuscita demandas e expecta-

14 . Cabe destacar que o discurso mestre científico também inclui como elementos de sua cadeia de equivalências a importância da gestão eficiente das ações de enfrentamento à pandemia pelos governos, num tom que evoca o coração gerencial do neoliberalismo.

tivas sobre o Estado, ofusca o papel redentor do mercado nos imaginários em disputa e abre espaços para a importância da solidariedade na sociedade. Também coloca em suspensão a hegemonia e abre as portas para a disputa política de discursos, muitos deles ativados por articulações populistas. Dessa forma, essa ordem já estabelecida perde sua aura de verdade e de destino imutáveis e se revela como aquilo que é: apenas uma entre outras alternativas possíveis de projetar e gerir o mundo.

Nessa perspectiva, até onde os elementos da cadeia articulatória do discurso científico, que passam a ter maior visibilidade pública e valorização de diversos atores e setores da população, chegarão a constituir-se em componentes de visões de mundo alternativas nos processos de construção e reprodução de hegemonias, é uma questão política em aberto.

3. Acontecimento pandemia, disputa política e o momento populista

Para entender o impacto da disputa política dos discursos negacionista e científico na construção hegemônica, cabe lembrar que o acontecimento pandemia ocorre num momento em que a democracia e o capitalismo parecem cada vez mais incompatíveis. A riqueza eliminou a cidadania, produzindo maior concentração de renda e poder, bem como a perda de fé na democracia[15].

Como Polanyi já tinha apontado, a democracia não pode sobreviver em um mercado excessivamente livre. Existiriam dois tipos de movimentos em nossas sociedades. O movimento de mercantilização, que através da ideia de um mercado autorregulado leva a cabo tanto a conformação da natureza, a força de trabalho e o dinheiro enquanto *mercadorias fictícias*, como também a mercantilização de todas as relações sociais. Mas conter o mercado é tarefa da política. Frente ao movimento de mercantilização, Polanyi nos aponta a produção de um contra-movimento de desmercantilização impulsionado pelo Estado e pela sociedade. As configurações desse segundo movimento podem ser bem distintas. Ou democratizantes, quando,

15 . KUTTNER, Robert. **A profecia de Karl Polanyi.** Revista IHU on-line, 2018.

por exemplo, movimentos atuam como um muro de contenção e impugnação da lógica mercantilista. Ou reacionário, como no momento europeu de entre guerras, quando o contra-movimento se concretizou na ascensão do fascismo: uma reforma da economia de mercado alcançada ao preço de extirpar as instituições democráticas[16].

Voltando ao contexto recente pré-pandemia, Wendy Brown destaca que vivemos um processo de desdemocratização[17]. Conforme já apontado, a exploração da cólera e dos ressentimentos da população pela extrema direita geraria um novo neoliberalismo, ainda mais agressivo e militarizado[18], que se conforma como uma variante do poder neoliberal apropriando-se da retórica da soberania, adotando um estilo populista. Assim, o neoliberalismo se aproveita da crise da democracia liberal-social que ele mesmo provocou — e não cessa de agravar — para impor e avançar ainda mais na lógica do capital sobre a sociedade[19].

Assim, ao contrário dos fascistas do período entreguerras, os líderes de extrema direita desse novo neoliberalismo não se ocupam de conter as turbulências no mercado ou proporcionar empregos dignos[20]. Através de um líder carismático com um discurso eleitoral anti-establishment, o novo neoliberalismo sintetiza, paradoxalmente, na prática governamental: o nacionalismo econômico; a liberalização dos mecanismos econômicos, financeiros e ambientais; uma política sistematicamente pró-empresarial; a crise como modo de governar; o uso clientelístico de políticas de proteção social; o incentivo à guerra civil com a exacerbação dos fundamentalismos; a aplicação da lei contra a democracia; a segurança nacional e o paradigma militar da guerra contra insurgente[21].

16 . POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

17 . BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo.** São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

18 . DARDOT, P.; LAVAL, C. **A "nova" fase do neoliberalismo**. Viento Sur, 2019.

19 . Ibid.

20 . Ibid. 18.

21 . Ibid. 19.

A pandemia devastou um mundo que ainda não tinha se recuperado da crise financeira global de 2008 e que em diversos países experimentava esse novo neoliberalismo. No eterno presente da pandemia, haveria demasiada ira, ressentimento e insegurança liberados. Dessa forma, novamente, tanto a extrema direita como a esquerda teriam condições de aproveitar essa tormenta subjetiva trazida pelo novo neoliberalismo para aprofundar cenários catastróficos ou propiciar alguns dos futuros de renovação e até de transformação.

Apontamos oportunamente que havia iniciativas no campo da extrema direita, como o grupo The Movement em torno de Steve Bannon, ex-estrategista chefe da campanha que levou Trump à presidência dos EUA em 2017 e que veio assessorando "informalmente" o então candidato em 2018 e atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro. O grupo, com sede em Bruxelas, promovia uma internacional conservadora que fomentava o novo neoliberalismo com um nacionalismo xenófobo de caráter anti-imigrantes e conservador fundamentalista. Sua influência vinha crescendo com apoios nos setores populares e nas classes médias afetados pela globalização. E estava muito bem-posicionada para aproveitar também o descontentamento do povo em diferentes países com o advento da Covid-19 como um acontecimento.

Também destacamos que o contexto digital desarranja os modelos de controle da opinião pública[22], rompendo as fronteiras que isolavam e domesticavam a retórica e a participação do popular no debate político, acelerando os processos de reconfiguração de sujeitos políticos e reforçando o momento populista através de uma digitalização da política, que com a proliferação de *fake news*[23] foi inicialmente apropriado pelo populismo de direita e como parte central da estratégia do The Movement e a internacional conservadora.

Por outro lado, no campo progressista renovador ou transformador, haveria muitas ideias, mas com uma grande pobreza em termos de estratégias políticas e lideranças unificadoras eficazes[24]. A paixão e a razão são cada vez

22 . HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**, Editora UNESP, 2011.

23 . CESARINO, op.cit.

24 . Há iniciativas ainda incipientes e que parecem reproduzir os mesmos limites de propostas anteriores, como o caso da Internacional Progressista, lançada no dia 12 de maio de 2020, pelo movimento pró-democrático e pan-europeísta DiEM25 e

mais indissolúveis nas escolhas e na mobilização política. E a esquerda e os setores progressistas têm muito que voltar a aprender sobre como se opera essa articulação, principalmente nos setores populares, como instrumento de mobilização e de emancipação[25].

A integração e aceleração das finanças, dos mercados, dos meios de transporte e de comunicação promovidas pelas tecnologias cibernéticas[26] chegou à política com a força das mídias digitais acopladas aos *smartphones.*[27] Essa integração da política à digitalização dos processos econômicos e sociais dentro de um padrão organizado pelo neoliberalismo desde os anos 1990, ao mesmo tempo que reforçaram a abordagem de Laclau e Mouffe (2015) sobre a mobilização de sujeitos políticos através de lutas discursivas contingentes e derivadas de um antagonismo presente em todas as relações sociais[28], também introduziram fluxos informacionais que eliminaram fronteiras entre público e privado e mobilizaram sujeitos e narrativas até então ausentes do debate político[29]. Esses movimentos não se dissociam dos efeitos disruptivos e anti sistêmicos gerados pelo neoliberalismo, mas abrem novas perspectivas para projetos democráticos que cumpram a promessa de integração do povo e do popular no debate político, contradições e desafios potencializados pela crise da pandemia.

Os momentos de crise propiciam ou criam condições favoráveis ao momento populista, que pode ser reacionário ou progressista, como nos lembra

o Instituto Sanders dos EUA, com a assinatura de mais de 40 políticos e intelectuais de todos os continentes, dentre os quais Noam Chomsky, Yanis Varoufakis e Fernando Haddad. O grupo tem por objetivo fomentar a união, coordenação e mobilização de ativistas, associações, sindicatos, movimentos sociais e partidos em defesa da democracia, da solidariedade, da igualdade e da sustentabilidade.

25 . Ver, por exemplo: **Paixão e razão: Os discursos políticos na disputa eleitoral de 2018**. Jorge O. Romano (Org.). São Paulo: Veneta, 2018. Disponível em: diplomatique.org.br/wp-content/uploads/2019/03/livropaixaoerazao.pdf. Acesso em: 07. julho 2021.

26 . CASTELLS, M. **A Era da Informação:** Economia Sociedade e Cultura. v. 1: A Sociedade em Rede, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008, pp. 142 a 151.

27 . CESARINO, op.cit.

28 . LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e Estratégia Socialista:** por uma política democrática radical. São Paulo: Ed. Intermeios, 2015.

29 . CESARINO, op.cit..

Chantal Mouffe[30]. Esse sentido reacionário ou progressista do populismo e seus impactos na sociedade e no Estado como uma articulação política depende de situar a igualdade no centro das demandas[31], da forma como o *eles* e o nós são construídos, da capacidade de mobilizar essas identidades[32]. Com o neoliberalismo, o princípio de povo soberano tem se convertido numa fórmula oca, na qual não há soberania, apenas uma exaltação da liberdade. Nesse sentido, o populismo de direita tem aproveitado melhor esse momento, ao conseguir restabelecer a soberania popular, porém não a igualdade, uma vez que racializa ou discrimina os problemas sociais a partir de outros fundamentalismos. Lembrando que povo é uma construção política, o povo (o *nós*) construído pelo populismo de direita, reduz a democracia, ao invés de ampliá-la e, nesse sentido, constitui o seu calcanhar de Aquiles[33].

Por outro lado, com a crise do neoliberalismo potencializada com a pandemia, os atores progressistas, por meio de um populismo de esquerda, podem entrar na disputa pela hegemonia, que está em aberto. A tarefa é, então, construir um povo. O povo não é algo dado, mas resulta da articulação de identidades e demandas numa cadeia de equivalências. Como consequência da hegemonia neoliberal, que tem multiplicado os antagonismos, a questão da articulação é mais ampla e desafiadora. Assim, é possível encontrar ainda mais demandas heterogêneas para serem articuladas em torno de um significante vazio no momento da hegemonia: as demandas das classes populares (particularmente do novo precariado e de trabalhadores e trabalhadoras uberizadas), dos movimentos de mulheres, feminista, anti-racista, indígena, ecologista, entre outros. O povo tem que ser construído através da articulação de demandas heterogêneas que não se convergem natural-

30 . MOUFFE, C. Controvérsia sobre o populismo de esquerda. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Edição 154, 30 abril 2020. Disponível em: diplomatique.org.br/controversia-sobre-o-populismo-de-esquerda/. Acesso em: 5 julho 2021.

31 . BIGLIERI, P. Populismo y emancipaciones. La política radical hoy. Una aproximación (con variaciones) al pensamiento de Ernesto Laclau. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, Universidad Nacional Autónoma de México Nueva Época, Año LXII, n. 229, enero-abril de 2017, p. 245-262. Disponível em: revistas.unam.mx/index.php/rmcpys/article/view/52206. Acesso em: 5 julho 2021.

32 . Destacando novamente que a identidade é produto de relações antagônicas, ou seja, é construída a partir da diferença. Existe a criação de um *nós* que só existe pela demarcação de um *eles*. Além disso, sabe-se que um mesmo sujeito social pode ter identidades diferentes que são desencadeadas de acordo com o contexto no qual está inserido.

33 . ABREVAYA, S. Entrevista a la intelectual Chantal Mouffe, ante el avance del populismo de derecha. **Página 12**, 25 novembro 2018. Disponível em: bit.ly/3xeVT73. Acesso em: 5 julho 2021.

mente, mas que compreendem o *eles* os elementos externos aglutinadores. Para que essa convergência aconteça, é necessário um princípio articulatório, que não pode ser apenas racional. É necessário recuperar o papel dos afetos e da paixão na política. Quando se fala em criar um povo, isso significa criar um *nós* em que há pessoas que se reconhecem e se identificam como uma coletividade. E isso implica não apenas em interesses racionais, mas em afetos, paixões.

No populismo, o líder tradicionalmente cristaliza esses afetos e a dimensão racional dos interesses. Mas o princípio articulador pode ser uma das lutas que, em determinado momento, se transforma numa luta-símbolo. O que se necessita é de um símbolo da unidade do *nós*, o povo. Assim como o político, esse princípio é contingente. Nessa perspectiva, os movimentos feminista e de mulheres, desde que articulem demandas distintas, podem ser o elemento articulador inicial de todas as lutas pela radicalização da democracia e da construção do comum como princípio político. Em outro contexto, essa articulação pode se iniciar a partir da luta anti-racista. Ou a partir da luta dos povos indígenas ou das lutas ambientais. Para levar a cabo as visões transformadoras, esse novo povo deve ser um povo bem maior, uma humanidade menos antropocêntrica, um povo em que estão presentes e reconhecidas as diversidades, um povo da vida.

Como apontamos anteriormente[34], a estratégia populista de esquerda se apresentaria como pertinente para a saída da crise da Covid-19. O populismo de esquerda procuraria expandir e aprofundar os horizontes de democratização para um maior número de áreas, a partir da inclusão de atores e vidas descartáveis. Para isso, propõe uma ruptura com a ordem neoliberal e o capitalismo financeiro, que são incompatíveis com a democracia, e deve buscar o estabelecimento de uma nova formação hegemônica que coloque no centro a igualdade, a justiça social e climática assim como a reprodução solidária da vida e dos cuidados. A estratégia seria criar uma vontade coletiva, um *nós* que possa transformar as relações de poder e instaurar um

34 . Ibid. 31.

novo modelo econômico, social e de relação com a natureza a partir de uma perspectiva interseccional — articulando feminismo, antirracismo, decolonialismo e ecologismo — e procurando democratizar a ordem socioeconômica com o comum como princípio político e criando condições para uma transição ecológica que permita redescobrir o pertencimento e o vínculo com toda a vida.

Um dos ensinamentos principais do olhar de Laclau e Mouffe — inestimável em tempos de crise como a que vivemos hoje com a pandemia — é que toda ordem hegemônica é contingente. Sua estabilidade é resultado temporário de vulneráveis operações de hegemonização discursiva que podem ser desarticuladas no debate político dos discursos[35]. Com a disputa política entre os discursos negacionista e científico e a recriação de fronteiras políticas a partir de velhos e novos antagonismos, a crise da pandemia de Covid-19 como acontecimento assinala a volta do político e dá uma nova dimensão ao momento populista.

Conforme a maneira pela qual se construam a oposição eles/nós e as forças que dela se apropriem, o futuro pós-pandemia poderá levar a uma radicalização dos valores democráticos, pós-coloniais e do comum ou a soluções autoritárias e de caráter necroliberal. A hegemonia está em suspense e o futuro está em aberto.

35 . LACLAU, E. y Mouffe, C. **Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 1987.

Grupo de Pesquisa
Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas

CONTATO

FACEBOOK
@gpdiscurso

INSTAGRAM
@gpdiscurso

WEBSITE
gpdiscurso.com

TWITTER
@gpdiscurso

YOUTUBE
gpdiscurso

E-MAIL
gpdiscurso@gmail.com

JORGE O. ROMANO (ORG.)

· ANA CAROLINA AGUIAR S. CASTILHO ·
· ANNAGESSE DE CARVALHO FEITOSA ·
· CAROLINE BOLETTA DE O. AGUIAR ·
· DANIEL S. S. BORGES ·
· DANIEL MACEDO L. V. MONTEIRO ·
· EDUARDO BRITTO SANTOS ·
· ÉRIKA TOTH ·
· JUANA DOS SANTOS PEREIRA ·
· JUANITA CUÉLLAR BENAVIDES ·
· LARISSA FERREIRA ·
· LIZA UEMA ·
· MYRIAM MARTINEZ DOS SANTOS ·
· PÂMELLA SILVESTRE DE ASSUMPÇÃO ·
· PAULO A. A. BALTHAZAR ·
· PAULO PETERSEN ·
· RENAN ALFENAS DE MATTOS ·
· RICARDO DIAS DA SILVA ·
· THAÍS P. BITTENCOURT ·
· VANESSA BARRETO ·

APOIO:

actionaid

GRUPO DE PESQUISA

DISCURSO,REDES SOCIAIS E IDENTIDADES SÓCIO-POLÍTICAS

WWW.GPDISCURSO.COM
@GPDISCURSO
GPDISCURSO@GMAIL.COM